REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

N. 51



PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»
47 — Rua 15 de Novembro — 47

1898

Governo hollandez

Conquistando os hollandezes a capitania de Pernambuco, confiaram o seu governo a um Conselho Supremo e ao commandante em chefe do exercito invasor com o titulo de governador.

Dada a invasão em 1630, e cahindo a capital de Olinda em poder do inimigo em 16 de Fevereiro, dirigiu o general em chefe das forças de terra Theodoro Waerdemburg communicações ao commandante da esquadra o valente almirante Hendrik Corneliszon Loncq, sobre este acontecimento, e no dia seguinte fez elle a sua entrada solemne em Olinda, sendo recebido por Waerdemburg á frente de toda a tropa de terra e mar formada em grande parada, e toma posse do governo da praça conquistada.

O almirante Loncq conservou-se no governo por quasi tres mezes, até que em 5 de Maio entrega ao coronel Diederik van Waerdenburch, nomeado prefeito das tropas no Brazil, e governador de Pernambuco e das fortalezas visinhas, e conjunctamente aos membros do Supremo Conselho em Olinda as redeas da administração da colonia, e poucos dias depois embarca para a Europa.

O Conselho Politico era uma especie de tribunal em cujas mãos residia o governo supremo da conquista, apezar de ter o commandante em chefe do exercito o titulo de governador Em 1630, a Assembléa dos Dezenove, reunida em Middelbourg, formulou umas disposições relativas as funcções do governador e do Supremo Conselho, pelas quaes o general em chefe tinha o direito de fazer parte e votar no Conselho, mas occupando nelle o segundo lugar. A presidencia era mensalmente exercida por cada um dos membros do Conselho, e o general tinha poderes illimitados sobre a tropa, ordenava a mudança da guarnição e nomeava os officiaes, e assistido de um conselho de guerra julgava de todos os delictos quer civis quer militares.

Ordinariamente o Conselho Politico dirigia os seus relatorios á Assembléa dos Dezenove, emquanto que o general ou governador os enviava aos Estados Geraes ; e desta estranha disposição dos direitos respectivos destes altos funccionarios não podiam deixar de trazer dissenções, e

d'ahi os graves e repetidos conflictos que se deram entre um e outro poder.

O Conselho Politico, porém, só foi installado depois de 10 de Março, quando chegaram os tres conselheiros ou commissarios da Companhia das Indias Occidentaes, que foram: Johan de Bruyne, Phillips Serooskerken e Horacio Calendrini, — que foram recebidos com salvas de canhões e mosquetes e grande jubilo por parte das tropas. — Bruyne porém, demorou-se pouco tempo, embarcando a 23 de Setembro do mesmo anno para a Hollanda.

Em Janeiro de 1633 tomam posse de membros do Conselho, Mathias van Ceulen e Johan Gysselingh, e dirigem o governo até 1 de Setembeo de 1634, quando partiram para a Hollanda, deixando em ordem todos os negocios administrativos: ficando no cargo de conselheiros politicos Servatius Carpentier, Willen Schott, Jacob Stachouwer, Balthasar Wyntgens e Ippo Eyssens. Ficou dirigindo o governo militar o general em chefe do exercito Sigismundo van Schoppen, tendo como seu immediato o coronel Christovão Arcizeusky. Este Conselho, acaso com alguma modificação, governou a colonia até Janeiro de 1637.

Durante o governo de van Ceulen e Gysselingh, transportou-se para a Hollanda cerca de 1.655,700 florins de assucar e 72,000 de páo-brazil, e a venda dos navios capturados montou a 514,000 florins; e a conquista já se estendia desde o Rio Grande do Norte até as Alagoas. As forças de terra constavam de 4,136 homens e as de mar de 42 navios com 1,500 homens de equipagem.

Em 1636 resolve a Companhia das Indias Occidentaes dar uma nova orientaçãa administrativa as suas possessões do Brazil, com o fim de estabelecer a sua posse pacifica, e fazer dellas uma colonia rica, commercial, enviando para governal as um homem habil e prudente, que reunisse em si o governo civil e militar e tratasse com justiça e equidade conquistados e conquistadores, sendo auxiliado por tres conselheiros supremos intimos, alem do Supremo Conselho Politico, composto de nove membros, empregados como auxiliares em varios ramos da administração. Ao pensamento desta nova organisação, diz Varnhagen, se associou desde logo a idéa de que o chefe mais a proposito seria o Conde de Nassau, João Mauricio, primo do Stadthouder Principe de Orange, e de que, como couselheiros intimos, deviam ficar os dous que já estavam, van Ceulen e Gys-

selingh, aggregando-se-lhes um novo, Adrian van der Dussen.

Em 2 de Agosto de 1636 recebeu Mauricio de Nassau o convite de incumbencia do governo do Brazil, por cinco annos, com o honorario de 1.200 florins por mez e mais 2 % sobre o valor de todas as prezas. Acceito o convite, foi nomeado no dia 4 e em 23 foi a sua nomeação confirmada pelos Estados Geraes, com o titulo de Governador, Capitão e Almirante General das conquistas do Brazil, com o commando em chefe de todas as forças de terra e mar. Em 23 de Agosto foi dado o regulamento para o governo da colonia e conferiu-se a Nassru os seguintes direitos e prerogativas:

De presidir o Conselho Supremo Secreto, com voto deliberativo em caso de empate; fixar a sua residencia em Itamaracá, ou em qualquer outro lugar que o Conselho escolhesse; executar com o auxilio do mesmo as leis e regulamentos do paiz; fazer as nomeações dos postos militares até o de alferes inclusivamente, e a de todos da policia e marinha, excepto o de vice-almirante, que só podia prover interinamente, em caso de morte ou demissão, com a approvação do Conselho dos XIX, a quem incumbia a nomeação dos conselheiros politicos do Brazil; prover a todos os postos da milicia, e conceder recompensas aos brazileiros e indigenas por algum serviço importante; ter um ministro, um medico e criados pagos pela Companhia; uma ajuda de custo de 6,500 florins mensaes para a sua mesa; e 2 % de tudo que se tomasse ao inimigo. Com taes vantagens, apenas se lhe impunha a obrigação de empenhar-se pela conservação e engrandecimento das possessões hallandezas do Brazil.

No mesmo dia foram nomeados van Ceulen, Gysselingh, e Adriaen van der Dussen conselheiros secretos, com a missão de acompanhar o novo governador, e de accordo com os membros do Conselho Politico do Recife, formar o conselho de governo colonial.

O principe João Mauricio, Conde de Nassau, nasceu no magnifico castello de Dillembourg em 17 de Junho de 1604. Era filho do Principe João, Conde de Nassau Siegen e de Margarida Sleswig Olstein, princeza da Alçacia, e neto do Conde João de Nassau, o velho, irmão de Guilherme o Taciturno, ramo da illustre casa de Dillembourg.

Desde os seus primeiros annos applicou-se Nassau ao

estudo das sciencias e das artes, e com este designio successivamente cursou as universidades de Herborn, Bale e Genebra. Entretanto se viu forçado a abandonar os seus estudos, quando rebentou a guerra dos trinta annos, na Allemanha, em que seu pai tomou parte seguindo o partido dos protestantes.

Aos 16 annos de idade, bello, robusto, e no alvorecer da vida, alistou-se o joven Mauricio como voluntario ao serviço da nascente republica dos Paizes Baixos, e fez a sua primeira campanha em 1620, distinguindo-se briosamente na tomada de Grol em 1627 e na de Bois le Duc em 1629, recebendo então a patente de coronel, tomando parte já com esta graduação no cerco de Maestricht em 1632.

Recebendo depois o bastão de general, bateu se corajosamente com Pappenhein, e tomando parte na campanha dos Paizes Baixos meridionaes, lhe coube as honras da grandiosa victoria da tomada Schenkenschans, em 1636.

Aos 32 annos de idade, illustrado, brioso e valente, ambicioso de gloria, procurando com avidez todas as occasiões de a conquistar, possuindo já um nome respeitavel pelos seus feitos, tal era o homem a quem se conferiu o importante cargo de governador do Brazil hollandez.

Mauricio de Nassau partio do porto de Texel em 25 de Outubro de 1836, e saltou na Recife a 23 de Janeiro de anno seguinte, onde foi recebido enthusiasticamente, com todas as honras militares a que tinha direito, e toma posse do governo da colonia.

Acompanhara Nassau uma pleiade de homens distinctos nas scienctas, letras e artes, entre os quaes notavam-se Marcgraff, medico notavel, Laet, geographo e philosopho, Post, celebre pintor e gravador, Pizon, naturalista, Cralitz, mathematico, Pieter Post, architecto, o joven Carlos de Nassau, seu primo, e o principe João Ernesto, seu irmão.

Em 3 de Fevereiro de 1637, escrevia Nassau do Recife aos Estados Geraes a seguinte carta, dando conta da sua viagem, recepção e situação do paiz:

« Senhores. Cumprindo com o meu dever passo a dar conta a VV. SS. do curso da minha viagem, e como fui obrigado por máo tempo e ventos contrarios a ficar cinco semanas na Inglaterra, o que VV. SS. já deverão ter ouvido dizer.

« Tendo-me embarcado dalli a 6 de Dezembro ultimo prosegui na minha viagem em directura até aqui, sempre

com bom tempo e vento favoravel, e só tendo parado na ilha de Maio, como me foi ordenado, aonde me demorei desde o ultimo de Dezembro até 8 de Janeiro emquanto fazia aguada e resfrescava um pouco a tropa.

« Fazendo-me depois á vela, aqui cheguei a 23 do mesmo mez, graças a Deus, em boa saúde e assim a mais gente, sendo recebido com muitas honras, achando o paiz o mais bello do mundo, os negocios e a tropa da guarnição em soffrivel estado, de sórte que faço tenção partir a 5 deste mez, afim de ver se obtenho algumas vantagens sobre o inimigo.

« O Conde de Bagnuolo general das suas tropas, está presentemente com 4,000 homens junto de Porto Calvo, praça fortificada.

« As tropas que formam o meu exercito consistem em 3,000 soldados, 1,000 marinheiros armados, 1,000 brazileiros e uma companhia de cavallaria de 80 cavallos, com os quaes levarei quatro meias peças e seis ditas pequenas.

« O almirante com 24 navios de guerra me seguirá por todo o longo da costa.

« A pressa não permitte nesta occasião escrever a VV. SS. mais detalhadamente, porém não me esquecerei de o fazer á minha volta, se approuver a Deus assim fazel-o.

« A situação deste paiz é extremamente vantajosa e forte. Deus nos conceda a graça de o conquistar totalmente. Não tenho a menor duvida de que todo o estado tirará com isto grande vantagem e serviço. Durante a minha viagem só encontrei um dos navios da Companhia, e foi o que conduzia o Sr. van der Dussen a 19 de Dezembro junto á ilha da Madeira, donde navegamos sempre juntos até aqui.

« O Sr. van Ceulen chegou dous dias depois de nós. Presentemente só falta o Sr. Gysselingh. »

Empossado do governo não tardou Mauricio de Nassau em organisar o seu exercito e marchar sobre Porto Calvo. Conquistando esta praça, seguio para o interior, apodera-se da importante situação em que campeia hoje a cidade de Penedo, e funda um forte para a sua guarda, segue em exploração pelo rio S. Francisco acima, e de volta ao Recife, começa a cuidar no engrandecimento do paiz, estudando e provendo todas as suas necessidades mais urgentes.

Nassau plantou a ordem e a moralidade entre os seus,

pois até então toda a casta de crimes e perversidades eram praticados pelos conquistadores, e por uma proclamação dirigida a todos os habitantes do paiz, permittiu-lhes que viessem vender os seus productos no campo hollandez, providenciando logo em reduzir os pezos e medidas ao systema de Amsterdam, porquanto até então eram á vontade dos vendedores, em grave detrimento dos compradores, que nem ao menos tinham o direito de se queixar.

Nassau, diz um historiador, fez mais homens honrados no Brazil, do que achara. Cada soldado entrou na linha dos seus deveres, ou fosse que a necessidade lhes impuzesse uma lei, ou que se sentisse dominado pelo exemplo e ascendente de seu chefe. O fim do illustre principe, era reparar os grandes males e injustiças causados aos habitantes do paiz pelos invasores, e tudo conseguio pelos seus talentos, cavalheirismo e fina politica.

Elle formou em companhia todos os habitantes estabelecidos em differentes localidades, tendo cada uma os seus officiaes e insignias, creou escolas para os indios dirigidas por um ministro protestante que mandara vir da Europa; mandou reedificar Olinda, que jazia entre as ruinas causadas pelo incendio, accedendo assim aos desejos dos habitantes; e emprehendeu varias obras e melhoramentos, para cujas despezas encontrou recurso na venda dos engenhos abandonados.

Chamou a todos os habitantes que haviam emigrrdo, e lhes prometteu o goso de suas propriedades, liberdade de consciencia e a certeza de que mandaria reparar os templos á custa do estado, e reservou dous dias da semana para ouvir em audiencia aos moradores.

Com o fim de attender ás necessidades locaes do paiz e de regularisar os seus negocios, convocou uma assembléa legislativa composta de representantes de todas as localidades; creou um tribunal de justiça, de cujas decisões havia recurso para o Conselho Politico, e varios officios de magistratura, policia e finanças.

As sciencias e artes tambem floresceram sob o geverno do illustre principe, em quem acharam um protector tão esclarecido quão zeloso. Por toda a parte, onde se estendia a sua dominação, diz De Crane, a civilisação chegava e se derramava. Uma multidão de artistas, pintores, architectos e mechanicos, o tinham acompanhado ao Brazil, ou se passaram mais tarde á seu convite. Nada mais lhe do-

minava o coração do que, além dos progressos da astronomia e da historia natural. Com effeito, passando-se ao Brazil, Nassau tinha trazido como seu medico o celebre naturalista Pizo, de Leyde, e á recommendação de João de Laet, grande amigo das sciencias, trouxe tambem á seu serviço um naturalista allemão, Maregraff. A *Historia Naturalis Braziliæ* de Pizo e a *Historia Braziliæ* de Maregraff, são ainda hoje obras de mui grande interesse. Estes dous sabios fizeram algumas observações de historia natural da mais subida importancia. Sob a direcção delles, e a custa do Conde Mauricio, construiu-se na ilha de Antonio Vaz (Santo Antonio) um observatorio astronomico. Outros taes, como os dous irmãos Pedro e Francisco Post, o primeiro como architecto, e o segundo como pintor tinham tambem acompanhado Nassau a Pernambuco, e tambem o seu capellão Francisco Plante, que cultivava as lettras com bastante proveito.

Mauricio de Nassau, diz Netscher, dando uma applicação a justiça mui vigorosa, tudo obteve. Alguns dos maiores culpados foram condemnados a morte e muitos funccionarios, que se tinham mal conduzido e abusado da sua posição, sem que por isso merecerem punição alguma, foram demittidos e enviados á Hollanda. Construiu casas appropriadas para tratar e cuidar dos enfermos pobres e orphãos.

As leis da Hollanda concernentes ao casamento foram applicadas aos indios e portuguezes. Os catholhicos podiam observar sem serem perseguidos todas as cerimonias do seu culto, taes como festas e procissões, cujas solemnidades religiosas eram feitas com toda a pompa, esplendor e respeito, apezar de ser em uma cidade onde reinava mais de uma seita. A população judaica tambem foi considerada permittindo-se-lhe que guardasse o sabbado, erigisse as suas synagogas e tivesse um cemiterio privado.

O nome de Nassau já tão celebrado na Europa e na America, não era tambem menos conhecido e celebrado entre as tribus selvagens do Brazil. Os indios do Ceará espontaneamente se submettem ao seu governo, enviamlhe uma deputação offerecendo os seus serviços e a sua alliança, e em breve o Ceará cahe sob o dominio da Hollanda.

Os vastos designios de Nassau, na phrase de um escriptor, iam-se realisando, e já se não duvidava, que o desejo

de pôr a corôa do Brazil na cabeça, não tivesse conduzido os seus passos a America, e não excitasse a ambição, que o sustentava nos seus projectos de invasão, e a moderação que acompanhava o goso das provincias successivamente conquistadas.

Entretanto, Naussau emprehende novas conquistas. S. Jorge da Mina, nas costas de Guiné, cahe sob o poder das armas de seus soldados e marcha sobre a Bahia em 1638, trazendo ricos despojos de guerra.

Em 1639 lança Nassau os fundamentos de uma nova cidade no Recife, na ilha de Antonio Vaz, hoje occupada pelos bairros de Santo Antonio e S. José, projectada pelo architecto Pieter Post, e tal era o seu enthusiasmo e dedicação, que as ruas e praças da nova cidade foram traçadas e alinhadas por elle proprio, em homenagem de quem, recebeu mais tarde o nome de Mauricia, por deliberação do Supremo Conselho.

Os pantanos da ilha seccaram-se por meio de canaes que se abriram para a sahida das aguas, e os edificios das ruas traçadas erguiam-se como por encanto.

Nassau construiu dous magnificos palacios, um dos quaes, o de Friburgo, de bella, arrojada e custosa fabrica, com jardins e pomares ; e com o fim de ligar os tres bairros da cidade, construiu as pontes do Recife e da Bôa Vista sendo aquella quasi toda de pedra, com dous arcos de cantaria nas extremidades. Nassau, recebe então, em remuneração de tão valiosos e assignalados serviços o titulo de *Patronus*, que lhe confere o Supremo Conselho, tão simples mas bem honroso e significativo.

Movida tambem a Camara de Olinda por esse sentimento de gratidão pelos serviços de Nassau, a elle se dirige em 1639, — « como a mais populosa e principal entre as demais Camaras do povo de Pernambuco e de todo o estado conquistado, tendo experimentado em as benignas acções de S. Exc. a benevola propenção que tinha a este povo e a todos os moradores deste Estado, e desejando constituir em a illustrissima pessoa de S. Exc. um refugio perpetuo e firme azylo e patrocinio contra as inconstancias da fortuna ; para que nas necessidades, apertos, pretenções, negocios e leaes interesses tivessem aqui e na Hollanda um Padroeiro que os amparasse e favorecesse á sua sombra os povos e moradores do Brazil, que com tanto amor governa : — Pede com amoroso affecto e encareci-

mento a V. Exc. seja servido aceitar debaixo do favor e patrocinio de sua illustrissima pessoa os moradores deste Estado do Brazil, e chamar-se Padroeiro seu, quando os mui altos Senhores Estados Geraes e S. A. o Senhor Principe de Orange sejam servidos concedernol-o pelas cartas que lhe havemos de escrever, pedindo-lhe a confirmação deste patrocinio em a pessoa de V. Exc., para que com esta segurança e refugio vivam os moradores alentados e contentes, e o Estado se conserve rendoso aos mui nobres Senhores da autorgada Companhia das Indias Occidentaes; e por penhor desta mercê pedimos a V. Exc. nos despache esta petição como pedimos. »

A' esta petição dá o principe o seguinte despacho:

« Sempre tive ao povo portuguezes e a todos os moradores deste Estado a affeição de que tem experiencia, e de novo farei o que a Camara da villa de Olinda me pede nesta petição, e mais particularmente, quando Deus for servido levar-me a Hollanda, estarei sempre certo, como bom intercessor, com muito bôa vontade para tudo o que ahi se offerecer aos moradores do Brazil com os Senhores Estados Geraes e Conselho da illustre Companhia. — Antonio Vaz, aos 3 de Agosto de 1639. — *Mauricio, Conde de Nassau.* »

Graças aos generosos intuitos do operoso administrador, sómente o Recife prosperava e se desenvolvia. Era o assento do governo, o grande armazem do Brazil-hollandez, a praça d'armas, e o principal posto militar e naval. As casas estavão amontoadas e por toda a parte os hollandezes edificavam outras novas. Os conquistadores batavos lisongeavam-se de que o Recife veria a ser uma nova Tyro, se elles podessem inspirar aos seus concidadãos esse espirito emprehendedor, que os animava, esse arrojo patriotico que lhes fazia affrontar todos os males, todas as privações.

Pediam elles á metropole em grandes brados, colonos. Mandai-nos, diziam elles, os vossos artifices, a quem toda a sua industria na Europa póde apenas prover-lhes com que satisfazer as primeiras necessidades; entre nós, ser-lhes-ha facil encontrar commodidade e ventura. Tres, quatro e até mesmo seis florins por dia, é aqui o salario do pedreiro ou carpinteiro. O trabalho puramente mechanico, que exige melhoramento e cultura dos engenhos de assucar, é pago ainda mais caro. Tres classes de homens faltam no Brazil-hollandez, capitalistas que especulem nos

assucares, e obreiros e trabalhadores, que se verão dentro em pouco com o fructo das suas fadigas, em estado de se estabelecerem, e entregar-se a agricultura em um paiz preferivel á terra natal. Com taes elementos florescerá o Brazil ainda mais do que antes da sua conquista.

Mas, no meio de toda essa grandeza, e prosperidade occorreram dous factos que constituiram os primeiros germens de desintelligencia entre Nassau e a Companhia — o mallogro da jornada da Bahia, e a nomeação de um official general para inspeccionar os seus actos.

Desaffectos antigos, procurou o commissario desprestigiar a sua autoridade, escreveu uma memoria inçada de accusações banaes contra Nassau, e fal-a vulgarisar, sem reservas, antes de a remetter para a Hollanda. Nassau dirige-se então ao Supremo Conselho do Recife, bate altivamente o seu inimigo, e sendo unanimemente approvada a sua conducta, fica desarmado o seu detractor, que envergonhado embarca para a Hollanda.

Apezar disso, mas sentindo-se Nassau ferido nos seus brios e dignidade solicitou immediatamente a sua exoneração, a qual foi aceita, e communicada por carta de 18 de Abril de 1642; porém não estando ella saccionada pelo governo, não deu-se Nassau por exonerado, e em carta de 25 de Outubro do mesmo anno, reitera o seu pedido de exoneração.

Lógo que se soube que Nassau deliberára deixar o Brazil, dirigiram-se a elle as camaras de Mauricia, Serinhãem, Porto Calvo, Iguarassú, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande, assim como as mais consideradas pessoas da colonia, solicitando-lhe que não deixasse o governo.

Tambem lhe offereciam como prova de sua devotação um presente ou contribuição voluntaria e annual de meia pataca sobre cada caixa de assucar fabricado nas suas provincias, por todo o tempo que elle permanecesse como governador.

Por sua vez, os judeus de Mauricia lhe offereciam tambem um presente annual de 3,000 florins, se elle se decidisse a não partir.

E' digno de nota o seguinte periodo de uma das representações que foram dirigidas ao principe, cada qual mais honrosa e lisongeira:

« Asseguramos a S. Exc., que se S. Exc. quer indicar

um meio qualquer para o decidir a ficar na colonia, qualquer que seja o preço delle, fosse o do nosso sangue, não nos será demasiado caro para o acceitar. »

O principe, porém, a nada attendeu.

Apresentado o seu pedido de exoneração aos Estados Geraes em 9 de Maio de 1643 para o sanccionar, foi isto feito no mesmo dia, e logo communicado a Nassau. Esta resolução do governo concebida em termos respeitosos e de significativo sentimento, assim conclue: « Temos decidido e deliberamos que se escreva ao Sr. Conde Mauricio de Nassau, afim de que elle volte para cá, para continuar a servir ao paiz. »

Chegando esta noticia ao Recife em Setembro do mesmo anno, e deliberando Nassau partir para a Europa em Abril de 1644, causou ella geral sentimento, e de todas as capitanias vieram petições dirigidas aos Estados Geraes e ao principe protestando contra a sua partida, e pedindo a sua conservação no governo do paiz; mas elle foi inflexivel a todos os pedidos, a todas as considerações.

Entretanto, diz Netscher, o dia nefasto para o Brazil-hollandez era chegado. Aos 6 de Maio de 1644, Mauricio abdicou a dignidade de governador do Brazil Neerlandez na sala das sessões do Conselho do Governo, em Mauricia, em presença de todos os grandes funccionarios, dos chefes militares e do clero, e passou os seus poderes ás mãos do grande Conselho. O coronel Haus, commandante da guarda de Mauricio, foi investido do commando em chefe da força armada. Ao mesmo tempo apresentou elle ao Conselho do Governo um detalhado projecto sobre a maneira porque devia o Brazil ser governado, projecto este que continha mui sabias instrucções, recommendando principalmente ao governo que fosse tolerante e moderado com relação ao exercicio do culto das differentes nações submettidas a dominação hollandeza; todo o zelo, mas sem o emprego do rigor, na arrecadação dos dinheiros devidos a Companhia pelos senhores de engenho; que se conservasse cuidadosamente as fortificações, e sobretudo que se construisse um reducto em frente a ponte da Boa Vista afim de proteger a cidade Mauricia; que se observasse uma severa disciplina militar, empregando-se todo o cuidado para que o soldo fosse pago regularmente e que as tropas fossem providas de tudo o que fosse necessario; e em fim, que se mantivesse uma rigorosa execução nas leis

contra o sacrilegio, immoralidades e profanação do domingo; recommendando alem de tudo ao governo, que fizesse todo o possivel para conquistar a affeição dos principaes commerciantes portuguezes, e que não fosse muito facil em acreditar as queixas que contra elles se levantasse mas que fosse cuidadosamente impedida toda a communicação entre o clero catholico das capitanias hollandezas e o de S. Salvador, de cujo lado viriam grandes perigos.

No dia anterior ao daquella solemnidade, Nassau obzequiou aos seus amigos com um esplendido banquete, e no dia 11 de Maio partiu da cidade Mauricia, a cavallo, acompanhado de um numeroso cortejo, seguiu por terra para Itamaracá, e d'ahi para a Parahyba onde devia embarcar. A sua partida foi uma festa solemne e ao mesmo tempo tocante; toda a tropa de terra e mar formou em grande parada para lhe prestar as honras militares á que tinha direito.

Em sua viagem por este bello paiz que tanto o havia encantado, e onde tantas affeições conquistára, por todos os lugares em que passava, testemunhavão-lhe com vivas acclamações, o sentimento e pesar que a todos causava a sua partida, e dos lugares mais longinquos corria o povo em multidão para lhe dirigirem o derradeiro adeus em sua passagem. Os vivas os mais enthusiasticos, eram interrompidos pela musica do hymno nacional hollandez, acompanhado pelo troar da artilharia dos fortes que ao longe enviavão as suas saudações militares. O indio Jandovi, principal da tribu dos Tapuyas, alliada dos hollandezes, enviou uma deputação ao seu encontro, para pedir-lhe que demorasse a sua partida.

No dia 22 de Maio de 1644 embarcou Nassau no porto da Parahyba, e com elle muitos dos principaes commerciantes do Recife, porque considerarão o Brazil perdido para a Hollanda com a sua partida. Onze indios de differentes tribus embarcáram tambem, por terem manifestado desejos de visitar aquella poderosa republica, para se convencerem por si proprios, que a Hollanda não era aquelle paiz de piratas e pescadores como diziam os hespanhóes e os portuguezes. A frota, que se acompanha de 13 navios entre grandes e pequenos, e conduzia um riquissimo carregamento estimado em 2.600,000 flores, partiu no dia seguinte, e em dias de julho entrava no porto de Texel.

Durante o tempo em que esteve no governo, não se entregou elle somente aos cuidados da sua direcção. Investigador paciente e illustrado e cultor apaixonado da sciencia compoz um importante trabalho em dous volumes in folio, comtendo uma breve discripção dos mais notaveis animaes da America meridional, ornado com nagnificas estampas, que deve existir um original na bibliotheca nacional de Paris.

Fernandes Pinheiro, nos seus *Episodios da historia patria*, assim exalta o merecimento de Nassau e engrandece o seu bello governo em Pernambuco : «Sob tão illustrado governo folgão as letras, prosperão as sciencias e as artes. Fundão-se bibliothecas, abrem-se muséos, em que os Pizos e Maregraffs reunem as suas preciosas collecções de historia natural ; acham digno representante as scenas da natureza americana no pincel de Post ; a archictectura imprime o seu cunho na magnifica residencia de Vryburg (Repouseiro) e na pittoresca quinta de Schoonzigt (Bôa Vista) ; repreza a hydraulica as aguas do Capibaribe e renova em Pernambuco os prodigios da Zeelandia.

«Renascendo a alegria e a confiança, surgem como por encanto risonhas habitações, e o proprio conde, enamorado das meiguices da nossa natureza, parece querer abraçar o Brazil por patria, desejaddo findar seus gloriosos dias nas aprasiveis margens do Beberibe. Fluctuão a mercê dos ventos os pavilhões de todas as nações, que a liberdade do commercio traz ao porto do Recife ; e a permuta dos productos do solo pernambucano pelos de todos os climas assegura a prosperidade dos moradores e incalculaveis lucros a Companhia das Indias·

«Imparcial na distribuição da justiça, fazia com que a espada da lei cahisse indifferentemente sobre hollandezes e pernambucanos, conforme erão uns e outros culpados. Presidia a mesma igualdade a concessão das graças, procurando por todos os modos identificar os conquistados com os conquistadores. Pagavão todos os mesmos impostos e erão todos submettidos as mesmas leis.

«Ninguem era perseguido por sua crença, e os proprios judeus, tão odiados nessa epocha, reunião-se em suas synagogas e ahi celebravão-se publicamente as ceremonias do seu culto. Não escapa a perspicacia do habil administrador a catechese dos indigenas nem a instrucção da mocidade. A' voz da civilssação acamparão os selvagens nas frontei-

ras do deserto e trocarão pela cruz os seus *manitós*, ao passo que homens dedicados iniciāo a primeira infancia na vereda das letras. »

Nassau desembarcou no porto de Texel em Julho de 1644, e em 12 de Agosto compareceu perante a assembléa dos Estados Geraes da Hollanda, e leu um minucioso relatorio, no qual expoz a situação da colonia, e deu contas da sua administração desde o anno de 1637, recommendando de novo que se tivesse toda a prudencia e condescendencia com os portuguezes do Brazil, e mostrou a falta que a Companhia havia commettido em não revestil-o de certos poderes, e em acreditar mais em informações particulares que nas suas. «Em lugar de fortificar e de apoiar o meu governo, disse elle, principiarão por cortal-a, de maneira que ao fim instituirão um novo Concelho encarregado da administração das finanças, ponto o mais importante da Companhia. Este Concelho com tão amplos poderes, tem com effeito, a inteira direcção do Governo, e os seus membros se tornarão tão presumpçosos, que não receiarão declarar em plena reunião do Conselho, que não me conhecião, visto que em suas instrucções não se fazia menção da minha pessôa.»—-Finalmente aconselhou que se reunisse a Companhia das Indias Orientaes á das Occidentaes, porque assim juntas levantarião o Brazil da sua decadencia e arrancarião aos hespanhóes todas as suas colonias da America.

Mauricio de Nassau teve condigna recepção em sua patria. Os Estados Geraes, o Stadhouder, e mesmo os directores da Companhia, publicamente lhe testemunharão o seu reconhecimento - «pela sabedoria e prudencia com que dirigiu o Governo do Brazil por mais de sete annos. Soldado intrepido, conselheiro prudente e legislador esclarecido, João Mauricio estava na altura da missão difficil que lhe havia sido confiada »

Offerecendo de novo os seus serviços á patria perante os Estados Geraes, partiu logo a se reunir ao exercito em Flandres, com a patente de coronel. Em 27 de Outubro do mesmo anno foi promovido ao posto de general de cavallaria, por fallecimento do velho general Stakenbroeck, e em Dezembro seguinte foi nomeado governador da praça de Wesel.

Como general em chefe da cavallaria, Mauricio de Nassau tomou parte muita activa nas campanhas que ti-

verão lugar em 1645 e 1646, e durante as folgas que lhe deixavão as fadigas da guerra, occupava-se na construcção da bella casa *Mauritshuis*, na cidade de Haia, para sua vivenda, na qual se acha hoje estabelecido o Muséo Real da Hollanda.

Em 1647, quando já estava em campo a revolta pernambucana, que sete annos depois restaurou a patria do dominio hollandez, quando a Companhia via ameaçados os seus grossos capitaes com a perda imminente do Brazil, recorreu de novo ao prestigio de Nassau para voltar e dirigir o seu governo : mas a reparação foi tardia, elle nobremente recusou-se.

Naquelle mesmo anno, com permissão dos Estados Geraes, foi dirigir os governos de Cleves, Mark e Ravensburg, á instancias do eleitor de Brandebaurg, por cujos serviços foi condecorado pelo mesmo eleitor com o grão-mestrado da ordem Theotonica, o que acceitou com a graça de conservar o seu posto de general de cavallaria e as suas funcções de governador de Wesel, podendo residir na praça do ducado de Cleves. Nassau prestou mui bons serviços a cidade de Cleves, aformose-ou-a e dotou-a de grandes melhoramentos, entre os quaes um magnifico jardim, que mereceu as honras de uma descripção por Voltaire no seu livro *Viagem a Berlim.*

Em 1652 o imperador Fernando III o elevou a dignidade de principe do imperio allemão, e foi eleito por unanimidade grão-mestre da ordem de S. João de Allemanha, que faz parte da de S. João da Malta.

Em 1657 o eleitor de Brandeburg escolheu a Nassau para o representar na eleição do imperador em Francfort, e a sua influencia conseguiu a eleição de Leopoldo, filho do monarcha fallecido.

Em 1665 foi nomeado commandante em chefe do exercito dos Paizes Baixos, em cujo exercicio lhe coube bater e expulsar o bispo de Munster que havia invadido o paiz pelas fronteiras de Leste. Pouco tempo depois empenhou-se em nova campanha, e creando-se então dous lugares de feld-marechal, foi elle o primeiro graduado com este novo titulo.

Defendendo corajosamente as fronteiras da Dinamarca ameaçadas por numeroso exercito inimigo, recebem por semelhante serviço a venera da ordem do Elephante, e em

1674, apesar de já em avançada idade, ainda tomou parte na campanha dos Paizes Baixos hespanhóes, e notavelmente se distinguiu na batalha de Senef.

Velho, adoentado, e alquebrado pelas fadigas de uma vida tão trabalhosa, solicitou e obteve a sua demissão do serviço activo do exercito neerlandez, em 1675, e recolheu se á cidade de Cleves, que escolheu para passar os ultimos dias de sua vida, e onde falleceu em 20 de Dezembro de 1679, na avançada idade de setenta e cinco annos e meio.

A cidade de Cleves, á cujo administrador sabio e prudente havia contrahido uma divida de gratidão, pelo tanto que trabalhara em prol do seu engrandecimento, explendor e prosperidade, cobriu se de pesado luto por occasião do passamento do benemerito Nassau, e ainda hoje venera a sua memoria; e por muitos annos guardou as suas cinzas, como um thesouro inapreciavel, até que forão trasladadas para Siegen, onde repousão, nos jazigos dos seus antepassados.

Em 1720 foi o seu mauzoleo consideravelmente damnificado pelas tropas francezas invasoras, mas em 1811, quasi um seculo depois, Napoleão Bonaparte, que sabia venerar e respeitar a memoria dos grandes heróes, mandou reparar o monumento, santuario de tão gloriosas reliquias, reparando assim aquelle acto de vandalismo dos seus compatriotas.

Mauricio de Nassau, a quem os seus compatriotas deram o honroso cognome de *Americano*, depois do seu sabio governo do Brazil, para o distinguir de outros parentes seus, deixou um nome respeitavel e venerando no novo e velho mundo, e nobilitado pelos seus altos predicados de sabio, politico, diplomata, administrador e guerreiro.

Em 6 de Maio de 1644 toma conta do governo do Brazil-hollandez o Supremo Conselho do Recife, reunido na sala das sessões do conselho governamental na cidade Mauricia. Compunha se de tres conselheiros: Henrique Hamel, antigo negociante de Amsterdam, Adriano van Bullestraten, outr'ora carpinteiro em Midleburg, e Pedro S. Bas, antigo ourives. Era secretario J. van Balbeeck.

Este Conselho governou até Agosto de 1646, quando foi substituido por um outro composto de cinco membros, com o titulo de Alto Conselho ou Junta do Governo, orga-

nisado pelo novo regimento de 12 de Outubro de 1645 e approvado pelos Estados Geraes, ficando nessa parte alterado o que foi dado a Nassau em 1636.

Para o cargo de presidente do Conselho foi nomeado em 23 de Novembro do mesmo anno de 1645, Walter van Schonenborch, distincto pelo seu saber e caracter, que fazia parte dos Estados Geraes como deputado por Groninga, conferindo-se-lhe a faculdade de prover todos os postos até o de capitão, e até o de tenente-coronel com audiencia do Conselho.

Para conselheiros foram nomeados Van Goch, magistrado e pensionario de Flessingue e deputado aos Estados Geraes pela Zelandia, e Simon van Beaumont, advogado fiscal de Dardrecht, todos tres recommendaveis por sua probidade, saber e virtudes.

Como adjuntos foram nomeados dous negociantes de Amsterdam, Hendrik Haecx e Abraham Trouvers, e por secretario a Hermite, advogado de Delfit, e filho de um notavel piloto do mesmo nome.

Para o cargo do governo das armas e commando em chefe do exercito, foi despachado o general Segismundo van Schoppen, que chegou a Pernambuco a 31 de Julho de 1646, no mesmo dia em que chegara tambem o conselheiro Abraham Trouvers.

Entrando o novo Conselho na posse da governança do paiz em 1646, e pesando sobre seus antecessores Hamel, Bullestraten e Bas graves accusações, ainda que infundadas segundo diz Netscher, ficaram elles ainda por algum tempo no Recife, para que se não escapassem no caso de seus successores achassem alguma cousa, que merecesse punição na conducta que tinham tido, e mesmo para dar aos novos membros do Conselho as indicações e esclarecimentos que precisassem.

O novo Conselho veio encontrar a colonia em uma situação muito difficil e melindrosa. A revolta restauradora campeava altiva desde Junho de 1645, e cada dia tornava-se mais temida pelas successivas victorias que ia ganhando sobre o inimigo, e assim foi caminhando, de sorte que, em 26 de Janeiro de 1654, firmavam os membros do Conselho Supremo do Recife, o assento e condições com que entregavam ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, todas as praças e fortes que accupavam os hollandezes desde o Ceará até Pernambuco, inclusive a ilha

de Fernando de Noronha, e no dia 28 fazia o general portuguez a sua entrada triumphal na vencida cidade Mauricia e assumia ao governo dos estados restaurados á corôa de Portugal.

Não sabemos se o Conselho hollandez que então existia era o mesmo nomeado em 1645. Em todo caso, Schonenborch, occupava ainda o cargo de presidente, e exercia as funcções de secretario Hendrick Haecx, como se vê do termo de capitulação da praça.

Assim terminou o governo do Brazil hollandez, comprehendendo o periodo que decorre de 1630 a 1654, cuja causa efficiente da sua desmoralisacão e aniquilamento, da perda da rica possessão que não souberão mantér, e dos projectos que tinhão em mente os hollandezes, ja bem tarde emprehendidos para salval-a de sua perda inevitavel, nos deixou Piérre Moreau, autor contemporaneo, e que viveu por alguns annos no Recife como secretario de um dos membros do Conselho Politico.

Eis o que diz Moreau:

Apezar do menoscabo com que governavam o Brazil, os hollandezes nutriam os mais gigantescos designios de desenvolver e enriquecer o paiz. Elles pretendiam encetar em 1654 uma serie de importantes reformas no governo; pretendiam abrir todos os portos ao commercio estrangeiro e só exigir tributos modicos; pretendiam crear no Recife uma universidade da America, de todas as artes e sciencias. Para este ultimo fim, elles já haviam cuidado seriamente da instrucção dos chamados brazilienses e Tapuias cujos filhos mandavam estudar. Os hollandezes pagavam a professores e ministros da religião que lhes ensivam o christianismo, sobresahindo entre todos um joven ministro inglez, que haviam mandado á universidade de Leyden, e que voltando ao Brazil traduzio as Santas Escripturas para a lingua brazilica, de modo que os indios as podiam ler e entender.

Os Estados Geraes tambem queriam fundar uma grande typographia e escolas de artes mechanicas. Pretendiam retalhar o paiz e distribuir quadras de terras pelos varões adultos, e então mandar buscar do Oriente a pimenteira, a moscada, a canella e outros arbustos desta ordem; pretendiam começar a explorar as minas de ouro e prata que havia no paiz; unir intimamente pelo commercio as Indias Orientaes com estas Indias Occidentaes, ficando o Recife

sendo o grande emporio geral destas ultimas, como a Batavia o era daquellas, sendo as possessões governadas por um grande concelho residente em Haya.

Ainda mais: os hollandezes estavam com determinação fixa de conquistar as terras do Norte, o Maranhão, Cartagena e o chamado reino de terra firme do rei de Hespanha, regiões essas em que abundava o ouro. Para esse fim elles propunhão-se fazer do Recife uma grande estação naval, e com effeito, chegaram a expedir muitos navios em viagem de exploração das costas de N. E. da America Meridional. Na verdade, elles até fizeram amizade com o rei do Chile, a quem mandavam visitar pelo menos uma vez por anno, conduzindo os seus embaixadores muitos presentes de armas de fogo com as quaes o rei causava grandes encommodos aos hespanhóes, e no futuro causariam tantos (pensavam os hollandezes), que seria então mais facil subjugar essa conquista.

Os Estados geraes, queriam em summa, fazer do Brazil uma rica, bella e poderosa republica, parte de um immenso imperio que fosse—um armazem incomparavel de tudo quanto é raro, precioso, util e necessario, que se encontra em todos os cantos do universo.

Os seus planos falharão no Brazil por muitas causas. O seu concelho não era a principio composto de gente illustrada. Elles não cuidaram de povoar a conquista com seus proprios cidadãos, e deram logares importantes e grandes propriedades aos portuguezes e licenciaram quasi todos os soldados. Embriagados pela felicidade que repentinamente lhes deparara um grande imperio, elles julgaram-se seguros e não desconfiaram da perfidia dos portuguezes, mas deixaram-se levar de suas astucias e olharam para a corrupção e crueldade que então reinavam, senão com approvação manifesta, ao menos com indulgencia. Em summa os poucos colonos que mandaram para o Brazil eram de uma classe baixa, avida e corrompida até á medula: a piedade e todas as virtudes desappareceram delles para deixarem reinando, com sceptro indisputavel, a avareza.

Na phase da dominação hollandeza ha tambem um periodo governamental que cumpre mencionar, decorrido de 13 de Junho ne 1645 a 27 de Janeiro de 1654, dentro do qual se moveu a guerra da restauração, sendo que, foi ella iniciada por João Fernandes Vieira, que não só dirigiu o

governo das armas como o civil, até 16 de Abril de 1648, quando o entregou ao mestre de campo general Francisco Barretto de Menezes, em virtude de nomeação regia.

A restauração de Portugal do dominio hespanhol fez brotar a idéa da libertação de Pernambuco do jugo hollandez, e ainda que não hajam documentos positivos á respeito, sabe-se, comtudo que em 1642 se fez uma a tentativa, que por motivos superiores se julgou prudente addiar, até que em 1645 rompeu a revolta, sendo acclamado chefe João Fernandes Vieira.

Accordado o plano do rompimento, e marcado o dia 24 de Junho, as circumstancias, porém, levaram os conjurados á fazer o rompimento no dia 13, reunidos todos no engenho de Luiz Braz Bezerra. Partindo todos d'alli e acampando em differentes localidades, onde iam engrossando as suas fileiras, reuniram-se ás tropas de Antonio Dias Cardoso, e as de outras localidades que simultaneamente se haviam tambem levantado, e acamparam, em fim, no monte Tabocas, onde feriu-se renhida batalha em 3 de Agosto, ficando o inimigo completamente derrotado.

Ja em 15 de Julho proclamava Fernandes Vieira, como —*Governador das armas na empreza da liberdade dos moradores de Pernambuco, e das mais capitanias sujeitas ás armas hollandezas,*—assegurando as mulheres ameaçadas pelo inimigo, a paz e a tranquillidade, e a segurança de que seriam vingadas por qualquer injuria e desacato que soffressem.

Em 7 de Outubro, reunido todo o exercito no Campo Real de Bom Jesus, é João Fernandes Vieira acclamado pelo—*Povo e nobreza, clero e gente de guerra de Pernambuco*—Governador da capitania, e com todos os privilegios e prerogativas que tinham os de nomeação regia, sendo este documento um attestado importante dos seus serviços e merecimento, do seu valor e patriotismo, e tantos outros predicados que o elevaram a ser investido de tão alto e significativa dignidade.

Daquella data por diante, dirigiu cumulativamedte o governo civil e militar da capitania, até o dia 16 de Abril de 1648, quando o entregou ao mestre de campo geneneral Francisco Barreto de Menezes, nomeado por patente regia em cujo periodo exerceu todos os actos de governança, ao mesmo tempo que commandava o exercito, em cujas acções immortalisou o seu nome.

Rico e opulento, gosando grande prestigio e influencia entre os proprios hollandezes, — em perspectiva do mais feliz e tranquillo futuro, prestou se a jogar, parando em carta muito duvidosa a base do seu florescimento, e da sua pujança material, — Fernandes Vieira sacrifica tudo em prol da restauração da patria do poder da dominação estrangeira; põe em campo o movimento, e vê logo no primeiro encontro que teve com os inimigos no memoravel sitio das Tabocas, a victoria coroar as sua armas.

Inabalavel em sua heroica resolução, Fernandes Vieira é surdo a todas as promessas, a todas as ameaças. Despresa a offerta de 200,000 ducados que lhe offereceram os hollandezes para abandonar o partido e retirar-se á qualquer parte qué escolhesse; despresa o edital do inimigo pondo a sua cabeça em almoeda, e em represalia põe tambem a dos membros do Supremo Conselho, offerendo por cada uma 12,000 florins; envolvido ainda Portugal nas lutas da sua independencia, e tendo assignado uma tregua com a Hollanda, e não podendo dest'arte declarar-lhe a guerra, Fernandes Vieira o faz em seu proprio nome; ordenando a queima de todas as plantações de canna para enfraquecer os recursos do inimigo, manda primeiro queimar as suas para exemplo e execução das suas ordens; e destituido em fim do governo, com a nomeação regia de Francisco Barreto, dá um raro exemplo de fidelidade e submissão, reconhecendo o novo chefe, entregando-lhe o governo, e jurando-lhe obediencia!

Depois da victoria de Tabocas, segue-se immediatamente a da Casa Forte, e tantos outros feitos, que illustram o seu nome como general em chefe do exercito restaurador nobilitando ainda em muitos outros que se succederam depois que entregou o governo da capitania e o commando do exercito ao seu successor, até que em 1654 firmou-se a paz, e a capitulação do Taborda franqueou ao victorioso exercito pernambucano a vencida cidade Mauricia, capital do Brazil-hollandez, cabendo a Fernandes Vieira a gloria de ser o primeiro que entrou no Recife, no memeravel dia 27 de Janeiro, a frente da vanguarda do exercito independente, fazendo o general em chefe a sua entrada solemne no dia seguinte.

Fernandes Vieira que occupa, incontestavelmente, o primeiro plano da immensa galeria dos heróes da cruenta e memoravel guerra hollandeza, pelos seus serviços, pelo

seu heroismo, e pelo immenso sacrificio dos seus proprios bens, viu em fim coroados os seus esforços, e elevado ás summidades da grandeza em galardão dos seus serviços.

Natural da ilha da Madeira, viu a luz em 1613, no lugar Ribeira Brava, como alli é tradição, filho de Francisco de Ornellas Muniz fugiu da casa paterna, mudou de nome, e chegou a Pernambuco em 1624, com onze annos apenas de idade, e tão pobre, que se viu constrangido a servir a um mercador sómente pelo sustento, ou mesmo descer á humilde condição de moço de açougue.

Brioso, audaz, valente e generoso, Fernandes Vieira reune-se aos pernambucanos na hora tremenda das provações, em 1630, quando os hollandezes invadem a capitania exalta o seu merecimento, e atirando-se intrepido ao commercio, no periodo de paz, a felicidade foi-lhe propicia, reune grandes cabedaes, gosa de immensa influencia junto aos conquistadores, e torna-se um homem de prestigio, gosando geralmente de grande respeito e consideração.

Talhado de molde por semelhantes recursos e predicados para dirigir a empreza da liberdade, elle não mede as consequencias que poderiam advir; põe-se á frente do movimento, e já em meio caminho da sua gloriosa jornada, vê os seus serviços galardoados, e o seu nome voar pelas cem boccas da fama.

E' assim que, em 1649, quando ainda a victoria geral era indecisa, já Fernandes Vieira tinha recebido o habito de Christo, o fôro de fidalgo com a respectiva moradia, a confirmação da patente de mestre de campo, e uma commenda lucrativa de 300$000 de renda.

Mas, ambicioso e vaidoso, Fernandes Vieira não se contenta com semelhantes graças, dirige uma petição ao rei allegando minuciosamente os seus serviços, com os mais honrosos documentos comprobatorios de todos elles, concluindo, «em satisfação dos seus grandes serviços,» por pedir o marquezado da serra da Copaova, comprometten-do-se a conquistar os indios sublevados, e a levantar uma villa, tudo a sua custa, um titulo de conde em Pernambuco, e o de conselheiro de guerra, com o senhorio da capitania do Rio Grande, ou de Cunhaú, com a obrigação de descobrir as minas que houvessem na localidade, duas commendas lucrativas, sendo uma de 2,000 cruzados e outra de 1,000, tres habitos das tres ordens para pessôas da sua obrigação, dous officios para dous homens da sua casa,

dez leguas de terra, com a obrigação de a conquistar dos indios e promover a sua povoação, o cargo de almirante de todo o estado do Brazil, com a jurisdicção e próes que tinham os do reino, e um dos governos ultramarinos, como o de Pernambuco em sua vida, ou o de Angola por seis annos, ou por nove o de Maranhão.

Não sendo conferidas todas essas graças que solicitara Fernandes Vieira replicou á corôa firmando de novo os seus direitos, concluindo por insistir no titulo de almirante, e no de conde do Ceará, com jurisdicção civil e criminal em todas as suas terras.

Todas essas graças, porém, não lhe foram conferidas, mas Fernandes Vieira recebeu, quer antes, quer depois da conclusão da guerra, mais as seguintes mercês, além das que já ficam mencionadas; o fôro grande de fidalgo, a commenda lucrativa de Torrado, da Ordem de Christo, a alcaidaria mór de Pinhel, vinte leguas de terras no Brazil, os habitos de Christo e de S. Bento de Avís, dous officios de justiça, fazenda, ou guerra para pessoas de sua obrigação, o titulo de conselheiro de guerra, e o governo da capitania do Maranhão, com a obrigação de descobrir as minas de ouro que constava existir no Amazonas.

Fernandes Vieira é ainda alvo de mais outras distincções do monarcha agradecido. Nomeado governador da capitania da Parahyba, dirige os seus destinos de 1655 a 1657, e depois do reino de Angola, tomou posse do governo em 18 de Abril de 1658, e conservou-se no governo até 10 de Maio de 1661, seguindo d'ahi para Lisbôa, onde foi bem recebido não só pelo rei como pela côrte.

Regressando para Pernambuco, e entregando-se exclusivamente á tratar dos seus negocios particulares, recebeu ainda a nomeação de superintendente das fortificações das capitanias do norte, cargo que occupou até a suar morte.

Fernandes Vieira, a quem D. Pedro II de Portugal chamava — *o herôe da sua idade*, recebeu tambem do Papa Innocencio X, em 1655, o honroso titulo de *Restaurador da igreja americana*, em premio dos serviços que importára ao catholicismo a posse do territorio do Brazil occupado pelos hollandezes, que professavam tão diversas seitas, e que tantos males causara á religião catholica.

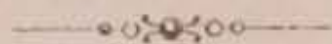
Frei Raphael de Jesus elevou um monumento á sua gloria, publicando em 1679 uma obra consagrada á historiar a bella phase da guerra hollandeza, dando-lhe o titulo

de *Castrioto Luzitano*, em homenagem ao seu valor, apresentando assim a Fernandes Vieira como émulo do legendario Jorge Castrioto, vencedor dos turcos no Epiro em 1450, como tambem já o havia feito Frei Manoel Calado publicando em 1648 o seu *Valeroso Lucideno*, que trata da primeira phase da guerra.

Fernandes Vieira falleceu em Olinda em 10 de Janeiro de 1681, e foi sepultado na capella môr da igreja do convento do Carmo da mesma cidade, cujos restos foram descobertos e authenticados pelo Instituto Archeologico em 1886. — Dormio do somno a morte na capital de Pernambuco, onde subira ao apogéo da gloria.

Para perpetuar a casa em que residiu e morreu Fernandes Vieira, em Olinda, na rua de S. Bento, collocou o Instituto Archeologico uma lapida commemorativa em 12 de Agosto de 1865.

F. A. Pereira da Costa.



GEOGRAPHIA PERNAMBUCANA

Municipio de Goyanna

A cidade de Goyanna é a séde do municipio do mesmo nome e da fregnezia de Nossa Senhora do Rosario de Goyanna.

HISTORICO

A fundação de Goyanna data de epocha anterior a 1570, e era, primitivamente, habitada por indios cahetés e potyguares. Isto se verifica de duas cartas de sesmarias, concedidas a Diogo Dias e Bôa Ventura Dias, documentos publicados em 1871, em o n. 1 da *Revista do Instituto Historico* de Goyanna, e, mais tarde, reproduzidas por José de Vasconcellos, na segunda edição de seu trabalho *Datas celebres*.

Foi elevada á cathegoria de freguezia em 1568, por occasião da visita a Pernambuco, do então bispo do Brazil, D. Frei Antonio Barreiros. Foi das freguezias creadas no districto da capitania de Itamaracá a que mais floresceu, tanto que, algumas vezes, foi a cabeça da mesma capitania. Devido ao incremento que tomou, em virtude da provisão regia de 15 de Janeiro de 1685, a Camara e Justiças da capitania se estabeleceram em Goyanna, tendo então a preeminencia de villa. Em vista da ordem regia de 20 de Novembro de 1709 voltaram aquellas vantagens para Itamaracá e Goyanna perdeu o titulo de villa. Similhante perda de prerogativas desgostou immensamente aos habitantes de Goyanna, que, sem demora, solicitaram, em requerimento ao bispo, e tambem então governador interino de Pernambuco, D. Manoel Alvares da Costa, para que fosse dada execução á permissão que El-Rei concedera ao marquez de Cascaes, para crear uma villa, que aliás estava por crear.

O bispo acquiescendo, em 7 de Janeiro de 1711, mandou effectuar a installação pelo ouvidor geral Diôgo de Paiva Baracho, constituindo-se nesse dia a Camara, e pas-

sando a ser então a séde da capitania de Itamaracá. Assim esteve, até 5 de Dezembro de 1713, quando o ouvidor pela lei, João Guedes Alcoforado, destruindo o estabelecimento de villa, deu ás justiças de Itamaracá a jurisdicção de toda a capitania; o ouvidor triennal, porém, o Dr. Feliciano Pinto de Vasconcellos — *conhecendo a difficuldade assás grande que as partes sentiam em demandar justiça nesta ilha (de Itamaracá) resolveu em 1714 fazer algumas audiencias em Goyanna e o mais que se offerecesse*, exemplo esse que foi seguido pelos juizes ordinarios e vereadores (F. da Gama *Mem. Hist.*)

Tal attitude dos goyannenses alarmou o animo dos moradores de Itamaracá, que, em 1719, representaram contra esse facto ao governador e capitão general, Manoel de Souza Tavares, approvando este o acto do ouvidor e o dos vereadores, sendo mais tarde ainda a deliberação confirmada pela carta régia de 6 de Outubro de 1742.

Relativamente á Goyanna, a chronica historica menciona o seguinte: — Em 22 de Julho de 1633 uma partida de 400 hollandezes, guiados por Calabar, assola o districto de Goyanna, onde havia alguns engenhos; queimaram quatro, sendo um de tres que tinha Jeronymo Cavalcante, e outro de João da Costa Brandão, saqueando primeiro o que acharam e poderam levar, sem que ninguem os impedisse, e fazendo prisioneiros os moradores que não tinham podido escapar-se. Avaliou-se o prejuizo em quantia muito consideravel. — Em 12 de Janeiro de 1635 chega a Goyanna a expedição hollandeza commandada pelo coronel Artichofshy e conselheiro politico Stachoawer, que havia dois dias partira da Parahyba. Os moradores da povoação e visinhanças vendo-se sem protecção e nem meios de resistir, vão a seu encontro e lhe fazem bom acolhimento, levados sem duvida pelo medo de serem hostilisados, e franqueam-lhe a entrada no povoado, reconhecendo-se como vassallos dos Estados Geraes e da Companhia das Indias Occidentaes. Os chefes hollandezes correspondem com a mesma cortezia ao bom recebimento e emprazam a todos para no dia seguinte acharem-se na povoação, afim de fazerem as pazes e prestarem juramento de fidelidade, indo com sua gente acampar na aldeia de *Capivary*, meia hora de Goyanna, junto ao ribeiro do mesmo nome, logar até onde subiam as lanchas e barcaças que não podiam passar adiante. Logo que o general Mathias de Albuquerque foi

avisado da chegada d'elles enviou o maior numero de gente, que poude retirar do quartel do cabo de Santo Agostinho, sob o commando dos capitães Francisco Rabello, Estevam Alvares e Martins Soares, para obstar-lhes a marcha, com ordem para quando não podessem pelejar, frente á frente, não perderem as occasiões que se lhes offerecessem favoraveis, afim de que o inimigo nada aproveitasse, e recommendou, particularmente, que fossem retirados todos os indios das aldeias para que não se bandeiassem a exemplo dos da Parahyba e Rio Grande do Norte. Tudo isso foi por aquelles executado quanto possivel. Queimaram muitos cannaviaes, retiraram das aldeias os indios porque os de Goyanna já tinham encontrado o inimigo com quem se bateram em Mussurepe, perdendo os contrarios não pouca gente o que não lhes embaraçou a marcha, visto como era numerosa a força delles. Em tal combate ficou ferido o capitão Rabello. Entre Goyanna e Itamaracá, em 12 de Janeiro de 1640 a esquadra hespano-portugueza, do Conde da Torre, que havia sahido da Bahia em 19 de Novembro, encontra-se com a hollandeza, e travam combate, cabendo a victoria a esta que teve poucas perdas. F. Post commemorou esta victoria e as de 13, 14 e 17, em 4 gravuras, e na Hollanda cunhou-se uma medalha com a inscripção: «Deus abateu o orgulho do inimigo aos 12, 13, 14 e 17 de Janeiro.» Em 3 de Julho de 1711 os goyannenses pronunciam-se a favor dos *mascates*. Em 23 do mesmo mez deu-se em Goyanna luta terrivel entre os nobres e os mascates. Estes, muito mais numerosos que aquelles, tinham todas as probabilidades da victoria; mas, graças aos esforços dos tenentes Gil Ribeiro, Felippe Bandeira e capitão Antonio Ribeiro, os nobres triumpharam quando já estavam desanimados da victoria. Commandavam as forças dos mascates Luiz Soares, Jeronymo Paes que recebeu nove tiros e muitas cutiladas, e Antonio Coelho que foi degolado quando procurava fugir. A 29 de Agosto de 1821 os patriotas reuniram-se em Goyanna e elegeram um governo provisorio composto dos nove seguintes membros: presidente, Francisco de Paula Gomes dos Santos, abastado agricultor e rendeiro do engenho *Frexeiras*; secretario, o portuguez Felippe Menna Callado da Fonseca; membros — o capitão mór de Goyanna e senhor do engenho *Cangaú*; Joaquim Martins da Cunha Souto Maior, o padre Manoel Silvestre de Araujo, agricultor e pro-

prietario; Manoel dos Reis Curado, professor de latim, em Goyanna; o senhor do engenho *Terra Nova* Antonio Maximo de Souza, José Victorino Delgado de Borba Cavalcante de Albuquerque, proprietario do engenho *Palhêta*, e o portuguez Bernardo Pereira do Carmo, vereador da Camara. A 7 de Setembro o governador de Pernambuco publicou uma proclamação recommendando aos goyannenses que se unissem ao governo legal. Em 11 de Fevereiro de 1849 é Goyanna tomada pelos liberaes, ao mando de Pedro Ivo, sendo sua perda de dous mortos e quatro feridos; e a dos governistas de seis mortos, oito feridos e quarenta prisioneiros, feitos, no dia seguinte, no convento do Carmo, onde os liberaes apoderaram-se de 200 carabinas e de 20,000 cartuxos. Em 12 de Dezembro de 1848 os rebeldes occupam Goyanna.

O nome Goyanna é vocabulo indigena e significa, segundo Varnhagem, —*gente estimada*,— corruptéla de *guaya* — gente, e *na* — estimada. Em virtude da resolução do Conselho Geral do governo da provincia, de 20 de Maio de 1833, a qual dividiu Pernambuco em nove comarcas, Goyanna foi uma dellas, e em 1834 teve como seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Joaquim Nunes Machado. Pela lei provincial n. 86 de 5 de Maio de 1840, foi elevada a cathegoria de cidade. Foi classificada de primeira entrancia pelo Decreto n. 687 de 26 de Julho de 1850, e pelo de n. 5139 de 13 de Novembro de 1872, de segunda entrancia. De accôrdo com a Lei Organica dos municipios, n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se em municipio autonomo, em 1 de Março de 1893, sendo seu primeiro prefeito eleito, o Dr. Bellarmino Correia de Oliveira, — e composto o primeiro Concelho Municipal dos seguintes cidadãos: — tenente Julião Nogueira de Carvalho, capitão Francisco Nunes Monteiro, Dr. Ludovido Correia de Oliveira, tenente coronel Luiz Gomes Correia de Oliveira, João Joaquim de Mello, Francisco da Cunha Rabello, Manoel Pessôa de Mello, Manoel Ignacio Pessôa de Mello, Dr. João Gonçalves de Azevedo e o capitão João da Costa Ribeiro Canto.

E', sem nenhuma duvida, Goyanna, dentre as diversas localidades pernambucanas, uma daquellas que produziu muitos filhos illustres, que certamente enobrecem a terra que lhes foi berço, figurando salientamente: o desembargador Joaquim Nunes Machado, nascido a 15 de Agosto

de 1809 e cuja vida acabou em consequencia de uma bala que recebeu na cabeça, no combate da Soledade, em 2 de Fevereiro de 1849, tendo sido grandemente chorada sua perda pelo povo e pelo paiz inteiro, porque era elle o prototypo genuino do homem de bem, generoso d'alma, cheio de abnegação, e lealdade até o extremo, intrepido a toda a prova, sendo além disso mais um orador eloquente, primoroso e inspirado, um tribuno sympathico, arrojado e ardente, que em seu verbo igneo arrastava a onda popular, e sendo tambem um magistrado impolluto, litterato e cultor das musas. E desde então, aquelle vulto resvalando no leito derradeiro, tornou-se um redivivo, porque a immortalidade se fez para seu nome!

O Visconde de Azurara, Dr. João Antonio Salter de Mendonça, nascido em 1746 e fallecido em 1825, notavel magistrado e distincto brazileiro por seu talento e virtudes que o tornaram illustre. O Dezembargador Anselmo Francisco Peretti, nascido em 1812 e finado a 9 de Outubro de 1877, o qual foi um modelo como magistrado e jurisconsulto pois que absorvendo e attrahindo nesse sacerdocio como disse um de seus biographos, «*todas as glorias do multiplo merecimento* e de suas peregrinas qualidades pessoaes, foi em toda sua vida de magistrado, o amparo e protector da liberdade individual, teve a satisfação de erguer o fôro a mais subida moralidade; foi um venerador da lei, e finalmente *nunca recusou ao opprimido a justiça qualquer que fosse o poder ou influencia do oppressor*. Taes attributos o tornaram tão saliente, entre seus collegas, que ainda hoje seu nome é pronunciado com respeito, citado como exemplo, notado com admiração.

O Deão Dr. Joaquim Francisco de Farias, superior illustração, formado em direito, o qual foi varias vezes deputado geral por sua provincia, vice-reitor do Seminario de Olinda, reitor do Gymnasio Pernambucano, vigario capitular, profundo theologo, nascendo em 1807, falleceu na cidade de Olinda em 1894.

O padre Manoel da Costa Palmeira, que nascido em 1765, foi reitor do Seminario de Olinda, conego da Cathedral, delegado do Chrisma e das despensas, visitador pastoral em 1806, em commissão do bispo Fr. Antonio José Bastos, delegado dos breves pontificios, provisor, juiz de habilitações, governador do bispado, vigario capitular na vaga de D. Thomaz de Noronha, procurador de D. João

da P. M. Perdigão na posse deste bispo, e falleceu em 1850 sendo sepultado na Cathedral de Olinda.

O padre Dr. Antonio Alves de Castro, formado em theologia, que despois de ter sido vigario de Goyanna e reedificado a matriz em 1706, dahi foi occupar a cadeira de conego da Sé de Olinda, a dignidade de arcediago em 1725, a de thezoureiro mór e a de juiz de casamentos.

O Rvm. Dr. Manoel Thomaz de Oliveira que, formado em direito, lente de theologia do Seminario episcopal de Olinda, conego da Sé, desempenhou com distincção todas as funcções que lhe foram confiadas

O Rvm. Domingos Alvares Vieira, nascido em 1795 que, tendo sido lente distincto de philosophia do Lyceu da Parahyba, de latim na terra do berço, eleito deputado geral, terminou seus dias como vigario collado de sua freguezia natal.

O padre João Barbosa Cordeiro que, nascendo em 1792, como litterato, poeta dramaturgo, publicista, professor de philosophia e rethorica, sacerdote respeitavel e deputado geral de 1834 a 1837, foi uma gloria nacional, fallecendo em avançada idade.

O padre José Gomes da Costa Guedelha, nascido em 1743, que, além de ter sido um sacerdote de eminentes virtudes, foi um excellente poeta, acerca do qual escreveu o commendador Antonio Joaquim de Mello a biographia, terminando a existencia no oceano, em viagem de Angola para o Brazil, por occasião de um temporal.

O Dr. Manoel Freire de Andrade, sacerdote illustre que occupou varios cargos eminentes entre as diversas dignidades ecclesiasticas. E ainda André Cavalcanti, Diôgo Carvalho Maciel, Francisco Cavalcante de Albuquerque, Francisco de Paula de Albuquerque Maranhão, José Camello Pessôa de Mello, João Ribeiro Pessôa, notavel desenhista, os quaes todos foram martyres da revolução de 1817. Entretanto, si, não mencionámos o nome do Dr. Manoel de Arruda Camara, geralmente conhecido como filho de Goyanna, foi porque nem pernambucano era elle siquer; pois nasceu em 1752 na cidade do Pombal da Parahyba, morrendo em Goyanna em 1810, tendo passado a existencia quasi toda em Pernambuco, onde o grande naturalista exerceu as funcções medicas e foi carmelita no convento de Goyanna desligando-se da ordem em 13 de Julho de 1805.

POSIÇÃO ASTRONOMICA

Está a cidade de Goyanna situada a 7.° 33' e 45'' de lat. Sul e a 8° 9' 45'' de long. Orient. do Merid. do observatorio do Rio de Janeiro.

DIMENSÕES DO TERRITORIO

Tem o municipio 30 kilometros de Norte a Sul, e 36 de Leste a Oeste.

ASPECTO E NATUREZA DO SOLO

E', no geral, o terreno do municipio, plano, notando-se apenas ligeiras elevações em alguns logares; é arenoso nas immediações da costa e, affastando-se desta, de massapê em uns pontos e saibrosa em outros: comtudo é excellente para a cultura de coqueiros, de abacaxis, de cannas e de cereaes.

CLIMA E SALUBRIDADE

Na séde do municipio o clima é humido e frio no inverno, e quente e pesado no verão; bastante insalubre em ambas as estações, são faceis e repetidos os casos de tuberculose pulmonar, sendo alli endemicas as febres palustres, a hypoemia intertropical, os rheumatismos articular e muscular, e emfim, o impaludismo em todas as suas manifestações. Entretanto o resto do municipio é salubre, a temperatura pouco variavel, e ameno e aprazivel o clima.

LIMITES

O municipio de Goyanna confina ao N. pela freguezia de Tejucopapo, com o Estado da Parahyba na freguezia de Taquara, municipio de Alhandra, desse mesmo Estado, desde a barra do rio Pitanga, no Goyanna, até a deste rio no Oceano, entre as pontas dos Coqueiros e de Pedras; a L. com o Oceano, desde esse ponto até á barra de Catuama; ao S. com o municipio de Iguarassú pela barra de Catuama, que se separa da ilha de Itamaracá pelo rio da Nova Cruz, formado pelo de Timbó e outros, até sua fóz junto á barra de Itamaracá, e pelo rio Ubú; a O. com o municipio de Nazareth pela propriedade Arêas pelo rumo de Joaquim Gomes ao rio Tracunhaem, até o engenho Matary, riacho Matarisinho ás suas nascenças e destas, em linha recta, á Chã do Camará

na estrada, que vem de Goyanna cruzando esta, estrada da Taboca do rio Serigy, até o engenho do mesmo nome; com o municipio de Timbaúba pelas terras do engenho Poço; ao N. ainda com o de Itambé pelo engenho Dois Rios procurando o rumo O até encontrar o engenho Folguêdo, segue entre os limites do engenho Novo e Pedregulho até o Capibaribe Meirim a O. e S. ao povoado da Lapa, no ponto em que começa a estrada que passa por Ferreiros.

DIVISÃO

Comprehende a divisão civil do municipio 5 districtos: 1° o de Goyanna; 2° o de Nossa Senhora do O'; 3° o de Arêas; 4° de Tejucopapo; e 5° o de Ponta de Pedras. A divisão ecclesiastica contém as freguezias de Nossa Senhora do Rosario de Goyanna, a de S. Lourenço de Tejucopapo, e de Nossa Senhora do O'.

POPULAÇÃO

O municipio de Goyanna contém 40.000 habitantes, pouco mais ou menos, distribuidos assim: 20.000 na freguezia do Rosario, 12.000 na de Tejucopapo e 8.000 na de Nossa Senhora do O',

TOPOGRAPHIA

Está situada a cidade de Goyanna, séde do municipio, ao N. da capital, n'um fertil valle, entre os rios Tracunhaem e Capibaribe-meirim, a 14 metros acima do nivel do mar. A sua edificação, em parte de bôa casaria terrea e diversos sobrados, está distribuida em 17 ruas e muitas travessas, comprehendendo umas 2.000 casas e uns 16.000 habitantes. Possue nove templos que são: a matriz da invocação de Nossa Senhora do Rosario que foi reconstruida em 1705 pelo vigario João Baptista Pereira, tendo iniciado o serviço o anterior vigario Estevão Ribeiro da Silveira; a da Soledade, a qual é annexa um recolhimento de não professas, e em 1850 Frei Caetano de Messina reconstruiu-a adornando-a com um elegante frontespicio erguendo em frente della um importante cruzeiro de pedra; a da Misericordia que possue um hospital, acerca do qual a Camara de Goyanna, em officio de 20 de Agosto de 1735, representou ao rei de Portugal pedindo um auxilio para concluil-a,

tendo sido dado por provisão de 21 de Janeiro de 1744; a do Carmo com um convento, actualmente muito arruinado, cuja fundação data de 1666; as do Amparo, Conceição, Rosario dos pretos, Santa Thereza e Martyrios. Possue mais — a cadeia publica, bom edificio e de sufficiente capacidade, onde no pavimento inferior existem as prisões, e no superior as salas em que funccionam a Municipalidade e o Jury, a qual, entretanto, tem má situação; o Cemiterio publico, sob a direcção municipal, assás espaçoso e bem localisado; o mercado, uma agencia do Correio e uma estação do Telegrapho Nacional, aberta ao serviço desde 12 de Dezembro de 1876. Conta em seu seio diversas sociedades como sejam: a *Associação Commercial e Agricola*, *Fraternidade e Progresso*, *Lealdade e Beneficencia*, *Sociedade dos Artistas* e *Recreativa Terpsicore*, sendo que a terceira destas mantém á disposição do publico um gabinete de leitura denominado *Bibliotheca 24 de Dezembro de 1876*. Existe tambem um pequeno theatro particular.

POVOADOS E CAPELLAS

Pertence á freguezia de N. S. do Rosario: as povoações do *Pilar* com capella da invocação de N. S. do Pilar, e fica ao SO. de Goyanna; e *Cajueiro* ao S. e á margem da estrada de rodagem não possuindo capella alguma. A' freguezia de Tejucopapo as povoações: *S. Lourenço* que é a séde da parochia, situada n'um planalto aprazivel, a 26 kilometros a L. de Goyanna, perto da costa, e a 10 kilometros ao S. da fóz do rio Goyanna, que possue a igreja matriz; *Tejucopapo* a L. com uma capella de N. S. do Terço, reparada em 1883, por um missionario da Penha, fica da séde do municipio distante 26 kilometros; *Carne de Vacca* a L. e na costa com capella de Sant'Anna, a qual tem um patrimonio de um sitio de coqueiros; *Tabatinga* entre Ponta de Pedras e Carne de Vacca, na costa e a 30 kilometros a L; *Ponta de Pedras* a 24 kilometros a L, possue uma capella votada a N. S. da Expectação, reerguida em 1867 por Frei Seraphim de Catanea, a qual tem um patrimonio de 50 braças de terra, em quadro; *Catuama de Dentro*, com capella de Santo Antonio, e *Catuama de Fóra*, com outra capella, dedicada a N. S. da Penha, concluida em 1887, ambas ao S. e a 24 kilometros. Se comprehendem na freguezia de N. S. do O': A povoação de *Nossa Senhora do O'*, que é

a séde da parochia, a 30 kilometros á O. da cidade de Goyanna, com duas igrejas, — a matriz e a capella de N.S. do Rosario; *Lapa*, a 24 kilometros ao NO. com uma capella da invocação de N. S. da Lapa; *Areias* á O. tem uma capella do Martyr S. Sebastião; e *Goyanninha* a 18 kilometros a O. de Goyanna, na estrada que vai desta cidade para a estação de Barauna, do ramal de Timbaúba, na linha ferrea do Limoeiro, tem duas capellas, uma do patrocinio de N. S. das Dôres, e outra da Conceição. No municipio ainda existem mais as capellas filiaes ás respectivas matrizes: — a de Santo Antonio no Engenho Novo, a de Sant'Anna no engenho Miranda, a de Santa Luzia no engenho Bujary, a de Santa Rita no engenho Bonito, a da Conceição no engenho Diamante, a do Rosario no engenho Mussumbú, a de S.S. Cosme e Damião no engenho Catú, a da Conceição no engenho Matary, a de N. S. do Desterro no engenho Megahó de Baixo, a de N. S. do Soccorro no engenho Megahó de Cima, a de Santo Antonio do engenho Macaco, a de Santa Cruz no engenho do mesmo nome, e a da Conceição no engenho Mereré.

OROGRAPHIA

No municipio de Goyanna nenhuma serra existe que mereça tal nome e seja digna de menção; ligeiras elevações do terreno sómente alli se observam; nota-se, comtudo, entre taes saliencias os morros do *Funil*, do *Selleiro* e do *Corrapicho*, ao Sul, perto da costa e para o lado de Catuama; o *Almecéga*, e por detraz de Ponta de Pedras; e o de *Itapessoca* mais para o sul desse logar.

HYDROGRAPHIA

O oceano banha o municipio pelo lado L, desde a fóz do rio Goyanna até a barra de Catuama. Os principaes rios que regam o territorio de Goyanna são: o rio *Goyanna*, formado pela juncção do Tracunhaem e do Capibaribe-Meirim, o qual tem sua fóz entre as pontas dos Coqueiros e de Pedras, limitando este Estado do da Parahyba, mais proximo da primeira, e encostado ao pontal de Guagirú. O *Ubú* que nasce de uma vertente no logar Tres Ladeiras e, formando seu curso por corregos corta a estrada geral que vai do Recife para Goyanna, no local Ubú, donde toma o nome, e segue até o denominado Aratáca em que encontra o rio

Itapirema com o qual vai desaguar no sitio Gravatá, aos lados de Itamaracá. O *Itapirema* que nasce no lugar Urucú, 24 kilometros abaixo de Iguarassú, entra pelos engenhos Itapirema do Meio, de Cima e de Baixo, corta a estrada geral de Goyanna e encontra o rio Ubú com o qual depois toma a mesma direcção. E ainda os riachos Matary, Caraú, Camorim, (affluentes do Tracunhaem), Tiuma. Cruangy, Serigy, Limeira, Merepe e Uruahé (affluentes do Capibaribe-Meirim).

PORTOS E ENSEADAS

Possue os ancoradouros na barra do rio Goyanna, denominados *Lamas* e *Laminhas* de Goyanna, o 1· que tem quatro braças de fundo, na baixa mar e o 2· tres; o fundo de ambos é de areia e lama, e abriga sumacas e pequenas embarcações. Entre essas lamas ha uma restinga de pedras que tem duas braças de prea-mar, nas aguas vivas, na parte denominada Carne de Vacca, que serve para sumacas até 14 p. E ainda tem a barra de Catuama formada pela embocadura do rio Massaranduba, aos 7· e 32′ de lat. S. com 14 p. em baixa-mar, e 20 na preamar; o fundo é de areia e lama, o porto é abrigado o póde conter muitas embarcações.

PRODUCÇÕES

O municipio produz abundantemente fructas como o abacaxi e côcos, de que faz sofrivel commercio, mangas, cajús, melancias, mangabas, pinhas, fructos de conde, laranjas, bananas, etc., cereaes e legumes.

CURIOSIDADES NATURAES

Ao que nos conste nenhuma existe sabida.

REINOS DA NATUREZA

O reino animal não offerece differença do dos municipios circumvisinhos, e bem assim o mesmo se dá a respeito do reino vegetal. Sobre a existencia de mineraes com excepção do giz e da pedra calcarea, encontrados em alguns logares do municipio, nada mais se sabe.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA

Sua principal industria é o fabrico de assucar nos se-

guintes engenhos: Acahú, Acahú Novo, Assumpção, Barril, Batatão, Belleza, Bôa Vista, Bonito, Bujary, Caheté, Cabugy, Camarasinho, Camorim, Canna Brava, Capibaribe, Catú, Conceição, Condado, Cumbeba, Carijó, Diamante, Dois Rios, Folguêdo, Fortaleza, Gitó, Goy, Goyanna Grande, Guarany, Gutiúba, Humaitá, Itapessirica, Itapirema de Baixo, Itapirema de Cima, Itapirema do Meio, Jacarapina, Jaugadeira, Japomim, Jardim, Jassé, Jucá, Lagamar, Limeira, Macaco, Macóta, Mariuna, Massaranduba, Matary, Mata-limpa, Megahó de Cima, Megahó de Baixo, Mereré, Mineiro, Miranda, Monte Alegre, Mouco, Mussumbú, Natal, Nitheroy, Novo, Palha Palmeira, Paraguassú, Paraná, Passagem, Pau Amarello, Pau Sangue, Pedregulho, Pedreiras, Pendencia, Pitaguaré, Pitú, Pôço, Pôço Redondo, Rebelde, Retiro, Republicano, Sant'Anna, S. Bento, Santa Cruz, S. Luiz, Serigy, Tabatinga, Tabayré, Tabyra, Taipú, Tracunhaem Ubú, União, Uruahé, Varzea Grande e Viração; e ainda as fabricas — Uzina Goyanna e duas distilarias e restilarias á vapor. O commercio de exportação consiste em assucar bruto, algodão em rama, aguardente, melaço, couros salgados, sementes de carrapato, cereaes e abacaxis; o de importação em generos de consumo, nacionaes e estrangeiros, exercido por innumeros estabelecimentos de retalho, bem sortidos e em prosperidade. Nas safras regulares essa importação tem attingido em relação aos dous primeiros productos, á cifra de 400,000 saccos de assucar, com o pezo medio de 30,000.000 de kilos, e 80.000 fardos de algodão com a média de 1,500.000 kilos. A agricultura no municipio de Goyanna consiste, principalmente, no plantio da canna de assucar, seguindo-se-lhe depois a cultura dos diversos productos agricolas que são tambem objecto de seu commercio.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO

O commercio da cidade é feito directamente com a cidade do Recife pela via fluvial, melhorada pelo *Canal de Goyanna*, que tendo a extensão de 4 kilometros, liga o porto da cidade que é em frente de uma das principaes ruas, ao rio Japomim, continuação do Tracunhaem, pouco acima da confluencia deste com o Capibaribe-meirim, os quaes juntos formam o Goyanna que se lança no Atlantico. Apenas barcaças e pequenos hiates de capacidade, no maximo

de 100 toneladas, teem accesso no Canal, chegando os vapores da Companhia Pernambucana sómente a sua foz no porto Japomim. A cidade de Goyanna dista 94 kilometros ao N. O da capital e 26 do littoral. Da capital para ella faz-se a viagem em caminho de ferro até Olinda (6 kilometros), e depois até lá, por excellente, larga, e quasi plana estrada de rodagem, que é bastante frequentada, a carro ou em diligencias, cavallos, etc. Tambem a conducção por mar, constante e facil, offerece outro meio de transporte. Dista ainda 38 kilometros de Itambé, 48 de Nazareth e 63 de Iguarassú.

ADIANTAMENTO MORAL

Entre os diversos municipios do Estado pode-se considerar o de Goyanna em o numero dos mais adiantados.

Recife, 7 de Janeiro 1898.

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO.



VIAGENS NO BRAZIL

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc.

Uzos e costumes dos habitantes desse paiz por Henry Koster.

TRADUZIDAS PARA O FRANCEZ POR M. A. JAY E DO FRANCEZ PARA O PORTUGUEZ POR ANTONIO C. DE A. PIMENTEL, AMANUENSE DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO.

Publicado em Paris em 1846. 1º volume



PREFACIO DO AUTOR

Nunca tencionei, durante a minha estada no Brazil, publicar cousa alguma do que tivesse visto ou ouvido nesse paiz. Só depois que voltei foi que animaram-me a reunir todas as minudencias que pudesse communicar. Espero que o leitor benevolo me desculpará os defeitos que descobrir nesta obra quando souber que no Brazil não fiz seguidas observações com ideia de publicar-lhes os resultados; accrescentarei que a lingua portugueza me é mais familiar do que a da minha patria. O leitor sensato dará pouca importancia ao estylo de uma obra da natureza desta. As opiniões e a vasta bibliotheca de Mr. Southey, foram-me de grande auxilio. O Dr. Traill ajudou-me a organisar o plano das materias; mas como não o revio inteiramente, se algumas faltas houver, á mim é que devem ser attribuidas. Os desenhos das gravuras foram executados por um de meus proximos parentes, segundo as minhas delineações e as descripções que lhe forneci. O mappa foi esboçado de conformidade com a grande carta da America Meridional de Mr. Arrowsmith: corrigi os nomes e a situação de alguns lugares; accrescentei-lhe outros de accôrdo com meus proprios conhecimentos. A planta de Pernambuco foi-me dada por um inglez residente no Recife, cujo zelo por tudo quanto possa alargar a progresso dos conhecimentos é infatigavel.

Observações preliminares

(DO TRADUCTOR FRANCEZ)

Os governos europeus, que, depois do descobrimento da America, enviaram colonias ao novo mundo, consideraram esses estabelecimentos apenas no interesse da mãi-patria sem terem o projecto de fundar imperios. Assim, delles se póde dizer que produziram o que não conceberam. As colonias inglezas foram as primeiras que tiveram a consciencia de sua força e que despedaçaram os laços que as prendiam á metropole. Essas populações, já libertadas por seus costumes, habitos e instituições civis, não tiveram que fazer a aprendizagem da liberdade nem que vencer obstaculos resultantes de sua organisação social interna; precisaram unicamente declarar sua independencia e mostraram.se logo dignas de seu destino. Os homens illustrados presentiram que cedo ou tarde as colonias hespanholas seguiriam esse exemplo e que por bem ou por mal se emancipariam. Essa época chegou; serão porem os resultados tão favoraveis como o foram aos Estados Unidos? E' uma grande questão que só o tempo poderá resolver. Tudo está em movimento nessas vastas regiões; não ha provincia que não esteja devastada ou ameaçada pela guerra. Não podemos duvidar da coragem e perseverança dos independentes; só lhes resta mostrar virtudes mais raras, sabedoria nas instituições e o amor esclarecido da liberdade.

O Brazil, por sua posição, difficilmente permanecerá immovel no meio dessa agitação; outras causas podem secundar esta causa physica; apontaremos quatro principaes: as velhas pretenções da côrte brazileira sobre as provincias do Prata; a dependencia em que se collocou o governo concedendo á Inglaterra excessivos privilegios; os vicios da administração, a paralisação do commercio.

Os que tem lido a historia da Brazil e prestado a attenção á politica de seus soberanos, não ignoram que as margens do Amazonas, por terem sido a sua primeira tregua, não foram seu principal objecto. Pretendiam sobretudo a possessão exclusiva do Rio da Prata. Desde o anno de 1553, isto é, cincoenta annos depois da descoberta, a colonia do SS. Sacramento erguia se em frente de Buenos

Ayres, quasi como os trabucos e as catapultas que os antigos levantavam ante as torres inimigas. Essa colonia, ameaçadora e ameaçada alternativamente, abandonada e restabelecida; cedida pelos tratados e reconquistada pelas armas, escapou de todo aos portuguezes· A renuncia destes nunca foi mui sincera e as provincias do Prata são para elles o que por longo tempo foi o Milanez para a França. Entre inimisades politicas estabeleceram-se affinidades commerciaes; os negociantes das duas nações concertaram-se n'um commercio interpole emquanto que os dous exercitos tingiam com seu sangue as praias do cubiçado rio. Ninguem se deve admirar de que o inglez John Mawe, em sua Noticia Historica sobre a revolução de Buenos Ayres, lembre as pretenções manifestadas pela infante Carlota, espôsa do actual rei do Brazil, durante as perturbações da Hespanha. Seria mesmo permissivel crer que a expedição de Lecor em Monte Vidéo não teve outra causa. Se a politica da casa de Bragança naufragou nessa occasião, é porque se fundara na divisão dos partidos; ora, póde-se concluir dos acontecimentos actuaes que os partidos são variedades de uma mesma opinião; ou, pelo menos, que o partido descontente só possue fracas raizes. A côrte do Rio de Janeiro bem podia poupar-se a uma excusa aos olhos da de Madrid; podia conservar ou levantar a mascara, sequestrar ou conquistar, segundo o curso dos acontecimentos, que é a regra vulgar da politica; mas não podia illudir as vistas attentas dos republicanos. O engôdo de uma pretenção equivoca não era bastante poderoso para um povo cujos perigos não estavam eminentes; não é de um monarcha absoluto que póde-se esperar e receber soccorros. Não praticou o governo portuguez uma imprudencia mostrando ao exercito brazileiro as bandeiras da independencia? Os soldados de Lecor são em grande parte indigenas, como os de Artigas. Outr'ora os Gauleses e os Bretões, vendidos aos Romanos, reconheciam secretamente por seu chefe esse Galgacus (1) que tinham vindo combater. A natureza humana não muda e o desejo da liberdade é eminentemente communicativo.

(1) In ipsa hostium acie inveniemus nostras manus; agnoscente Britanni suam causam, recordabuntur Galli priorem libertatem.. Tacit. oratio Galg. in Agric.

Accrescentai que o governo do Rio de Janeiro enfraquecia-se com essa expedição; não é quando nós mesmos estamos ameaçados que devemos ameaçar os outros. Tudo pois accusaria esse governo de imprevidencia, mesmo quando não tivesse encerrado no seio germens de insurreição; a de Pernambuco foi pacificada; mas se é permittido julgar a tão grandes distancias, póde-se crer, sem temeridade, que as causas do descontentamento não estão destruidas.

A influencia ingleza em Portugal só podia augmentar com a partida do principe para o Brazil, porquanto, além dessa partida libertal-a de um contrapezo natural, convertia em auxiliar uma autoridade rival, achando-se todos os poderes reunidos nas mãos dos que estavam constituidos guardas da monarchia. A mesma influencia atravessou os mares, porem primeiramente em prejuizo dos proprios inglezes. Apenas chegou á Inglaterra a noticia dessa transferencia, Londres esgotou os seus armazens. Amontôam nos navios sem escolha e sem reserva tudo o que convem aos nossos climas; parecia que a côrte portugueza tinha transportado comsigo a Europa para o novo mundo. E' preciso ver, na obra de Mr. John Mawe, ácima citada, como essas mercadorias eram expostas confusamente na praça, roubadas pelos creoulos ou avariadas nos armazens perdendo-se assim para seus donos em grande parte. Estes porém não tardaram em achar compensação. O governo outorgou aos inglezes admiraveis privilegios; os seus mais simples mercadores obtiveram as prerogativas da nobreza; puzeram á sua disposição as casas occupadas pela gente que não tinha officio nem beneficio; de maneira que os moradores diziam alto e bom som que, para residir no paiz, era preciso fazer-se inglez. O procedimento da administração não era nada apropriado para acalmar esses descontentamentos. Nada ouvimos dizer de injustiça nem de arbitrario; porque os poderes estão mui convenientemente distribuidos, os limites das jurisdicções bastante regularisados; a mais pequenina povoação possue os seus municipes e concelhos com o direito de atacar a direcção do chefe, que effectivamente atacam algumas vezes. Os pretos são em geral tratados com brandura. Recompensam, ou mesmo libertam os que acham diamantes, conforme o valor de suas descobertas, conferindo-lhes sempre uma especie de ovação. Ha regulamentos que garantem tambem a liberdade dos Indios. E' certo que esses regulamentos no

principio não foram de todo executados, e devia-se esperar isso mesmo, mas o interesse fez o que a humanidade devia fazer. Quando reconheceram que o trabalho dos negros era sem comparação mais util do que o dos Indios, que são menos activos e sobretudo menos robustos, os antigos habitantes do paiz poderam viver na terra de seus antepassados sem gemer nos ferros.

A administração, porém, por ser branda e humana, não é perfeita. E' preciso mais do que humanidade para bem governar homens, assim como é preciso sabedoria. Não basta não atormental-os, é ainda necessario fazel-os felizes. Não é sufficiente deixar-lhes livre o emprego de seus meios se os não ensinam a exercel-os, governar os povos é instruil-os, aperfeiçoal-os. De outro modo a tolerancia não passa de insensibilidade, a brandura de molleza.

Qual o resultado do systema de abandonar os Indios á sua preguiça e estupidez? Educar uma população parasita que definha á par de seus mestres, em aldeias de lama, sem cultura, sem industria, sem futuro, e os mestres não estão melhor. Bôas estradas quasi nenhumas e por conseguinte mil embaraços para o commercio do interior; por toda habitação, pelo menos nos campos, miseraveis cabanas sustidas por quatro postes; ignorancia profunda dos trabalhos agricolas; nem manteiga nem queijo n'um paiz onde o gado abunda; nenhum cercado onde nada é mais commum do que a madeira e a argila; nem aceio, nem actividade, nem previdencia · a monda desprezada, a pá desconhecida; todos os encommodos da miseria com todos os recursos da opulencia.

Para o genero humano foram essas riquezas ficticias real calamidade porque fizeram-no desprezar as verdadeiras riquezas. Se o homem só pedisse fructos á terra seria ditoso, sobretudo nessas regiões favorecidas pelo céo onde o ancinho póde substituir a charrua. Mas o possuidor de tantos thezouros deseja outros mais brilhantes; desceu aos profundos abysmos; dessecou o leito dos rios; decompoz as camadas desse sólo fecundo para dellas arrancar um metal e chrystalisações que não podem nem alimental-o nem defendel-o. Em lugar de empregar em trabalhos uteis os braços robustos, cujo vigor havia comprado, fez delles instrumentos de estupida avidez. E no entretanto que inexgotavel manancial de gosos sempre

variados e sempre novos! Um ar sadio, excepto nos cantões que habita de preferencia; arvoredos do mais bello porte, que só esperam o machado para fortificar e embellezar-lhe a habitação; immensos rebanhos que á roda delle se multiplicam mau grado seu, e lhe offerecem o leite, que despresa; um terreno onde a vinha e a canna, a támara e a azeitona, e todos os fructos da Europa crescem e amadurecem juntos, como que para ensinar-lhe que essa terra é a do descanço!

No numero das causas que poderam determinar a tentativas de revolução, indicamos a paralisação do commercio; e de certo, depois do que se tem dito, quer da influencia ingleza, quer do máu estado da cultura, a decadencia do commercio é um acontecimento natural; nisso está menos uma das causas do que um effeito necessario das causas que indicamos. As mercadorias cuja importação as provincias do Brazil pedem, são ferro, aço, utensilios de cobre, sal, o das ilhas do Cabo Verde principalmente, fazendas de lã commum, casimiras, chapéos, botas e sapatos, louças, vidros, missangas, quinquilharias, polvora, objectos de sellarias, botonnerias e modas. As que exportam são, algodão bruto, café, assucar, couros, sebo, lãs, crinas para forros, pennas, arroz, tabaco negligentemente preparado, anil de mediocre qualidade, todas as madeiras de construcção e aromaticas, e finalmente ouro e diamantes. Ora, submettido como se acha á influencia britanica, e certos de que a expressão é apropriada, não se póde duvidar, de que todas as mercadorias que recebe não lhe cheguem pelo intermedio quasi exclusivo da Inglaterra. Não se póde duvidar tão pouco de que todas as mercadorias que exportam não cheguem directamente aos armazens de Londres; de sorte que os compradores, não as recebendo nunca ou quasi nunca da primeira mão, os lucros que o vendedor poderia auferir revertem em beneficio do armazenario. Ha quem pense que o defeito de communicação immediata é compensado pela abundancia dos productos indigenas, sobretudo desde que a metropole veio, por assim dizer, ao encontro da colonia e que os colonos já não são viajantes que acampem n'um deserto. Estas objecções, todas capciosas como parecem ser, não são todavia sem resposta. Pode-se dizer que, se é verdade que a presença do soberano é, em alguns pontos, vantajosa a um paiz, por outro lado é possivel que o luxo de uma

côrte se torne prejudicial a um povo que ainda não attingio á maturidade, precisamente pelos habitos que o luxo gera, por essa molleza companheira mui assidua da grandeza, naturalissima alliada das inclinações de uma nação, cuja metade trabalha na esperança de longa occiosidade e a outra prefere por instincto, e mesmo por calculo, a occiosidade ao trabalho. Accrescentaremos que a tendencia natural ás capitaes, de tudo attrahir, de tudo concentrarem em si, é flagello para uma colonia, tanto mais mortal quanto é presentido sob salutar aspecto; e, favorecendo a industria apparentemente, fingindo animar-lhe a purificação, não favorece na realidade senão a pequena industria, a industria precaria das artes futeis; abandonando ou esgotando a grande industria verdadeiramente colonial que se entretem por insensiveis e proporcionaes distribuições de forças. Apontaremos por terceiro motivo, os projectos de conquista que é possivel que a côrte alimentasse por longo tempo e que não se alimentavam as possessões hespanholas, projectos assassinos para os que o concebem como para os que elles ameaçam; projectos que não se podem alliar senão com a oppressão da industria, o esgotamento dos recursos, o augmento dos impostos e todas as desordens do arbitrio e da fiscalisação. Um ultimo motivo, que não precisa de commentario, é que tendo o luxo necessariamente diminuido em nossa Europa por tantos desastres imprevistos e simultaneos, os brilhantes productos das minas brazileiras, devem ter encontrado menos favor em nossos mercados. Demais, seria sem razão, pensar que estão nisso todas as causas do descontentamento; mos o que já vimos basta para dar uma ideia geral da situação politica das colonias portuguezas. Tentemos confirmar pelos factos o raciocinio.

Todo mundo sabe como Brazil foi descoberto e de onde tira elle o seu nome. Um almirante portuguez, fazendo-se á vela para as Indias, e querendo evitar as calmarias que reinam com frequencia ao longo da costa da Guiné, sob a zona torrida, fez caminho pelo Oéste, depois de haver passado as ilhas do Cabo Verde. Ao decimo quinto gráo de lattitude austral, avistou uma terra que tomou a principio por uma ilha do Oceano Atlantico; mas não tardou em reconhecer o seu engano.

Alguns soldados que fizeram desembarcar, referiram que o paiz era fertil, coberto de arvores, regado por lindos

rios e povoado de selvagens amulatados e nús, armados de arcos e flechas. Cabral, (assim se chamava o almirante portuguez), tomou posse do paiz em nome do seu soberano segundo o costume, que devia ter parecido um tanto caprichoso aos naturaes do paiz onde os navegantes ancoraram, de fazerem de sua descoberta um titulo de propriedade. Americo Vespucio, duas vezes enviado para verificar as informações de Cabral, edificou um forte na costa, e carregou os seus navios de uma madeira vermelha, que depois se chamou brazil, da palavra *braza*, pela analogia das côres. A principio D. Manuel não ligou muita importancia á sua nova possessão, que devia ser um dia a riqueza e o refugio de seus descendentes. As terras foram cedidas a senhores, isto é, fundaram a industria sobre o feudalismo; o paiz foi empenhado por certo tempo mediante um fôro modico. Todas as especulações se voltavam então para a Asia. Pouco á pouco a importancia do novo estabelecimento se fez sentir. Pensou-se nas concessões levianamente concedidas. Estabeleceu-se um começo de ordem; mas isso foi occasião de novas desordens.

Não voltaremos ao que succintamente ácima indicamos sobre os projectos de engrandecimento abortados, as rivalidades de commercio mudadas em hostilidades. E' por desgraça a historia de todas as colonias nascentes. O *primo occupanti* é um direito que o direito do mais forte nem sempre reconhece. A' vista porém de nova partilha, o possuidor mais antigo invoca o seu titulo, as leis das nações e o interesse da estabilidade, nada esquece senão os direitos dos indigenas.

Atacada em diversos recontros pelos Francezes e Hollandezes, que sempre repellidos voltavam sempre; mal defendida, pelo menos nos principios, e peior governada, a colonia expirava sob dupla chaga das quaes a menos apparente não era a menos perigosa. Esse estado de languidez durou até o fim do XVII seculo. Então foram descobertas as minas de ouro da provincia de Minas Geraes e alguns annos depois as minas de diamantes. Finalmente em 1807, a côrte de Lisbôa, forçada por imperiosas circumstancias, passou os mares, isto é: deixou um castello sem dependencias por uma fazenda extensa e mal explorada, que parecia só esperar o olhar do dono. Sabe-se os resultados dessa emigração. Sem entrar segunda vez na questão

de saber se foram o que deviam ser, examinemos o estado em que a côrte achou a sua nova residencia.

O Brazil se estende desde o terceiro gráo de latitude norte até o trigesimo primeiro de latitude sul. Sua extensão é de quinhentas e vinte leguas e sua largura de cento e quarenta. (1) Em toda essa extenção uma cadeia de montanhas se ergue parallelamente ás costas, sem ser bastante continua para que o mar não penetre nos intervallos onde forma espaçosos e bem abrigados portos. O paiz é dividido em provincias ou capitanias das quaes tres ao norte, uma no centro e duas ao sul da costa; estas são quasi as unicas conhecidas dos estrangeiros, as outras são no interior das terras e não se vai á ellas senão por asperas e montanhosas estradas e algumas vezes por medonhos desertos; é ahi que a naturéza esconde o ouro e os diamantes. E' difficil avaliar-se bem uma população que se compõe de tantas populações differentes. Todavia adoptando os calculos do Sr. Correia da Serra, citado por Mr. Humboldt, deve presentemente elevar-se á quatro milhões de almas; mas este numero não é a somma exacta de numeros verificados. O ultimo recenseamento, que data de 1798, dava mais de tres milhões; a addicção do terço para mais, não passa de hypothese baseada na comparação. Quanto aos recenseamentos anteriores, que poderiam esclarecer-nos ácerca da maior ou menor probabilidade desta hypothese, porque forneceriam termos para a progressão, não parece que não se podesse tirar resultados completos; esses recenseamentos confiados pelos reis aos bispos e por estes aos parochos, não comprehendem nem os habitantes menores de dez annos, nem os Indios que não foram baptisados.

(1) Segundo J. E. Wappaeus, na sua *Geographia Physica do Brazil* (edição do Rio de Janeiro, 1884) o Brazil está situado entre 5º 10' N. e 33º 45' S. e entre 8º 19' 26" E. e 30º 58' 26" O. do Rio de Janeiro. A maior extensão de Norte a Sul, entre a barra do *Chuy* e as cabeceiras do *Cotingo*, é de 4280 kilometros, de Leste a Oeste, entre a ponta de *Pedra* e as nascentes do *Javary* é de 4353 kilometros. A superficie é avaliada em 8,337,218 kilometros quadrados. O Brazil, segundo o mesmo autor, é quasi tão grande como a Europa e mais de quatorze vezes maior que a França.

(Nota do traductor portuguez.)

O viajante que desejasse conhecer essa terra tão rica por seu solo, por suas aguas, e mesmo por sua configuração, não teria mais do que seguir de preferencia o caminho que o inglez Mawe seguio por effeito das circumstancias. Entrando no Brazil pelo estreito que separa do continente a ilha de Santa Catharina, veria erguer-se, como que por encanto, do fundo do mar, conicos rochedos carregados de eterna verdura, massissos de larangeiras e limoeiros. Enormes plantações de mandioca, arroz, café, milho, canna e anil, lhe passariam sob os olhos para variar a scena. Visitaria essas lindas bahias cujas margens são adornadas de casas que aprazíveis jardins rodeiam; em Armação assistiria a pesca da baleia, em Tejuco veria o marisco que fornecia a purpura dos reis. A immensa planicie de Coritiba que innumeros rebanhos animam, lhe lembraria a Europa, pelos fructos que produz como filhos de adopção. Chegado á S. Francisco pasmaria ante a colossal magestade dessas florestas que teem visto decorrer os seculos. Gostaria, nas estações invernosas, de ver a risonha cidade de S. Paulo surgir toda enfeitada e verdejante do seio das aguas em sua base accumuladas. Desenhada em amphiteatro a capital, com seus edificios e jardins fronteiros ao rio que lhe dá o nome, apresentaria ás suas vistas um espectaculo menos tranquillo, porém mais apparatoso. Detenha-se elle porém ahi; que não tente penetrar nesses antros selvagens que a avareza quizera esconder a todos os olhares, que curioso desejo o não arraste a esses rochedos a pique, nas bordas de abysmos guarnecidos de impenetraveis espinhos no meio daquella natureza rispida e esteril cujas ameaças não sabe traduzir. Então sombrios pensamentos, semelhantes a nuvens, levantando-se-lhes no coração, affastariam os meigos e brilhantes sonhos, e comparando tudo o que a natureza fez pelos homens com o que estes contra si proprios tem feito, seria tentado a duvidar se a ordem que elles para si destinaram na creação é usurpação ou direito.

As primeiras minas descobertas no Brazil foram as de Jaraguá, distantes quasi 24 milhas de S. Paulo. Essas minas, outr'ora tão opulentas e agora esgotadas, já não apresentam mais do que vestigios de seu grande esplendor.

Os portos de Santos e de S. Vicente já não se orgulham dessas frotas triumphantes carregadas de tão ricos

tributos; já não são mais do que armazens de depositos para uma capitania. E' em Villa Rica, comarca da provincia de Minas Geraes, que se concentra esse genero de opulencia da qual, mais do que da verdadeira, se mostram os colonos zelosos. E' ali, n'um terreno arido, sem sombra, sem verdura, nas fendas das montanhas e entre o mineral de ferro que se encontra o precioso metal. Ahi se vê a famosa montanha de ouro descoberta pelos Paulistas (colonos de S. Paulo), em 1713. O quinto ou direito do fisco subia á doze milhões.

A exploração das minas ainda está na infancia. Os colonos brazileiros, que se regulam pelos processos dos peruvianos ainda não conseguiram divorciar-se do systema das *lavagens*. E todavia a *amalgamação* nada tem de mui complicada; poupa tempo e trabalho e os braços que economisa acham emprego no cultivo das terras; mas quando uma vez se naturalisa um costume em qualquer parte, mui raras ganha a razão a causa contra elle; porque a razão indigena em toda parte, é em toda parte considerada estranha.

Eis em que consiste o que se chama lavagens: abrem no chão pequenos degráos de vinte a trinta pés de comprimento sobre dous ou tres de altura; cavam na base um rego de dous a tres pés de fundo e por elle fazem descer brandamente uma corrente d'agua que se teve o cuidado de regularisar de maneira que dissolve sem arrastar a terra que contém o ouro. Collocados nos degráos revolvem os negros a terra com palhetas sem interrupção. Quando transformada n'uma especie de lama, é arrastada mais para baixo e as particulas do ouro, em virtude do seu peso especifico, precipitam-se no fundo do rego. Entretanto a agua que cáe no fundo do mesmo limpa-o e purifica-o dos corpos heterogeneos. Esta operação dura cinco dias. Segunda lavagem succede á primeira; os operarios vasam os sedimentos em gamellas cheias d'agua, que agitam afim de que as ligas se apurem e o ouro se desprenda por seu proprio peso. Faz-se seccar o ouro obtido por estes successivos processos e depois da ultima prova registram-no, sellam-no, pesam-no e reservam o quinto. Todas estas lentidões e grosseiro mecanismo comparados com a apuração pelas affinidades chimicas, nos provam quanto as artes podem augmentar as forças e as riquezas do homem.

Dissemos que o ouro nunca, ou pelo menos raras vezes, se mostra puro, mesmo nos paizes onde se forma á flôr da terra. Para obtel-o é preciso penetrar nessa especie de envoltorio que se denomina *matriz*; é uma camada parecida com a do saibro composta de seixos de quartzo rodeados de uma substancia estranha assente sobre granito e que outra substancia terrosa cobre em profundidades desiguaes. Chama-se a isso *cascalho*. Algumas vezes, como no rio S. José, o cascalho acha-se á cinco pés abaixo do leito do rio; a extracção é então mais difficil e a mina produz menos; é necessario maior tempo ou mais braços.

Os diamantes, como o ouro, tambem tem o seu cascalho, e do mesmo modo são obtidos por meio de lavagens. Como na extracção do ouro, cavam-se conductos e introduz-se correntes. O diamante, uma vez despregado das pedras que á elle adherem, é depositado n'uma gamella meia d'agua; á tarde levam a gamella ao director, que lhe pesa e registra o conteúdo.

Em Mandanga para recolher maior porção de cascalho e para a conseguir com mais facilidade, esgotaram um rio n'um ponto onde a largura é triplice da da ponte das Artes. A obra é immensa; conduziram as aguas a uma bacia cavada através de uma extensa lingua de terra; para detel-as construiram um portagom de varios mil saccos de areia, operação não só penosa, mas ainda incerta, por via da pressão da agua, consequencia das cheias do rio. Foi preciso, para seccar a parte mais profunda, collocar-se bombas coutinuas que eram movidas por uma roda d'agua. Essa roda é levantada depois e transportada a lugar mais commodo para as lavagens.

O diamante, segundo a expressão de um celebre escriptor. (2) é uma anomalia da natureza. Excessivamente duro, não é menos destructivel; se os dissolventes chimicos nada podem contra elle, o ar livre basta para altera-o; o fogo, que respeita as pedras mais communs, opera sobre elle e transforma-o em vapores. Se porém existe contraste de propriedades nelle tudo nos autorisa a pensar que ha unidade de natureza; não admitte alliança nem

(2) Raynal. Hist. phil. das duas Indias, T. 5.

mistura; existe por si mesmo como substancia elementar e todavia diminue e deteriora-se; paga tambem tributo ao tempo e á destruição.

A forma dos diamantes varia tanto como as côres. Ha octaedros, formados pela juncção de duas pyramides tétraedras; aquelles são encontrados quasi sempre na crosta das montanhas; alguns ha redondos por sua natureza, ou arredondados pelo envoltorio. Em portuguez chamam-se estes ultimos *reboludos*. Ha oblongos, sobretudo nos leitos dos rios e no lôdo que lhes costêa as margens; ha purpureos, alaranjados, negros, arruivascados, azúes, verdes. Em alguns lugares, o cascalho se mostra nuamente, em outros coberto de uma especie de terra vegetal limosa. Conforme a narração de J. Mawe, que tivemos occasião de citar mais acima, os diamantes do principe regente valem mais de tres milhões sterlinos (72 milhões de francos). O *abaïte*, que foi achado por criminosos fugidos ao supplicio é o maior de todos os diamantes conhecidos; pesa sete oitavas de uma onça; póde-se estimar em duzentos mil quilates o producto annual dos diamantes para o fisco; é muito menos que o producto das minas de ouro.

Não é difficil conceber que essas explorações e seus productos sejam o objecto principal da administração n'um paiz que só é povoado por causa das explorações e na esperança de taes productos. E' talvez um primeiro vicio, e nós já dissemos os motivos; mas ha vicio nesse vicio; queremos dizer que a administração segue a torrente em vez de a regular; obedece á rotina em lugar de procurar a luz; considera-se apenas como força coercitiva, quando só de si dependia ser força impulsiva. Em outros termos, são os methodos de aperfeiçoamento que parece deveriam occupar a administração e são as leis da repressão o que a occupam; ella podia produzir e só tem feito embaraçar; podia ser da industria e só é da policia; tornar as explorações mais abundantes ou mais economicas; tal não é porém o seu objectivo; só procura tornal-as mais seguras Ha registros estabelecidos nas montanhas, nos desfiladeiros no fundo das florestas, perto desses registros existem quarteis d'onde saem frequentes patrulhas. Eis aqui tudo o que ella poude imaginar para a prosperidade da colonia. Os caixeiros correm os transeuntes, com receio de que não levem diamantes ou ouro em pó, as patrulhas fazem o

mesmo aos viajantes e os detém na supposição de que conduzem os mesmos objectos: os tribunaes pronunciam contra o pesquizador de ouro a confiscação de seus bens e a deportação illimitada para a Africa. Seria para desejar que semelhantes estabelecimentos produzissem por toda a parte o effeito que tem produzido nas colonias de Canta Gallo. Esse lugar é assim chamado porque uma tropa de *garimpeiros* em numero de quasi trezentos homens, havendo ahi se estabelecido, alarmou o governo que tomou o partido de mandar espional-os. Depois de errarem por longo tempo no meio de solitarios bosques, foram os espiões advertidos pelo canto de um gallo da pousada dos *garimpeiros*. Esses espiões aggregados a contrabandistas os entregaram; prenderam lhes os chefes e os deportaram para a Africa, tendo principalmente o cuidado de se apossarem de seus despojos. Senhor dos lugares e contando com um inexgotavel thesouro o governo erriçou o paiz de registros; multiplicaram-se os regulamentos e as veixações; todo o cantão encheu-se de soldados. Assim embaraçados na sua industria, os colonos voltaram-se para a agricultura e não perderam com isso. A natureza é lenta em formar o ouro; as minas dos Pyrenêos apenas fornecem algumas palhetas; a Hespanha já não retira esmeraldas nem amethystas de suas opulentas montanhas; chega o tempo em que as despezas da exploração devoram os productos. Os süccos vegetaes são os unicos que não se esgotam, ou pelo menos só se esgotam mais tarde, e a charrua do lavrador é mais rica do que o ancinho do mineiro. Além de que, basear o poder sobre uma colonia, isto é, sobre o regimen industrial, e basear a administração dessa colonia no monopolio, é manifesta contradicção.

Uma vez conhecido o systema de administração, dous phenomenos politicos se explicam naturalmente, sendo em outro qualquer systema inexplicaveis. Primeiramente pergunta-se como póde ser que essa mesma administração cuidadosa até o escrupulo em tudo o que diz respeito a exploração e a disciplina interna das minas, a balança dos poderes que attribue aos seus officiaes, a percepção do quinto e a policia dos viajantes, se haja entretanto mostrado tão negligente no aperfeiçoamento da cultura, no estabelecimento de bôas estradas, no embellezamento das cidades, na solidez das casas; é que o Brazil até estes ultimos annos

não foi para o governo como para os vassallos, mais do que um lugar de passagem; é que o principe e os vassallos trouxeram os gostos e inclinações da Europa á um paiz que não é europeu; é que um governo que só teve por modelo o proconsulato, obriga os seus colonos a tomarem aventureiros por modelos. Póde-se tambem perguntar porque é preferivel a sorte dos pretos escravos á dos Indios livres; é porque os negros produzem e os Indios consomem. Machinas poderosas e duradôras, eis o que é preciso á quem quer enriquecer; e é assim que, por um direito das gentes bastante extravagante entre os christãos, o conquistador julgava fazer graça ao povo conquistado não lhe tirando a vida, e os donos primitivos do sólo não são mais do que superfetação horrenda que as enfermidades e a fome desbastam todos os dias.

E' impossivel que os costumes não se resintam de tal administração. Os dos antigos brazileiros, é força confessal-o, não acharam panegyristas. Se se deve acreditar nos historiadores, talvez interessados em calumnial-as, os brazileiros viviam de raizes e de mariscos, e mesmo de carne crúa, sem cuidados, sem dependencia alguma, sem religião, ou pelo menos sem culto, isto é, sem esperanças e sem terrores.

Este estado, tão perto da condição dos brutos, fez inveja a alguns philosophos, como se a felicidade estivesse na insensibilidade e a perfeição da especie na ignorancia, e muitos que não são philosophos á esse respeito bem concordariam com elles. Seja como fôr, esse caracter de indolencia e de estupidez passou dos indigenas aos colonos; e os novos habitantes do Brazil herdaram de seus antecessores tanto os costumes como o sólo e as minas. A não ser que o orgulho e a avareza venham confundir com esses habitos de molleza sua irritante actividade; é isso titulo de proeminencia? Resulta dessa mistura uma serie de contrastes; actividade n'um genero de industria, negligencia profunda em tudo mais; nudez e porcaria no interior das habitações, esplendor e fausto nos vestidos; brandura, ou antes fraqueza no caracter, e cruel indifferença pela sorte dos Indios. Assim foi o governo até estes ultimos tempos; inflexivel no que interessava o fisco, pouco attento ao que tocava á instrucção e aos costumes, rico de diamantes e pobre de armas, de canaes e de tudo o que constitue a força dos Estados.

O alimento dos mais ricos colonos é simples e frugal ; fructas, gallinhas, arroz, legumes, toucinho, dôces, é quasi todo o seu luxo á mesa. Os vinhos dá Europa custam muito caro ; poderia se tirar mesmo do Brazil, se se cuidasse um pouco na vinha que cresce perfeitamente em certos lugares ; quanto ás distillações da aguardente, não se fazem notar senão pelas enfermidades que engendram. O paiz possue dous recursos inexgotaveis contra a penuria é a *cava*, especie de batata, e a mandioca que, como se sabe, substitue, em caso de necessidade, o trigo. A *cava* é uma raiz bulbosa e farinacia ; tem seis ou quasi seis pollegadas de diametro ; assada ou cosinhada dizem ser mui agradavel ao paladar. A mandioca em geral serve de pão á todas as classes ; plantam a maniva ; se o terreno é bom dá de seis a oito libras de raiz por pé.

A preparação consiste primeiro em raspar e depois em ralar a raiz, espremel-a e cozel-a ao forno e a essa massa é que se chama propriamente *farinha* ; o succo é venenoso, por isso espreme-se com o maior cuidado. E' indispensavel que a massa esteja perfeitamente secca antes de fazer-se uzo della. Existe uma especie de mandioca selvagem cujo sabor se approxima ao da castanha. Deve-se contar tambem o milho entre as riquezas vegetaes. O ramo da agricultura mais desprezado é a creacão do gado. Não se conhecem prados artificiaes, pastagens cercadas, ou forragens reservadas para os tempos da escassez. N'uma palavra, nada de mais mal entendido do que todos os detalhes da economia rural e domestica ; e, sem os jardins onde brotam as flôres em profusão, muitos dos quaes plantados com gosto, a residencia no Brazil nada de agradavel offereceria ao estrangeiro.

Os vicios que temos apontado são mais faceis de desenraizar do que se poderia suppôr. Para exemplo desta imparcialidade e do amor á justiça, que deveria sempre guiar os escriptores, vamos indicar ligeiramente os melhoramentos politicos que o governo brazileiro tem tentado e daremos fim á estas observações por alguns reparos á obra ingleza cuja traducção hoje publicamos.

A chegada do principe regente á Bahia em 1808, excitou vivo enthusiasmo em todas as provincias do Brazil, e fez nascer esperanças que ainda não fôram completamente realisadas. Entretanto um dos primeiros actos do

principe foi abrir, em 28 de Janeiro do mesmo anno, todos os portos brazileiros á navegação e ao commercio estrangeiros. Esta medida teria sido mais salutar se as vantagens, depois concedidas á Inglaterra por tratado especial, não fossem equivalentes a uma prohibição ás outras potencias. A abolição apparente do systema colonial não passou pois de uma mudança de metropole; e o Brazil cessou de depender de Portugal para tornar-se colonia da Gran Bretanha. (1) Esta falta tem sido sentida vivamente desde 1810, e a politica da côrte do Rio de Janeiro, tende incessantemente a reparal-a. O governo acolhe hoje a industria de qualquer paiz que lhe chegue e que prepare os meios de assegurar um dia a sua inteira independencia.

Entre os beneficios que se seguiram á presença do soberano, é preciso collocar em primeiro lugar a solemne declaração por elle feita de nunca consentir que no Brazil fosse estabelecido um tribunal do Santo Officio, isto é, a Inquisição. Esse temivel tribunal foi abolido em Gôa; é necessario acreditar, para honra da religião, que os seus ministros renunciaram para sempre o emprego das torturas e dos algozes como meio de conversão.

O rompimento dos laços coloniaes que prendem o Brazil a Portual, fez indispensaveis differentes transformações na administração, e a influencia das ideias do seculo, manifestou-se nessas transformações, que se tornaram, sob varias relações, melhoramentos. Os tribunaes superiores de Graça e de Justiça, o de Finanças, o Thesouro, o Supremo Conselho Militar e a Junta Commercial, obtiveram mais bem entendida organisação e o effeito fez-se immediatamente sentir. A agricultura, por exemplo, fixou de maneira especial a attenção do governo.

(1) A tarifa das Alfandegas tem por base a preferencia concedida aos nacionaes sobre os estrangeiros que pagam vinte e quatro por cento, em lugar de dezeseis á quanto estão sugeitos os primeiros. O tratado commercial concluido em 1810 com a Inglaterra faz uma excepção em seu favor; e esta unica excepção é um obstaculo á prosperidade commercial do Brazil. A reciprocidade é concedida pelo mesmo tratado; mas ás interpretações abusivas dos inglezes, quando a reciprocidade é vantajosa aos portuguezes, tem suscitado entre os dous paizes contestações que ainda não terminaram.

O modo da concessão das terras passou a ser mais favoravel aos estrangeiros. Começou-se a abrir estradas, a crear-se novas plantações e novos povoados, quer no interior do paiz, quer á margem dos rios. O cultivo do cahamo foi animado na ilha de Santa Catharina e em S. Pedro do Rio Grande; o da pimenta, da cannella e do cravo da India na Bahia. Tres annos depois foi cultivado o chá no Rio de Janeiro por uma colonia de chins, que se mandou buscar expressamente para introduzir essa importante cultura. As tentativas foram bem succedidas, e promettem a naturalisação do precioso arbusto.

Começou-se a experimentar os inconvenientes da multiplicidade dos registros de que fallamos. Formam elles insuperavel obstaculo ás communicações internas; varios desses estabelecimentos foram supprimidos, á isso seguio-se a abertura de grandes estradas, como a de Goyaz ao Rio de Janeiro, e a navegação dos rios *Araguaia* e *Tocantins*, para facilitar o transporte dos productos de Goyaz ao Pará. Uma outra estrada parte tambem de Cuyabá, passa em Camapecan e penetra pelo rio *Tietê* até a capitania de S. Paulo. A communicação entre Minas Geraes e o Espirito Santo pelo *Rio Doce* começa a estabelecer-se; e para garantir a segurança dos viajantes, affastaram as tribús de Indios selvagens e ferozes que infestavam essa região. A communicação de Matto Grosso com o Pará, pelo rio *Madeira*, tem attrahido igualmente a attenção do governo, e esperam abril-a apezar das grandes cataractas que se oppõem a navegação.

Uma lei promulgada a 22 de Abril de 1809 é destinada a animar a industria agricola e manufactureira, combinando os reciprocos interesses do Brazil e de Portugal; concede isenção de todos os direitos as materias primas dos productos das fabricas. A invenção ou introducção de novas machinas e de uteis descobertas é protegida com patentes exclusivas. As unicas fabricas em administração são as fundições de canhões, as de armas brancas e de fusís, as manufacutas de salitre e de polvora.

A' circulação dos generos tornada mais livre no interior, imprimio-se mais rapido movimento aos capitaes pela creação de um banco no Rio de Janeiro e por uma caixa de desconto na Bahia cujo papel e as operações fundaram um credito publico. Existem tambem nessas cidades com-

panhias de seguros que offerecem ao commercio inapreciavel vantagem.

Uma academia real de guardas marinhas foi organisada no Rio de Janeiro pelo modelo da de Lisbôa e a lei de 4 de Dezembro de 1810 creou uma escola militar que está confiada a direcção do marechal de campo Stokler, sabio mathematico cujo merito é bastante conhecido na Europa. A medicina, a cirurgia, as bellas artes, as bellas lettras, têm tambem estabelecimentos publicos que lhes favorecem os progressos. O Lycêo de Artes foi dotado pelo commercio do Rio de Janeiro. Contam-se diversos francezes no numero de seus mais habeis professores.

Desgosta o pensar-se que este systema de melhoramentos, que honra o governo brazileiro, póde ser tolhido e mesmo destruido pela vontade arbitraria de um só homem. Se os bons reis fossem immortaes, a monarchia absoluta teria com certeza maior numero de partidarios; mas, como tantas vezes se tem visto, quando um soberano sem caracter ou entregue ás paixões sóbe ao throno, póde destruir n'um só dia o bem que para ser feito consumio longos annos e penosos trabalhos.

Esta consideração sómente basta para fazer comprehender a necessidade de collocar a lei acima de todas as vontades e de oppôr a acção do despotismo a barreira das instituições constitucionaes. Esta vantagem falta ao Brazil; os homens illustrados desse paiz percebem que é incerto o futuro delle e só esta ideia é sufficiente para perturbar-lhe o repouso. As communicações directas que elles mantêm com a Inglaterra e os Estados Unidos lhes fornecem incessantemente novas luzes. Aprendem, pela experiencia de seus alliados, que a liberdade fundada nas leis é a primeira condição da prosperidade e da grandeza dos povos.

Resta pois ao governo do Brazil, para completar os seus projectos de melhoramentos afim de prevenir abalos interiores e sentar sobre base solida a felicidade publica, preparar os brazileiros para os beneficios de uma sabia liberdade, subtrahir os direitos dos subditos aos caprichos do poder e firmar-se elle proprio sobre fudamentos constitucionaes. Os interesses dos povos são agora a regra de suas opiniões. E' preciso consultar uns para conhecer os outros e obedecer a irresistivel influencia da razão geral.

Resta-me fallar da viagem de Mr. Koster ao Brazil. O successo que nesse tempo obteve na Inglaterra me fez

desejar conhecel-a. A leitura desta obra confirmou a ideia favoravel que eu della havia antes concebido e projectei traduzil-a. Ahi se achará, ao menos se não estou muito prevenido em seu favor, os detalhes mais extensos e as noções as mais exactas que tenham sido publicadas sobre os uzos, costumes, agricultura e commercio dessa importante provincia conhecida pelo nome de *Pernambuco* ou *Fernambuco*. Preferi a primeira expressão por ser a verdadeira e porque começamos a perder o habito de desfigurar os nomes estrangeiros. Não me desagradaria de contribuir de minha parte, por pouco que fosse, para esse melhoramento.

Mr. Koster, nascido em Portugal, de pais inglezes, residio por muito tempo em Pernambuco; explorou mesmo dous engenhos assás consideraveis; esteve ao alcance, por sua posição, de ver bem e de recolher factos positivos e fazer observações exactas. Entra elle algumas vezes em certos detalhes, talvez um tanto minuciosos, que não julguei dever supprimir; porque no que diz respeito aos costumes, factos que parecem superfluos a alguns leitores a outros podem parecer necessarios e dar lugar a uteis approximações. Tratei de conservar na traducção a côr do original, tanto quanto não prejudicasse nem a clareza nem á correcção.

O autor empregou alguns termos portuguezes os quaes concluindo, creio dever explicar: A *arroba* de que tantas vezes se falla nesta obra é uma medida de pezo igual a quasi 15 kilog.; o *alqueire*, medida de capacidade equivalente ao nosso antigo *boisseau*. *Canada*, medida de dois *pintos*. *Engenho*, no sentido geral, *machina*, no sentido particular, fabrica de fazer assucar. *Campina* planicie descoberta, *sertam*, ou antes *sertão*, abreviatura de *desertão*, desertos, nome dado á parte interna do paiz que apenas possue mui pequena população. *Entrudo*, carnaval. *Alvará* palavra derivada do Arabe, *cartas patentes* ou *ordens regias*.

Importante aviso

Para entrar-se no porto, vindo do mar, é necessario ter em vista o forte do Picão e a fortaleza do Brum, ambos na mesma linha, até descobrir ao norte a ponta de Olinda. Governa-se então para esse lado a ficar defronte da Cruz do Patrão na linha visual com os coqueiros de Santo Amaro. Dirige-se depois para a Cruz do Patrão até descobrir a parte interna do recife ácima d'agua com o forte do Picão ao sul. Pode-se ancorar ahi ou seguir para o sul em direcção a enseada do Mosqueiro.

As pequenas embarcações que chegam do mar devem seguir aquella linha afim de alcançarem quasi um quarto de milha do forte do Picão, pôrem-se depois no mesmo ponto visual e seguir a direcção do recife ao norte, rodeal-o de perto na extremidade e passar-lhe rente da entrada na barra do Mosqueiro.



VIAGENS NO BRAZIL

CAPITULO I

PARTIDA DE LIVERPOOL. — CHEGADA À PERNAMBUCO.— CIDADE E PORTO DO RECIFE. — GOVERNADOR. — COMMERCIO.

Se a minha saúde imperiosamente não exigisse mudança de clima não teria eu talvez cedido tão depressa ao desejo que com frequencia experimentava de deixar a Inglaterra por algum tempo. Julgaram conveniente que eu partisse logo, e como os portos de Hespanha e Portugal, por effeito de circumstancias sobrevindas na situação politica destes dous paizes, estivessem fechados aos subditos de S. M. Britanica, a minha preferencia recahio no Brazil e os meus amigos approvaram-na. Escolhi Pernambuco, porque um antigo conhecido de minha familia estava prestes a embarcar para essa provincia e porque muitas pessoas me haviam fallado com vantagem de seus habitantes e do seu clima. Em 2 de Novembro de 1809, á bordo do navio *Lucy*, parti de Liverpool.

Depois de uma feliz travessia de trinta e cinco dias, sem que nos succedesse cousa alguma de particular fui, na manhã de 7 de Dezembro, agradavelmente despertado pela noticia de estarmos á vista de terra e que era provavel a nossa entrada no porto nesse mesmo dia.

Descobrimos logo dous navios que se dirigiam para nós á todo o panno; eram ambos mercantes inglezes, igualmente com destino a Pernambuco. Como nunca haviam entrado no porto e desejassem informações julgaram, pelo modo porque o nosso se approximava da costa, que o commandante devia conhecel-a, e com effeito, era esta a segunda viagem da *Lucy* á Pernambuco.

A costa é baixa e quem vem do mar só quando se acha a certa distancia póde apercebel-a. Entretanto, avisinhan-

do-nos, distinguimos um tanto ao norte a colina sobre que assenta a cidade de Olinda e á algumas leguas ao sul o cabo de Santo Agostinho: em seguida avistamos quasi em nossa frente a cidade de Santo Antonio e os navíos fundeados sob suas muralhas, os terrenos estereis e desertos que a separam de Olinda, que lhe fica á uma legua e coqueiraes ao longe, tanto quanto a vista alcança. Ao sul da cidade avista-se tambem grende numero de coqueiros, bosques e cabanas esparsas. Olinda está edificada sobre um monte, sua situação, observada da banda do mar, é do mais aprazivel effeito; nos cumes e flancos do monte erguem-se igrejas e conventos; seus jardins e arvoredos semeados aqui e alli por entre casas, dão a mais alta ideia de sua vastidão e belleza. O monotono aspecto dos areaes que se alongam a uma legua para o sul é interrompido por duas fortalezas que alhi existem e pelos navios fundeados no porto inferior. Depois a cidade do Recife que, levantando-se n'um banco de areia por extremo baixo, parece surgir das aguas. As embarcações que se lhe põem na frente a occultam em parte e a poderosa cadeia de rochedos que as separa do oceano e contra as quaes impetuosas se quebram as vagas, fal-as-hia suppôr encalhadas, sobretudo por não se descobrir sahida, parecendo cercadas por todas as partes. Entretanto, a pequena torre ou forte, construido na ponta norte do recife attrae desde logo a attenção e mostra a entrada. Approximamo-nos da terra um pouco ao sul da cidade e costeamos á meio panno em pequena distancia do recife esperando o pratico. Ainda não era meio dia; o mar estava calmo, o sol brilhava em todo o seu esplendor e tudo em torno de nós tinha risonho aspecto. As casas são caiadas e o sol dardejando-lhes os seus raios imprimia-lhes offuscante brilho.

Nada do que vimos nesse dia excitou-nos tanto a admiração como as *jangadas* vogando em todos os sentidos. São ellas da maior simplicidade e formadas de seis páus de uma especie particular de madeira mui leve, atados ou cavilhados juntos; grande vela latina, um pagaio que serve de leme, uma quilha passada entre os dous páus do centro· um assento para o timoneiro, um comprido páu fendido e á elle suspensos um vaso com agua e as provisões. O effeito que produzem essas grosseiras jangadas é tanto mais singular por que não se distingue, mesmo á pouca distancia, mais do que a vela e os dous individuos que as dirigem.

Navegam mais proximo ao vento do que outra qualquer embarcação.

Por fim apercebemos uma grande chalupa que dobrava a extremidade do recife, perto do fortesinho; disseram-nos ser a que trasia o pratico. O Patrão-mór capitão do porto com uniforme de marinha veio á nosso bordo.

Uma grande lancha seguia o pratico, remada só por negros quasi nús; a côr desses homens, o estado em que se achavam, seus estridentes alaridos, sua agitação, que nada visava e a sua inepcia, eram para mim outras tantas novidades.

Esta primeira communicação com a terra fez-me pensar na occasião que as maneiras da população que eu hia visitar eram ainda mais estranhas do que depois verifiquei.

O pratico tomou posição na prôa do navio ao pé de cabrestante e mandou um marinheiro portuguez dirigir o leme, mas não deixou de proseguir nas suas vociferações. Dir-se-hia ouvindo-o, que estava convencido de que gritando bem alto se fazia entender pelos marinheiros inglezes. A algazarra que causava fallando-lhes e á sua gente, a que esta produzia por sua vez, augmentava singularmente a confusão. Entretanto dobrando o recife sem accidente, fundeamos no porto superior.

O recife é a pique junto da barra, e, á quem não conhece a entrada, parece que o navio vai perder-se nella. Seguindo depois o passageiro, meu companheiro, deixamos o navio e fômos para terra. Lá houve nova scena. Tinhamos levado comnosco o sacco que continha cartas e isto foi observado por numerosas pessôas decentes que enchiam o cáes na occasião em que desembarcamos, as quaes desejando vivamente obter noticias dos amigos da Europa, vieram sem ceremonia pedir-nos suas cartas. Decidimo-nos por fim á entregar-lhes o sacco á que atiraram-se todos ao mesmo tempo com a mais ávida curiosidade. Haviamos desembarcado no cáes da Alfandega n'um dia de grande occupacão, e ahi faziam-se tambem notar o alarido e agitação dos negros. A algazarra que fazem cantando á plenos pulmões quando conduzem algum fardo; as numerosas perguntas que nos dirigia a maior parte dos que nos encontravam; a vista de uma população que consiste principalmente em pardos juntos ao som de uma linguagem nova (porquanto, si bem que eu soubesse o portuguez, não fôra, havia muitos annos, a paiz onde só se fallasse esta lingua)

tudo isso parecia, unir-se para embaraçar-me e perturbar. Fui arrastado pelos que estavam habituados a scenas deste genero e dirigimo-nos á casa de um dos principaes negociantes da cidade. Fizeram-nos subir ao 1° andar e introduziram-nos em um gabinete onde se viam pilhas de mercadorias, uma mesa coberta de papeis e varias cadeiras. Estavam ahi quatro ou cinco pessôas além do dono da casa. Entreguei a este uma carta de recommendação e fui recebido com a maior polidez. Visitamos depois um coronel, tambem negociante, que me acolheu do mesmo modo.

Como nem no Recife nem em Olinda existisse estalagens ou hoteis mobilhados (1), um conhecido do meu companheiro de viagem nos proporcionou provisoriamente alguns quartos e forneceu-nos aquillo de que careciamos. Eis-nos afinal tranquillos e estabelecidos em nossa nova residencia, isto é, tão tranquillos quanto se póde estar quando se tem debaixo das janellas uma vintena de negras que, em todos os tons que póde tomar a voz humana, gritam sem cessar: *Laranjas, bananas, dôces e outras mercadorias vendaveis!*

A cidade de Santo Antonio do Recife, communmmente chamada Pernambuco, ainda que, propriamente fallando, este nome seja o da capitania, consiste em tres bairros principaes ligados por duas pontes; um banco de areia comprido e estreito estende-se a começar do pé do monte sobre o qual está Olinda. A extremidade meridional desse banco de areia alarga-se e constitue a situação da parte da cidade particularmente denominada — *Recife* por estar mui proxima do recife. Ha outro banco de areia tambem de consideravel extensão onde se acha construida a segunda parte conhecida por *Santo Antonio*, que communica por meio de uma ponte com a que acabo de mencionar. Resta ainda a terceira parte chamada — *Bôa Vista*, que está situada no continente ao sul das outras duas e tambem communica com ellas por uma ponte. O *recife* ou cadeia de pedras de que já tenho fallado, propaga-se mais além desses bancos de areia e recebe os primeiros embates do mar, que em maré cheia rolla por cima fazendo com que vá bater no cáes e nos edificios já com as forças quebradas. A maior exten-

(1) Um Irlandez montou ultimamente um estabelecimento que é ao mesmo tempo estalagem e hotel mobilhado.

são do banco que se alonga entre Olinda e o Recife, fica á descoberto e o mar ahi se despedaça com furor. Só edificaram casas nos locaes protegidos pelo recife. A maré na enchente, subindo por entre as pontes, cerca o bairro do centro. Do lado da terra existe notavel extensão d'agua muito semelhante a um lago, que se vai estreitando para a banda de Olinda e alcança até as ruas facilitando assim a communicação entre as duas cidades. A vista das casas que dão para essas aguas, é immensa e bellissima ; as margens oppostas são cobertas de arvoredos, de alvas cabanas entremeiadas de clareiras e de pequenos coqueiraes.

O primitivo bairro da cidade é composto de casas de pedra e cal de tres, quatro e mesmo de cinco andares ; a maioria das ruas são estreitas, algumas casas mais antigas das ruas pequenas, tem apenas um andar, outras o andar terreo unicamente. Todas as ruas desse bairro são calçadas, com excepção de uma. Na praça acham-se a Alfandega, edificio baixo, longo e mesquinho ; n'um dos angulos o edificio da inspecção do assucar, que nada possue de notavel ; uma grade igreja não acabada, um café onde se reunem os commerciantes para tratarem de seus negocios e casas particulares. Ha duas igrejas, uma no caminho abobadado de pedras que conduz á Olinda, outra pertencente aos *Padres da Congregação da Madre de Deus*. Perto da entrada do caminho ácima indicado existe um fortesinho á beira-mar que defende a entrada. Ao norte fica a residencia do almirante commandante do porto com os estaleiros do governo que delle dependem. Estes não são consideraveis e nelles pouco se trabalha. O mercado do algodão, os armazens e as prensas são tambem nessa parte da cidade. (1)

A ponte por onde se passa para Santo Antonio tem um caminho abobadado em cada uma das extremidades e em cada uma ha uma capella, sendo que na do norte se conserva um piquete de seis a oito praçaças commandadas por um sargento. A ponte é feita de arcos de pedra e de

(1) Talvez que geralmente se ignore que, para diminuir o volume dos fardos de algodão afim de poderem os navios carregar maior quantidade, os comprimem e amarram por meio de machinas estabelecidas para esse fim.

madeira ; é toda plana e de cada lado estão enfileiradas pequenas lojas que a tornam tão estreita que dous carros não passam frente a frente.

Santo Antonio ou o bairro do centro é composto totalmente de casas altas e de ruas largas, e, se esses edificios fossem bellos haveria ahi um certo gráu de grandeza. São porém, mui elevados para a largura que têm e os pavimentos terreos são occupados por lojas, armazens, cocheiras ou officinas. Nas lojas não ha caxilhos e só da porta recebem claridade. Quasi que ainda não existe distincção de commercio. Assim é que todas as sortes de mercadorias são vendidas pela mesma pessôa. Algumas das ruas pequenas são formadas de casas baixas e mesquinhas. Aqui vê-se o palacio do governo que fôra outr'ora convento dos Jesuitas, a Thezouraria, a Casa da Camara, a Cadeia, os Quarteis, que são pessimos, os conventos de S. Francisco, do Carmo e da Penha, varias igrejas, interiormente bem adornadas, mas em cuja architectura nota-se pouca arte e pouco gosto.

Contem diversas praças e, até certo ponto, offerece uma apparencia de vida e alegria. E' este o bairro principal da cidade.

A ponte que liga Santo Antonio á Bôa Vista é toda de madeira, nella não ha lojas, mas é tambem estreita. A rua mais importante da Bôa Vista, edificada em sólo outr'ora innundado por pleno mar, é espaçosa e bonita. O resto da terceira divisão só consiste em casinhas ; e como ha bastante terreno e as casas não são bem unidas, estende-se mui longe. Nem as ruas desta parte da cidade nem as de Santo Antonio são calçadas. Construiram mais um extenso calçamento que prende o banco de areia e o bairro de Santo Antonio ao continente em Afogados (1) ao sudoéste da Bôa Vista.

O rio *Capibaribe*, tão famoso na historia de Pernambuco, lança-se no canal que ha entre Santo Antonio e Bôa Vista, depois de percorrer durante certa distancia quasi léste e oéste.

Algumas janellas tem varandas de ferro e vidraças a mór parte porém, não, e as varandas são rodeadas de gé-

(1) Não descobri o menor vestigio do forte que ahi havia na epoca da guerra hollandeza.

losias. Além das pretas escravas não se vêm outras mulheres, o que dá ás ruas um certo ar de tristeza. As senhoras portuguezas (1), as brazileiras e mesmo as mulatas das classes medias, conservam-se em casa durante o dia; ouvem missa nas igrejas pela madrugada e não sáem mais senão em palanquins, ou á tarde a pé quando acontece a qualquer familia dar um passeio.

O porto superior do Recife, chamado Mosqueiro, é formado pela cadeia de recifes que corre parallelamente com a cidade em pequena distancia. O porto inferior das embarcações de quatrocentas tonelladas e mais, denominado --*Poço* é perigosissimo por estar aberto ao mar e por ser a bahia opposta muito escarpada. Os grandes navios do Brazil de propriedade dos commerciantes da cidade, ficam durante mezes consecutivos atravessados sobre quatro ancoras, duas na frente e duas atráz. Se de prompto não tomarem precauções o porto do Mosqueiro acabará por ficar entulhado em consequencia de uma brecha existente na parte interna do recife junto ao fortesinho que chamam *Picão*.

O porto tem duas entradas, uma das quaes mais funda do que a outra; a maré não levanta as aguas a mais de cinco pés e meio. A principal defeza da cidade está nas fortalezas do *Buraco* e do *Brum*. São ambas de pedras e se acham situadas nas areias defronte das duas entradas. Existe ainda o fortesinho do *Bom Jesus*, proximo da caminho abobadado e da igreja do mesmo nome, e na ponta sudéste do banco de areia de Santo Antonio, construida de pedras, está a fortaleza de *Cinco Pontas*, assim chamada por ser em forma de péntagno. Diz-se que são todas chanfradas. Depois do que acabo de relatar, vê-se que o terreno sobre o qual foi edificada a cidade, acha-se situado e dividido de modo todo particular e que é igualmente curiosa a maneira porque é o porto formado. A cidade tira quasi toda a sua agua de Olinda ou do rio *Capibaribe*. Transportam-na em canôas feitas de proposito para esse mistér, e em geral não deixa de ser suja, porque não ha cuidado na limpeza das canôas. Os poços que se tem aberto na areia em que assenta a cidade, só dão agua salôbra.

(1) Empregarei exclusivamente esta palavra fallando dos Europeus desta nação, e a palavra —Brazileiro, quando fallar dos brancos nascidos no Brazil.

Os tres bairros contam pelo menos vinte e cinco mil habitantes e este numero cresce com rapidez. Edificam novas casas por toda parte onde acham lugar. A população consiste em brancos, pardos, negros libertos e escravos de diversas côres.

A linha de rochedos de que tenho fallado, estende-se ao comprido de toda a costa entre Pernambuco e Maranhão. Em algumas paragens approxima-se muito da praia e ahi as rochas são tão escarpadas como na cidade do Recife á descoberto na maré vasante; em outros lugares porém affasta-se da terra e então de ordinario permanece coberta. Ha numerosas brechas que abrem communicação com a terra.

O Recife está n'um estado bastante prospero e dia a dia, augmenta em riqueza e importancia.

A prosperidade que desfructa esta cidade póde ser, em grande parte, attribuida ao caracter do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que ha dez annos governa a Provincia com firmeza systematica e uniforme prudencia. Não tem feito arriscadas innovações, mas permittio a introducção de uteis melhoramentos. Não protege com zelo solicito e enthusiasta, que muitas vezes não attinge o fim, as novidades que lhe são apresentadas, mas consente e favorece todas as proposições apresentadas por pessôas respeitaveis. Não se envolve nos interesses em que os governos nada tem que ver, protege-os porém, quando uma vez estabelecidos. Fallo aqui dos regulamentos do commercio e dos poucos melhoramentos operados na cidade principal e nos pequenos estabelecimentos da Provincia. E' affavel; ouve com a mesma attenção as queixas do pobre camponez e do rico proprietario; é justo e raras vezes exerce o poder, que lhe está conferido de punir sem appellação. E' preciso que o crime esteja bem provado, para que elle se decida a uzar de sua autoridade; obra de harmonia com um systema amadurecido pela experiencia. Supponho que a sorte do Brrzil seja a de permanecer submettido ao poder despotico, a sua situação seria geralmente venturosa se se parecesse com a de Pernambuco. Amo o lugar onde por tanto tempo residi; espero que não seja mudado o seu governador e que este possa continuar a derramar nessa vasta região os beneficios de uma administração instruida e moderada.

Pernambuco com relação a importancia politica, occupa

o terceiro lugar entre as Provincias do Brazil, mas sob o ponto de vista commercial relativamente á Inglaterra, tenho razões para crer que se póde dizer a primeira. (1) Suas principaes exportações consistem em algodão e assucar; o primeiro vem quasi todo para a Inglaterra e póde ser calculado de oitenta a noventa mil saccos annuaes, pesando, termo medio, cento e sessenta libras cada sacco; o assucar é quasi todo destinado a Lisbôa. Expedem tambem desse paiz, pelles, côcos, ipecacuanha e algumas outras drogas: em troca recebe-se mercadorias manufacturadas, louças e outros objectos de necessidade entre povos civilisados, e tambem de luxo, mas em pequena quantidade. Dous ou tres navios navegam todos os annos para Gôa na India e o commercio de escravos com a costa d'Africa é consideravel. Todos os annos chegam ao Recife varios navios vindos dos Estados Unidos, carregados de farinha que é agora grande objecto de consumo, moveis e outros artigos da mesma especie. Em retribuição levam assucar, melaço, e aguardente. Emquanto durou a guerra entre a Inglaterra e os Estados Unidos, que interrompeu o commercio, a falta de farinha se fez sentir no Recife, porém chegou logo do Rio Grande do Sul, a provincia mais meridional do reino do Brazil (2), farinha de bôa qualidade (3) e, segundo parece, os navios costeiros continuaram a abastecer o mercado desse genero apezar do restabelecimento das communicações com a America.

(1) Sahi de Pernambuco no ultimo comboio de 1815, antes da paz com os Estados Unidos. Constava de 28 navios a saber: dous de guerra com suas duas prezas e 24 mercantes, dos quaes 14 de Pernambuco e os outros 10 do Rio de Janeiro e Bahia.

(2) Foi ultimamente publicado no Rio de Janeiro um edito do regente, em que se declara Principe regente dos reinos unidos de Portugal, do Brazil e dos dous Algarves.

(3) Vi em 1814 um lindissimo pé de trigo mandado de Campina Grande da Provincia da Parahyba, quasi 30 leguas ao narte do Recife.

CAPITULO II

Visita ao governador. — Clima. — Primeiro passeio á cavallo no campo. Residencia n'um arrabalde do Recife. — Olinda. — Quinta-feira santa. — Sexta-feira da Paixão. — Domingo de Paschoa. — Tomada de habito de um frade. S. Pedro. — Visita a uma familia brazileira. — Baile. — Outra visita á Olinda.

Os pequenos arranjos de que careciamos á nossa chegada, impediram-nos de visitar immediatamente o governador, conforme o uso; no dia seguinte dirigimo-nos ao palacio, situado n'uma pracinha com um corpo de guarda ao lado, onde se acha um piquete commandado por um capitão. Fizeram-nos subir, e n'uma ante-camara, com alguns cadetes, esperamos um pouco; afinal receberam-nos. Passamos pelo gabinete do secretario e introduziram-nos n'um espaçoso aposento onde o governador esperava-nos. E' homem de bôa apparencia e de maneiras distinctas. Sentamo-nos e elle fez-nos varias perguntas ácerca dos negocios da Europa; eu levára jornaes inglezes, que lhe dei e meia hora mais tarde sahimos.

Nos primeiros dias de minha chegada occupei-me na entrega de cartas de recommendações que levava. Fiz logo conhecimento com todos os negociantes inglezes. Elles desfructam lugar distincto na cidade, que beneficiam estabelecendo costumes que os portuguezes sensatamente hão adoptado, sem todavia renunciar os usos proprios do paiz e do clima.

Chegando no correr do verão achei grande numero de moradores fóra da cidade. Vão provisoriamente habitar em Olinda e nas margens dos rios para gozar de um ar mais ameno e das vantagens dos banhos no tempo quente. Todavia o calor é raras vezes insuportavel.

Em todo o anno a brisa do mar levantando-se por volta das nove horas da manhã sopra até meia noite. Quem se expõe a ella, mesmo no sol, sente o calor tão pouco que lhe passa desapercebido que na sombra estaria mais á fresco. Quando esse vento cessa principia a brisa da terra, que dura até o amanhecer; a meia hora da manhã que de-

corre entre essas duas brisas, é o peior espaço do dia. Na estação pluviosa, um pouco antes de cahir forte aguaceiro, as nuvens são escuras, densissimas e mui baixas e a viração, por algum tempo, ordinariamente suspende-se reinando então uma especie de calmaria o que é signal evidente de trovoada, tornando-se o tempo bastante quente.

Uma manhã montei a cavallo e fui com diversos rapazes a um povoado dos arrabaldes na intenção de entregar uma carta a um rico negociante. Passamos pela Bôa Vista e seguimos um extenso caminho arenoso; de ambos os lados ha innumeras casas de verão de ricos habitantes da cidade. São pequenas cabanas mui aceiadas constando apenas do pavimento terreo e de pomares de larangeiras, limoeiros, romeiras e varias outras arvores fructiferas na frente e nos oitões; umas, em pequeno numero, cercadas de altos muros, a mór parte, porém, protegida por palissadas.

Quasi á meio caminho chegamos as margens do *Capibaribe*, cujo aspecto é agradabilissimo; veem-se ahi casas, arvoredos e jardins dos lados; um pouco mais acima forma o rio um cotovelo e parece perder-se por entre as arvores; as canôas que de vagar descem com a maré ou que com esforço sóbem contra a corrente, tudo isso forma deliciosa perspectiva.

Aqui o rio é mais estreito do que o *Tamisa* em Richmond. De cada lado da estrada, nesse lugar avistam-se pretas, que vendem laranjas e outras especies de fructas e bollos; os canoeiros, encostados ás longas varas, compram e vendem as suas mercadorias. Eu ainda não sahira da cidade e este primeiro aspecto do paiz, que viera habitar, muito me agradou. De novo nos affastamos do rio e continuando o caminho sempre adornado de cabanas, apparentemente mais ou menos bonitas, chegamos á uma povoaçãosinha que atravessamos e logo depois ao ponto terminal do nosso passeio. A situação do povoado, do lado norte do *Capibaribe*, na aba de uma colina ingreme, coberta de arvoredos é bem pittoresca.

Ao chegarmos á casa do negociante, entramos n'uma sala ladrilhada cujas portas e janellas eram tão largas que deixavam quasi toda a frente aberta. Recebeu-nos a dona da casa, mas o marido appareceu logo. Trataram-nos com maxima polidez e mandaram-nos servir doces.

Os nossos sellins inglezes sorprehenderam tanto aos

moradores de Pernambuco quanto os portuguezes nos pareceram estranhos. Estes adiante e atraz são altos, o que força o cavalleiro a uma posição encommoda; ali é moda estar a cavallo tão estirado quanto possivel e conservar perpendicularmente um chicote de enorme comprimento. Ensinam os cavallos a esquipar, que é uma deliciosa andadura e nesse passo muitos andam com velocidade.

Em todo o anno o rio *Capibaribe* é navegavel até Apipucos, meia legua além do Monteiro, povoação onde então morava o meu novo hospedeiro. Enche na estação invernosa e algumas vezes com bastante impetuosidade. Como as terras através das quaes passa nesses lugares são por extremo baixas, receiam os moradores as innundações por se estenderem muitas vezes á grandes distancias. As cabanas de colmo edificadas á beira do rio são nes-as occasiões arrebatadas e as proximidades alagadas; tem-se visto canôas irem desta povoação até as do Poço da Panella e Casa Forte.

Um portuguez, meu amigo, com quem me ligára na Inglaterra, alugando uma casa na primeira destas povoações, combinou comigo morarmos juntos pagando eu metade do aluguel e fomos logo para ella afim de passarmos o verão. A povoação estava cheia e não havia mais uma só cabana desoccupada: e, do mesmo modo que na Inglaterra, em lugares de banhos, as familias que na cidade habitam bonitas e espaçosas casas, sem attenção aos encommodos, vinham passar aqui a estação calmosa em mesquinhas choupanas.

O Poço da Panella possue uma capella edificada por subscripções, uma rua de casas parallelas ao rio com varias cabanas de lavadeiras defronte e outras habitações espalhadas aqui e além em todos os sentidos. As cerimoniosas maneiras da cidade são postas de parte e substituidas pelo mesmo grão de liberdade. As nossas manhãs decorriam em passeios a cavallo ora ao Recife, ora a outros lugares do campo, ou então em palestras nas casas das familias conhecidas. As tardes e noites empregavamos na musica, na dansa e em jogos de sociedades ou em tomar chá com alguns negociantes inglezes dos quaes, um certo numero, deixara igualmente a cidade por aquelle lugar que não lhe fica longe. Em diversas casas portuguezas ha mesas de jogo, que começam desde as nove horas da manhã; quando se desoccupa um assento, o primeiro que chega prehenche-o e

assim acham-se todos constantemente occupados, excepto nas horas de calor em que cada qual volta á casa para jantar ou vai fazel-o á de outro, quando é convidado, o que raras vezes succede.

No ultimo dia do anno resolvi visitar Olinda e assistir a festa de N. S. do Monte. A cidade, como já disse, é situada n'uma colina escarpadissima do lado do mar com ligeira inclinação para o lado da terra. A sua perspectiva é tão linda vista da costa, quanto *desaponta* quando se entra nella. Todavia Olinda possue grandes bellezas e vendo-se desse ponto é soberba; as ruas são calçadas, porém mal conservadas; as casas em grande parte, pequeninas, baixas e sem aceio, os jardins sem cultivo. Deixam esta pela cidade do Recife. Entretanto ahi se acha estacionado um regimento de linha, é residencia do Bispo e séde do governo ecclesiastico. Lá existem tambem o seminario, que é collegio publico, alguns conventos e bonitas igrejas, e eis porque ella não tem ar solitario, ainda que em geral o seu aspecto annuncie quietação, regularidade e um certo gráo de abandono. Ao sul estende-se a vista por um lago de quasi tres milhas de comprimento cuja superficie é coberta de hervas e as margens oppostas de espessas mattas e de varios casebres. Dahi descobre-se o Recife e a bahia que fica por detraz e que se alonga até Olinda.

Esta ultima cidade cobre vasto terreno, mas só contem pouco menos de quatro mil habitantes. Nessa occasião notava-se em Olinda uma scena de distracções e tumulto. A igreja, ornada de modo particular, é na parte mais alta da cidade. Havia nella grande affluencia de fieis, dentre os quaes alguns de ambos os sexos promiscuamente ajoelhados na nave. A illuminação era brilhante, o officio divino porém já tinha terminado.

E' uma epoca de movimento e de prazeres e nós tambem tivemos a nossa festa no Poço da Panella. Estas festas são sempre precedidas de novenas. Durante nove noites cantam-se hymnos, com acompanhamento de musica, em honra da Virgem ou do santo cuja solemnidade vai ser celebrada. Naquelle tempo a musica da novena constava de um piano tocado pela senhora de um negociante, uma guitarra e outros instrumentos de sôpro, que rapazes de bôas familias tocavam. A musica vocal era igualmente executada pelos mesmos individuos auxiliados por mulatas escravas daquella senhora; não deixou de admirar-me um pouco ouvir

de vez em quando musica de marchas e contradansas. Entretanto, no dia da festa, vieram musicos profissionaes, e á noite houve fogo artificial. As casas da povoação, sem excepção, encheram-se de gente vinda de todas as partes. O meu amigo e eu tivemos diversas pessoas para jantar, e estavamos apenas no meio quando appareceram outros amigos, que sem ceremonia puzeram-se á mesa e bem depressa toda a ideia de regularidade desvaneceu-se disputando-se até os bocados. Pouco depois sahimos ambos de casa em procura de outras onde entrar; estava tudo na mesma confusão.

A' noite fômos convidados para um baile no qual estava o governador; mas, ainda que este manifestasse desejo de que todos estivessem á vontade, tal é aqui o *terror*, porque não sei que outro nome dê, que inspira a ideia da preeminencia da gerarchia, que todos estavam constrangidos e só se fallava em vóz baixa.

Eu não desprezava uma só festa e entre outras fui á de um santo, chamado Amaro, que cura feridas. Na sua capella vendem pedacinhos de fitas á modo de *amuletos*, que a gente do povo ata ao pescoço ou ao pulso e conserva-os até que se estragam e cáem.

No principio da quaresma os brancos despovôam os arrabaldes e voltam á cidade afim de assistirem ás procissões que, conforme o costume, nos paizes catholicos, fazem nessa epoca. As chuvas começam, quasi sempre, nos fins de Março. Só deixei o Poço da Panella na ultima extremidade; mas por fim achei o lugar triste e segui os outros.

Na quinta-feira santa sahi as tres horas com dous dos meus compatriotas a visitar as igrejas, que então estavam illuminadas com profusão e mui bem armadas. Toda a cidade achava-se em movimento; as mulheres das altas e baixas classes não mostravam o minimo escrupulo em percorrer as ruas a pé, o que está em desaccôrdo com a seu habitual costume.

Muitas dentre ellas trajando sedas de differentes côres, estavam cobertas de cadeias de ouro e outros adornos ostentando assim o que de mais lindo possuiam.

A' vista da immensidade de brandões accesos, que em algumas igrejas era prodigiosa, não ha duvida de que o effeito que tinham em vista produzir era a abundancia de luz, porquanto em certos lugares haviam posto espelhos

por detraz das vélas. O corpo da igreja é completamente vasio, não tem assentos nem distincção de lugares. A capella-mór é, sem variar, no extremo opposto á entrada; sáe do corpo da igreja e é mais estreita. Esta parte, destinada aos padres que officiam, é protegida por uma grade. As mulheres, brancas ou de côr, collocam-se tão perto da grade quanto podem e sentam-se no chão, no grande espaço aberto no centro; os homens ficam de pé aos lados da nave, ou antes junto a entrada atraz das mulheres, que devem ser as primeiras, seja qual fôr a sua posição.

No dia seguinte, sexta-feira da Paixão, os ornatos das igrejas, o trajar das senhoras e mesmo as maneiras dos dous sexos, haviam mudado; estava tudo tris*te*. Pela manhã dirigi-me com as mesmas pessoas á igreja do SS. Sacramento afim de assistirmos o descedimento da cruz do Salvador. Uma enorme cortina, suspensa do fôrro encobria toda a capella-mór e um frade italiano, missionario do convento da Penha, de longa barba e vestindo habito de grosso panno escuro subira ao pulpito e preparava-se para começar o sermão.

Depois do exhordio bantante extenso e cujo assumpto era relativo á solemnidade do dia, exclamou: « Eil-o ali! » Cahio a cortina e deixou ver uma grande cruz com uma imagem de madeira de tamanho natural, mui bem esculpida e perfeitamente incarnada, representando Nosso Senhor. Em redor da cruz viam-se anjos figurados por creanças, todas bem vestidas e com um par de grandes azas de gaze. Um homem de cabeça coberta por immensa cabelleira e com um vestuario verde escuro, representava S. João e uma mulher ajoelhada aos pés da cruz a Magdalena. Ouvi dizer que a conducta dessa mulher não primava pela pureza e fôra escolhida assim para melhor completar a illusão. O padre proseguio com a maior vehemencia e originalidade a narração da Paixão e alguns instantes depois bradou: « Vêde, lá o vão descer! »

Então quatro homens vestidos de soldados romanos, adiantaram-se; tendo as physionomias meio occultas por crepes pretos; dous delles subiram as escadas postas aos lados da cruz e um arrancou a placa sobre que estavam escriptas as lettras J. N. R. J. Tiraram depois a corôa de espinhos pondo na cabeça do Christo um véo branco e calcando nelle com força o retiraram em seguida mostrando-o ao povo tinto de sangue e com a corôa impressa. Feito

isso arrancaram com tenazes os pregos que prendiam as mãos; nesse momento batiam as mulheres nos peitos a golpes redobrados. Uma comprida toalha de linho branco foi passada por baixo dos braços da imagem; arrancaram os pregos que sustinham os pés; o corpo deslisou ao longo da cruz sendo afinal envolto n'um panno branco e tudo era executado ao mando do pregador. Acabado o sermão sahimos da igreja. A minha surpreza é indiscriptivel; eu ouvira dizer que se faria alguma cousa de semelhante, mas nunca imaginara que a representação fosse tão longe.

Pela manhã do sabbado fomos despertados pelo rumor de bois, porcos e por gritos de pretos escravos carregados de cestos com aves, que vendiam. Tudo isso devia ser devorado depois da meia noite, numerosas familias fatigadas da longa abstinencia, esperavam com impaciencia a hora de satisfazer o appetite.

No domingo de Paschoa fui convidado por um medico para jantar e assistir ao baptisado de um seu filhinho. A' mesa constava a sociedade de poucas pessôas; as cobertas em numero de dez ou doze, eram servidas de duas em duas; fui obrigado a provar de todas; ao levantarmo-nos, por volta das quatro horas, dirigimo-nos á igreja onde nos aguardavam outros convidados.

A ceremonia foi celebrada por um frade; os circumstantes formaram um semi-circulo deante do altar tendo cada um um brandão na mão. Dahi voltamos a ceiar em casa do Doutor, e lá encontrei, entre outros frades do mesmo convento, o que pregara na Paixão. Os padres desse convento são todos italianos e missionarios, e como ha muito tempo não lhes vem reforço de Roma estão bem reduzidos. Pozeram toalha n'uma grande mesa, que se cobrio de iguarias. Achavam-se presentes differentes senhoras e os convivas entraram em copiosas libações; começara mesmo a confusão e as senhoras não se mechiam; por fim já não havia ordem, as garrafas e copos foram derrotados e despedaçados nos desvelados brindes que a companhia fazia á prosperidade dos membros da familia do nosso hospedeiro, moços e velhos. No meio de todo esse tumulto, escapoli-me as nove horas em companhia de um frade franciscano. Haviamos projectado uma viagem para o dia seguinte e julguei ser tempo de retirar-me. As partidas desta especie não são frequentes; e, em geral, vive-se ali de maneira mui socegada.

O velho Doutor é natural de Lisbôa e amigo dos inglezes. Estava nessa cidade na epoca do grande terremoto e diz que nunca esquecera que em parte vestira-se com as fazendas remettidas pelo governo britanico aos portuguezes após aquella terrivel catastrophe.

Na tarde do dia seguinte puzemo-nos a caminho, eu e o padre, acompanhados de um criado para Iguarassú, pequena villa a sete leguas do Recife; deviamos assistir á recepção de um noviço na ordem Franciscana. Ás nove da noite chegamos ás portas do convento; o frade tocou tres vezes a campanhia, signal de chegada de um padre da ordem; veio um irmão perguntar quem era e teve em resposta ser o padre José do Recife e um seu amigo. O porteiro fechou a porta, mas voltou logo a dizer que o guardião, (é o nome que se dá ao principal de um convento de S. Francisco), ordenara que nos fizessem subir ao primeiro andar. Fomos e no fim de um comprido corredor o achamos sentado.

Este homem, depois de lhe sermos apresentados, poz-nos sob a protecção especial de Frei Luiz que conduzie-nos a sua cella. Serviram-nos a ceia e o guardião chegou; deu-nos de beber a fartar, desculpando-se elle da inepcia do seu cosinheiro e da falta de provisões. Todos os conventos franciscanos, são construidos exactamente pelo mesmo modelo, em fórma de quadrangulo; a igreja é n'um dos lados e os outros tres formam os alojamentos, sendo as celas dispostas no primeiro; entra-se no convento por uma galeria que faz a volta do edificio. As camas que os frades nos deram, eram durissimas, os enfados da viagem, porém, nos fizeram achal-as bôas.

A ceremonia do dia seguinte havia attrahido grande multidão das circumvisinhanças por ser uma das que actualmente bem poucas vezes se veem; outr'ora havia pelo menos um frade por cada familia, agora já não se uza mais isso; os rapazes são educados para o commercio, para o exercito ou para outra profissão qualquer, de preferencia a vida monastica, que perde rapidamente a importancia. Não ha convento cheio e alguns se acham mesmo abandonados.

No dia seguinte, pela manhã cedo já a igreja estava illuminada; e, quasi as dez horas chegou a familia da pessôa que hia fazer votos; occupou os lugares que lhe haviam destinado e entrou a missa e após o sermão. As onze

horas o noviço, moço de dezeseis annos, penetrou na capella-mór por uma porta lateral, entre dous frades, trajando comprido habito azul escuro e tendo na mão uma grande cruz; seguiram-se varios canticos, depois do que ajoelhou-se o neophito na presença do guardião e recebeu as habituaes admoestações; foi interrogado acerca das suas crenças nas doutrinas da Igreja e fez separadamente votos de obediencia passiva, de celibato e outros de menor importancia. O guardião vestio-lhe então o habito da ordem feito de grossa fazenda parda, que estivera estendido no ladrilho, deante do altar e coberto de flôres. Concluida a *toilette* o joven abraçou os frades presentes, despedio-se dos parentes e sahio da igreja. Diversos frades divirtiram-se durante a cerimonia e riram-se bastante, sobretudo de uma expressão do guardião ao rapaz, que parecia intimidado: « Meu irmão, não tenhaes vergonha. »

Um dos assistentes, que estava a meu lado, na galeria onde ha janellas que deitam para a igreja disse baixinho, de modo a só ser ouvido pelos que lhe ficavam proximos: « Ahi está, é o vosso proprio chefe que aconselha a não ter vergonha e por desgraça todos vós aceitaes o conselho. » A' estas palavras os frades que o ouviram entraram a rir-se. Grande parte da communidade e muitas outras pessôas jantaram com o pai do noviço; eu tambem lá estive; comeu-se e bebeu-se em abundancia havendo enorme confusão. A' noite soltou-se fogo de vista, que findou por um painel representando um noviço recebendo a benção do guardião.

Ficou assentado que voltariamos ao Recife nessa mesma noite e que nos poriamos a caminho ao sahir da lua. A comitiva constava de cinco frades e de varios leigos á cavallos entre os quaes eu, algumas senhoras em palanquins e escravos para carregal-os. Partimos á meia noite; a lua brilhava n'um céo sem nuvens. A scena era na verdade singular; o caminho ás vezes torcia de repente, de modo a apresentar aos que caminhavam na frente, a procissão, ora mostrando-se, ora escondendo-se nos mattos, em grande parte. Os frades principalmente se faziam notar, por seus immensos chapéos brancos e habitos arregaçados em torno da cintura presos por cordões amarellos; alguns ficaram em Olinda, os ouros seguiram para o Recife onde chegamos por volta das sete horas da manhã.

A' 10 de Maio fui de repente accommettido de febre

accompanhada de delirio; entretanto, assistido por um medico, desembaracei-me em quarenta e oito horas, ficando porém fraquissimo, a ponto de me ser preciso algum tempo para recobrar as forças. Essas febres são mui conhecidas no paiz, mas não são communs. Alguns dias antes precedem-nas um certo abatimento. Julgo que esse ataque foi devido á imprudencia que tive de conservar aberta a noite inteira a janella de meu quarto, que deitava para o oeste. A briza da terra que se levanta á meia noite é considerada doentia.

Um joven inglez, exigio absolutamente que eu me passasse para a sua cása e veio buscar-me em palanquim. Lá conservei-me até restabelecer-me de todo, sendo tratado com a complacencia que só de amigos temos o direito de esperar.

No dia de S. Pedro, 29 de Junho, jantei com um amigo e á tarde propuz-lhe irmos a pé até a igreja dedicada a esse santo; estava, como de ordinario, brilhantemente illuminada.

Depois do acto vimos um grupo de senhoras do nosso conhecimento; uma dellas pedio-nos para procurar um moço sacerdote, seu filho; informando-nos a respeito delle fizeram-nos subir a um quarto por cima da sachristia, onde se achavam diversos ecclesiasticos e uma mesa coberta de refrescos de todas as qualidades. O joven padre veio ao nosso encontro com outros collegas seus, que insistiram para que nos sentassemos á mesa; estavamos porém impacientes por voltarmos á reunir-nos ás senhoras. Alguns padres foram comnosco e convidaram-nas á irem partecipar das bôas cousas, que haviam preparado e fizeram nos igualmente voltar com ellas, o que não julgamos á proposito recusar; offereceram-nos grande quantidade de fructas, dôces, bollos e vinhos. Com as maiores attenções fomos recebidos por esses ministros da religião catholica romana. (1)

(1) Fallando dos padres é bom lembrar que o clerigo secular e o regular, são duas classes inteiramente differentes e tão distinctos na sua utilidade, conhecimentos e costumes, como na sua graduação na sociedade.

As dez horas sahimos da igreja e seguimos uma das familias da sociedade em cuja casa ficamos até muita tarde.

Estavamos convidados para passar o domingo seguinte com essa familia, que se compunha de marido e mulher, um filho e uma filha, todos brazileiros; ainda que a moça nunca houvesse sahido de Pernambuco, possuia com tudo maneiras agrdaveis e conversação espirituosa e amena. Sua côr não era mais morena do que em geral é a das Portuguezas, os olhos e os cabellos eram pretos, os traços formavam um todo gracioso; baixa, porém engraçada. Todavia é entre as senhoras de côr que se acham as mais formosas do Brazil; tem mais vida, mais alegria e mais actividade de corpo e de espirito, parecem os habitantes naturaes do paiz. Seus traços são muitas vezes regularmente desenhados; a proria côr, de que os europeus não gostam, não é má. Nessas regiões ardentes seria difficil encontrar modelos mais lindos da figura humana do que entre aquellas filhas do sol.

Encontramos a familia prestes a almoçar; serviram-nos café e bollos; jogou se depois o gamão e cartas até as dez horas; então fomos para a mesa. O jantar constava de numerosos pratos servidos sem symetria e sem distincção de primeiro e segundo serviços. Como é facil de imaginar, surprehendeu-nos o receber de varios commensaes, pedaços de carne dos seus proprios pratos; era isso um acto de delicadesa que nos dispensavam. Observei muito esse costume, com especialidade entre as familias do interior, e essa de quem fallo havia pouco tempo fôra para o Recife. A maioria dos habitantes da cidade tem outras ideias a este respeito. Na mesa viam se apenas duas ou tres facas, sendo por isso cada um obrigado a cortar a carne em pedacinhos no proprio prato e a passar a faca ao visinho. Entretanto, garfos de prata e pratos haviam em profusão. O alho é um dos ingredientes de cada prato.

Findo o jantar levantamo-nos todos e dirigimo-nos a outro aposento. As oito horas reunio-se para o chá numerosa sociedade e só muito tarde nos retiramos.

Observaram, depois do que acabo de relatar e segundo o que me resta a dizer, que não se póde estabelecer regra geral para julgar a sociedade das provincias brazileiras, de familias da mesma classe, da mesma fortuna, que gozam da mesma consideração e que tem muitas vezes habitos di-

fferentes. O facto é que a sociedade soffreu rapida mudança e não porque procurem imitar maneiras estrangeiras, ainda que todavia estas tenham alguma influencia; mas a proporção que a fortuna augmenta, multiplicam-se os cuidados de todos os generos; á medida que se aperfeiçôa a educação, mais procuradas são as distracções; logo que o espirito se alarga pelo commercio e se esclarece pela leitura, os uzos e os costumes são encarados sob ponto de vista differente, de maneira que os mesmos individuos mudam insensivelmente e em poucos annos ridicularisam e lembram-se com pezar de habitos que por longo tempo os subjugaram.

No dia de Santa Anna, 29 de Julho, eu e dous rapazes inglezes, á convite, fomos á casa de um dos principaes personagens de Pernambuca, homem de praça e agricultor, que possue tres engenhos em lugares differentes; as dez horas da manhã embarcamos n'uma canôa e com auxilo de varas e pagaios atravessamos a bahia.

A' nossa chegada na margem opposta a maré estava baixa e a vasa profunda; receiamos estragar as roupas de sêda, e por isso subimos, eu e um dos companheiros, ás costas dos canoeiros, que com alguma difficuldade, nos depuzeram sãos e salvos em terra firme; o terceiro companheiro, mais pesado do que os outros, ficou por momentos a pensar se não fazia melhor voltando para casa; entretanto, reanimou-se e foi transportado sem accidente através daquella perigosa região. Ganhamos depois á pé a casa, que occupa muito terreno e cujos aposentos, todos no rez do chão, são espaçosos.

O jardim fôra plantado pelo pai do proprietario, no estylo antigo, com as alléas direitas e as arvores talhadas em fórmas diversas. Numerosa sociedade estava já reunida; era o anniversario natalicio da dona da casa; as senhoras achavam-se n'um aposento e os homens n'outro. Como de costume houve jogo de baralho e de gamão; na conversação porém pouca liberdade e satisfação. Ao jantar as senhoras sentaram-se n'um dos lados da mesa e os homens defronte; havia em abundancia iguarias de todas as qualidades e bebeu-se bastante vinho. Alguns homens que estavam intimamente ligados á familia, não tomaram assento a mesa, ajudaram a servir as senhoras. Findo o jantar passou toda a companhia a um vasto salão; propuzeram dansar-se e aceita a proposta mandou-se buscar violões e

rompeu o baile. Vinte pares puzeram-se a dansar pouco depois das sete horas e continuaram até as duas da madrugada.

Pela manhã fômos aqui tratados com as ceremonias do seculo passado, e á tarde tivemos todo o prazer de uma partida ingleza de hoje. Penso nunca ter experimentado maior satisfação. A conversa, que se reanimava de quando em quando, era de bom tom sem ser demasiado séria. Ali encontrei diversas pessoas bem educadas, cujas relações cultivei durante iodo o tempo de minha estada no paiz.

A estação fôra pouco chuvosa e tinhamos podido continuar os nossos passeios á cavallo pelos campos dos arredores em distancia de sete a oito milhas: nunca porém, passavamos das casas de verão dos moradores do Recife; as povoações são tristissimas nessa estação, por serem exclusivamente habitadas por pretos e pardos. Todavia sendo eu apaixondo pelo campo e tentado pela belleza do tempo, fui habitar uma cabanasinha na visinhança, onde agradavelmente passava o meu tempo, ainda que solitario e monotono.

Ha um logarejo proximo de minha residencia conhecido por «Casa Forte» onde foi outr'ora um engenho de assucar, que deixaram desapparecer, restando agora sómente a capella. Dizem que a casa principal desse estabelecimento fôra com energia defendida pelos Hollandezes contra os Portuguezes, que lhe puzeram fôgo afim de obrigar o inimigo a render-se; mostra-se ainda grande extensão de terreno inculto onde realisaram-se esses acontecimentos; fica a quasi cinco milhas do Recife o o *Capibaribe* passa-lhe quasi tres quartos de milha além. Poucos camponezes encontrei que tivessem conhecimento da guerra de Pernambuco contra os hollandezes; ouvi porém citar esse lugar mais do que todos os outros (1); talvez eu tivesse descoberto vestigios mais positivos daquella guerra, se tivesse frequentado mais districtos.

Offereceram-me apresentar a outra familia brasileira e acceitei; a 7 de Agosto veio o meu amigo buscar-me

(1) Supponho que a Casa Forte e as casas de D. Anna Paes, do que se falla na Historia do Brazil, volume 2º pag. 24, designam o mesmo lugar com nomes differentes.

afim de conduzir-me a Olinda. Fomos em bote e molhamo-nos todos antes de chegar, pelo que tivemos de andar pelas ruas até enchugar as roupas.

A familia compunha-se de uma senhora idosa, de duas filhas e um filho, padre e lente do seminario. Achavam-se ahi diversas pessôas da mesma classe, cujas maneiras affaveis annunciaram bôa educação e algumas proposeram que se dansasse, e se bem que ellas nao gosassem em parte nenhuma dessa distração, achavam praser em ver os outros se divirtirem desse modo. Dansava-mos ao toque de piano, que um dos professores se pusera a tocar com muita graça e continuou até que os proprios dansantes lhe pedissem para não proseguir.

A meia noite despedimo-nosdaquella agradavel sociedade e encaminhamo-nos á bahia, mas a maré estava vasia e o bote em secco o que nos determinou a ir a pé. A areia era fatigante e tinhamos que caminhar tres milhas o que depois dos nossos divertimentos da noite. era trabalho penoso. Não querendo aquellas horas seguir para a minha choupana aceitei, no Recife, um colchão que o amigo pôz á minha disposição.

Tres ou quatro familia de Pernambuco, tem adoptado o costume estabelecido em Lisbôa, de darem reuniões uma vez por semana, para jogar-se ás cartas. Fui a ellas algumas vezes, porém nos costumes nada observei de particular.

As paginas precedentes bastarão, penso eu, para dar a conhecer a especie de sociabilidade que existe em Pernambuco. E' porém preciso procural-a, attendendo-se a que as familias onde se acha não são numerosas e mui poucas se dedicam ao commercio ; são ou familias portuguezas cujos chefes occupam empregos, ou agricultores brazileiros possuidores de grandes fortunas, que procuram divertir-se no Recife ou em Olinda. Como se póde naturalmente suppôr, as mulheres, nas familias desse paiz, gostam sempre de se dar a importancia, de serem vistas e tratadas com as maiores attenções. Os negociantes, geralmente fallando, porque ha algumas excepções, vivem retirados : vindos originariamente de Portugal, enriqueceram no commercio e casaram-se no paiz, mas a m'or parte continúa a viver como se fôra pobre, ou pelo menos não póde decidir-se a sahir dos seus habitos de isolamento. Excepto na

estação do calor, quando se sentam nos degráos das escadas das frentes de suas casas, as familias nunca são vistas.

O compatriota, á cujas benevolas attenções devo, principalmente, o ter sido introduzido e recebido na melhor sociedade de Pernambuco, era do numero dos principaes Inglezes, cuja industria se aproveitara da livre communicação, que se abrira entre a Inglaterra e o Brazil. Notava já elle consideravel mudança nas maneiras das classes elevadas, e á attribuia a diminuição de preço, dos vestuarios e á facilidade de adquirir, por pouco dinheiro a louça a cutelaria, roupa braca &. Na verdade, o effeito que sobre o espirito dos brazileiros deve ter produzido a chegada entre elles do novo povo, a esperança de uma melhor ordem de cousas e a de ver o paiz tornar-se em pouco de maior importancia, despertaram nelles as idéas que a muito dominam. (1) Os espiritos s accudiram o peso do entorpecimento ; idéas mais liberaes foram espalhadas e o dinheiro sahio dos cofres para prover as novas necessidades.

Era antigamente costume em Pernambuco tirar-se o chapéo quando se passava por uma sentinella ou quando se encontrava na rua uma guarda em marcha. Pouco tempo depois da abertura dos portos aos navios estrangeiros, trez inglezes encontraram uma patrulha de quatro ou cinco homens commandados por um cabo. Na occasião de enfrentarem um dos soldados tirou o chapéo de um dos Inglezes accompanhando a acção de uma expressão injuriosa, estes picados pelo iusulto atacaram a patrulha e derrotaram-na. Todos os Inglezes se recusavam á essa vergonhosa demonstração de submissão ao poder militar, e desde então os proprios Portuguezes aboliram o uso ; um outro encommodo existia para os estrangeiros : é o respeito que se mostra para com o S. S. Sacramento quando com pomposa

(1) Quando os primeiros inglezes que se estabeleceram no Recife acabaram a provisão de chá que consigo haviam levado, perguntaram onde poderiam obter mais indicaram-lhes uma botica. Para lá se dirigiram e pediram simplesmente ch. O dono procurou saber de que especie de chá necessitava ; por fim entendeu e disse-lhes ah ! quereis chá da India ! considerande assim como, outra qualquer droga : epoca porém a que me refiro já é grande consumo do chá.

ceremonia é conduzido aos enfermos. Exige-se que aquelles pelos quaes passa se ajoelhem e se conservem nessa posição até que haja desapparecido; os Inglezes até certo ponto, por deferencia para com a religião do paiz, se conformam com esse costume, que entretanto começa a desapparecer. (1)

(1) Ouvi dizer uma vez que um Hespanhol que estivéra em Londres, achando-se em Pernambuco, dissera que duas cousas o surprehendera em Londres: não morrer ninguem e os meninos fallarem inglez. Perguntando porque dizia não morrer lá ninguem, respondeu que por nunca ter visto levar-se o Sacramento a enfermos.

CAPITULO III

GOVERNO. — TAXAS. — INSTITUIÇÕES PUBLICAS. — CRIMINAES. — PRISÕES. — ESTABELECIMENTOS MILITARES. ILHA DE FERNANDO.

As capitanias geraes, ou provincias de primeira ordem no Brazil, taes como a de Pernambuco, são governadas por capitães generaes nomeados por tres annos, podendo no fim desse tempo ser o mesmo individuo reconduzido á escolha do governo superior; esses chefes são investidos de um poder absoluto; mas para que o nomeado possa exercer o cargo, é obrigado antes a exhibir o titulo de nomeação ao Senado da Camara ou municipalidade da cidade, que se compõe das pessoas mais respeitaveis do lugar. Só o governador tem o supremo mando da força militar. As causas civis e militares se discutem perante o *ouvidor* e o *juiz de fora* e são por elles julgadas.

Estes dous principaes officiaes judiciarios tem quasi iguaes poderes; o primeiro porem é superior em cathegoria; são nomeados por tres annos, podendo igualmente ser reconduzidos (1); é nessas distribuições de governos que se acha maior numero de occasiões para fazerem-se grandes fortunas, e o que é verdade é que ha individuos que se aproveitam de tal modo, que a justiça não passa de palavra vã. O governador pode julgar sem appellação nas causas crimes, ; mas, querendo, pode tambem envial-as ao tribunal competente. O *procurador da corôa*, procurador geral, é um funccionario de alta importancia. O *intendente da marinha*, vice-almirante, prefeito maritimo, é do mesmo modo ouvido nos negocios mais importantes, assim como o *escrivão da fazenda real*, inspectores da Thezouraria e da

(1) Foi nomeado um juiz conservador da nação ingleza para Pernambuco, mas na epoca de minha partida do Recife não havia elle ainda chegado. Pouco depois de uma communicação directa com a Gran Bretanha, foi nomeado um vice-consul para Pernambuco pelo consul geral do Rio de Janeiro. Esse vice-consul foi substituido por um consul directamente nomeado da Inglaterra, que depende do consul geral do Brazil, mas cuja nomeação pertence ao governo.

Alfandega e contador. Estes sete officiaes formam a junta ou concelho, que se reune uma vez por outra, para decidir dos negocios da capitania á que pertencem.

O governo ecclesiastico acha-se apenas unido á esse de que acabo de fallar. E' administrodo por um bispo, um deão e o seu capitulo, um vigario geral, etc.

O governador não pode nomear nem mesmo capellão para a ilha de Fernando de Noronha, uma das dependencias de Pernambuco; communica ao bispo que ha necessidade de um sacerdote e este designa um para preencher o lugar.

O numero dos officiaes civis e militares é enorme; conta-se nelle inspectores e coroneis sem cousa alguma á inspeccionar nem regimentos para commandar. Cada ramo da administração, por menos importante que seja tem um juiz, embora todo o serviço podesse ser feito por duas ou tres pessoas, e desta forma são augmentados os ordenados, o povo é opprimido e o governo nada lucra.

Os impostos da maneira porque os estabelecem, só pesam sobre as classes baixas: não se criam para as que mais facilmente poderiam supportal-os. Cobram dizimo natural sobre gado, aves, productos da terra e mesmo sobre o sal: este pertencia outr'ora ao clero, como nos demais paizes catholicos. Todas as taxas são arrematadas por quem mais dá, e entre outras a do dizimo; fazem divisões por districtos de grande extensão e arrendam-se a preços razoaveis: mas os arrematantes subdividem em pequenas porções que cedem depois a terceiros, e como é indispensavel que cada arrematante lucre, segue-se que o povo é necessariamente opprimido, afim de que esses individuos possam pagar aos que lhe cederam as arrematações e enriquecerem-se tambem. O systema é máo por si mesmo, mas a divisão do despojo torna-o ainda mais vexatorio. A decima do gado, como já disse, é lançada em natureza sobre as fazendas do interior e além disso paga-se pela carne nos matadouros, um direito de *trezentos e vinte réis* por arroba de trinta e duas libras o que equivalle quasi a vinte e cinco por cento. O peixe paga decima; cada arrematante de immoveis está sujeito ao imposto de dez por cento, e o de moveis ao de cinco por cento; além destas taxas ha muitas outras de menos importancio.

A aguardente para a exportação e para o consumo in-

terno paga oitenta réis por canada (1) o que muitas vezes absorve-lhe a quarta parte do valor; mas pode ser contado de quinze a vinte por cento. O algodão paga decima e é mais tributado na occasião da exportação, em *seiscentos réis* por arroba de trinta e duas libras, quasi dezenove réis por libra; nada peior calculado do que esse duplo imposto no artigo principal de exportação desse paiz para a Europa. Os direitos da Alfandega montam a quinze por cento sobre as importações, cuja avaliação, de alguma forma, deixam ao commerciante a quem pertence a propriedade e esse creio que poderia subir mais dez por cento sem que disso ninguem se apercebesse. Paga-se, em Pernambuco, um imposto para a illuminação das ruas do Rio de Janeiro, emquanto que as do Recife se conservam em completa escuridão.

Ainda que as despezas dos governos provinciaes sejam avultadas e absorvam em grande parte as receitas, em razão do crescido numero de empregados publicos, todavia em muitos casos os ordenados são insignificantes para poderem proporcionar honesta abastança, por consequencia deve-se esperar o peculato, a corrupção e os crimes que dahi resultam e que com effeito são tão frequentes que escapam á punição, sendo apenas conhecidos; citam-se entretanto homens irreprehensiveis.

O governador de Pernambuco ganha um ordenado annual de cinco contos e tanto; pode-se admittir que essa quantia, mesmo n'um paiz onde os generos são baratos, chegue para um homem sustentar semelhante posição? A sua reputação porém, está intacta; em caso algum lhe ouvi attribuir a menor falta; a tentação, porem, e as occasiões de juntar dinheiro são muitas e o numero de pessoas que lhes resista é bem pequeno.

A unica manufactura de alguma importancia no Recife é a das joias de ouro e prata e galões de ouro; mas

(1) Reina no Brazil grande confusão relativamente a medidas, cada capitania tem as suas, que não combinam com nenhuma das de suas visinhas nem com as de Portugal, ainda que se empregue sem variar as mesmas denominações: assim uma canada e um alqueire em Pernambuco, representam muito maior quantidade que as mesmas medidas em Portugal e quantidade muito menor em outras provincias do Brazil.

para o consumo do paiz, basta a quantidade que lá se fabrica. As mulheres, na maior parte, occupam-se de rendas e bordados, mas não em quantidade tal que chegue para exportar. (1)

As instituições publicas não são numerosas, algumas das que existem, porém, são excellentes. O seminario de Olinda, destinado á educação dos meninos, é bem dirigido; alguns dos professores possuem grandes conhecimentos e principios liberaes. O fim principal dessa instituição é preparar os rapazes para o clero secular e por isso uzam todos de batina e de um barrete de forma particular; não é porém necessario que completem os estudos para tomar ordens.

Fundaram-se tambem escolas livres na maior parte das cidades do interior; em algumas dellas ensina-se o latim; a maior parte porém, limita-se o ensino a ler, escrever e contar. Nem nestas nem nas do seminario são os alumnos obrigados a pagar.

O hospital de S. Lazaro é negligenciado, mas nelle acceitam doentes; os demais estabelecimentos do mesmo genero acham-se em estado lastimoso. E' muito para estranhar que se edifiquem sumptuosos templos e se deixe perecer milhares de pessoas á falta de um edificio conveniente que as abrigue. A melhor instituição porém, de que Pernambuco se pode gabar, em commum com a mãi patria, é a *Roda dos engeitados*, onde as creanças de nascimento duvidoso são recebidas, tratadas, educadas e collocadas. Todo mundo sabe o que se entende pela — *roda* — n'um convento: é uma caixa cylindrica, aberta de um dos lados, que se acha fixa na parede e que gyra sobre um eixo; perto della encontra-se o cordão de uma sinêta que se agita para advirtir a gente do convento, quando na caixa se põe qualquer cousa. Uma dessas rodas setá sempre prompta, de dia e de noite para receber a creança; toca-se a sinêta e a caixa volta-se. Por esse meio salva-se a vida a grande numero de pessoas e a honra de muitas outras. Não se pense, que, pela existencia dessa instituição, sejam mais frequente os nascimentos clandestinos;

(1) Obtiveram um privilegio e sobre vasto plano foi estabelecida uma fabrica de cordas de casca de coqueiros. Penso que as cordas dessa especie são muito usadas na India.

ella apenas tira a uma mãi qualquer desnaturada pretexto e pode muitas vezes reformar a conducta, pela facilidade que ha de esconder fraquezas e faltas irreparaveis.

Os frades não são muitos, mas o numero poderia ser menor sem inconveniente. Esses sêres inuteis (1) em Olinda, Recife, Iguarassú e Parahyba, sobem a cento e cincoenta. (2) Não existem religiosas na provincia, ainda que conte tres estabelecimentos proprios chamados *recolhimentos* ou retiros. Estes estão sob a direcção de senhoras idosas, que não fizeram voto algum e educam as creanças de seu proprio sexo; recebem pessoas cuja conducta tenha sido irregular, mas cuja reputação não esteja absolutamente perdida e que são alli depositados pelos parentes afim de preserval-as de maior depravação. O numero de igrejas, capellas e nichos para os santos nas ruas, vai além do que se pode imaginar. A' essas igrejas estão ligadas multidões de confrarias religiosas leigas, composta de negociantes, mercadores e operarios, algumas mesmo de mulatros e pretos fôrros. Ha muitos confrades occupados em esmolar para a cêra e outros objectos que se consomem em honra do padroeiro. Diariamente, em todo o anno são os transeuntes nas ruas e os moradores nas casas importunados por esses pedintes entre os quaes os preguiçosos franciscanos. Um portuguez rico negava-se a dar dinheiro para essas despezas superfluas, mas todos os domingos depositava n'uma caixa uma moeda de *cinco réis* que é a menor em circulação e valle o terço de um *soldo*. No fim do anno, contava elle as suas moedas de *cinco rèis* e achava que montavam a cincoenta mil réis, quasi duzentos francos

(1) Uma velha senhora foi uma vez muito tarde da noite bater á porta de um convento e disse ao porteiro, velho frade completamente cégo, que desejava que um dos padres a acompanhasse á casa de um enfermo que queria confessar se. O velho, com o maior sangue frio, respondeu-lhe que todos haviam sahido, e accrescentou: mas se quizer vá para a porta do jardim e espere porque mais tarde hão de vir entrar alguns furtivamente por ella.

(2) Os padres moços da ordem franciscana gostam muito de sahir a mendigar porque isso lhes proporciona occasião de se divertirem. Elegeram, ha alguns annos na Parahyba, um guardião que, dando balanço na caixa da communidade e encontrando nella somma consideravel, ordenou que ninguem sahisse a esmolar. Era homem conscien-

então dirigia-se ao vigario da freguezia e rogava-lhe que lhe indicasse alguns infelizes a quem entregar aquelle dinheiro.

O santo officio ou inquisição, jámais conseguio estabelecer-se no Brazil; residiam porem em Pernambuco varios padres empregados como seus familiares; algumas pessoas consideradas como merecedoras da justiça desse horrendo tribunal eram remettidas *undes confinement*, presas para Lisbôa. Entretanto o artigo nono do tratado de amizade e alliança, assignado no Rio de Janeiro em 1810, determinou positivamente que o poder da inquisição não seria reconhecido no Brazil. Parecerá surprehendente a Inglezes, que, n'um lugar tão grande como o Recife, não haja imprensa nem livraria. No convento da *Madre de Deus*, vendem-se almanacks, estampas, a historia da Virgem e a dos Santos, e outros livros da mesma especie, mas de pequenas dimensões, impressos em Lisbôa. O serviço do correio para a correspondencia é feito de modo bastante desordenado. As cartas remettidas da Inglaterra são, em geral, entregues ao commerciante a quem é consignado o navio que as conduz ou no escriptorio do consul inglez. Não ha um meio regular para enviar-se a correspondencia á qualquer parte do paiz, nem mesmo ao longo da costa, de sorte que a posta só recebe malas conduzidas pelas pequenas embarcações que commerciam com os outros portos do Brazil e remette as malas de Pernambuco pela mesma via; e como não existem carteiros para entregal-as nos domicilios é indispensavel ir buscal-as ao escriptorio. Quando o commercio do Brazil era insignificante, comparativa-

cioso; dizia que uma vez que possuim bastante não era preciso importunar o publico para haver mais, até que se acabasse o que havia. Impedio toda a communidade de sahir durante dous ou tres annos, tempo da duração das funcções do guardião. N'outra occasião, os frades de um convento franciscano escolheram para guardião um moço cuja vida era muito irregular, occupada em tudo menos nos deveres de suppondo aquelles que emquanto fosse elle o guardião poderiam levar vida folgada sem attenção ás regras da ordem; em breve, porém, reconheceram o seu engano, porquanto o guardião, mudando de conducta, poz-se á frente delles; as portas fechavam-se rigorosamente nas horas regulamentares e os deveres do convento eram cumpridos com maior austeridade do que d'antes.

mente ao actual, um serviço de correio estabelecido assim bastava; agora, porém, que activou-se o commercio ao longo da costa e com a Europa, deviam prestar attenção á esse objecto afim de facilitar as communicações.

Ha no Recife um theatro onde se representam comedias portuguezas; esse estabelecimento é adminístrado de um modo lastimoso. O jardim botanico de Olinda, fundado depois da chegada da côrte a America meridional é destinado a servir de viveiro ás plantas exoticas que dalli são distribuidas aos que desejarem e tiverem faculdade para cultival-as. Foi assim que se introduzio o trigo, a canna de assucar do Haïti e varias outras plantas. Todavia muito receio que venha a affrouxar o zêlo que a principio mostravam. A frente desse estabelecimento puzeram um botanico francez a quem dão bom ordenado. E' um homem que outr'ora residio em Cayenna; muita gente não gostou dessa preferencia, porque achava, e com razão, que não faltaria um portuguez perfeitamente habilitado para incumbir-se da administração desse jardim.

O espectaculo mais desagrodavel aos olhos de um Inglez é o dos criminosos occupados nos mais penosos e vis trabalhos do palacio, quarteis, cadeia e outros edificios publicos; andam encadeados de dous em dous e cada par é vigiado por um soldado armado de baioneta. Permittem-lhes que entrem nos estabelecimentos para comprarem alguma cousa de que precisem; desgosta ver a indifferença com que esses miseraveis suportam a vergonha de sua condição, rindo e conversando pelo caminho uns com os outros, com os conhecidos que encontram e mesmo com os soldado que o vigia. (1)

(1) Contaram-me a seguinte anedocta a respeito de um desses pares: a scena passou-se ha alguns annos, no tempo de um dos precedentes governadores. Um viajante que se achava só entre Olinda e o Recife, presenciou parte dessa scena, o resto foi contado pos um dos actores: Um par de criminosos, dos quaes um branco e outro preto, accompanhados do guarda, atravessavam as areias para ganhar um vão e passar o rio n'um lugar mais estreito; tres cavalleiros, conduzindo um delles um quarto cavallo escoteiro, sellado e enfreiado, adiantavam-se, e emquanto um derrubava o soldado, o preso branco puchava o companheiro para montar com elle no cavallo, fugir e assim salvarem-se;

As prisões estão em pessimo estado por se preoccuparem mui pouco com a sorte dos que habitam nellas. As execuções em Pernambuco são raras, a punição mais commum, mesmo para os grandes crimes, é o degredo para a costa d'Africa. Os brancos são enviados á Bahia para serem julgados, quando o castigo do crime imputado deva ser a morte. Mesmo para condemnar-se á pena ultima um homem de côr ou um preto, é necessario a presença de varios officiaes de justiça. Policia regular não existe; quando se precisa effectuer uma prisão na cidade ou nos arrabaldes, vão dous officiaes de justiça acompanhados por soldados de um dos regimentos de linha. Uma ronda ou patrulha, composta de soldados, percorre as ruas durante a noite, em horas determinadas, mas sem grande vantagem para a cidade.

O Recife e seus arredores disfructavam antigamente muita tranquillidade, graças aos esforços de um unico individuo, um sargento da guarnição, homem animoso cuja actividade de espirito e de corpo, não tivera occasião de manifestar-se até imporem-lhe a penosa tarefa de prender criminosos; por fim teve ordens expressas de organisar patrulhas no Recife, Olinda e povoações circumvisinhas, era bastante temido e depois qua morreu ninguem se apresentou para prehencher-lhe o lugar. (1)

O estabelecimento militar é descuradissimo; as tropas regulares constam de dous regimentos de infanteria, que,

o preto recusava-se; então um dos cavalleiros, que parecia commandar os outros põe-se a gritar: Cortem-lhe as pernas, (os criminosos estão presos um ao outro pela perna).

O preto assustado com essa ameaça decidiu-se afinal; montaram ambos á cavallo depois de amarrarem o soldado de pés e mãos. Atravessaram Olinda á todo o gallope; chegando á certa distancia da cidade serviram-se de uma lima e o preto foi apeado com as correntes; seguiram os outros a seu caminho e não mais se ouvio fallar delles. Suppõe-se que o individuo pue fugio por este modo era parente de um sujeito rico.

(1) Ultimamente appareceu um cadête que se incumbiu dessa parte; prendeu muita gente infame, mas de decidida coragem; fez muitos beneficios expondo a vida em perigosissimas circumstancias, sendo por seu zelo muitas vezes impellido a extremas temeridades. Esse moço merece accesso; nada revela melhor a organisação da policia do que vêl-a entregue a officiaes inferiores. — 1814.

juntos, devem formar um corpo de dous mil e quinhentos homens mas cujo effectivo raras vezes attinge a seiscentos, de sorte que chegam apenas para o serviço do Recife, de Olinda e dos fortes. O salario delles é de pouco mais de cinco soldos, 60 rêis por dia e um bocado de farinha de mandioca por semana. Recebem equipamento do modo o mais irregular. Da miseravel paga ainda lhes são descontados mais de dous *liards* por dia para algum objecto de religião. O recrutamento é feito entre a gente da peior especie da provincia ; essa maneira de recrutar e a mesquinha retribuição explicam satisfactoriamente a má opinião em que são tidos os soldados de linha. (1)

Além desses regimentos a milicia da cidade faz algumas vezes o serviço sem nada perceber por elle e usa de pessimo uniforme. As legiões de milicia commandadas por officiaes negros e mulatos e organisadas totalmente destas castas, tem melhor apparencia, logo terei occasião de fallar destas ultimas.

Ha uma instituição, ou antes um abuso, cujos resultados são tão funestos nessa provincia, que exige urgente reparação ; é uma vergonha para o governo que a tolera, refiro-me á ilha de Fernando de Noronha. E' para alli que desterram por tempo determinado ou por toda a vida, um sem numero de criminosos. Não é permittido a mulher nenhuma visitar a ilha. A guarnição, de cento e vinte homens, mais ou menos, é mudada quasi todos os annos. Difficilmente encontra-se padre que queira exercer as funcções de capellão da ilha por um anno ; quando o governo péde um ao bispo este manda procural-o pelos seus servidores. As pessôas desta profissão que estão no caso de preencher as funcções escondem-se ; havendo pôr fim necessidade de mandar-se para esse serviço alguns dos jovens sacerdotes que se acham á disposição da autoridade. O navio empregado entre o Recife é a ilha visita-a duas vezes durante o mesmo espaço de tempo e leva provisões,

(1) A chegada de outro coronel ao regimento do Recsfe e um augmento de actividade nos officiaes produziram grande mudança para melhor ; o regimento de artilheria de Olinda tambem melhorou em consequencia da attenção que lhe dispensou o seu coronel e da entrada de diversos brazileiros bem educados, das principaes familias.

roupas e outros objectos para os infelizes que são forçados a alli permanecer. Conversei com algumas pessôas que estiveram nessa ilha e o quadro que me pintaram dos horrores que lá se praticam, é medonho. Crimes que nos paizes civilisados são castigados com a morte ou severamente punidos, ou que pelo menos pravocam geral espanto, naquella ilha são praticados, commentados e publicamente confessados sem vergonha e sem remorsos. E' para notar que aquelle fóco de maus costumes haja por tanto tempo escapado a attenção do supremo governo do Brazil, mas o mal não fica ahi ; os individuos que voltam a Pernambuco não pódem deshabituar-se dos crimes, que se lhes tornaram familiares. O commandante da ilha cuja vontade é absoluta, recebe tão extensos poderes que muito difficilmente deixa de abusar delles e poucas vezes tem a temer o castigo. A mais cruel tyrannia pode ser exercida sem o menor receio. O clima da ilha é sadio e eu soube, de bôa fonte, que, a pequena porção apropriada para a cultura é de admiravel fertilidade. Entretanto os navios alli não tem abrigo.

A falta de energia do antigo systema, segundo o qual era o Brazil governado, ainda se manifesta por toda parte. A chegada, porém, do Soberano despertou a emulação de muita gente que a tempos se havia entregado a habitos de indolencia e augmentou a actividade de outros que aguardavam com impaciencia. Os brazileiros sentem que se tornaram uma nação ; sua terra natal presentemente dá a lei á mãe-patria. Seu espirito por longo espaço submettido á sevéra sujeição das leis e regulamentos coloniaes, teve agora occasião de mostrar-se, prova que ainda que acabrunhado por enormes soffrimentos e si bem que supportando os males com paciencia, existe ; e se os não tratarem no futuro como homens sahidos de demorada infancia acabarão por enfurecer-se e por despedaçar os ferros á que se submettiam pela resignação. No entanto seriamente espero que o governo geral reconhecerá a necessidade de reformas e que o povo não seja exigente em demasia considerando que melhor é supportar alguns infortunios do que se ver condemnado durante uma geração inteira á miseria e a sangrenta anarchia.

A livre communicação com outras nações já tem sido util ao Brazil e as vantagens que elle della retira augmentam todos os dias. Essa vergontea do nosso continente eu-

ropeu, crescerá por fim produzindo uma arvore mais importante do que o tronco de que a arrancaram ; ainda que a estação da maturidade esteja longe, todavia a presteza ou lentidão do seu desenvolvimento depende dos assiduos cuidados ou da negligencia de seus chefes. De qualquer forma que se conduzam estes ultimos, sua extenção, fertilidade e numerosas outras vantagens que possue, devem, com o tempo, dar-lhe entre os grandes Estados do mundo o lugar á que tem direito de pretender.

CAPITULO IV

VIAGEM Á GOYANNA. — VIAGEM DE GOYANNA Á PARAHYBA E VOLTA Á GOYANNA.

Nutria eu grandes desejos de fazer uma extensa viagem nos lugares menos povoados e menos cultivados daquella região. O Engenheiro em chefe formara o projecto de visitar todas as fortalezas do seu vasto districto e teve a bondade de permittir que eu o acompanhasse ; infelizmente, porém e em virtude de dependencias de seu cargo teve de addiar a sua partida até a proxima estação. Ignorando eu se seria obrigado a voltar logo para a Inglaterra, não podia demorar-me tanto ; em vista do que, pedindo informações aos amigos e conhecidos, soube que o irmão de um morador de Goyanna estava prestes a partir para aquella cidade e que provavelmente iria mais longe pelo interior do paiz a negocios commerciaes que tinha em vistas. Eu tencionava ir até o Ceará, e pedindo facilmente obtive do governador um passaporte.

Na tarde de 19 de Outubro de 1810, alguns amigos acompanharam-me á minha casa, na *Cruz de Almas* afim de assistirem a minha sahida, que devia realisar-se na noite seguinte. O Sr. Felix, meu companheiro chegou depois trazendo o seu guia, que era um preto livre. Achando-se concluidos os preparativos da nossa viagem pozemo-nos á caminho por volta de uma hora da madrugada, ao sahir da lua, o Sr. Felix, eu e o meu creado inglez, todos a cavallo, armados de espadas e pistollas ; o guia preto, tambem a cavallo, mas sem sella e sem freio, levando um pequeno bacamarte, tangia na sua frente um cavallo carregado de bagagens com um mulatinho montado entre os cassuaes. Os meus amigos inglezes, despediram-se desejando-nos bôa viagem quando sahimos da *Cruz de Almas*, e ficaram em minha casinha, que eu puzera á disposição de um delles, durante a minha ausencia. Passara eu pouco antes pelo caminho que seguiamos ao clarão da lua e que antes percorrera tantas vezes que bem poderia servir de guia.

Durante trez quartos de leguas marchamos por uma varêda arenosa e depois entramos a subir uma ladeira ingreme, cujos lados e o planalto eram cobertos de arvoredos.

A povoação de Beberibe está situada no pé do oiteiro opposto ; um riosinho d'agua por extremo limpida a atravessa ; no verão varias familias vão ahi habitar. Meia legua além de Beberibe atravessamos outro pequeno rio e logo depois começamos a galgar a ladeira do Quebracú ; a estrada em differentes lugares é bastante inclinada e estreitissima, tendo de um lado um precipicio e do outro um terreno muito alto coberto de mattos. O cume escarpado da collina é inteiramente plano e a verêda continúa por meia legua entre elevados arvoredos e um solapado impenetravel. Descemos ao comprido e estreito valle da Merueira que é fertilisado por um regato que não secca nunca ; os planaltos latteraes são cobertos de espessas capoeiras ; na planicie avistam-se cabanas aqui e alli, hortas de bananeiras, roçados de mandioca e um immenso cercado onde pastam os animaes. O declive do lado opposto á esse lindo valle, é bastante rapido ; o caminho ao longo da esplanada, assemelha-se ao que haviamos atravessado. Tornamos logo a descer e ao chegar em baixo entramos na solitaria povoação de Paratibe, onde as plantações de mandioca, tanchagem e fumo, são por entre as habitações. Os moradores, na mór parte, consistem em trabalhadores livres, brancos, pardos e negros. As casas são construidas aos lados da estrada, á certa distancia umas das outras, por espaço de uma milha Um riacho que corre no centro na estação pluviosa tresborda innundando as margens em consideravel distancia. Depois dessa povoação a estrada é bastantemente plana, mas todavia diversificada por pequenas e desiguaes elevações. Descobrem-se desse ponto diversos engenhos de fazer assucar e numerosas cabanasinhas. O transito de matutos tangendo cavallos carregados de algodão, pelles e outros productos do paiz, que levam ao Recife, d'onde voltam com outras especies de mercadorias, taes como peixe, carne secca, etc. é, por assim dizer, incessante.

A villa de Iguarassú onde entramos em seguida, foi já mencionada n'um dos precedentes capitulos. E' uma das mais antigas fundações daquella parte da costa ; dista do mar duas leguas e está nas proximidades de uma pequena bahia. Os mattos que marginam as verêdas e as estradas, são tão espessos e solapados, que se tornam impraticaveis, mesmo para um homem a pé, a menos que não leve comsigo uma fouce ou um machadinho com que possa abrir o caminho vencendo os obstaculos que se lhe opponham a

passagem. De taes obstaculos o mais formidavel é o *cipó*, planta formada de compridos e flexiveis ramos que se enrolam nas arvores; as vergonteas que não se tenham agarrado ainda a algum pau, são impellidas pelo vento aqui e além; pregam-se ás arvores que lhes ficam proximas; e como essa operação continúa por muitos annos sem interrupção, forma-se uma especie de filamento apparentemente irregular através do qual a passagem é bem difficil. Ha muitas variedades dessa planta, a que tem o nome de *cipó cururú* é a mais apreciada pelo comprimento das hastes, pela fortidão e grande flexibilidade; empregam-se muitas qualidades de cipós na construcção das palissadas.

Parte da villa de Iguarassú é alta a outra parte é baixa e regada por um rio sobre o qual ha uma ponte indispensavel, visto como subindo a maré até alli tornaria bastante difficil a communicação entre as duas partes da villa. (1)

E' facil de imaginar que ella disfructou maior fortuna do que a de que hoje se póde lisongear. Innumeras casas são de dous andares; mas acham-se presentemente estragadissimas e algumas até cáhem em ruinas. As ruas são calçadas, mas em pessimo estado e a herva cresce em diversos lugares. Possue differentes igrejas, um convento, um *recolhimento* ou retiro para mulheres, uma casa de camara e uma cadeia. A sua prosperidade de outr'ora provinha de uma feira de gado que se realisava todas as semanas n'uma planicie proxima, mas a alguns annos mudaram-na para as visinhanças de Goyanna. Iguarassú conta muitos habitantes brancos, diversas casas de commercio e tem um cirurgião educado em Lisbôa; é o ponto de reunião dos agricultores de muitas leguas que ahi vão para o embarque de suas safras de assucar e para a compra dos objectos de que necessitam. A villa contém quasi oitocentos habitantes, inclusive os das cabanas espalhadas a alguma distancia. Dizem que a perspectiva do alto da torre da igreja principal é extensissima e de admiravel bellesa. A unica hospedaria permanente de que o paiz se póde gabar,

(1) Foi na parte baixa da villa que o estabelecimento sustentou um cerco no começo da colonia contra os selvagens, conforme narra Hans Stade, o primeiro viajante que publicou detalhes ácerca do Brazil, vol. I pag. 46.

é a que existe em Iguarassú para commodidade dos viajantes que vão do Recife a Goyanna, ou vice-versa. Nós tencionavamos demorar-nos ahi, mas como era cedo quando chegamos, resolvemos ir para deante antes que o calor augmentasse. (1)

A estrada continúa a ser plana e arenosa e duas leguas depois de Iguarassú chegamos a povoação de Pasmado, edificada em forma de quadrado, consta de uma igreja e de certo numero de miseraveis cabanas, que encerram de trezentos a quatrocentos habitantes. Apenas passamos por ella ; atravessamos um ribeiro bastante consideravel chamado do *Araripe* e penetramos no cercado do engenho Araripe de Baixo, de propriedade de um portuguez. Esperava-mos que esse bom homem nos désse de jantar, porém depois de immensa espera, disse-nos elle, com grande pesar dos nossos estomagos, que o jantar tão cedo não estaria prompto, e como essa demora nos levaria longe, com um sol ardente, tornamos a montar a cavallo as duas horas. Subimos outra ladeira muito ingreme, e achamo-nos n'um lugar delicioso semeado de engenhos, casas e fertilisado por muitos rios ; passamos em seguida as aldeias do Bu e de Fontainhas ; depois desta ultima a estrada segue um plano arenoso, quasi descampado até descobrir-se o engenho Bugiri, rodeado de campos e de verdura ; além dessa fazenda corre o rio Goyanna, que é preciso atravessar a váo, a maré sobe até alli. A ponte de madeira que havia outr'ora está em ruinas e é perigosa passagem para cavallos, pelo que entregamos os nossos ao guia, que, sem apear-se do seu fêl-os atravessar o rio em quanto que nós passamos sobre traves sôltas. Esta operação não nos consumio muito tempo e entramos logo na cidade entre quatro e cinco horas da tarde. Goyanna dista do Recife quinze leguas.

(1) Tive depois differentes occasiões de demorar-me nessa hospedaria : uma vez succedeu-me pedir sal, que nunca botam na mesa. O dono da casa com a familiaridade habitual do paiz, pareceu surprehendido do meu pedido ; entretanto trouxeram-me e não se fallou mais em semelhante cousa, isso pas ou-se pela manhã, pouco depois da nossa chegada. Ao jantar, com grande desapontamento nosso, a sôpa e as demais iguarias, tinham tão forte doze desse desgraçado ingrediente, que mal se pod a comer. Queixamomo-nos ao dono da casa, que respondeu : « Mas é que eu pensava que os senhores gostavam de sal. »

A estrada que seguiramos é o grande caminho do sertão, por onde os animaes descem das fazendas situadas á margem do rio Assú e das varzeas dessa parte do interior para os mercados do Recife; o constante transito das grandes manadas de gado tem aberto por entre o matto uma larga estrada arenosa, que não é má, porém no dorso das collinas em vez de fazer um rodeio nos lugares mais escarpados vai recta ou quasi recta, de baixo para cima. As torrentes do inverno formam constantemente profundos barrancos, cujos lados desmoranando-se tornam algumas vezes os caminhos perigosissimos, de sorte que a não se conhecer bem uma ladeira não é nada seguro subil-a, ou descel-a no escuro; um ou dous dias de chuva, tal como a que cahe no Brazil, pódem causar immensa differença e tornar o caminho impraticavel. No curso dessa viagem, vimos quatro ou cinco grandes cruzes, toscamente construidas, levantadas á beira da estrada indicando os lugares onde cahiram assassinados alguns viajantes.

Fui mui bem recebido pelo Sr. Joaquim. Já eu tivera o prazer de lhe ser apresentado, além de que, para fazer conhecimento com elle, não era preciso muito tempo. Pozemo-nos á mesa por volta das cinco horas e foi então que appareceu sua senhora acompanhada de suas duas filhinhas. Serviram-nos comidas preparadas a portugueza, á brazileira e á ingleza.

A cidade de Goyanna, uma das maiores e mais florescentes da capitania de Pernambuco está situada nas margens do rio do mesmo nome, o qual quasi que a rodeia pelo circuito que faz nesse lugar. As casas, com uma ou duas excepções, têm apenas o pavimento terreo. As ruas não são calçadas, mas são largas; a principal o é de tal forma que se poude edificar uma igreja n'uma das extremidades e deixar ainda commoda passagem de cado lado. A cidade possue tambem um convento de carmelitas e varios outros edificios destinados ao culto.

Os habitantes sobem a quatro ou cinco mil e a população augmenta todos os dias. Ha muitas lojas e o commercio com o interior é consideravel. Vêem-se sempre nas ruas muitos matutos que vão vender seus productos ou comprar mercadorias manufacturadas e objectos de consumo. Nas visinhanças acham-se muitas plantações de canna. Creio que se pode classificar ás terras dessa zona entre as melhores da provincia.

Os proprietarios parte do tempo habitam na cidade, conforme geralmente succede em taes casos, a communicação habitual que se estabelece entre familias ricas, provoca rivalidades que necessariamente augmentam as despezas e a cidade dá-se muito bem com esse accrescimo de consumo de objectos de luxo. Os agricultores gozam da vantagem de poder mandar por agua para o Recife suas caixas de assucar, visto ser o rio um dos maiores que existem em muitas leguas ao norte e ao sul e a maré subir um pouco mais ácima da cidade, que está a quatro leguas do mar em linha recta e a sete indo pelo rio. A'cima da cidade, pelo inverno, o rio enche e inunda a região á grande distancia.

Goyanna e o seu vasto districto dependem militarmente do governador de Pernambuco, mas seus interesses civis estão confiados a um *juiz de fóra*, efficial de justiça nomeado pelo governo geral por tres annos. Reside na cidade e de suas decisões ha appellação para o *ouvidor* da Parahyba.

Jantamos um dia em casa do senhor do engenho Mussumbú; elle, nós e outras pessoas; fomos servidos n'uma sala, em quanto que as senhoras, que nem mesmo podemos entrever, o eram n'outra. Dous rapazes, filhos do proprietario, ajudavam os escravos do pai a fazerem as honras da mesa e só se sentaram a ella depois que nos levantámos.

O proprietario é Portuguez. E' entre essa parte da população que deixou a sua terra natal para tentar fortuna no Brazil, que a introducção de melhoramentos é difficil. Muitos brazileiros tambem, mesmo da classe alta, seguem os costumes mourescos a respeito das mulheres; entretanto têm elles algumas communicações com as cidades e provavelmente não custarão a comprehender que é indispensavel preferir maneiras mais elegantes e adquirir habitos menos gothicos.

A 24 de Outubro entreguei ao Dr. Manoel de Arruda Camara uma carta de recommendação que obtivera no Recife. Esse homem estimavel, achava-se então em Goyanna bastante doente de hydropesia, occasionada por sua residencia n'um districto sujeito a febres. Cultivava a botanica, sciencia de que era enthusiasta. Um governo previdente que calcula todos os serviços que póde prestar um

homem de talento tão superior, n'um paiz sem cultura, mas que faz rapidos progressos, não podia deixar de o accolher com solicitude.

Mostrou-me alguns dos seus desenhos, que me pareceram perfeitamente acabados. Não tive mais occasião de tornar a vel-o porque quando voltei do Ceará faltou-me tempo para visital-o, e elle morreu antes da minha segunda viagem ao Recife. Trabalhava na Flora Pernambucana, que a morte o impedio de completar.

O Sr. Joaquim tinha negocios na Parahyba e tencionava mandar lá o irmão em vez de ir pessoalmente; mas como offereci-me a acompanhal-o, teve a fantasia de ir commigo e mostrar-me as bellezas dessa cidade. Mandamos adeante o preto que lhe servia de guia e o meu creado com um cavallo carregado e partimos no dia seguinte, indo comnosco um pretinho delle. Atravessamos as campinas de Goyanna Grande ao nascer do sol e passamos o engenho do mesmo nome pertencente ao Sr. Girano, ao pé de uma ladeira que vai a Dois Rios. A estrada do Rio Grande, que segui em outra occasião, passa por Dous Rios; a da Parahyba é que merece particular menção. As subidas são rudes, mas pouco altas, e os bosques, as plantações e as choupanas, são como as que se vêem em toda parte. A distancia é de treze leguas. Entramos na cidade da Parahyba ao meio dia e fomos apear-nos em casa de Mathias da Gama, homem rico e coronel de milicias. Era conhecimento do Sr. Joaquim e estava de partida para uma de suas plantações de cannas; deixou-nos senhores absolutos da casa e deu-nos um creado para servir-nos.

A cidade da Parahyba, (nessas regiões onde a população é diminuta, dá-se o nome de cidade a lugares muito menores do que este), comtem de dous a tres mil habitantes, comprehendidos neste numero os da cidade baixa. E' facil de imaginar-se que já teve muito maior importancia do que tem hoje. Trabalhavam para aformoseal-a; mas o pouco que se fazia era a custa do governo, ou antes era o governador que desejeva deixar-lhe uma lembrança de sua administração. A rua principal é larga e calçada de grosseiras pedras, precisava porém de concertos. As casas em geral só tem o andar terreo, que serve de estabelecimento; algumas tem janellas envidraçadas; porém no Recife mesmo só a pouco começaram a uzal-as assim.

O convento dos jesuitas serve de palacio do governo; nelle estabeleceram igualmente as repartições e a residencia do *ouvidor*. A igreja do convento fica no centro. Os conventos franciscanos, carmelitas, e benedictinos, são immensos, mas estão quasi deshabitados; o primeiro conta quatro ou cinco frades, o segundo dous e o terceiro apenas um. Alem disso existem na cidade outras igrejas. Os chafarizes publicos da Parahyba são as unicas obras desse genero que vi nos lugares onde fui, ao longo dessa costa. Um foi construido, supponho, por ordem de Amaro Joaquim, o antigo governador; é bonito e tem diversas torneiras; o outro, que então estava em construcção, é muito maior; a fiscalisação dos trabalhos era a principal distracção do actual governador.

Fomos, no dia seguinte ao da nossa chegada, ao mesmo governador. O meu companheiro de viagem conhecera-o em Lisbôa, quando era elle apenas alferes. Era filho de pais respeitaveis habitantes de uma das provincias do norte de Portugal. Como o destinavam para o estado ecclesiastico, metteram-no no seminario, donde se escapoliu e foi alistar-se em Lisbôa como simples soldado. Um dos officiaes do regimento á que pertencia, notou logo que recebera educação e conhecendo-lhe as aventuras, o incluio, em attenção á familia, no numero dos cadetes. Atravessou o oceano no mesmo navio que as princezas do Brazil, no posto de capitão de infanteria. Chegando ao Rio de Janeiro casou-se com uma das damas de honôr das princezas, e dezoito mezes mais tarde, de simples capitão, passou a ser governador da Parahyba e commendador da Ordem de Christo.

Fomos depois á outra ala do edificio afim de cumprimentarmos o ouvidor, ancião risonho e muito affavel. Lá encontramos o seu capellão, um frade baixinho, bem disposto e jovial, que o Sr. Joaquim conhecia e que nos demonstrou as maiores attenções durante a nossa permanencia na Parahyba.

Das janellas do edificio descobre-se uma dessas paisagens particulares ao Brazil: extensos bosques sempre verdejantes, cingidos de collinas e regados pelo rio, que se reparte em differentes canaes, em cujas margens se divisam aqui e alli, alvas choupanas construidas em terreno alto, mas todavia meio escondidas por frondosos arvoredos. As terras lavradas são tão raras que mal se póde distinguil-as.

A cidade baixa compõe-se de casinhas e é edificada á borda de uma bacia ou lago mui vasto onde se reunem tres rios que despejam no mar por um só canal de grande largura. As margens do lago, como a de todos os rios d'agua salgada desse paiz, são cobertas de mattos tão apertados e espessos que parecem não ter sahida. Não desci o rio até o mar; mas soube que existem ahi algumas formosas ilhas, cujo terreno é magnifico, porem inculto. (1) A Parahyba foi o principal theatro da guerra hollandeza e sinto agora não ter descido a praia até o famoso forte do Cabedêlo. A guerra fazia-se n'um theatro acanhado, mas as proezas desses bravos defensores de sua patria, podem ser classificadas na mesma ordem que a de todos os povos que combateram por tão interessante e tão nobre causa.

O commercio da Parahyba é pequeno, embora os navios de cento e cincoenta tonelladas possam passar a barra e penetrar no rio. Chegando á bacia, defronte da cidade baixa, o menor cordame sustenta-os e ficam abrigados de qualquer perigo. Existe uma alfandega irregular, que raras vezes se abre. A Parahyba está affastada da estrada do sertão (2) ao Recife; isto é, da estrada que vai direito ás cidades existentes mais ao norte da costa. Os sertanejos do interior vão mais espontaneamente ao Recife do que á Parahyba por terem certeza de achar ali melhor preço para os seus productos. O porto do Recife admitte maiores navios e offerece maior facilidade ao embarque e desembarque das mercadorias, e é este o motivo da preferencia. As casas da Parahyba foram edificadas pelos grandes proprietarios da visinhança afim de nellas habitarem na força do inverno ou estação chuvosa. As terras da capitania, geralmente fallando, são ricas e ferteis, mas são tão preferidas as plantações das proximidades do Recife, que as da

(1) Um particular com quem travei relações, depois dessa epoca, arroteou uma dessas ilhas e nella estabeleceu salinas.

(2) A palavra *sertão* é empregada de modo vago; não só o interior do paiz, mas tambem grande parte da costa, cuja população é ainda diminuta, recebe esta denominação geral. Assim todo o paiz situado entre o Rio Grande e a Parahyba é conhecido por sertão. A Parahyba é uma pequena provincia que está entre Ceará e Maranhão.

Parahyba se compram por muito menos. O assucar desta provincia é tão estimado como o de outra qualquer parte do Brazil.

Vi depressa tudo o que de bom havia para ver; não tinhamos sociedade, e todavia o tempo não me pareceu longo, porque o Sr. Joaquim é excellente homem e de uma alegria que nunca se acaba. Tendo o coronel ordenado ao creado que provesse a todas as necessidades, viviamos como por magia.

O precedente governador, Amaro Joaquim, por sua justa severidade, estabelecera a bôa ordem na capitania. Introduzira-se nella um singular costume: os particulares uzavam á noite, passear pela cidade envolvidos em compridas capas e cobertos de preto e assim desconhecidos portavam-se pessimamente. Não podendo o governador saber quem eram esses individuos, ordenou um dia que a ronda prendesse a todos os que encontrasse desfarçados por esse modo. Sendo executada a ordem amanheceram no dia seguinte no corpo da guarda diversas pessoas das principaes da cidade. Um homem chamado Nogueira, filho de uma mulata e de um dos mais distinctos personagens da capitania, tornara-se temivel por sua audaciosa conducta. Raptava a viva força as filhas de respeitabillissimos habitantes da capitania e assassinava os parentes e amigos que se oppunham aos seus excessos. Afinal foi preso este sujeito e Amaro Joaquim quiz mandar executal-o, mas conhecendo que a cousa não era facil pela poderosa protecção que a familia poz em campo, ordenou que o açoutassem. Nogueira, porem, allegou que sendo *meio fidalgo*, nobre, esse genero de castigo não podia ser para elle. Então, mandou o governador que o açoutassem de um lado só afim de não offender os privilegios do lado fidalgo. Pediram a Nogueira que dissesse qual era a sua banda nobre e applicaram-lhe o castigo que merecia, e depois ainda de preso por algum tempo enviaram-no com galés perpetuas para Angola. A cidade da Prrahyba desfructava ainda os salutares effeitos do bom governo de Amaro Joaquim.

Eu me relacionára com elle em Pernambuco, o seu exterior e a sua conversação annunciavam um homem de talento superior. Quando o vi no Recife estava elle de viagem para Parahyba, para cuja capitania fora nomeado governador. Morreu de febres a bordo do navio de cabotagem que o conduzia á referida capitania.

O Sr. Joaquim quiz voltar a Goyanna ; a distancia é de vinte e duas leguas. Partimos na enchente da maré e seguimos a bahia até quasi onze leguas, indo apearnos á casa de um *capitão-mór*, homem de primeira ordem nessa parte do mundo ; habitava uma cabana feita de barro, tão ruim e mesmo peior do que a do mais pobre lavrador inglez ; era construida em cima de areias ardentes e tinha diante da porta um tanque d'agua salgada, que nunca secca de todo e crea insectos de todas as especies. Atravessamos agua duas vezes no correr da manhã. Em vez de canôas, servem se os moradores de pequenas jangadas (1) para a travessia dos rios. O cavalleiro vae na jangada, o cavallo, puchado pela redea, nada de um lado, emquanto que o jangadeiro rema si o rio é fundo ou senão impelle a jangada com auxilio de uma vara. As tres horas apercebemos que nos achavamos n'uma vasta plaga guarnecida de aprumados rochedos nos quaes distinguiam-se á certa altura os vestigios d'agua da maré cheia. Por felicidade estava na vasante. Entretanto mandamos o creado montar o cavallo que ate então fizera caminhar diante de si e appressamos o passo ordenando-lhe que nos seguisse. A agua já chegava á pequena distancia dos rochedos. Vimos mesmo um que, mais adiantado do que os outros, já não dava passagem ; resolvemos então apear-nos e a subir os rochedos emquanto que o guia mettia os cavallos a agua ; felizmente estes apoiaram-se a direita e passaram bastante affastados das pedras para vêrem do lado opposto a terra á que se dirigiam. Trepando escorregou-me um pé e cahi n'uma abertura onde fiquei enterrado até os braços que por fortuna sustentaram-me o côrpo. Levantando-me saltei para a outra banda no momento da volta de uma onda que me deu um banho frio até a cintura.

Bem poderiamos ter esperado que a maré baixasse ; mas receiamos ser surprehendidos pela noite, o que no entanto aconteceu apezar dos nossos esforços. A terra no outro lado do rochedo que penetra no mar é baixa, arenosa

(1) As jangadas empregadas nos pequenos rios, são construidas da mesma forma que as que já descrevemos, com a differença de serem trabalhadas mais grosseiramente.

e inculta. Ao crepusculo chegamos á beira de um grande rio; a pouca claridade que restava não nos deixava vêr a margem opposta; tivemos muito trabalho em chamar o jangadeiro, que não appareceu e a noite sobreveio.

Propuz ao meu companheiro dormirmos debaixo da arvore que então nos servia de abrigo; elle porém não concordou com isso e dirigindo-se ao guia perguntou-lhe á que distancia estavamos d'Abia, o engenho mais perto. Respondeu-lhe aquelle que a tres leguas. Era indispensavel ou passar a noite alli ou ir até Abia; já caminharamos dezeseis leguas, e o cavallo do Sr. Joaquim, bellissimo animal, porem um tanto gordo de mais, começava a enfraquecer. O guia passou adiante e nós seguimol-o por uma estreita senda bem pouco frequentada porque os ramos arrancavam-nos os chapéos de instante em instante e arranhavam-nos a roupa por todo o caminho. Chegando a Abia achamos a casa deserta; o administrador estava ausente e perdemos o desejo de entrar n'um casebre, que existia junto a casa grande logo que vimos que encerrava tropa mais numerosa do que a nossa e de má catadura. Tinhamos ainda meia legua a fazer para alcançarmos a casa do Sr. Leonardo, amigo do meu companheiro de viagem. Deu-nos elle bôa ceia, rêdes e mandou cuidar dos nossos animaes; pela manhã puzemo-nos a caminho para Goyanna, que dista sete leguas dalli; passamos por Alhandra, aldeia de indios que contém perto de seiscentos habitantes e não é tão regularmente edificada como muitas outras da mesma especie que vi. Em lugar de uma praça com casas dos lados, é dividida em ruas; e, embora tivessem conservado a praça, não se parece nada com as outras aldeias indianas. Os habitantes de Alhandra por sua visinhança com Goyanna, que lhe fica a tres leguas, não são de saugue tão puro como os que vivem mais longe de uma grande cidade. Admittiram entre si *mamelucos* e *mestiços*.

Grande parte dessa extensão de costa, é quasi deshabitada, mas em todos os lugares onde o terreno é baixo e fraca a pancada do mar, viamos cabanas.

As margens dos rios tão pouco não são de todo deshabitadas. Os dous primeiros que atravessamos poderiam ter de oitenta a cem toezas de largura; são fundos, mas não se estendem muito na região; quando a maré vasa esses rios descem e a mór parte secca.

O rio grande que pretendemos atravessar era o Goyanna que se alarga bastante quando a maré sóbe, mas em maré vasante facilmente se atravessa: nas marés de primavera o canal se aperta e perde a profundidade. Julga-se que tem uma legua de largo, na embocadura, immediatamente dentro da barra é muito mais profundo.

(Continúa na Revista n. 52)



O CLIMA DO RECIFE



A Chuva

As primeiras observações meteorologicas feitas no Recife foram tomadas pelo Dr. J. J. de Moraes Sarmento, medico portuguez, nos periodos de Agosto de 1842 a Janeiro de 1843 e de Junho a Novembro de 1844, depois publicadas nos Annaes da Sociedade de Medicina de Pernambuco e nos trabalhos da Academia de Sciencias de Paris.

Desses Annaes, consta tambem uma serie de observações feitas de Janeiro a Março de 1843 pelo medico inglez Dr. John London.

Emfim de Fevereiro de 1858 a Março de 1862 os jornaes do Recife publicaram quotidianamente observações que eram tomadas no observatorio do Arsenal de Marinha. (1)

Todas essas observações são interessantes por constituirem os primeiros dados positivos para o estudo climatologico do Recife; porém, ellas são insufficientes, quer pelo seu numero, quer pela sua falta de continuidade, para fornecer qualquer previsão precisa sobre o tempo do lugar, ou para explicar devidamente a ordem de successão dos diversos phenomenos meteorologicos que se desenrolam nesta cidade.

Em 1875, o Director da Repartição de Obras Publicas Provinciaes percebendo a importancia que teria para os interesses publicos e privados o conhecimento da Climato-

(1) Estudos sobre o clima e a mortalidade da capital de Pernambuco por E. Beringer, traduzido por Manoel Duarte Pereira.

logia da Provincia, obteve do poder competente a autorisação de organisar um serviço meteorologico especial, o qual foi confiado ao engenheiro E. Beringer.

Creou-se na Provincia diversos postos meteorologicos; mas neste estudo me occuparei sómente com o do Recife, o mais importante de todos. Nelle, a 1 de Março de 1876, iniciou Beringer uma serie de observações systematicas que, felizmente, prolongou-se até hoje sem solução de continuidade e continua ainda, apezar das migrações do posto de observação.

A principio, a estação meteorologica foi montada na Escola Modelo onde se acha hoje o Instituto Archeologico e Geographico, e ahi funccionou sob a direcção da Repartição de Obras Publicas Provinciaes até Setembro de 1886. Nessa data os apparelhos foram transportados sobre a ponte Buarque de Macedo, então em construcção, sendo feitas as observações sob a direcção da Repartição da Conservação dos Portos. Terminada a ponte, o observatorio foi mudado para o torreão do Arsenal de Marinha, passando a ser feitas as observações a 4 de Outubro de 1890 pela Inspectoria dos Portos e Obras Publicas Federaes, depois a 29 de Novembro do mesmo anno pela Inspectoria do 2° districto dos Portos Maritimos.

O observatorio foi conservado ate o presente no torreão do Arsenal de Marinha, estando porem a cargo da Commissão de Melhoramento do Porto do Recife desde 1894.

Apezar dessas mudanças na posição e na fiscalisação do posto meteorologico, as observações foram tomadas, desde 1876 até hoje, sem interrupção e da mesma maneira, de modo que fornecem elementos perfeitamente comparaveis e utilisaveis, para servirem de base a um estudo sobre a Climatologia do Recife.

O bacharel Manoel Duarte Pereira, secretario da Inspectoria do 2° districto dos Portos Maritimos, na sua traducção da obra já citada de E. Beringer, publicou as observações tomadas posteriormente á estada desse illustrado engenheiro no Recife, até o segundo semestre de 1891; mas infelizmente nota-se nellas muitos algarismos errados que attribuo a uma revisão insufficiente na impressão da obra. Resolvi então recorrer aos originaes existentes nos archivos das diversas Repartições que estiveram successivamente encarregadas desse serviço meteorologico e con-

segui reunir desde 1876 até o presente anno todas as observações feitas durante este ultimo periodo de 20 annos.

São esses documentos authenticos que eu passo a interpretar começando pelo estudo da Chuva. Continuarei estudando successivamente a Humidade, os Ventos, a Temperatura, etc...... conforme o permittirem os meus affazeres diarios.

As observações da chuva foram tomodas por meio do pluviometro, sendo medida diariamente a quantidade de chuva cahida. Essa medida é feita de modo a representar em millimetros a altura de chuva cahida sobre a superficie do solo. Sommando se as quantidades medidas quotidianamente obtem-se a chuva total cahida em cada mez. O quadro junto representa as chuvas cahidas mensalmente desde 1876 até 1896 isto é durante 20 annos, faltando apenas as observações de Janeiro e de Fevereiro de 1876, porque o serviço meteorologico foi iniciado sómente a 1 de Março daquelle anno.

Ao lado das quantidades de chuva figuram os numeros respectivos de dias chuvosos que teve cada mez, para se fazer uma idéa mais exacta da intensidade do meteoro aquoso que procuro analysar, nas diversas épocas do anno, assim como d'um anno para outro. Um exemplo mostrará melhor toda a importancia que ha em saber o numero de dias chuvosos correspondente a uma altura determinada de chuva. O mez de Julho de 1878 como o de 1883 tiveram ambos 24 dias chuvosos; mas durante o primeiro cahiu 1439millim.7 de chuva ou 60m.m. de chuva por dia, emquanto que durante o segundo cahiu 84millim.1 ou 3millim.5 por dia. Isso significa que apezar dos dous mezes serem igualmente chuvosos, n'um a chuva foi torrencial, cahindo aguaceiros fortissimos; ao passo que n'outro a chuva limitou-se a chuviscos diarios sem importancia. E' evidente o contraste que ha entre esses dous mezes e comprehende-se logo quanto devem ser differentes os effeitos produzidos em tal caso sobre a população, sobre a lavoura, sobre todas as manifestações da vida em geral.

As duas ultimas columnas do quadro são formadas pelas quantidades de chuva total cahida durante cada anno

e pelo numero total de dias chuvosos respectivo. Observa-se que o anno em que mais choveu foi o de 1880, podendo lhe ser comparado os de 1878 e de 1881, onde a altura da chuva cahida foi superior a 4 metros. Nota-se tambem que as chuvas de 1878 salientam-se por um regimem torrencial extraordinario, em vista do numero limitado de dias chuvosos que foi apenas de 169 nesse anno. Nenhum dos outros annos do periodo considerado, pode-se comparar com áquelle quanto á violencia das chuvas e como prova citarei a observação do dia 10 de Julho do referido anno da qual consta a quantidade enorme de 308millim·7 ou 0metro308 de chuva cahida em 24 horas. (1)

O anno menos chuvoso foi o de 1893, estando em condições semelhantes os de 1891 e de 1889, e sendo o minimo de chuva recolhida de 818millim.7 em 163 dias chuvosos. Repara-se logo que a differença entre os extremos nas quantidades de chuva não é correspondida por differença semelhante nos numeros de dias chuvosos; estes variam na razão de 1 para 1.5 emquanto que as quantidades de chuva apresentam extremos na razão de 1 para 5. Acontece mesmo haver igual numero de dias chuvosos, póde-se dizer, entre dous annos extremos com os de 1893 e de 1878. A conclusão a tirar é que *a chuva no Recife deve ser considerada como um phenomeno metereologico se reproduzindo annualmente de um modo sénsivelmente constante, porem com intensidades variaveis.*

Agora, si se tomar a media dos algarismos contidos em cada columna do quadro, obter se-ha, para cada mez do anno, a media da chuva cahida durante este ultimo periodo de 20 annos, assim como a media correspondente do numero de dias chuvosos. Essas medias constituem o que se chama em metereologia o *anno normal*, isto é, o que seria o anno se os demais factores meteorologicos fossem constantes. E' intuitivo que o anno normal será tanto mais approximado quanto fôr grande o numero de annos de observação. Deve ser considerado como o anno typo e caracteristico do lugar, sendo-lhe comparado todos os outros annos para julgar de suas anomalias e da sua inter–

(1) Archivo das Obras Publicas.

pretação induz-se ás leis das reproducções annuaes do phenomeno meteorologico que se estuda.

No Recife vê-se assim que a medida da chuva que cahe annualmente é de 2172millim.8 ou 2metros172 (1) em uma media de 185 dias chuvosos. Por esta media pode-se dizer o seguinte: *no Recife em dous dias ha um chuvoso* e não como disse muito apressadamente Beringer, em tres dias ha dous chuvosos, visto o pequeno numero de observações de que dispunha, as quaes não lhe permittiam estabelecer o anno normal do lugar.

Depois, nota-se a divisão do anno em duas estações muito distinctas, uma muito chuvosa de Março a Agosto, outra pouco chuvosa de Setembro a Fevereiro, conhecidas por *estação chuvosa* e *estação secca*, correspondendo exactamente com inverno e verão.

Na segunda quinzena de Janeiro ou na primeira de Fevereiro cahem as *primeiras aguas*, especies de pequenos aguaceiros de pouca duração. Ás vezes acontece serem chuvosos os ultimos dias de Fevereiro quando a estação chuvosa é prematura.

Esta começa em geral em Março com chuvas intensas, mas espaçadas, que depois se tornam abundantes em Maio, Junho e principalmente Julho, decrescendo rapidamente em Agosto. Os dous mezes mais chuvosos são Junho e Julho, nos quaes encontra-se de 22 a 24 dias chuvosos na media, isto é, as 7 ou 8 decimas partes do mez.

As chuvas tem mais ou menos a mesma importancia em Agosto do que em Março, porém são menos intensas. Aquelle mez pode ser casualmente bastante pluvioso se a estação chuvosa fôr prolongada ou retardada. Neste caso os ultimos aguaceiros terão lugar em Setembro e não mais em Agosto, como se deu nos annos de 1876 a 1881 e no de 1895.

Os mezes mais seccos do anno são Outubro, Novembro e Dezembro; entretanto nunca deixou de haver alguns dias chuvosos, a não ser por excepção o de Novembro de 1879, unico mez nestes vinte annos passados em que nenhuma

(1) Para obter essa media é preciso supprir á falta dos mezes de Janeiro e de Fevereiro de 1876 pelas medias 72.6 e 87.4 do anno normal achadas para esses dous mezes.

chuva cahio. As pequenas chuvas desse periodo veranico são conhecidas vulgarmente pelo nome de *chuvas de cajú*.

O facto da presença de chuvas embora fracas, porem relativamente frequentes no verão é digno de reparo, porque junto a outros factores importantes contribue para amenisar a temperatura estival que poderia ser mais elevada do que é em vista da latitude do Recife. Voltarei ao assumpto, quando tratar dos ventos e da temperatura.

Distinguindo a estação chuvosa da secca, observa-se que naquella cahe na media 1824millim. de chuva em 124 dias ou 14millim.7 por dia e nesta 348 millim. de chuva em 61 dias ou 5millim.7 por dia. Portanto na primeira as chuvas são cinco vezes mais abundantes do que na segunda sendo apenas tres vezes mais intensas n'uma do que n'outra Mas da relação que ha entre a chuva cahida e o numero de dias chuvosos nas duas estações segue-se que : *em tres dias, ha dous chuvosos no inverno e um no verão*.

A maior ou menor quantidade de chuva cahida por dia chuvoso, caracterisa a intensidade ou regimem da chuva. E' o que indicam, para o anno normal, os algarismos situados na parte inferior do quadro junto, obtidos para cada mez dividindo-se a altura de chuva cahida pelo numero correspondente de dias chuvosos. Aos pequenos e curtos aguaceiros das primeiras aguas succedem em Março e Abril os aguaceiros copiosos do começo da estação invernosa. Em Maio, um regimem normal parece francamente estabelecido tornando-se novamente torrencial em Junho e Julho. Agosto pode ser comparado a Março quanto a altura da chuva, mas o seu regimen é muito mais brando naquelle mez do que neste. Emfim em Outubro, Novembro e Dezembro, uma intensidade muito diminuta caracterisa simples chuviscos.

O sol passa no Zenith do Recife a 28 de Fevereiro e a 13 de Outubro, affastando-se nesse periodo para o norte de 31° 30' e no segundo intervallo de Outubro a Fevereiro de 15° 30' para o sul. A estação chuvosa corresponde exactamente com o maior affastamento e em consequencia com a época da mais baixa temperatura.

E' sómente depois de ter exposto como para a chuva os outros elementos climatericos do anno normal relativo á temperatura, á pressão atmospherica, aos ventos, etc. que tentarei explicar a formação desses diversos meteoros, porque estão sempre em relação intima uns com os outros,

Em resumo, pelos 20 annos de observação systematica realisada no Recife, pode-se concluir a respeito da chuva :

1° que annualmente cahe 2172 millim. de chuva ou 2metros172, na media.

2° que não ha mezes sem chuva dividindo-se o anno em duas épocas distinctas, uma muito chuvosa de Março a Agosto, outra pouco chuvosa de Setembro a Fevereiro, que correspondem com as estações de inverno e de verão.

3° que em geral sobre tres dias ha um chuvoso, sendo que, sobre tres dias haverá dous chuvosos no inverno e um no verão.

4° que a épocha chuvosa corresponde com o maior affastamento do sol e que está limitada muito aproximadamente entre as duas passagens deste no Zenith do Recife.

Recife, 16 de Agosto de 1896.

L. Lombard.

Engenheiro de minas.



ANNOS	Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto		Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		Total annu	
	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	Dias	Millim.	
1876	......	....	......	....	489.2	19	403.1	22	468.0	26	744.6	26	649.2	28	381.2	22	219.8	18	36.3	16	9.5	5	93.4	17	3494.3	
1877	94.6	18	44.9	14	116.7	22	30.6	8	462.1	12	102.8	12	558.9	20	187.7	20	124.0	15	3.7	1	52.0	8	6.7	2	1784.7	
1878	53.1	10	44.3	13	62.8	10	205.3	9	543.3	14	1314.4	27	1439.7	24	392·8	23	206.4	20	61.5	9	3.5	4	73.6	6	4400.7	
1879	278.0	16	75.7	8	302.2	17	238.1	18	332.3	22	562.4	22	424.8	26	560.5	23	175.7	18	55.8	8	0.0	0	138.3	7	3143.8	
1880	99.4	13	332.4	12	675.9	21	403.2	23	436.3	26	842.9	27	544.9	25	955.4	29	163.8	17	9.9	7	47.1	15	28.8	13	4541.0	
1881	12.9	6	221.7	10	417.6	21	457.4	25	304.8	20	613·2	25	1385.0	29	294.2	28	378.1	26	39.2	10	5.9	7	9.2	8	4139.2	
1882	41.0	11	109.2	10	31.3	13	290.2	23	314.3	24	527.6	26	588.5	28	200.9	28	38.1	14	12.4	10	16.9	10	92.1	11	2262.5	
1883	268.3	22	268.2	18	93.2	19	356.5	25	252.7	22	141.3	23	84.1	24	153.3	17	143.5	15	4.6	7	97.0	8	14.2	6	1876.9	
1884	26.1	12	11.7	8	309.5	22	334.8	23	139.1	21	303.0	20	183.2	25	79.1	21	40.1	19	25.9	9	37.8	12	6.5	3	1496.8	
1885	19.6	7	112.4	7	5.6	6	828.2	18	611.4	27	158.3	18	73.5	13	114.2	22	34.9	14	46.5	4	11.5	1	8.2	5	2024.3	
1886	117.2	12	53.0	11	114.7	10	391.2	23	253.4	24	416.1	22	223.5	25	229.8	21	40.1	10	8.6	7	20.1	10	20.4	11	1888.1	
1887	22.6	12	2.1	4	112.3	13	374·5	28	216.0	27	247.4	24	252.7	25	133.8	22	28.0	13	65.4	16	0.6	2	67.8	21	1523.2	
1888	39.9	15	31.5	12	162.3	21	167.1	11	205.0	21	294.1	21	222.6	28	80.6	20	15.5	9	17.9	6	43.9	12	8.0	9	1288.4	
1889	68.5	9	58.7	14	87.3	8	66.5	17	169.5	17	186.9	24	40.9	23	56.5	14	28.1	11	5.8	3	12.6	7	56.6	8	937.9	
1890	73.5	9	26.8	9	207.8	16	134.3	13	115.8	15	192.1	19	322.5	21	190.8	24	39.1	10	11.8	8	22.6	11	14.6	10	1251.7	
1891	18.7	6	79.6	11	18.3	8	145.8	14	168.0	26	148.6	26	20.9	25	82.0	24	4.4	9	45.1	11	19.3	13	8.1	9	858.8	
1892	0.6	3	75.9	2	216.1	17	122.4	19	142.5	18	231.7	28	150.1	23	76.0	15	52.4	15	34.1	6	15.4	10	6.6	4	1123.8	
1893	60.3	16	19.7	6	166.6	16	137.6	19	159.3	15	88.5	17	88.3	20	30.0	18	5.4	4	36.5	13	14.6	8	11.9	11	818.7	
1894	53.3	11	82.8	13	516.9	24	226.6	21	189.8	23	486.8	20	371.9	22	133.3	23	21.7	9	18.7	9	40.2	11	10.4	8	2152.4	
1895	22·4	7	11.0	7	586.1	26	171.2	15	294.3	24	283.1	18	306.2	21	288.4	24	141.7	18	56.1	11	91.4	8	28.6	9	2280.5	
Anno normal	72.6	11.3	87.4	9.9	234.6	16.4	274.2	18.7	288.9	21.2	394.3	22.2	401.6	23.7	231.0	21.9	95.1	14.2	29.8	8.5	28.1	8.1	35.2	8.9	2172.8	18
Chuva media por	6.4		8.8		14.3		14.7		13.6		17.7		16.9		10.5		6.7		3.5		3.5		3.9		11.7	

NUMISMATICA BRAZILEIRA(*)

DAS BRASILIANISCHE GELDWESEN VON JULIUS MEILI. I. THEIL. — DIE MUENZEN DER COLONIE BRASILIEN. — 1645 BIS 1822. — ZURICH. 1897, 8° IMP., XXXVII, 356 PP. E 59 ESTAMPAS.

A numismatica, diz Teixeira de Aragão, não é uma mania, especulação ou forma de ostentar riqueza; é uma sciencia, que da aridez do seu estudo tira grandes subsidios historicos.

Por comprehendel-a assim é que o Sr. Julio Meili, cidadão suisso, que por longos annos residio na Bahia e no Rio de Janeiro, depois de haver, com grande dispendio de tempo e de dinheiro, reunido o monetario brazileiro, talvez o mais completo existente, deliberou descrever e representar, em varias monographias publicadas de 1890 para cá, as preciosidades da sua collecção, proporcionando seguros guias a todos os que procurarem estudar as nossas moedas sob o triplice aspecto: historico, artistico e economico.

Refundindo os seus trabalhos anteriores o operoso numismographo emprehendeu agora dar-nos a historia completa d'*O Meio Circulante no Brazil*, obra de vastas proporções, planejada em tres volumes, o primeiro dos quaes comprehende *As Moedas do Brazil Colonia*, (1645—1822); o segundo abrangerá as do Brazil — Imperio e Republica — e o terceiro occupar-se-ha da nossa moeda fiduciaria.

A execução de tão meritorio projecto acaba de ser iniciada, de forma verdadeiramente monumental, com a publicação do primeiro volume, cuja importancia tentaremos salientar nas presentes linhas de despretenciosa apreciação graças ao exemplar com que nos obsequiou o autor.

No breve — Prefacio— que abre o livro, primorosamente impresso no Instituto Polygraphico de Zurich, achase plenamente demonstrada a utilidade do emprehendi-

(*) Esta noticia teve primeira edição no *Jornal do Recife* de 30 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 1898.

mento do Sr. Meili, em face da quasi absoluta pobreza da nossa litteratura numismatica. De facto, ainda não realisada a promessa feita, em 1880, por Teixeira de Aragão, de consagrar um quarto volume da sua excellente — *Descripção Geral e Historica das Moedas de Portugal*, ao numario brazileiro, apenas possuiamos os lacunosos « Apontamentos e Catalogo » que, sob o titulo de —*Moeda do Brazil* João Xavier da Motta deu á luz em 1889. Quem procurava esclarecimentos mais detalhados tinha que respigar trabalhosamente informações esparsas por grande numero de obras e catalogos, na apparencia alheios ao assumpto, cuja bibliographia methodica occupa quatro paginas do livro do Sr. Meili.

Em seguida encontra-se uma relação das principaes Leis, Cartas de Lei, Alvarás, Cartas Regias, Decretos, Provisões, Portarias e Avizos, de 1694 a 1822, referentes ao meio circulante do Brazil-Colonia, na qual está condensada toda a legislação sobre a materia.

Antes de analysarmos a interessante parte descriptiva da obra, convem não esquecermos as tabellas de varias especies que a precedem. Merecem particular noticia, pelas valiosas contribuições que encerram para a nossa historia commercial, as relativas ao pezo e toque das differentes moedas de ouro, prata e cobre, e ás oscillações do cambio, sobre Londres, de 1808—22— Durante estes quinze annos variou elle entre 96 d. e 47 d. por 1$000, sendo na media de 67 d. por 1$000.

A' parte descriptiva, profusamente entremeiada de notas historicas, serve de introducção um golpe de vista retrospectivo sobre o numerario portuguez tendo o curso no Brazil de 1500 a 1688. A leitura deste capitulo é summamente instructiva; nelle se nos mostra como, n'um periodo de quasi dous seculos, as successivas e frequentes reducções de padrão foram enfraquecendo a moeda e elevando o valor do metal.

Assim a marco de ouro de 22 quilates e o de prata amoedada de 11 dinheiros, que em 1517 valiam 23$962 e 2$400, em 1688 tinha subido a 102$400 e 6$360. De sorte que a proporção do accrescimo de valor, do reinado de D. Manuel ao de D. Pedro II, foi para o ouro de 1:4 1/4 e para a prata de 1:2 5/8, e a relação de valor entre a prata e o ouro elevou-se de 1:10 a 1:16.

Passando a tratar do numario propriamente brazileiro o autor ministra-nos dados novos e curiosos sobre o primero dinheiro metallico fabricado no Brazil: as famosas moedas obsidionaes cunhadas pelos Hollandezes aqui no Recife.

De assumpto tão intimamente ligado a historia de Pernambuco seja-nos licito mais demora apreciação. As varias series destas singulares e rarissimas peças rhomboidaes ainda não foram definitivamente descriptas.

Na *Histoire métallique des XVII Provinces des Pays-Bas* de Geraldo van Loon, acham-se representadas apenas quatro — tres de ouro e uma de prata — cujas gravuras o Visconde de Porto Seguro fez reproduzir na sua *Historia das Lutas com os Hollandezes no Brazil*, e são tambem as unicas enumeradas por João Xavier da Motta. O erudito collector suisso vae mais longe: descreve e representa nada menos de dez especies e variantes e faz menção de ainda quatro outras. As causas que determinaram a sua cunhagem são assaz conhecidas, e encontram-se narradas por extenso nos dous longos trechos que o Sr. Meili transcreve da citada obra de van Loon.

Em 1645 os invasores, apertadamente sitiados, no Recife, pelos pernambucanos, estiveram longo tempo sem receber soccorros da Hollanda; escasseando o numerario o Conselho deliberou amoedar o ouro que tinha em cofre, afim de satisfazer as exigencias da tropa, cujo soldo de muitos mezes estava por pagar.

Sobre a data precisa em que primeiro foram postas em circulação informa-nos o autor anonymo do *Diario da rebellião dos Portuguezes no Brazil*, impresso em 1647, em Arnhem, no seguinte trecho:

« *1 de Outubro de 1645.* — Ha alguns dias que os Senhores do Supremo Conselho assentaram de fazer uma nova moeda, e já se cunhou uma grande somma em ouro de 3, 6 e 12 florins, o que vem muitissimo a proposito para contentar aos militares e a outras pessoas. Diz-se tambem que cunhar-se-ha moeda de prata; o tempo o mostrará. » (1)

Estas moedas ou antes placas (*Klippen*) affectam a

(1) Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano n. 32, pag. 147.

forma rhomboidal ou quadrada segundo a maior ou menor regularidade com que foram separadas da lamina primitiva. No anverso apresentam, dentro de um circulo de perolas, a designação do valor (III, VI e XII) em algarismos romanos, e abaixo um monogramma composto das lettras G. W. C, iniciaes das palavras: « *Geoctroyerde Westindische Compagnie* » isto é: Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes.

No reverso trazem, igualmente dentro de um circulo de perolas, os dizeres: ANNO BRAZIL 1645, em tres linhas. Desta primeira serie o Sr. Meili descreve e representa a especie de 3 florins, pezando 1,80 grammas. Da de 6 florins consta que possue um exemplar o Sr. A. G. da Cunha, no Rio de Janeiro.

Continuando o assedio cunhou-se em 1646, uma nova serie, tambem de ouro, e de identicos valores, que, differindo das anteriores na data, mostram ainda outras variantes. A de 12 florins, pertencente ao mealheiro do Sr. Meili, peza 7,60 grammas, e traz após a palavra BRAZIL um pequeno rhombo ; outra moeda, do mesmo valor e anno, em poder do Sr. G. F. Ulex, em Hamburgo, é apreciavelmente maior, pezando 7,70 grammas ; as lettras dos dizeres são tambem maiores e as palavras ANNO BRAZIL, assim como a designação do valor —XII— são seguidas de um ponto. As duas moedas de 6 florins, descriptas na obra que vamos analysando, differem sómente no formato : uma é quadrada (n. 2) e a outra rhomboedrica. (n. 3*). A primeira peza 3,70 grammas.

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano possue um exemplar da de 3 florins, de 1646, perfeitamente igual á gravura de van Loon (II, 283) e á do Atlas de Mailliet (XVIII, 3) ; nelle tambem não vem o pequeno rhombo depois de BRAZIL.

Em 1654, prestes a capitularem, os Hollandezes cunharam de novo moedas, mas desta vez de prata. São do mesmo formato das de ouro, porém unilateraes, isto é trazem no anverso, dentro de um circulo de perolas, a designação do valor (X, XII, XX, XXX e XXXX), o monogramma das lettras G, W, C e abaixo a data 1654, e têm o reverso liso.

Os valores indicados são em soldos (*Stuiver*) e as moedas pezam respectivamente: a de 10 soldos — 2,85 grammas, a de 12 — 5 grammas, a de 20 — 6,05 grammas e a de

40 —12,10 grammas; isto quanto aos exemplares descriptos e representados n'*O Meio Circulante no Brazil.* *No Catalogue descriptif des Monnaies Obsidionales*, de Prospero Mailliet, figura ainda (pag. 68, n. 6) uma moeda de 20 soldos de *cobre*!

« As moedas obsidionaes de ouro, cunhadas em 1645 e 1646, diz o Sr. Meili, guardam, entre si, a relatividade de pezo correspondente ao seu valor nominal, ao passo que nas de prata, de 1654, as de 12 soldos (systema duodecimal) são notavelmente mais pezadas que as outras de 10–40 soldos (systema decimal). Esta circumstancia faz suppor que primeiro se fabricaram as de 12 soldos e mais tarde, escasseando o metal, se cunharam as peças, relativamente mais leves, de 10–40 soldos, que entre si correspondem quanto ao pezo. »

Todas ellas são hoje excepcionalmente raras, cotando-se as de ouro de 500—600 francos, e as de prata de 200—300 francos o exemplar, sempre que apparecem á venda.

Em fins do seculo XVII a exportação de dinheiro de contado para o metropole, por motivos perfeitamente explicados no succulento capitulo —*Razão dos estabelecimentos de Casas de Moeda no Brazil* — attingio proporções taes que a colonia ficou quasi inteiramente privada de numerario. Deliberou então El-Rei D. Pedro II autorisar, por Carta Regia de 8 de Março de 1694, a cunhagem de « Moedas Provinciaes », que deviam circular sómente no Brazil, não podendo ser exportadas. Afim de conservar á colonia o novo dinheiro foi aqui prohibido, por Alvará de 10 de Dezembro de 1695, o curso das moedas do reino e aos ourives que trabalhassem ou fundissem metaes preciosos amoedados.

Os valores estabelecidos para o novo numerario foram de nove especies: tres de ouro (4$000, 2$000 e 1$000) e seis de prata (640, 320, 160, 80, 40, e 20 réis).

As primeiras distinguiam-se das do reino pela inscripção — ET BRASILIÆ DOMINUS; — para as moedas de prata foi adoptada a divisa — SUBQ SIGN NATA STÁB — cuja significação tem sido diversamente interpretada.

Pensam alguns que é uma phrase elliptica em que foi omittida a palavra *Moneta*, com a qual concorda o adjectivo *Nata*, e que é o sujeito da oração. Esta phrase sem a ellipse deve ser: « *Sub quo signo nata moneta stabite*, sendo

a traducção: *sob o qual signal* (cruz) *nasceu e permanecerá esta moeda*. O Sr. Meili, concordando com a opinião de Lopes Fernandes e de Azeredo Coutinho, é de parecer que o sujeito omittido seja: *Terra S. Crucis*, e que a divisa signifique: « *Terra* (Brazil) *sob este signal* (da cruz) *descoberta tú prosperarás* !

A Casa da Moeda, primeiramente estabelecida na Bahia, alli funccionou por espaço de quatro annos; transferidos então para o Rio de Janeiro o seu pessoal e material, trabalhou naquella cidade de 17 de Março de 1699 a 13 de Outubro de 1700.

Mudada finalmente para Pernambuco, por Carta Regia de 20 de Janeiro de 1700, estabeleceu-se, aqui no Recife, no predio, para este fim construido, á rua Maria Rodrigues n. 21 (hoje da Moeda), sendo fechada pela Carta Regia de 5 de Abril de 1702.

As moedas provinciaes ou geraes cunhadas no Recife, de fins de 1700 a 12 de Outubro de 1702, distinguem-se por uma marca especial; as de prata, de 640, 320, 160 e 80 réis, trazem sobre a esphera armillar, a inicial P, e as de ouro em cada juncção dos quatro arcos, que circumdam a cruz de S. Jorge, igualmente um P. Quanto ás peças de prata de 40 e 20 réis, não se conhece nenhuma com a referida inicial, do que resulta a incerteza de saber-se si foram cunhadas sem esta marca ou si de todo aqui se não fabricaram. Tambem não se encontram exemplares das de ouro de 2$000 e 1$000, com quatro PP e por isto o Sr. Meili presume, com razão, que a cunhagem de ouro, que aliás attingio apenas á somma de 8:108$000, limitou-se as de 4$000. O valor da prata amoedada foi de 488:363$260, o que eleva a 496:471$260 o total do numerario produzido pela Casa da Moeda de Pernambuco.

Os trocos miudos faziam-se até então com o dinheiro de cobre do reino, de 10, 5, 3 e 1 1/2 réis emittido a 2-2 1/2 réis a oitava; rareando este foi resolvido dotar o Brazil de uma nova moeda colonial, creada primitivamente, em 1692 ou 1693, para a Angola.

Fabricadas no Porto, estas moedas de cobre trazem, dentro de uma orla formada por quatro arcos, a designação do valor, e em cada arco um P, por cujo motivo têm sido erroneamente attribuidas á Casa da Moeda de Pernambuco que uzou de igual marca. A serie consta dos valores de

20, 10 e 5 réis, tendo por legenda « MODERATO SPLENDEAT USU », isto é: « *brilhará pelo uso moderado* », sentença attribuivel a D. Pedro II.

No decurso do seculo XVIII a producção fabulosa dos jazigos auriferos, de Minas Geraes, S. Paulo, Goyáz e Cuyabá, levou á metropole um caudal de riqueza inestimavel.

Afim de amoedar o ouro proveniente do imposto de 20 % (*quinto*), e que sob esta forma era de preferencia exportado para o reino, instituiram-se casas de moeda em differentes pontos da região mineira, assim como no Rio de Janeiro e na Bahia. As especies e variedades de moedas nellas fabricadas, até a Independencia, são tão numerosas que se nos torna impossivel mencional-as, ainda que perfunctoriamente, nos limites já dilatados desta noticia.

Todas, porém, mereceram detalhada descripção no trabalho do Sr. Meili e acham-se representadas, nos seus principaes typos, nas bellissimas estampas que o acompanham e completam.

E' sobretudo digna de nota a magnifica serie de —*escudos*— de ouro, cunhados na Bahia, no Rio de Janeiro e em Villa-Rica, durante o reinado de D. João V, com a effigie do monarcha; as cinco especies desta serie, pelo seu alto valor intrinseco e a sua perfeição artistica, são das mais procuradas pelos collecionadores e reputadas raridades.— O mesmo acontece com os enormes *dobrões de cinco moedas* fabricados em Villa-Rica de 1724—27, com perto de 54 grammas de pezo e o valor nominal de 20$000.

Ao contrario, até ha bem pouco tempo, vulgarissimas eram as moedas de cobre de 10, 20 e 40 réis, cunhadas em Lisbôa de 1745—47, com a legenda: « PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM », isto é: *o dinheiro corre por todo o mundo*.

Esta legenda, circulando a esphera armillar, conservou-se no numerario de cobre de todos os reinados posteriores até o fim da regencia do Principe D. João. Exceptuam-se apenas as peças de 10 e 20 réis, cunhadas em 1722, para circulação local nas minas, nas quaes a legenda diz: — AES USIBUS APTIUS AURO — isto é: « *o cobre é mais proprio para o uso que o ouro* ».

D'entre o numerario cunhado no reinado de D. José I (1750—77) salientaremos sómente as denominadas — *moe-*

das mineiras — especialmente adaptadas ao commercio do ouro, a cujo preço em vintens (32=1 oitava) correspondem as suas designações de valor: 600, 300, 150 e 75 réis.

A historia das moedas do reinado de D. Maria I (1777—1805) abrange dous capitulos relativos aos dous periodos: o em que governou com o consorte D. Pedro III (1777—86) e o segundo (1786—1805) no qual reinou só. Igual divisão soffreu naturalmente o governo de D. João VI, primeiro como Principe Regente (1805—1818 e por fim como Rei (1818—1822).

Do primeiro destes reinados o Sr. Meili descreve 272 moedas de ouro, prata e cobre, cunhadas no ou para o Brazil.

Não escapou ás suas investigações o avultado numero de carimbos postos em moedas nacionaes e estrangeiras durante o reinado de D. João VI, afim de modificar-lhes o valor. Estas contramarcas são frequentes principalmente nos *pesos* hespanhóes, que corriam pelo valor de 960 réis, e receberam o carimbo constante das *Armas do Reino*, entre dous ramos de louros, tendo por baixo —960— e no reverso a Esphera armillar. Não consta que aqui em Pernambuco se procedessem a esta carimbagem, porquanto pela Provisão, de 9 de Maio de 1809, só foram remettidos, da Casa da Moeda do Rio de Janeiro, os ferros precisos para os carimbos para Minas Geraes, Matto Grosso, Goyaz, S. Paulo e Rio Grande do Sul, e o exemplar unico de um *peso* de 1809, contramarcado com a inicial P é attribuido a S. Paulo.

Das barras de ouro *de lei* que tiveram larga circulação nas regiões auriferas, descreve o Sr. Meili diversos exemplares provenientes das Casas de fundição de Villa-Rica, Sabará e Serro-Frio. Estes fragmentos do precioso metal acham-se completamente revestidos das seguintes marcas: as armas do reino, tendo por baixo o nome da localidade da officina fundidora; o numero da barra; o anno da fundição; a palavra *Toque* e o respectivo algarismo; os algarismos do peso e signaes particulares. No reverso das Armas a Esphera Armillar sobre a cruz da Ordem de Christo.

Comquanto reserve para o terceiro volume o estudo da nossa moeda fiduciaria, o Sr. Meili consagra um pequeno capitulo á fundação do primeiro *Banco do Brazil*, estabelecido pelo Alvará de 12 de Outubro de 1808, enumerando brevemente as notas por elle emittidas.

Valiosa contribuição para o estudo da nossa historia economica constitue o capitulo intitulado — « *Producção total das Casas de Moeda do Brazil de 1703 a 1822.*

Segundo os dados pacientemente reunidos pelo Sr. Meili o valor do numerario produzido durante aquelle periodo elevou-se ás seguintes sommas :

Ouro..................................	245.640:998$000
Prata..................................	40.460:866$319
Cobre	5.000:000$000

O valor das moedas coloniaes, fabricadas na officina de Lisbôa, para o Brazil, de 1752 a 1805, attinge a importancia de 1.638:344$885.

Extremamente curiosa e para os colleccionadores de grande auxilio são a noticia e gravuras das moedas brazileiras falsas ou falsificadas ; entre ellas encontram-se varias peças de 960 réis de cobre prateado, e uma verdadeira, do mesmo valor, cunhada no Rio de Janeiro em 1818, em que a marca R foi transformada, á lima, em P com o fito de fazel-a passar como fabricada em Pernambuco, onde, desde 1712, não se cunhou mais moeda. Igual adulteração achase em exemplares de 320 e 160 réis, nos quaes o R foi modificado para B (Bahia).

Como complemento indispensavel a obras deste genero acompanham o magnifico trabalho 59 estampas representando varias centenas de moedas. Executadas com admiravel perfeição pelo processo photo-callographico, o mais fiel que se póde desejar, estas estampas constituem um verdadeiro curso de cultur-historia.

Emfim, considerado sob qualquer aspecto, *O Meio Circulante no Brazil* se nos apresenta como uma obra prima e ao seu operoso autor compete lugar conspicuo entre os mais eminentes cultores da numismatica.

Que não tardem os dous volumes promettidos e a litteratura historica brazileira contará mais um monumento erguido pelo generoso esforço do benemerito numismographo suisso.

ALFREDO DE CARVALHO.

FUNDAÇÃO DE OLINDA (*)

São differentes as versões existentes sobre a fundação da legendaria Olinda.

Escreveram Simão de Vasconcellos Jaboatão, o douto autor do *Castrioto Lusitano*, e outros historiadores, que Duarte Coelho Pereira, chegando a Pernambuco a 26 de setembro de 1530, expelliu nesse mesmo dia os francezes estabelecidos em Itamaracá, bateu a 27 os potyguares, alliados desses estrangeiros e fundou na localidade occupada pela tribu dos selvagens a villa de Iguarassú, dando-lh a invocação de SS. Cosme e Damião, que eram os do calendario daquelle dia ; e que voltando para Portugal sómente em 1531 ou 1532, regressou d'alli para tratar da conquista e colonisação das terras que lhe haviam sido promettidas por D. João III.

De accordo com a licção dos escriptores supracitados estão dois dos quadros que ainda hoje se conservam na matriz de Iguarassú ; no primeiro dos quaes lê-se a seguinte inscripção :

« A primeira terra que em Pernambuco tiveram os Portuguezes, foy esta de Iguaraçú, nome que lhe trouxe a admiração dos Naturaes, vendo a grandeza das nossas embarcações, sendo o mesmo na sua lingua, Iguaraçú, que he Nao grande, chegando a ella no anno de 1530, em 27 de setembro, dia de Santos Cosme, e Damião, com cujo patrocinio vencerão no mesmo dia uma grande multidão de Indios, e expulsando-os fóra attribuirão aos Santos a victoria. *Ita* Fr. Raphael de Jesus in Castriot. Lusit. liv. 1 n. 15. E para maior triumfo do esquecimento, se fez este

---

(*) Este trabalho já foi publicado no almanach organisado no corrente anno pelo Dr. Julio Pires Ferreira.

de parte das esmolas que deo para esta Igreja o Illustrissimo Senhor D. José Fialho de feliz mem. Bispo de Pernambuco, no anno de 1729 e fez a festa á sua custa. »

No segundo quadro lê-se o seguinte:

« Vencidos os Indios pelos Portuguezes em dia de Santos Cosme, e Damião, em reconhecimento de tão grande beneficio, no mesmo lugar da victoria, que he este de Iguaraçú, fundarão logo este Templo, o primeiro que houve em Pernambuco e o consagrarão aos gloriosos Santos donde forão sempre continuas suas victorias, e maravilhas, e debaixo da protecção dos mesmos Santos fundarão esta Villa, que tambem foy a primeira que houve. *Ita* Castriot. Lusit. liv. 1 n. 15. E para maior memoria se mandou pôr este quadro no anno de 1729, e o deo de esmola o R. P. Felix Machado, Coadjutor do Reciffe. »

Consta de um documento que existia no archivo do mosteiro de S. Bento de Olinda, que no dia 9 de março de 1535 entrou o donatario com sua armada pela barra do sul de Itamaracá; e Fr. Vicente do Salvador accrescenta que Duarte Coelho, vindo com sua mulher D. Brites de Albuquerque, com seu cunhado Jeronymo de Albuquerque e grande comitiva, desembarcou no rio Iguarassú, no sitio MARCOS que separava sua capitania da de Itamaracá, onde já existia uma feitoria portugueza fundada em 1516; que nesse sitio residiu *muitos annos* e alli nasceram seus filhos Duarte, Jorge e Ignez, casada com Jeronymo de Moura: finalmente que foi durante sua estada nos *Marcos*, que Duarte Coelho mandou que Affonso Gonçalves edificasse a villa de Iguarassú.

Do foral da villa de Olinda, passado em 12 de março de 1537, e do qual possue o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano copia em um de seus livros de curiosidades, verifica-se que com effeito em 9 de março de 1535 chegou Duarte Coelho a Olinda.

O foral é documento importantissimo e digno de acurada leitura; nelle separava o donatario terreno proprio para edificação, designava logar para o paço do governador e declarava quaes as terras reservadas para plantações e pastagem do gado.

Varnhagen diz em uma de suas excellentes producções historicas que Duarte Coelho partira para Pernambuco em dias do mez de outubro de 1534, dando como razão de sua

opinião o ter D. João III no alvará de 2 do mesmo mez e anno, declarado que dispensava dos direitos devidos os objectos que o donatario conduzia nos navios em que *ora vai* para o Brasil.

Oliveira Lima em seu apreciavel estudo —*Pernambuco, seu desenvolvimento historico* — assevera que Duarte Coelho tomou a peito corresponder á munificencia regia e cuidou, como homem pratico, da expedição seguindo no mesmo anno da doação (1534) para o magnifico dominio que a corôa lhe concedera, e levando, além da mulher e do cunhado Jeronymo de Albuquerque, muitos gentis-homens da sua parentela, alguns fidalgos e bons colonos. Levantou nas immediações dos logares onde se tinham erguido as antigas feitorias de Christovão Jacques, as primeiras villas do seu feudo–Olinda e Iguarassú, separadas cinco leguas uma da outra.

José de Vasconcellos em suas curiosas *Datas Celebres*, que pena é não tenham sido concluidas, como tanto convinha á nossa historia, explica a fundação de Olinda por modo muito diverso, observando que em 1530 nem se cogitava sequer da divisão do Brasil em capitanias; a qual sómente se effectuou em 1534, por acto do rei D. João III; que Duarte Coelho, voltando da Asia em 1532, fôra em 1533 com uma armada para a Ilha Terceira, esperar as naus que deviam chegar da India; assim como que os francezes foram expulsos da ilha de Itamaracá por Pedro Lopes de Souza em 1532.

Parecia ao autor das *Datas Celebres* que os fundamentos de Olinda não foram lançados por Duarte Coelho, por ser impossivel que tendo o donatario chegado ao logar em 1535, no curto espaço de dois annos, já tivesse a villa tão largo desenvolvimento; em sua opinião a edificação começou no tempo de Christovão Jacques, a quem o rei de Portugal, D. Manoel —o Venturoso, ordenou em 1516 que construisse a feitoria de Itamaracá, afim de obstar a exportação de pau–brasil que era monopolio da corôa, e estabelecesse um engenho de fabricar assucar.

Ao que accrescenta José de Vasconcellos que Fernando da Cunha escrevendo em 1538, da feitoria dos *Marcos*, ao rei de Portugal D. João III, lhe communicava que existiam espalhados pela terra mais de tresentos christãos e seus filhos, numero que deveria necessariamente ter augmentado desde então até 1535 quando Duarte Coelho che-

gou a Pernambuco; que sendo Affonso Gonçalves incumbido pelo donatario de fundar a villa de Iguarassú, mandara este buscar os parentes pobres que viviam em Vianna, e os empregou na agricultura com os mais moradores que já havia no logar; essa população, sem duvida, conclue o escriptor a quem nos temos referido, não ficou circumscripta aos limites acanhados da feitoria; espalhou-se pelas terras visinhas, além de Iguarassú, empregando se na agricultura de modo que consta dos livros de arrecadação da Casa das Indias que em 1526 havia chegado a Lisbôa assucar de Pernambuco e de Itamaracá, seguramente preparado por conta do governo e não de particulares que naquelle tempo se contentavam com o commercio do pau-brasil e de outros productos naturaes.

A' perspicacia do illustrado escriptor das *Datas Celebres* escapou, certamente, que se fosse exacto ter Duarte Coelho, chegando a Pernambuco, encontrado fundadas as villas de Iguarassú e de Olinda, crescida a população de ambas e tão desenvolvida a agricultura e o commercio, que já existiam engenhos de fabricar assucar exportado para a Europa; traçadas as ruas de Olinda, abertas estradas para o interior do paiz e construida a egreja do Monte, cahiria por terra tudo quanto nos ensina a historia; isto é:

Que Duarte Coelho tendo desembarcado nos *Marcos* e batido os indios que occupavam a aldeia em que levantou a villa de Iguarassú, caminhou para a aldeia *Marim* habitada pela tribu dos tabajaras e ahi fortificou-se no alto em que existe hoje a Rua Nova;

Que nesse logar construiu uma torre de pedra e cal, na qual se recolheu com sua gente, sustentando lucta constante com os ferozes cahetés, selvagens da visinhança e sendo ferido em um desses encontros;

Que dos amores de Jeronymo de Albuquerque, cunhado do donatario, com a india tabajara filha do cacique Arco Verde de quem foi prisioneiro, descendem muitas familias illustres de Pernambuco;

Que Vasco Fernandes de Lucena praticou o facto legendario do qual originou-se a construcção da egreja de S. Salvador, hoje cathedral: feito que com outros serviços na catechese dos indios, deu causa a ser-lhe concedida por Duarte Coelho em 24 de julho de 1540 a sesmaria de uma legua de terras em Jaguaribe;

Que o primeiro engenho de Pernambuco foi levantado por Jeronymo de Albuquerque no logar hoje conhecido por Forno da Cal nas proximidades de Olinda; e que na capella desse engenho denominada de Nossa Senhora da Ajuda, foi elle sepultado como havia determinado em seu testamento feito em 13 de novembro de 1554.

Que do foral consta apenas que existia em 1537 a casa de Nossa Senhora do Monte; a egreja, certamente edificada muito depois, foi em 1597 doada pelo bispo do Brazil D. Fr. Antonio Barreiros aos monges benedictinos que chegando a Pernambuco em 1595 se achavam nesse anno estabelecidos na egreja de S. João.

Nada disto, e muito mais que por brevidade omittimos, ter-se-hia dado: por quanto, a acceitar-se como verdade a affirmativa de José de Vasconcellos, encontrou Duarte Coelho o paiz desembaraçado dos selvagens, os terrenos lavrados e a villa em grande adiantamento.

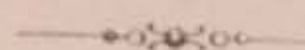
Ao donatario restaria sómente o trabalho de dar maior desenvolvimento a sua capitania, já tão prospera.

Não; os trabalhos da feitoria dos *Marcos*, aliás muito reduzidos, não passaram além dos seus limites. O assucar exportado em 1526 ainda não era fabricado nos terrenos proximos a Olinda; sahia da feitoria pela barra de Iguarassú conhecida então pelo nome de *Porto de Pernambuco*, devendo a essa circumstancia attribuir-se a procedencia encontrada nos livros de arrecadação das Indias.

Não; repetimos. Tudo foi em Pernambuco iniciado e promovido pelo genio intelligente, laborioso e emprehendedor de Duarte Coelho.

A. A. DE LUNA FREIRE.

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano



Acta da sessão ordinaria de 10 de Junho de 1897

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE.

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Dezembargador F. Luiz, Conselheiro Pinto, Drs. Marco Tullio, Coelho Leite, Sebastião Galvão, Pedro Celso, Guedes Alcoforado, Pereira da Costa, occupando a cadeira do 2° secretario, Coronel Manoel Heraclito e Major Codeceira substituindo o 1° secretario, que não compareceu, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1° secretario mencionou o seguinte expediente:

Um convite da Veneravel Irmandade do Divino Espirito Santo, para o Instituto se fazer representar nas exequias solemnes que ia fazer celebrar em 22 do corrente por alma do Exm. e Revm. Sr. D. João Esberard, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Tiveram conhecimento do convite todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Uma carta do Sr. Director Geral dos Correios e Telegraphos da Republica Argentina offertando o 1° volume de sua obra *Jurisprudencia Postal y Telegraphica, 1894*.—Mandou-se agradecer.

Offertas:

Pela redacção da Revista *Archivo do Districto Federal*, um numero da mesma Revista.

Pelo Sr. E. Dufosse, livreiro em Paris, um catalogo de livros de sua livraria.

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, um exemplar de sua Revista.

Pela Secretaria do Governo, dous exemplares da Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado em 6 de Março de 1897, pelo Governador Dr. Joaquim Correia de Araujo.

Pelas respectivas Redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Pelo consocio Major Codeceira, as seguintes obras: *Synopse ou Deducção Chronologica*, pelo general Abreu e Lima, 1 volume; *Os Jesuitas*, pelo Dr. Ildefonso Slanos Godinez, 1 vol. *Diccionaire Français-Allemand-Anglais*, 1 vol. *Chorographia Physica do Brazil*, por E. Wapeaux, 1 vol. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro 1885—1886, 1 vol. Inventario dos predios que os hollandezes haviam edificado ou reparado até o anno de 1654. Publicado em consequencia da resolução da Assembléa Legislativa de Pernambuco de 1838, 1 volume em brochura. *Histoire des Ordres Religieux*, por Henrion, 1 vol. Collecções de Leis Provinciaes de Pernambuco, diversos exemplares. Um titulo de reconducção do Bacharel João Francisco Duarte, no cargo de Juiz Municipal de Garanhus em 18 de Junho de 1858.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e remettido a commissão de contas para dar parecer o balancete da receita e despeza do Instituto no trimestre de Janeiro a Março ultimo.

O Exm. Vice-presidente declara que o Exm. Dezembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha, presidente effectivo do Instituto, remettera um exemplar do *Jornal do Commercio* de 24 do mez de Maio de 1897, no qual foi publicado interessantissimo trabalho do Dr. Pires d'Almeida sobre a imprensa de diversas epocas, attribuindo a capital do antigo imperio a prioridade do estabelecimento da imprensa do Brazil. Como, porém, essa affirmativa acha-se em completo desaccordo com o escripto do distincto consocio Dr. Pereira da Costa, publicado em o n. 39 da Revista, no qual demonstra que Pernambuco a primeira provincia do Brazil que possuio uma typographia que somente em consequencia da carta regia de 8 de Julho de 1706, deixou de existir por serem prohibidos os trabalhos e sequestradas as publicações feitas na officina, julgou o mesmo Sr. Vice-presidente conveniente fazer entrega do referido jornal ao consocio Dr. Pereira da Costa, para sobre o artigo do Sr. Dr. Pires d'Almeida publicar o que entender conveniente ao conhecimento da verdade historica.

Comparecendo o Sr. Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado eleito socio na ultima sessão, o Sr. Presidente lhe dirigiu palavras de saudação congratulando-se com o Instituto pela acquisição do novo consocio, bem conhecido

como funccionario publico de valiosos serviços nos differentes cargos por elle occupados no paiz e como presidente do Instituto Litterario Olindense, que a elle principalmente deve a sua conservação e grande prosperidade á que tem chegado, e fazendo votos para que o Sr. Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado não venha reunir-se ao numero enorme daquelles cujos nomes figuravam apenas nos quadros da Associação, e pelo contrario preste ao Instituto os serviços que são de esperar de sua intelligencia e actividade.

Communica tambem o Sr. Vice-presidente que o prestimoso consocio o Sr. José Arthur Montenegro do Rio Grande do Sul, de passagem por esta cidade para o Estado do Ceará visitara com sua Exmª. Consorte o Instituto, onde infelizmente por se ignorar a sua vinda não encontrara outros consocios, que certamente teriam vindo recebel-os e que aquelle consocio deixara um bilhete communicando a sua visita e saudando a todos os companheiros de trabalhos.

O Sr. Major Codeceira apresentou e foi lida uma carta do Sr. Miguel Ferreira de Mello, dirigida em virtude da proposta que fora remettida a aquelle senhor á cerca da morte do Dezembargador Joaquim Nunes Machado.

Mandou-se archivar e agradecer.

O Sr. Dr. Coelho Leite obtendo a palavra disse que o parecer da commissão, de que relator, incumbida de examinar a ossada do Dezembargador Joaquim Nunes Machado, já concluio o seu trabalho que será opportunamente apresentado por escripto ao Instituto e que á vista do exame feito minuciosamente, dos documentos existentes relativos a aquelle Dezembargador, das confrontações procedidas com o auto do corpo de delicto, effectuado no dia 3 de Fevereiro de 1849, nenhuma duvida resta aos medicos examinadores de que effectivamente pertenceram ao referido Dezembargador Nunes Machado os ossos examinados que se achão no salão da bibliotheca do Instituto.

O Sr. Major Codeceira communica que o consocio Dr. Coelho Leite, por occasião do exame á que procedeu na ossada do Dezembargador Nunes Machado, revelou a maior dedicação ao Instituto, cuja séde frequentou durante varios dias, em cada um dos quaes demorou-se muitas horas n'um trabalho difficilimo e que exigia a maior paciencia para reorganisar o esqueléto, bem como o craneo, que se achava

em grande parte reduzido a pequenos pedaços; pelo que propõe seja consignado na acta um voto de louvor e gratidão á esse digno consocio pelo valiosissimo serviço, que acaba de prestar ao Instituto.

A proposta foi unanimemente approvada.

Resolveu-se que fosse transcripta na presente acta a seguinte carta:

« Recife, 11 de Maio de 1897. — Amigo Sr. Major José Domingos Codeçeira. — Deseja V. S. que lhe narre por escripto as occurrencias que chegaram ao meu conhecimento e que se deram com os ossos que entreguei ao Instituto Archeologicc Pernambucano os quaes são do grande patriota Dezembargador Nunes Machado, morto a 2 de Fevereiro de 1849.

« Ha cerca de vinte annos exercia eu um cargo na administração da Irmandade do SS. Sacramento da matriz de Santo Antonio desta cidade, quando o ajudante do sachristão daquella matriz, Felix José d'Almeida Catanho disse-me que tendo sido transportados do convento de S. Francisco para aquella matriz os ossos do referido Dezembargador, em tempos passados, para uma commemoração funebre, foram ali abandonados os ditos ossos: mas o dito Felix Catanho, patriota de rija tempera e enthusiasta do Dezembargador Nunes Machado, tomou conta dos ossos e cuidadosamente encerrou-os em uma caixa de folha de flandres, que me mostrou.

« Para o Sr. Catanho aquelles restos constituiam uma reliquia e elles os zelava de modo digno de louvor.

« Nesse entretanto o cidadão Hermino Ernesto de Lemos Amaral, querendo prestar sua homenagem á aquelle patriota, offereceu para a guarda dos referidos ossos, uma urna de madeira comprada com o producto de uma subscripção, que para esse fim obtivera o mesmo Amaral.

« Fallecendo o Sr. Catanho, o sachristão daquella matriz Francisco Landelino da Silva, outro patriota e enthusiasta do Dezembargador Nunes Machado, tomou conta dos ossos, como um legado precioso e continuou com o mesmo louvavel zelo de guardar aquelles restos.

« Dou testemunho do que acabo de relatar.

« Sentindo-se Landelino gravemente doente pedio-me para tomar conta daquelles ossos afim de que não se extraviassem.

« Não existindo mais Landelino, e parecendo-me tempo de se garantir uma pousada certa a aquelles ossos, e prestar-se a devida homenagem a aquelle grande patriota, lembrei-me de fazer entrega dos mesmos ossos a V. S. como a pessôa mais competente para o desempenho da missão.

« Felizmente não me enganei, pois V. S. com o amor da patria e tenacidade bem conhecida em breve assegurará á aquelles ossos o não desapparecerem na valla commum e poderem receber a homenagem á que tem direito.

« Poderá V. S. usar desta carta como lhe aprouver.

« Com a maior estima e consideração sou de V. S. Amigo Affectuso e Criado. — *Graciliano Octavio da Cruz Martins.* »

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE,
Presidente.

JOSÉ DOMINGUES CODECEIRA,
Substituindo o 1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
Supplente do 2º Secretario.



Acta da sessão ordinaria de 5 de Agosto de 1897

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Conselheiro Pinto, Marco Tulio, Coelho Leite, Guedes Alcoforado, Sebastião Galvão, Dezembargador F. Luiz, Major Codeceira, substituindo o 1º secretario, que não compareceu e Dr. Pereira da Costa, substituindo o 2º, abriu-se a sessão,

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Provedor da Santa Casa de Misericordia, de 15 de Julho, acquiecendo ao pedido do Instituto dispensando-lhe a taxa de enterramento que teria de pagar pelo acto solemne da trasladação dos ossos do Dezembargador Joaquim Nunes Machado, para o cemiterio, que deverá realisar-se no dia 15 do corrente. — Mandou-se agradecer.

Um dito do Congresso Scientifico Latino Americano, de Maio, convidando o Instituto a tomar parte na solemnidade que pretende realisar em Buenos Ayres de 10 a 20 de Abril de 1898.—Resolveu-se que opportunamente seria tomado o convite na devida consideração.

Um dito do Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia, remettendo a relação dos socios eleitos para a sua Mesa Administrativa do corrente anno social. — Mandou-se agradecer.

Um dito do Instituto Olindense, de 12 de Julho, convidando o Instituto para a sua festa anniversaria, no dia 25. —Para corresponder ao convite o Exm. Sr. Dezembargador Vice-presidente declara ter nomeado uma commissão composta dos consocios Drs. Pedro Celso, Pereira da Costa e Sebastião Galvão.

Um dito do Sr. Dr. Director Geral de Estatistica do Rio de Janeiro, pedindo resposta ao questionario que remette incluso. — Mandou-se satisfazer.

Um dito do Dr. Theophilo Rodrigues, de 4 de Julho, accusando a recepção e agradecendo a remessa de seu diploma de socio correspondente do Instituto· — Inteirado.

Um dito da Sociedade Beneficente dos Empregados da Estrada de Ferro do Recife á Varzea e Dois Irmãos, de 26 de Julgo, convidando o Instituto para a sua festa anniversaria em 8 do corrente. — Tiveram conhecimento do convite todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Offertas:

Pelo consocio Dezembargador Luna Freire, um volume de sua obra — *Colonia Soccorro*.

Pelo consocio J. A. Montenegro um folheto. — Notas para a carta geographica do Rio Grande do Sul.

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia o 4º volume de sua Revista trimensal.

Pelo Museu Paraense um numero do seu Boletim.

Pelo Museu Nacional Argentino um numero do seu Boletim.

Pelo Sr. Antonio Nunes Ferreira Coimbra um folheto — A Maçonaria justificada pelos convertidos Leo Taxil e Diana Vaughan.

Pela redacção da revista *Archivo do Districto Federal*, dous numeros da mesma revista.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, dous numeros do seu Boletim.

Pelo consocio Dr. Coelho Leite os seguintes documentos :

Uma Carta Régia do Principe D. João de Portugal datada do Rio de Janeiro, nomeando para o cargo de Juiz de Fóra da cidade do Maranhão ao Bacharel Bernardo José da Gama, em 17 de Agosto de 1808.

Uma dita nomeando o Visconde de Goyanna para o cargo de Ministro do Imperio, em 18 de Março de 1831.

Uma dita, nomeando o Dr. Bernardo José da Gama, Cavalheiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, em 13 de Outubro de 1828.

Um Decreto nomeando o Visconde de Goyanna para o cargo de Presidente do Pará.

Uma Carta Régia mandando dar o habito de noviço da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, na Cathedral de Pernambuco ao Juiz de Fóra Dr. Bernardo José da Gama, em 6 de Outubro de 1828.

Uma Provisão nomeando o Bacharel Ayres de Albuquerque Gama para o cargo de Promotor Publico do Rio Formoso, em 13 de Março de 1857.

Um Alvará nomeando o Bacharel Bernardo José da Gama Dezembargador da Relação de Pernambuco, em 20 de Outubro de 1821.

Auto de posse conferido ao mesmo em 18 de Março de 1823.

Carta Patente conferindo ao Visconde de Goyanna, o titulo de Irmão da Irmandade do SS. Sacramento da Matriz da Bôa Vista, em 19 de Setembro de 1838.

Carta do Ministro Manoel José de Souza Franco, communicando ao Visconde de Goyanna ter sido aceita pela

regencia a demissão que dera do cargo de Ministro do Imperio, em 28 de Abril de 1831.

Autographo da correspondencia particular do Visconde de Goyanna.

Uma photographia representando o pontifice Pio IX e varios bispos.

Uma collecção de moedas antigas que pertenceu ao Visconde de Goyanna.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido, discutido e approvado o parecer da Commissão de Contas sobre o balancete da receita e despeza do Instituto, no trimestre de Janeiro a Março ultimo.

Foi proposto e approvado para socio effectivo independentemente da contribuição da joia respectiva o Sr. Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho, engenheiro civil.

O Sr. Dr. Pereira da Costa, declara que, por parte do Sr. Commendador Manoel Gonçalves Agra, foi autorisado a participar ao Instituto que aquelle Commendador põe gratuitamente á sua disposição um carro funebre de primeira ordem, para conduzir, da matriz de Santo Antonio ao Cemiterio Publico de Santo Amaro os restos mortaes do Dezembargador Nunes Machado.

O Instituto acceitando o valioso serviço do Sr. Commendador Agra, mandou que se lhe agradecesse, bem como ao Dr. Prefeito do Municipio que, segundo declarou tambem o mesmo consocio, promettera dispensar a taxa a que têm direito a municipalidade pela trasladação dos ossos para o tumulo no Cemiterio Publico.

O Sr. Major Codeceira propoz que fosse solemnemente feita a trasladação no dia 16 do corrente, precedendo missas na matriz de Santo Antonio, ás 8 horas da manhã, sendo alli depositada na vespera a urna contendo os restos mortaes do Dezembargador, os quaes fossem depois acompanhados para o Cemiterio por uma commissão especial do Instituto, socios e todos os cidadãos que o quizessem, fazendo se para esse fim annuncios de convites especiaes ás redacções dos jornaes da capital e as autoridades superiores.

Sendo approvada a proposta, foi nomeada a commissão composta do mesmo Sr. Major Codeceira, Conselheiros F.

Luiz e Pinto Junior e Drs. Pereira da Costa e Sebastião Galvão.

O mesmo Sr. Major Codeceira, obtendo a palavra, proferio um discurso protestando contra o pedido que acabam de fazer a Intendencia de Alagôas diversos e illustres cidadãos daquelle Estado afim de ser commemorado n'uma das ruas ou praças de sua capital, o nome de Calabar.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE,
Presidente.

JOSÉ DOMINGUES CODECEIRA,
Substituindo o 1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
Supplente do 2º Secretario.

Acta da sessão extraordinaria de 13 de Agosto de 1897

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Conselheiro Pinto, Marco Tulio, Netto Campello, Coelho Leite, Sebastião Galvão, Celso Uchôa, Guedes Alcoforado, Pereira da Costa, Antonio Witruvio, Manoel Cicero, Victalino Lins, Dezembargador Martins Pereira, Regueira Costa, 1º Secretario, e Major Codeceira, 2º dito, abriu-se a sessão.

Pelo Exm. Sr. Presidente foi declarado haver convocado extraordinariamente a presente sessão, para tomar conhecimento da representação feita por uma grande commissão composta de todas as classes da sociedade, afim de

que seja addiada para o dia 3 de Fevereiro do anno proximo vindouro, a transladação dos restos mortaes do grande patriota Dezembargador Joaquim Nunes Machado.

O Sr. Presidente observa que estão no conhecimento de todos os esforços empregados pelo Instituto para salvar, não a memoria do illustre pernambucano, a qual é imperecivel, porém seus preciosos despojos, á que estavam condemnados pelo abandono indesculpavel de quasi meio seculo.

Partindo a inicitiava desse pensamento generoso do venerando ancião Major José Domingues Codeceira, socio benemerito, por todos os titulos, havia o Instituto conseguido recolher esses restos mortaes, verificar, por um exame medico a sua authenticidade, encontrar a urna funeraria, já perdida, que para seu deposito, mandara do Rio de Janeiro a virtuosa viuva, fez erigir a sua custa no Cemiterio Publico modesto, porém decente jazigo e havia designado o dia 16 do corrente mez para a trasladação solemne, quando na sala de nossas sessões apresentou-se hontem a grande commissão de que fallou, allegando que era seu mais ardente desejo que se celebrasse tão importante cerimonia com o consenso de todos, principalmente com o consenso necessario do povo por quem Nunes Machado se sacrificava, perdendo a vida ainda cheia de esperanças, no combate renhido que no dia 2 de Fevereiro de 1849 travaram os liberaes de Pernambuco com as forças compressoras, assim como que a apotheose, ainda que tardia, que o povo lhe preparava, importaria a cessação da falta enorme commettida para com a memoria do eximio patriota, sendo que essa grande manifestação popular não podia ser preparada no curto espaço de tres dias contados daquelle em que se teve noticia da resolução do Instituto.

O Sr. Presidente conclue dizendo que era facil de avaliar a contrariedade do Instituto, por ter de se demorar ainda por tanto tempo, a realisação de seus intuitos patrioticos, para a qual trabalhava a muitos mezes com a modestia propria da nossa instituição, com a publicidade porém constante dos jornaes em que são impressas as actas das nossas sessões, parecia-lhe entretanto que esse descontentamento devia ceder diante do desejo tão geralmente externado de fazer-se a apotheose do benemerito pernambucano, com o esplendor á que lhe dão direito seus feitos, dignos de perpetuar-se no marmore da historia.

Terminou o Sr. Presidente pedindo aos consocios que se manifestassem a respeito da representação, afim de adoptar-se uma deliberação que elle com os collegas que se achavam presentes na occasião, não se julgou autorisado a tomar em sentido contrario ao que havia sido resolvido pelo Instituto.

O Sr. Major Codeceira, pedindo a palavra, diz que tendo o Instituto deliberado, em sessão de 17 de Outubro ultimo, que no dia 16 do corrente fosse inaugurado no Cemiterio Publico, o tumulo remettido para esta cidade pela viuva do benemerito Dezembargador Nunes Machado. e restaurado por essa Associação, para nelle encerrar os restos mortaes daquelle distincto cidadão, resolvera igualmense que antes da trasladação para o Cemiterio, fossem depósitados os ditos restos na matriz de Santo Antonio e ali celebrada uma missa por alma do finado, precedendo convites pela imprensa aos amigos e admiradores do referido Dezembargador para assistirem a esses actos e que tendo sido pela commissão nomêada, executadas as deliberações do Instituto, e se dispendido dinheiro para isso; faltando apenas tres dias para a realisação da trasladação determinada, achava um pouco tarde para adoptar-se uma deliberação em contrario.

Entretanto parecendo-lhe justa a pretensão dos representantes, na qual, segundo affirmam, não entra a menor ideia de politica, mas unicamente o sentimento de patriotismo e o desejo que devem ter todos os bons cidadãos de pagar um tributo ao grande morto, que tanto fez pela patria, não tem duvida em dar o seu voto no sentido de satisfazer a representação, caso convenham nisso os demais consocios.

E depois de historiar as difficuldades com que lutou a commissão, para encontrar o tumulo e fazel-o restaurar, por se achar muito estragado, conclue pedindo que o Instituto, caso conceda a transferencia dos restos mortaes para 3 de Fevereiro, não desista da cerimonia religiosa que fôra combinada, visto ter sido o Dezembargador Nunes Machado um homem reconhecidamente catholico.

Em seguida usaram da palavra os consocios Drs. Guedes Alcoforado e Pereira da Costa, que depois de varias considerações sobre o assumpto, declararam votar pelo addiamento pedido.

Não havendo mais quem pedisse a palavra e posta a votos a transferencia pedida dos restos mortaes para o Cemiterio Rublico para o dia 3 de Fevereiro, foi approvada unanimemente.

O Sr. Major Codeceira declara que lhe parece estar terminada a incumbencia da commissão encarregada de promover a trasladação dos ossos, mas sendo necessaria outra para tratar disso em Fevereiro, pede ao Sr. Presidente que a designe afim de, encorporada com a que hão de nomear os impetrantes proceder convenientemente.

O Sr. Presidente manda que continue a mesma.

Foi proposto e approvado para socio effectivo do Instituto o Exm. Sr. Dr. José Marianno Carneiro da Cunha, o qval, achando-se presente, bem como o Sr. Dr. Alfredo de Carvalho proposto e approvado na sessão anterior, foram convidados a tomar assento, dirigindo-lhes o Exm. Sr. Presidente palavras de congratulação á que respondeu o Dr. José Marianno agradecendo.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE.
Presidente.

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA.
1º Secretario.

JOSÉ DOMINGUES CODECEIRA.
2º Secretario.

Acta da sessão ordinaria de 9 de Setembro de 1897

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE.

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Conselheiro Pinto, Marco Tulio, Sebastião Galvão, Major Codeceira, substituindo o 1º secretario, que não compareceu e Dr.

Pereira da Costa, occupando a cadeira do 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, bem como a da sessão extraordinaria de 13 de Agosto.

O Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes, de 2 do corrente, communicando ter designado o seu associado José Antonio Vieira da Cunha para fazer parte da commissão incumbida da cerimonia da trasladação dos restos mortaes do Dezembargador Joaquim Nunes Machado, para o Cemiterio, em 3 de Fevereiro proximo vindouro. — Inteirado.

Um dito da Commissão Executiva do Club Central R. dos Officiaes da Guarda Nacional, de 31 de Julho, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria de installação em 6 do corrente. — Tiveram conhecimento do convite todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Um dito do Club Polytechnico Pernambucano, de 27 de Agosto, communicando a sua installação. — Mandou-se agradecer a communicação.

Um dito do Sr. José Joaquim Dias do Rego, de 9 do corrente, offertando o processo, que por ordem do Dr. Honorio Hermeto Carneiro Leão, foi instaurado contra os patriotas Pedro Ivo Velloso da Silveira e outros. — Mandou-se agradecer.

Offertas:

Pelo consocio Dr. Alfredo de Carvalho, um volume da obra *Fontes de Riqueza*, pelo Dr. Urias A. da Silveira.

Pelo autor, general Francisco Raphael de Mello Rego, um folheto: — *Limites de Goyaz com Matto Grosso.*

Pela Secretaria de Justiça e Negocios do Interior, um volume — *Leis do Estado de Pernambuco para os annos de 1896 e 1897.*

Pelo autor Francisco Vieira Bolitreau, um folheto: — *These de concurso á vaga de lente substituto da Escola de Engenharia do Estado de Pernambuco.*

Pela respectiva redacção um folheto — *Revista Catholica.*

Pelo autor, Barão de Capanema um folheto — *O beriberi. Infiltrações provenientes de outros estados morbidos, etc.*

Pelo autor o Sr. Alfredo Rodrigues, um folheto — *Estudos historicos sobre o Rio Grande do Sul.*

Pela redacção da Revista *Archivo do Districto Federal*, um numero da mesma Revista.

Pela respectiva redacção um folheto — *Ensaios de Sciencia* — por diversos amadores.

Pelo consocio Major Codeceira, as seguintes obras: — *Inscription Runique de Riprée interpretés par C. C. Rafn*, Barlous, um volume; *India Christã ou Cartas Biblicas* pelo M. R. Padre Pedro Gral.

Pelo Instituto do Ceará um numero de sua Revista Trimensal.

Pelo Sr. Zozimo uma costella de baleia.

Pelas respectivas Redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados, inclusive um exemplar d'*A Crença*, que se publica nesta cidade.

Pelo consocio Dr. Coelho Leite, seis moedas de cobre e dous retratos lithographados do Conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto.

Pelo consocio Dr. Pereira da Costa, as seguintes moedas e medalhas:

Uma medalha romana do tempo do imperio.

Uma de cobre, portugueza, sem valor e sem data, do reinado de D. Sebastião. 1757 -1758.

Uma de cobre, portugueza, de quarenta réis, do reinado de D. Maria I, cunhada em 1774 tendo no acto do reverso a contra marca G C P.

Uma de cobre, portugueza, de cinco réis, sem data, do reinado de D. Sebastião. 1757—1758.

Uma de prata, portugueza, de cincoenta réis. 1861.

Uma de prata, hespanhola, de 1723.

Duas de cobre, brazileiras, de vinte réis, do reinado de D. Pedro I, tendo uma dellas a data de 1825.

Duas de prata, brazileiras, de duzentos réis, sendo uma de 1861 e a outra de 1868.

Uma de prata, franceza, de vinte centimos, do reinado de Napoleão III.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido, discutido e approvado o parecer da commissão de contas sobre o balancete da receita e despeza do Instituto no trimestre de Abril a Junho ultimo.

Foram propostos e approvados para socios effectivos do Instituto, os Drs. Manoel Joaquim de Andrade Luna e Ze-

ferino Gonçalves Agra, e o Rev. Padre Luiz Ignacio de Moura.

O Exm. Sr. Presidente disse, que tendo o Instituto conhecimento, em 1867, que sob os escombros da casa que servia de capitulo aos monges do Carmo de Olinda existia a sepultura raza de D. Francisco de Lima, um dos mais notaveis prelados de Pernambuco, fallecido em 1701, resolveu, com as licenças necessarias, fazer as escavações precisas para recolher os restos mortaes do venerando bispo e deposital-os em jazigo decente.

E assim se fez no dia 28 de Outubro daquelle anno, perante uma commissão do Instituto.

Com a ossada do illustre prelado encontraram os restos sacerdotaes; a cruz processional e o annel episcopal eram de metal ordinario; não podia deixar objectos de subido valor, bispo piedoso em cujo espolio encontrou-se sómente uma moeda de quarenta réis, por haver dispendido todos os seus rendimentos em obras de caridade e na cathechese de Indios do interior da Capitania no percurso de mais de duzentas leguas.

Feita a exhumação, exigio o prior do referido convento Frei João do Amor Divino, a entrega dos despojos daquelle que pertencera á sua Ordem.

Assim resolveu o Instituto que fossem esses despojos depositados no convento do Carmo do Recife, até que no de Olinda fosse preparado o jazigo que o Prior se havia compromettido a mandar construir.

Passaram-se sete annos e sabendo o Instituto que se não fizera no convento de Olinda o jazigo promettido, deliberou em sessão de 17 de Abril de 1873 mandar fazel-o á sua custa na capella-mór do convento da velha capital.

Por occasião, ha pouco tempo, de ler a nossa *Revista* o que della constava com relação ao bispo D. Fr. Francisco de Lima, afim de poder escrever a noticia que a respeito dos — Bispos de Olinda — deu o mesmo Sr. Presidente em seu trabalho *Colonia Soccorro*, procurou saber se com effeito se cumprira a autorisação do Instituto, e nada encontrando nos nossos balanços, desde aquella epocha, nomeou o nosso consocio Dr. Pereira da Costa para ir a Olinda examinar se existia ali o jazigo á que se refere, e como o nosso companheiro, por seus affazeres, não tivesse podido ir a aquelle lugar, foi elle Presidente com o nosso consocio Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado, na tarde de 8 de Agosto

e depois de minucioso exame, verificaram que nada existe feito com relação ao jazigo do virtuoso prelado, cujos restos mortaes devem portanto estar ainda depositados no convento do Carmo do Recife.

Para que esse negocio tivesse uma solução, pois que são passados trinta annos, expunha ao Instituto o que se havia dado.

Pelo Dr. Pereira da Costa foi dito que tendo sido informado pelo nosso consocio Dr. Francisco Jacintho de Sampaio, que o jazigo fôra construido na capella-mór do convento do Carmo de Olinda aguardava uma occasião opportuna para ir áquelle lugar verificar a existencia do mesmo jazigo, porem que em vista do que acaba de expôr o Sr. Presidente devia o Instituto tomar uma deliberação que puzesse termo a isso.

Em consequencia do exposto e do que acaba de repetir o Sr. Dr. Pereira da Costa e da deliberação agora tomada pelo Instituto, nomeou o Sr. Presidente uma commissão composta dos Srs. Drs. Pereira da Costa, Marco Tullio e Sebastião Galvão, para, entendendo-se com o Rvm. Provincial do Carmo, verificar se ainda se conserva alli o deposito que lhe foi confiado e se a Ordem Carmelitana se quer encarregar de construir no seu convento o jazigo, concorrendo o Instituto com a lapida e mais despezas indispensaveis.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE,
Presidente.

JOSÉ DOMINGUES CODECEIRA,
Servindo de 1° Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
Supplente do 2° Secretario.

Acta da sessão ordinaria de 21 de Outubro de 1897

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Dezembargador F. Luiz, Drs Baptista Regueira, 1º secretario, Alfredo Carvalho, Sebastião Galvão, Pereira da Costa e os Srs. Augusto Cesar, e Major Codeceira, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1º secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Dr. Prefeito do Municipio, de 11 de Setembro, communicando ter attendido ao pedido do Instituto, no sentido de ser dispensada a taxa á que tinha direito a Municipalidade pela trasladação dos restos mortaes do Dezembargador Joaquim Nunes Machado, em 3 de Fevereiro de 1898, para o Cemiterio Publico. — Mandou-se agradecer.

Um dito da Sociedade Litteraria Gonçalves Dias, de 23 de Setembro, communicando que se acha designado o seu associado Manoel Luiz de Souza Santos, para fazer parte da commissão incumbida de promover a trasladação dos restos mortaes do Dezembargador Nunes Machado. — Inteirado.

Um dito do Sr. Romulo E. Garcia, remettendo um exemplar do 2º fasciculo de *Geographia Commercial da America*. — Mandou-se agradecer.

Offertas:

Pelo Instituto Geographico Argentino, um numero do seu Boletim.

Pela Repartição de Deposito Reparto y Conge de Montevidéo, um numero do *Annuario Demographico da Republica Oriental do Uruguay*.

Pelo consocio Dr. Coelho Leite, um Decreto, nomeando o Dr. Bernardo José da Gama dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro e mais tres documentos manuscriptos relativos ao mesmo Doutor.

Pelo Dr. Alfredo Carvalho, um volume da obra *Venezuela Heroica*, por Eduardo Blanco, e dous ditos de sua traducção *Diario de um soldado da Companhia das Indias Occidentaes* (1629—1632), por Ambrosio Richshofler.

Pelo Rvm. Padre Raphael Galante, por intermedio do consocio Alfredo Carvalho, as seguintes obras: *Compendio de Historia Universal*, redigido pelo Padre Raphael Galante, S. J., um volume, *Compendio de Historia do Brazil*, redigido pelo Padre Raphael Galante, S. J., um volume, *Conferencias Anchieta*, José de Anchieta. *Traços de sua vida*, por Bazilio Machado. *Conferencias*, Anchieta. *Quinta Conferencia*, pelo Padre Americo de Novaes. *Setima Conferencia para o tricentenario de Anchieta*, pelo general Couto de Magalhães.

Pela redacção da Revista *Archivo do Districto Federal*, um numero da mesma Revista.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Pelo consocio Dr. João de Oliveira, um retrato lythographado do finado consocio Conselheiro Dr. Manoel Buarque de Macedo.

Pelo Sr. José Antonio do Monte, um retrato a oleo do finado consocio Padre Lino do Monte Carmelo Luna.

Pelo consocio Augusto Cesar, tres pequenas cedulas da Republica Argentina de 10, 20 e 50 centimos.

Pelo Dr. Elpidio de Figueiredo, por intermedio do consocio Augusto Cesar, um documento relativo ao nascimento do Dezembargador Nunes Machado (manuscripto).

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e remettido a commissão de contas para dar parecer o balancete da receita e despeza do Instituto no trimestre de Julho a Setembro ultimo.

Foram lidas e unanimemente approvadas as seguintes propostas:

1ª — A dedicação extrema do Dezembargador Adelino Antonio de Luna Freire por este Instituto, provada quotidianamente; seus reaes serviços na direcção da nossa Revista, os quaes são de bastante valor, a afanosa tarefa de que tomou a incumbencia, de regularisar o catalogo geral da bibliotheca do Instituto, accommodando-o a arrumação de livros nas estantes, passando para tal fim dias successivos no edificio della, na execução de semelhante trabalho, sómente pelo amor á Intituição de que faz parte, tudo isso merece que, pelo Instituto, seja posto em relevo, e para tal fazel-o propomos que aquelle Dezembargador seja proclamado socio benemerito deste Instituto.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geogra-

phico Pernambucano, 21 de Outubro de 1897. — *Sebastião de Vasconcellos Galvão, José Domingues Codeceira, F. A. Pereira da Costa, Augusto Cesar da Cunha, João Baptista Regueira Costa, Francisco Luiz Correia de Andrade, Alfredo Ferreira de Carvalho.*

2ª — Propomos á elevação a socio benemerito deste Instituto ao Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, justificando tal proposta com os diversos relevantes serviços prestados á esta associação pelo mesmo, notando de preferencia o descobrimento, em face de docnmentos de fé, da sepultura do grande herôe João Fernandes Vieira quando o Instituto se empenhava e vacilava ácerca do local, depois de muitas perdidas pesquizas (Revista n. 34), a exame dos archivos publicos de Olinda, por incumbencia do Instituto, (Revista n. 43), e ultimamente quando o então Senador Federal Pernambucano, Dr. João Barbalho Uchôa Cavalcante, propunha na Camara a reivindicação de uma grande parte do territorio pernambucano, que provisoriamente fôra annexado á Bahia pelo que este Instituto lhe conferio o titulo de socio benemerito. O valoroso serviço do Dr. Pereira da Costa, em nada menor ao daquelle Senador, aliás em condições mais vantajosas para prestal-o em virtude do mandado de Senador, apresentando momentosamente o trabalho que conhecemos, já devidamente julgado com vantagem para o seu autor pela imprensa. *Em prol da integridade de Pernambuco*, o qual foi um valiosissimo subsidio ao assumpto, um grande serviço prestado ao Instituto e tambem a este Estado.

Recife, 21 de Outubro de 1897. — *Sebastião de Vasconcellos Galvão, Alfredo Ferreira de Carvalho, Augusto Cesar da Cunha, J. D. Codeceira, F. Luiz C. de Andrade, A. A. de Luna Freire,*

3ª — Possuindo Pernambuco como sua historia o trabalho de José Bernardo Fernandes Gama, sob o titulo de *Memorias Historicas de Pernambuco*, obra bastante defeituosa e incompleta, mas, mesmo assim, a melhor que sobre o genero possuimos e já bastante rara; Convindo, por isso, que um trabalho de semelhante natureza, que talvez dentro de alguns annos quasi seja impossivel de obtel-o, se reimprima havendo, porém, desvantagem por outro lado na reimpressão, pelos seus grandes enganos, e ainda pela lacuna de não comprehender a historia até nossos dias.

Sendo certo que em muitos trabalhos esparsos actualmente possuimos grande cabedal para ser escripta a historia pernambucana; sendo tambem certo que a historia verdadeiramente completa, talvez não seja possivel narral-a porque se ha pontos della perfeitamente elucidados, outros existem ainda obscuros, sendo esse motivo para absolutamente nada fazermos;

Não devendo de modo nenhum o Instituto, áquem cabe inquestionavelmente zelar por taes cousas consentir em continuar Pernambuco sem uma historia sua regularmente coordenada;

Proponho que este Instituto, desde este momento, nomeie uma commissão que revendo todos os livros e documentos conhecidos a respeito da historia em Pernambuco organise um só trabalho reunido para ser publicado sob a direcção do Instituto com a denominação do Instituto com a denominação de — *Memorias para a historia de Pernambuco*, ou mesmo outro nome que melhor traduza a intenção.

Para a publicação que será em volumes de quinhentas paginas o Instituto, além de abrir assignaturas por aquelles que se prestarem a ajudal-o em seu intento, pedirá ao Congresso um auxilio especial para semelhante impressão.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Outubro de 1897. — *Sebastião de Vasconcellos Galvão, José Domingues Codeceira.*

Foi igualmente approvado o seguinte additivo á proposta supra:

« Em addição a proposta do Dr. Sebastião Galvão, relativa á publicação das Memorias para a historia de Pernambuco, proponho que a mesma commissão incumbida desse trabalho, proceda em primeiro lugar á organisação de uma bibliographia sobre o assumpto da historia de Pernambuco.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 21 de Outubro de 1897. — *Alfredo Ferreira de Carvalho.* »

Para desempenho da proposta e do additivo foi nomeada uma commissão composta dos Srs. Drs. Regueira Costa, Sebastião Galvão, Alfredo Carvalho, Pereira da Costa, e Major Codeceira.

O Sr. Dr. Pereira da Costa, communica ao Instituto que a commissão de que fez parte, incumbida de verificar onde param os restos mortaes do venerando bispo D. Fr.

Francisco de Lima, entendeu-se com o Rvm. Padre Provincial do Convento do Carmo desta cidade o qual disse que, na occasião, nada podia informar a respeito, mas que ia fazer indagações e do resultado dellas opportunamente informaria ao Instituto.

Resolveu o Instituto nomear uma commissão composta dos Drs. Pereira da Costa, Sebastião Galvão e Alfredo Carvalho, para assistir o desembarque e cumprimentar o Exm. General Arthur Oscar, por occasião de sua proxima chegada a esta capital.

Resolveu tambem ceder ao consocio Dr. Alfredo Carvalho diversos numeros dos Annaes da Bibliotheca Nacional, que possue em duplicata.

O Sr. Major Codeceira apresentou e o Instituto mandou publicar nos jornaes e em folhetos, autorisando a despeza, um discurso em resposta a um artigo sobre Calabar publicado no *Gutenberg*, jornal de Alagôas.

O Dr. Sebastião Galvão declara que lhe é grato communicar que o consocio Dr. Augusto Coelho Leite, muito se esforçou para conseguir, como conseguio, que no orçamento municipal do exercicio corrente fosse votada uma verba de dous contos de réis em beneficio do Instituto e que nesse sentido fora auxiliado pelo consocio Dr. Bianor de Medeiros, prefeito em exercicio, o qual tambem manifestara sua boa vontade em favor desta associação.

Por deliberação do Instituto fica consignado na presente um voto de sincera gratidão aos dous dignos consocios.

Finalmente sob proposta do Dr. Alfredo de Carvalho foi autorisada a compra da obra — *Gravures sur bois graveés par Dirk de Bray representant du Brésil sous la domination hollandaise, vérz 1630—35.*

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE.
Presidente.

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA.
1º Secretario.

JOSÉ DOMINGUES CODECEIRA.
2º Secretario.

Acta da sessão ordinaria de 25 de Novembro de 1897

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO PINNO JUNIOR

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1º Secretario, Guedes Alcoforado, Pereira da Costa, e os Srs. Augusto Cesar e Major Codeceira, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, fallaram sobre ella os Srs. Major Codeceira e Dr. Regueira Costa, que declarou ter sido approvada por unanimidade a proposta do Sr. Dr. Pereira da Costa, por ter elle votado pela sua approvação não obstante não tel-a assignado, e nesse sentido foi a acta approvada.

O Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Dr. Director da Instrucção Publica do Rio Grande do Norte, de 10 do corrente, pedindo diversos numeros da *Revista do Instituto*, que faltam para completar a sua collecção. — Mandou-se satisfazer com os numeros que houvessem.

Um dito da Sociedade Monte Pio Bom Successo, de 21 do corrente, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria, no dia 28. — Deu-se conhecimento do convite á todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Offertas:

Pela Bibliotheca Nacional da Capital Federal, tres volumes — *Annual Report of the Regents of the Smithsonian Institution shoning the operations Expenditures and condition of the Institution*, 1892—94.

Pelo Sr. Julius Meilli, um volume, — *O Meio Circulante no Brazil*. Parte I. As moedas da Colonia do Brazil. 1645—1822.

Pela Repartição de Deposito Reparto y Conge de Montevidéo, um volume — *Memoria Correspondente al Anno de 1896*.— Presentada a la direccion general de Instrucção Publica.

Pela Inspectoria Geral da Instrucção Publica do Estado, o Relatorio apresentado ao Exm. Sr. Dr. Governador, em 1 de Fevereiro de 1897.

Pelo Club Polytechnico Pernambucano, um exemplar dos seus Estatutos.

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, um exemplar de sua Revista.

Pela redacção da revista *Archivo do Districto Federal*, um numero da mesma revista.

Pelo autor o Sr. Luiz Januario S. Nogueira um folheto intitulado — *Um ponto importante da historia do Ceará.*

Pelo consocio Dr. Ribeiro da Silva — *Instituições de Direito Civil Luzitano*, tanto publico como particular, por Pascoal José de Mello Freire, traduzidas do latim por Manoel Correia Lima, estudante do 4º anno da Academia de Olinda, 1839, um volume em brochura. *A impiedade confundida*, obra escripta pelo Padre Luiz Gonçalves dos Santos, um volume em brochura; *Exame de sangradores*, por Manoel José da Fonseca, um folheto.

Pelo Sr. Arthur da Silva Regadas, um volume — *Ancora Medicinal* para conservar a vida com saúde, escripta pelo Dr. Francisco da Fonseca Henrique.

Pelo consocio Dr. Antonio Pereira Simões, um album com a seguinte inscripção: — *Trilhos Urbanos do Recife a Olinda e Beberibe e abastecimento d'agua e luz á cidade de Olinda.*

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido, discutido e approvado o parecer da commissão de contas sobre o balancete da receita e despeza do Instituto no trimestre de Julho a Setembro ultimo.

Foram propostos e approvados para socios correspondentes do Instituto os Srs. Conselheiro Dr. Joaquim de Toledo Piza de Almeida, Ministro do Supremo Tribunal Federal e 1º Vice-presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Izidoro de Maria, director do Archivo Publico de Uruguay, socio da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Alfredo Rodrigues Ferreira, membro do Instituto Historico do Rio de Janeiro, e da Sociedade de Geographia, Coronel Manoel Aurelio Tavares de Gouveia e a Exm.ª Sr.ª D. Ignez Sabino Pinho Maia, residente na Capital Federal e socio effectivo o Dr. Francisco Pinto de Abreu, director do Collegio Spencer e ex-director da Instrucção Publica do Estado do Rio Grande do Norte.

Foram ainda approvadas as seguintes propostas:

« Propomos que o Instituto se dirija ao Exm. Sr. General Arthur Oscar, commandante do Districto Militar, so-

licitando a laureada bandeira do valente 14° Batalhão de Infantaria, que constitue um objecto de grande valor historico, principalmente por ser ella a que desfraldara o referido batalhão em todos os feitos da Campanha de Canudos nos sertões da Bahia, bandeira essa que tem de ser substituida por outra, que vae ser offertada.

Sala das sessões do Istituto, 25 de Novembro de 1897. — *Pereira da Costa, Dr. João José Pinto Junior, Regueira Costa, Guedes Alcoforado, J. D. Codeceira.*

O Sr. Dr. Pereira da Costa, leu uma carta que lhe foi dirigida pelo Sr. Spencer Netto, desta cidade, communicando terem sido encontrados na fortaleza da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, dentro de uma urna de madeira os restos mortaes do distincto pernambucano Capitão de Fragata Augusto Netto de Mendonça, morto por uma bala na guerra do Paraguay, e que devendo aquelles restos ser transferidos para esta cidade, pede para trazer esse facto ao conhecimento do Instituto e solicitar a sua intervenção quando tiverem de ser depositados no sau jazigo definitivo.

O Institnto ficou inteirado do assumpto da carta e resolveu associar-se ás manifestações que em homenagem á memoria do heróe de Augustura o illustre pernambucano tiverem de fazer nesta terra de seu berço, quando receber os seus restos mortaes e se lhe der o derradeiro jazigo.

O Sr. Major Codeceira leu e o Instituto mandou publicar o discurso que poz sobre a mesa, relativo ao Dezembargador Joaquim Nunes Machado.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

J. José Pinto Junior.
Presidente.

Regueira Costa.
1° Secretario.

José Domingues Codeceira,
2° Secretario.



Acta da sessão solemne de 27 de Janeiro de 1898

Presidencia do Exm. Sr Desembargador Luna Freire.

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Capitão Antonio Peregrino de Farias e Alferes Luiz Salgado Accioly, representando aquelle o Exm Sr. Dr. Governador do Estado e este o Exm. Sr. General commandante do 2º Districto Militar, officialidade do 14º Batalhão de Infantaria e outros officiaes da guarnição, Drs. Questor Policial, Prefeito Municipal, os tres Promotores Publicos da Capital, officialidade dos Corpos de Policia e Guarda Nacional, Deputados Federaes e Estadoaes, Desembargadores, Lentes da Faculdade, Presidente e Membros do Conselho Municipal, Jornalistas, Advogados, e os Socios do Instituto, Drs. Desembargador Luna Freire, Conselheiro Pinto Junior, 1º e 2º vice-presidentes, Regueira Costa, 1º secretario, Martins Junior, orador, Desembargadores Teixeira de Sá e Martins Pereira, Bianor de Medeiros, Adelino Filho, Joaquim Loureiro, Guedes Alcoforado, Alcebiades Velloso, Coelho Leite, Luiz Lombard e Major Codeceira, 2º secretario, o Exm. Desembargador Luna Freire, presidente do acto, proferindo um extenso e bem elaborado discurso analogo á solemnidade, abrio a sessão.

Dada a palavra ao Dr. Regueira Costa, 1º secretario, fez este a leitura de um minucioso relatorio, sobre o movimento litterario, economico e administrativo do Instituto nos tres ultimos annos.

Em seguida occupou a tribuna o Dr. Martins Junior, orador official da festa, o qual discorreu largamente sobre a data commemorada, occupando-se tambem com o elogio dos socios fallecidos no triennio findo.

Fallaram depois o Exm. Sr. Dr. Moreira Alves, por parte do Instituto Litterario Olindense ; Dr. João Morisson de Faria, pela Sociedade Gonçalves Dias e o Sr. Julio de Azevedo, representando o Club Central dos Officiaes da Guarda Nacional.

Não havendo mais quem quizesse usar da palavra o Sr. Presidente agradeceu as pessôas presentes o seu comparecimento e encerrou a sessão.

Durante o acto uma guarda do Corpo de Policia, postada em frente do edificio fez as honras da festa, tocando no salão as musicas do 14° Batalhão e da Guarda Municipal.

Foi presente ao Instituto um telegramma de felicitações do Exm. Consocio Dr. Joaquim Portella, bem como um officio da Sociedade Monte Pio Popular Pernambucano agradecendo o convite que lhe fôra dirigido e communicando que por motivo justo não podera fazer-se representar na solemnidade.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE,
Presidente.

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA,
1° Secretario.

JOSÉ DOMINGUES CODECEIRA,
2° Secretario.



DISCURSO

Pronunciado pelo Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, na sessão solemne do Intituto, em 27 de Janeiro de 1898.

Senhores.

Pela segunda vez cabe-me a honra de presidir o Instituto Archeologico e Geographico em suas sessões festivaes. Desta vez, como da primeira, sinto o animo abatido pelo receio. E' que conheço perfeitamente quanto minhas forças são inferiores ás exigencias do encargo.

Esse meu desanimo, Senhores, adquire mais amplas proporções, si me comparo com os illustres varões que têm occupado este logar, notaveis por sua alta posição social, notaveis pelo talento e illustração; taes eram Muniz Tavares, Soares de Azevedo, Villa Bella e Quintino de Miranda, todos da mais veneranda memoria; Pinto Junior que por excessiva modestia não quiz a reeleição e Manoel Clementino, nosso presidente effectivo, a quem encommodos de saúde pertinazes têm inhibido de continuar a prestar-nos seus relevantes serviços com a mesma assiduidade e dedicação de outr'ora.

A' esse impedimento que todos lamentamos, deveis attribuir o achar-se quasi abandonada esta cadeira em occasião tão solemne.

Sempre fiz do dever uma especie de sacerdocio, procurando supprir pelo zelo e estudo o que me faltava de intelligencia e de saber. A lei que nos rege impõe-me o dever de occupar hoje este logar distincto, apezar de quasi cego, lendo com difficuldade áquillo que eu proprio escrevo, eis-me aqui, Senhores.

Como sabeis, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano celebra hoje duas datas memoraveis: a de sua installação e a da restauração de Pernambuco do ominoso dominio dos hollandezes.

Desde muito resentia-se Pernambuco da grande falta de uma associação á quem fosse confiada a guarda do escrinio precioso de suas antiguidades; entretanto nem uma das provincias do antigo imperio achava-se em melhores condições de ser dotada de tão util instituição. Possuimos uma historia toda nossa, na qual figuram verdadeiros heróes e feitos de tamanha magnitude que bem podem ser equiparados aos decantados na mais remota antiguidade.

Ao solo da patria querida são applicaveis com justeza as palavras de Cicero, relembradas por Affonso Celso ao visitar o forum romano: *quacumque ingredimur in aliquam historiam vestigium ponimus.*

O estudo da archeologia mereceu sempre a attenção das nações cultas, a começar de Florença no tempo de Lourenço de Medicis, o *Magnifico*, pae de Leão X que logrou dar seu nome ao seculo em que nasceu; ambos zelosos protectores das sciencias e com especialidade da historia. Entre essas nações avantajou-se a Hespanha, que produziu as mais brilhantes provas em 1892 por occasião do quarto centenario de Christovão Colombo, nas esplendorosas exposições de Madrid; não devendo ser esquecido Portugal, do qual herdamos todas as nossas instituições, porquanto alli já existiam desde 1572 aggremiações litterarias para conservação de seus thezouros historicos, como as academias de Thomar, de Mafra e outras.

Muitos annos se haviam passado depois de 1837 em que foi fundado o Instituto Historico do Rio de Janeiro, o qual conta actualmente sessenta tomos de sua tão apreciada *Revista* e possue uma bibliotheca de mais de vinte mil volumes, sem que nada de semelhante ainda se houvesse tentado em Pernambuco. Afinal em 1861 congregaram-se Joaquim Portella, Witruwio, Soares de Azevedo, Torres Bandeira e Salvador de Albuquerque, no intuito de fazer desapparecer tão sensivel lacuna, concorrendo para esse fim os nossos mais notaveis homens de lettras; e no dia 28 de janeiro de 1862, anniversario da entrada triumphal das nossas tropas depois do convenio de Taborda, teve logar a installação do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, que, de conformidade com seus estatutos, tem por fim colligir, verificar e publicar os documentos, monumentos e tradições, relativos á historia das provincias que formavam as antigas capitanias de Pernam-

buco e Itamaracá, desde a epoca do seu descobrimento até os nossos dias.

Em trinta e cinco annos tem o Instituto perdurado em perigrinação modesta, porém activa, apezar do diminuto numero de romeiros operosos, sendo, entretanto, immenso o daquelles que figuram em seus quadros e diz-nos a consciencia que tem esta associação prestado os mais valiosos serviços á nossa historia, serviços que sómente no futuro serão devidamente apreciados.

Temos cincoenta numeros da *Revista*, em que foram tratados assumptos importantissimos e uma bibliotheca com perto de tres mil volumes e numero muito superior de brochuras que vão sendo encadernadas: entre essas obras contam-se algumas de subido valor por sua raridade.

Em compartimentos reservados estão cuidadosamente guardados manuscriptos curiosos, cartas, mappas e retratos de homens celebres.

Foi attendida a necessidade, ha muito reclamada, de um catalogo, e de accordo com que confeccionou nosso digno consocio Pereira da Costa, foram os livros classificados e devidamente collocados em doze estantes.

Possuimos um muzeu que acabamos agora de reorganisar, tirando do cháos e confusão em que existiam, objectos dignos de acurado exame.

Temos, finalmente, uma excellente collecção numismatica que em grande parte devemos aos esforços e particular attenção do nosso presado consocio Cicero Odon, cuja perda prematura ainda não deixamos de lamentar. Foi elle um dos que mais se identificaram com o Instituto, cuja séde frequentava diariamente, fazendo por sua prosperidade os votos mais fervorosos. Dispondo de vastos conhecimentos confeccionou vantajosamente o catalogo da collecção, de cuja conclusão acha-se encarregado seu digno filho Manoel Cicero.

BRASIL PREHISTORICO

Permittireis, Senhores, que antes de occupar-me da invasão dos hollandezes, aventure ligeiras considerações sobre a existencia prehistorica do Brasil, do qual é uma das parcellas mais nobres o torrão abençoado que nos foi berço e digno hoje de melhor sorte, Pernambuco que tanto

estremecemos. Sinto verdadeira satisfação, aproveitando-me para isso em parte, do estudo importantissimo de nosso consocio Baptista Regueira, publicado em o n. 45 da *Revista*.

Muito antes que a Europa, a Africa e a Asia, escreveu o nosso illustrado secretario, surgissem das aguas, muito antes que a America do Norte e a do Sul se desvendassem aos olhos do mundo para erguerem no seu solo os palacios, as fortificações, as pyramides, os tumulos e outros monumentos, cujas ruinas ainda hoje fazem nossa admiração, já o Brasil se ostentava no meio do oceano, como o demonstram a ausencia de depositos secundarios no *plateau* central.

Na opinião de Guilherme Lund que por muitos annos viveu entre nós, o Brasil já se achava elevado acima do mar em uma epoca anterior ao tempo em que principiou a formação dos depositos submarinos, o que quer dizer que a parte central do Brasil já constituia um extenso continente quando as mais partes do mundo ainda estavam submergidas no mar universal.

Com relação à antiguidade da população do Brasil, antes da epoca colombiana, demonstra-se com a existencia dos *dolmens*, que eram na opinião de Mauricio Lachartre altares ou tumulos druidicos, formados por grandes pedras erguidas perpendicularmente ou em sentido horisontal collocadas sobre duas ou mais pedras menores.

Dellas dá-nos Cesar Cantu o desenho em sua obra opulenta *Historia Universal*, na parte referente ás sepulturas na idade neolithica.

Os *dolmens*, que esse grande historiador affirma serem monumentos funerarios e não altares do druidismo, contra o que se lê no Diccionario de Dezobry e Bachelet, segundo o qual dolmen, em celtico mesa de pedra, era altar destinado para os sacrificios, de ordinario inclinado, com aberturas e sulcos para escoamento do sangue das victimas, abundavam no littoral do Mediterraneo até ao Egypto na Palestina, na Arabia e na India ; na Inglaterra, na Irlanda, na França, na Hespanha e no Novo Mundo, na Patagonia, e no Perú e tem sido ultimamente descobertos em differentes localidades do Brasil, como Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e São Paulo.

Já anteriormente havia o nosso distincto confrade se occupado proficientemente do assumpto, (*Revista* n. 41) de

accordo com as lições de Nodaillac e de outros sabios, relativas á existencia dos *mounds* que eram montes de terra ou de pedra, com diversas conformações, destinados principalmente ás fortificações e tumulos dos povos prehistoricos.

Os que tinham forma de fortificações foram descobertos no Pará por Couto Magalhães e em Pernambuco por Cunha Mattos; os *tumuli* encontram-se em muitas paragens de nosso territorio, como assevera Carlos Rath, e nomeadamente no Amazonas, em S. Paulo e em Goyaz.

Os vestigios do homem na idade quaternaria, assegura Lund ter encontrado no Brasil em 1844, e foram verificados pelos geologos Lacerda e Peixoto. Mesmo no modesto muzeu do Instituto existem provas nesse sentido. Alem dos fosseis que lhe foram remettidos em 1869, encontrados no municipio do Bonito e dos machados de pedra que remontam ao periodo paleolithico, possue o mesmo Instituto o fossil achado em Campina Grande e offerecido pelo consocio Irineu Joffely, sobre o qual publicou uma commissão, composta dos socios Maximiano Machado e Baptista Regueira, curioso relatorio inserto em o n. 36 de nossa *Revista*. Era a maxilla de um megatherium, animal dos mais extraordinarios do periodo policenio, contemporaneo do homem quaternario.

Como vieram para o Brasil seus primeiros habitantes, a admittir-se a doutrina dos monogenistas? Atravessaram os asiaticos o estreito de Behring, como parecem demonstrar as relações antropologicas da America e da Asia?

Os indios do Brasil conservam a tradição transmittida de geração em geração de que muito antes da chegada dos europeus em uma epoca que não é possivel fixar de modo positivo, uma raça essencialmente guerreira e que vivia quasi sómente da caça, occupava todo o littoral desde o Prata ao Amazonas.

Donde sahira semelhante raça? Era do norte? Seria ella que só de per si subjugou aquelles tabajaras que reclamaram a propriedade da dominação do paiz, usando de um nome que queria dizer — senhores da terra? São cousas que já não é possivel averiguar, pois a mesma tradição dos indios é muito obscura em tudo quanto respeita a essas migrações successivas das primitivas hordas.

Nodaillac opina que tudo parece provar que os gua,

ranys tiveram como predecessores ou contemporaneos uma raça mais civilisada, como demonstra a descoberta dos megalithos encontrados no interior de nosso paiz.

A' Fernão Diniz parecia que Pernambuco já foi occupado por uma nação mais adiantada em civilisação do que todas as outras localidades do Brasil, possuindo rudimentos de architectura nos monumentos descriptos por Barleus que escreveu tão minuciosamente sobre Pernambuco e encontrados por Elias Herckman, que nos deixou excellente monographia sobre a Parahyba e fez curiosa excursão scientifica pelo interior do paiz no anno de 1641.

Muniz Tavares em uma de suas sabias apreciações sobre os nossos indios, remontando sua origem, como povos da America, a uma epoca ante-diluviana, exclamava —que maravilha causará se avançarmos a dizer que não é improvavel que esta mesma America tão desfigurada, já conteve na immensidade dos seculos, cidades opulentas, povos de heróes e que aqui mesmo neste local, coberto ha pouco mais de duzentos annos de mangues e paús, hoje occupado por um dos mais sumptuosos templos do Brasil ; sim que maravilha causaria, se dissessemos que já houve tempo em que como agora, celebrarem-se aqui feitos héroicos?

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Foi desse mundo incognocivel que afinal emergiu o Brasil em 1500, como em 1492 emergira a America, em consequencia das viagens famosas do immortal genovez Christovão Colombo que morreu com a supposição de que havia chegado apenas ás costas occidentaes da India.

Não ha quem ignore que Pedro Alvares Cabral, incumbido pelo rei D. Manoel — o *Venturoso*, de fazer a segunda expedição da India descoberta em 1498 por Vasco da Gama, partiu de Lisbôa em abril daquelle anno memoravel com treze navios commandados por habeis capitães e guiados por pilotos experimentados. Já então havia sido à marinha portugueza consideravelmente melhorada pelo infante D. Henrique, o glorioso filho de D. João I, celebre não tanto pelas guerras africanas, em que se distinguiu, quanto por ter inspirado as expedições que deram em resultado a descoberta do Porto Santo, da Madeira, dos Açores, do Cabo Bojador, Cabo Branco, Cabo Verde, e as excursões até as costas de Guiné.

A tripolação era de mil e duzentos homens entre marinheiros e soldados. A bordo de um dos navios, ia com sete religiosos franciscanos e quatro capellães da armada, o guardião frei Henrique que foi depois bispo de Ceuta e teve a ventura de resar a primeira missa nas selvas brazileiras.

Essa cerimonia, originalissima por haver tido logar em um meio tão estranho, acha-se representada em um quadro magestoso, devido ao pincel habil do pintor brazileiro Victor Meirelles que teve a fortuna de ver seu trabalho magnifico reproduzido em milhares de copias.

Segundo as instrucções que, de accordo com os conselhos de Vasco da Gama, recebera o almirante de affastar-se o mais possivel das costas africanas, afim de evitar as calmarias que de ordinario alli reinavam, e sómente depois de attingir a altura de vinte graus de lattitude sul, procurar a direcção do Cabo das Tormentas, descoberto em 1486 por Bartholomeu Dias que fazia então parte da expedição. Já nesse tempo a passagem tão formidavel havia sido denominada Cabo da Bôa Esperança.

Foi a essas instrucções do rei de Portugal que Pedro Alvares Cabral deveu sua gloria toda fortuita, e não ao desejo de descobrir novas terras ao occidente, no intuito de elevar-se á altura de Christovam Colombo e Vasco da Gama, como pretendem alguns historiadores modernos.

Arrastado pelas correntes occeanicas descobriu na tarde de 21 de abril os primeiros indicios de terra desconhecida e continuando no rumo de sudoeste, achou-se a frota no dia seguinte em frente de um morro elevado; era o cabeço da serra dos Aymorés, ao qual se deu o nome de Monte Paschoal, por ser aquelle dia pertencente á semana da Paschoela, celebrada pela igreja catholica. Estava descoberta a terra da Vera Cruz ou Santa Cruz, nomes trocados em 1504 pelo de Brazil, em razão do commercio da ibiripitanga.

Todos que se interessam pela verdade dos acontecimentos conhecem e Pereira da Silva, na biographia de Pedro Alvares Cabral, affirma apoiando-se em documentos incontestaveis que o Brasil foi descoberto no dia 22 de abril de 1500 e não a 3 de maio como acreditam alguns historiadores e acha-se officialmente consignado pelo actual governo republicano.

Essa differença, porém, de datas acha-se perfeitamente explicada pela reforma do kalendario juliano feita em 1582 pelo papa Gregorio XIII, como foi cabalmente demonstrado por Perdigão Malheiros e Beaurepaire Rohan nas *Revistas* do Instituto Historico.

Na *Revista* n. 45 escrevi o seguinte :

« Em 1582 Gregorio XIII fez profunda alteração no kalendario organisado em 1707 de Roma, dezesete annos antes de Jesus Christo, no tempo de Julio Cesar para o fim de corrigir o kalendario romano, confeccionado por ordem de Romulo e melhorado por Numa.

« O anno tropico que é o tempo que leva o sol para voltar ao mesmo tropico, compunha-se pelo systema juliano de tresentos e sessenta e cinco dias e mais um quarto de dia, sendo por isso necessario crear mais um dia bissextil de quatro em quatro annos.

« Apezar dessa habil combinação, resultara ainda uma differença de 10' 12'' que produzia um dia no fim de 134 annos, e tres dias no de 400 annos, do modo que a contar do anno de 325, quando se reuniu o primeiro concilio de Nicéa, no tempo do imperador Constantino até ao anno de 1582 em que teve logar a reforma gregoriana, já se notava uma differença de quasi dez dias, vindo o equinoxio da primavera que em 320 cahira no dia 21 de março, a dar-se naquelle anno da reforma, Isto é, em 1582 em 11 do mesmo mez.

« Ordenou então Gregorio XIII, para acabar com tão grande inconveniente na medida dos tempos, que nesse ultimo anno se supprimissem dez dias, contando-se o dia 5 de outubro como se fosse 15 do mesmo mez, e para que não se reproduzisse para o futuro, differença egual, mandou que sobre cem bissextos sómente se contassem noventa e sete, desapparecendo assim o augmento de dez dias no decurso de 400 annos. »

As terras descobertas por Pedro Alvares Cabral deveriam ter pertencido á corôa de Castella, em razão da bulla de Alexandre VI, datada de 4 de maio de 1493 que fez aos reis Fernando e Izabel doação das regiões descobertas e por descobrir no continente americano e dividiu o globo terrestre em duas partes, por uma linha imaginaria do polo norte ao polo do sul, passando cem leguas ao oeste das ilhas dos Açores e das do Cabo Verde.

A partilha que muito desagradou a Francisco I de França, o celebre prisioneiro de Pavia, por não lhe constar a verba testamentaria, pela qual Adão fizera essa tão estravagante divisão, assim como a D. João II, que chegou a preparar-se para declarar guerra ao rei visinho, foi profundamente modificada pelo tratado de Tordesilla, firmado em 1494. A linha imaginaria de Alexandre VI foi arredada para 370 leguas ao poente do archipelago do Cabo Verde, ficando, portanto, o Brasil comprehendido no quinhão do rei de Portugal.

Esse tratado foi approvado por Julio II, ratificado em 1524 por doze juizes cosmographicos e deu causa a um novo tratado em 1529 entre os dois reis da peninsula iberica.

Sabeis, Senhores, que essas possessões da America estiveram abandonadas por D. Manoel durante os vinte annos que ainda reinou depois do feito de Pedro Alvares Cabral, e por D. João III que sómente treze annos depois de sua elevação ao throno, lembrou-se de dar-lhes melhor direcção, dividindo em 1534 o Brasil em capitanias. E' que os monarchas luzitanos prestavam de preferencia toda a sua attenção ás possessões da Asia, das quaes esperavam esplendidos resultados. A noticia de que os estrangeiros procuravam estabelecer-se nas costas brazileiras, fazendo alliança com os indios para o commercio do pau-brasil, teve a força de despertal-os do somno prolongado em que permaneceram até então.

O BRASIL ATÉ 1534

Com effeito, no mesmo anno da descoberta do Brasil, o hespanhol Diogo de Lepe, commandando duas caravelas, tentou desembarcar nas margens do Amazonas, sendo repellido pelos indigenas, ainda irritados pela perfidia de Pinzon que em sua passagem por alli, em janeiro de 1500 havia arrebatado trinta e seis delles.

Parece que em verdade deveriam ser os hespanhóes os primeiros que tentassem fazer fortuna nas novas regiões. Foi o hespanhol Alonso de Hojeda que, partindo em maio de 1499, para as Indias Occidentaes como então se chamava a parte da America descoberta por Christovam Colombo, chegou á costa que, na opinião autorisada de Varnhagen, devia ser o delta do Assú, e mudando de rumo foi

ter á Cayenna: e Pinzon, com uma frota de quatro caravelas chegou á ponta de Mucuripe e dahi dirigiu se ao Amazonas, como fica dito.

João Dias de Solis, partindo de Cadiz em 1515, com duas caravelas, foi ter a Santa Catharina onde deixou alguns companheiros, e seguindo para o sul entrou pelo rio da Prata, no qual foi, com cincoenta dos seus, devorado pelos indios. Dois navios com os hespanhóes que escaparam, de volta para a Europa, atacaram a feitoria de Itamaracá em 1516 e conduziram comsigo onze portuguezes que a guarneciam.

Um dos navios da malfadada expedição de Garcia Jofre, sob o commando de Rodrigo de Acuña foi ter em 1525 a essa mesma ilha de Santa Catharina e como ainda encontrou alli alguns companheiros de Solis, deixou com elles parte da guarnição.

Acuña perigrinou dois annos pelas costas do Brasil, vindo afinal parar na feitoria de Pernambuco, á qual já me referi.

Ainda á essa feitoria de Itamaracá, denominada então Porto de Pernambuco, chegou em 1526 Sebastião Cabot, filho do celebre navegante do mesmo nome, e depois de uma demora de mais de tres mezes, seguiu para Santa Catharina e dahi para o rio Paraná, de onde voltou para Sevilha em 1530 inteiramente derrotado. Sabe-se que o velho Cabot e seu pae João Cabot, que viveram na Inglaterra no tempo de Henrique VII e Henrique VIII, foram os descobridores de Terra Nova e do Canadá em 1497.

Até então da parte dos inglezes se tinha dado apenas tentativa de commercio no Brasil por William Martius, armador de Plymouth em 1530, no reinado de Henrique VIII, a quem foi apresentado um de nossos indigenas em seus trajes das selvas. Essa tentativa foi renovada em 1532 sem melhor exito. Sómente depois de 1534 procuraram os piratas inglezes estabelecer-se nas capitanias de S. Vicente e da Bahia, e em 1595 Lancaster e Venner apossaram-se do Recife no tempo do donatario Jorge Coelho, sendo expellidos no fim de pouco mais de um mez.

Os francezes foram os mais pertinazes nos tentamens repetidos de occupação do territorio brasileiro. Eram, certamente, animados pelo conceito que da partilha de Alexandre VI, alterado pelo tratado de Tordsilla, fazia Fran-

cisco I, que como já disse, allegava não ter sciencia da verba testamentaria de Adão, dividindo o globo terrestre em beneficio unicamente de Castella e da Luzitania.

Em 1504 Binot Paulmier de Genneville, commandante do navio *L'Espoir*, ancorou na costa do Brasil, em logar hoje desconhecido, e depois de levantar uma grande cruz de madeira, como indicadora da posse que do paiz tomava em nome de Luiz XII, rei da França, e de uma demora de quasi seis mezes voltou para sua patria, levando comsigo um indigena da tribu dos Carijós, com quinze annos de edade. E' curiosa sua historia. Essomeric, assim se chamava elle, foi baptisado durante a viagem por se achar em risco de vida, tomando então o nome de Binot de seu padrinho, o capitão do navio; este, depois de longa e penosissima viagem, perdeu-se na costa da Normandia. Binot, chegando a França, adoptou o indigena, educou o e casou-o ricamente; desse consorcio descendeu uma familia numerosa que na França occupou cargos elevados.

Nem trata-se de uma simples legenda, fructo da imaginação fertil do povo. A authenticidade dessa narração que nos é feita por Avezac e da qual damos noticia muito ligeira, demonstra-se com as memorias de João Paulmier de Gonneville, padre indiano, conego da cathedral de S. Pedro de Lessieux, apresentadas ao papa Alexandre VII que subio ao solio pontificio, cento e cincoenta annos depois da vinda de Binot ao Brasil. Tratava-se nessas Memorias, das quaes uma ainda chegou a ser impressa, do estabelecimento de uma missão christã entre os selvagens dos quaes o padre era originario.

Nesse mesmo anno de 1504 vieram os francezes pela primeira vez ao porto da Bahia e entraram pelo rio Paraguassú; voltaram para a França e dalli regressaram com quatro navios, que foram tomados e um delles queimado pelas naus de uma armada portugueza.

Por duas vezes foram os francezes expellidos de Itamaracá por Christovam Jacques e Duarte Coelho, sendo necessaria, para impedir que continuassem a traficar com os indios, a creação da feitoria levada a effeito em 1516.

Os irmãos Parmentier, do porto de Dieppe, percorreram em 1520 as costas do Brasil e em Pernambuco tomaram um carregamento de pau-brasil; aqui encontraram apenas um fortim de madeira que servia para abrigo de alguns portuguezes degredados.

Em 1525 foram os francezes pela primeira vez ao Rio de Janeiro e alli fizeram alliança com os indios. Eram elles negociantes de Honfleur e suas relações com os indigenas duraram longo tempo, vindo dalli navios todos os annos, empregados na compra e venda de generos.

Para obstar a continuação desses attentados contra a soberania de Portugal, resolveu D. João III em 1527 que uma esquadrilha guardasse constantemente as costas do Brasil.

A primeira foi confiada nesse anno ao mando de Christovam Jacques, substituido em 1528 por Antonio Ribeiro e em 1530 por Martin Affonso de Souza, a quem foi doada em 1534 a capitania de S. Vicente.

Diversos encontros se deram dos navios portuguezes com os daquelles que invadiam o nosso territorio. Em um delles Christovam Jacques fez trezentos prisioneiros francezes que conduziu para Pernambuco.

Os revezes soffridos pelos francezes não podiam deixar de provocar uma providencia por parte de Francisco I. Em 1531 foram assignadas em Fontainebleau as bazes de um tratado entre a França e Portugal, no sentido de serem prohibidas as cartas de marca.

Não obstante esse tratado que nunca foi tomado ao serio pelos francezes, continuaram suas excursões.

Em 1531 a nau *La Pelerine* entrou no porto de Pernambuco e sua guarnição apoderou-se da feitoria portugueza de Itamaracá, e em seu logar levantou uma fortaleza; quando, porém, voltava *La Pelerine* com um grande carregamento de generos do paiz, foi aprisionada nesse mesmo anno de 1531, no estreito de Gibraltar, por uma armada portugueza.

Quem desconhece as luctas dos donatarios de Pernambuco com os cahetés de quem eram alliados os francezes? Foi nessas guerras afamadas que Jeronymo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario, foi prisioneiro dos indios, relacionou-se com os tabajaras e de uma mulher dessa tribu teve diversos filhos dos quaes descendem nossas principaes familias.

Em 1555 Villegaignon, sob o pretexto de crear no Brasil um azylo para o calvinismo, fundou uma colonia no Rio de Janeiro e construiu a fortaleza que ainda conserva o seu nome.

Em 1557 reforçou a colonia com uma nova expedição; tendo, porém, se desavindo com seus proprios correligionarios, retirou-se para a França em 1560, quando cahiu a fortaleza em poder dos portuguezes.

Os francezes que escaparam nessa occasião ao exterminio, foram reunir-se aos tamoyos, cuja historia tristissima é bem conhecida; sómente em 1567 foram elles definitivamente expulsos do Rio de Janeiro.

Os francezes, como se vê, haviam se espalhado por todo nosso territorio. Em 1594 se estabeleceram na serra de Ibiapaba, de onde foram expellidos em 1603 por Pedro Coelho de Souza e Martim Soares Moreno e no Maranhão, sob a direcção de Francisco Riffault, cuja expulsão tanto custou ao governo portuguez, durante longos vinte annos, concorrendo para o feliz resultado o pernambucano Jeronymo de Albuquerque, filho do outro de igual nome a quem já me referi, e que por esse feito, juntou a seu nome o de Maranhão de que usam os seus descendentes.

Na Parahyba se alliaram os francezes, pouco depois de 1500, aos potyguares, para o trafico do algodão e do pau-brasil, levantando nas proximidades da barra uma fortaleza ainda hoje conhecida por *Forte Velho*; aos esforços ingentes de João Tavares, Fructuoso, Barbosa e Martim Leitão, durante quasi vinte annos, se deve a sahida desses estrangeiros, daquella parte de nosso territorio, como consequencia das pazes feitas pelos portuguezes com os potyguares.

O mesmo deu-se no Rio Grande do Norte. Eram ainda os indios potyguares alliados com os francezes que infestavam as costas daquella localidade.

Em 1597 Manoel Mascarenhas Homem partiu do Recife, ocompanhado de Jeronymo de Albuquerque, o mesmo que fez depois a conquista do Maranhão, e ao cabo de uma lucta incessante de dois annos e de se reconciliarem os portuguezes com os indios, foram afinal expellidos os estrangeiros.

Não tendo, portanto, o rei de Portugal D. João III conseguido por si só expurgar dos intrusos suas possessões americanas, com as esquadrilhas creadas em 1527 para guarda das costas, e ainda menos com o tratado de 1531, e não lhe permittindo a pobreza de seus cofres a continuação da conquista e colonisação do Brasil, resolveu em 1532 dividil-o em capitanias, porém sómente em 1534 realisou-se o seu projecto.

INVASÃO HOLLANDEZA

Nessa divisão do Brasil em capitanias hereditarias, coube Pernambuco a Duarte Coelho Pereira, em remuneração dos valiosos serviços prestados na India, que attrahia nesse tempo toda a attenção dos portuguezes que levaram seu zelo pelo commercio d'alli ao extremo de mandar arrancar de nosso solo as plantas preciosas que podiam fazer concorrencia ás que eram exportadas da India.

Duarte Coelho havia partido para a Asia em 1509, alistando-se na armada de D. Fernando Coutinho; tinha então poucos annos de edade, pois nascera no fim do seculo XV. Em 1516 embarcou de novo com o mesmo destino na frota de Fernão Peres de Andrade e em 1521 foi tomar parte na defesa dos portuguezes assediados pelos chinezes em Cantão. Distinguiu-se principalmente na tomada de Bintão pela armada de Pedro Magalhães.

Desempenhou importantes missões diplomaticas, como a de Sião, de cujo rei alcançou em 1522 um tratado de paz e commercio com Portugal. Seus serviços na India extenderam-se de 1509 a 1529.

Em 1532 commandou o cruzeiro de *Malagueta* na costa de Guiné, descoberta pelos Portuguezes nos annos de 1446 a 1484, por occasião das expedições promovidas pelo infante D. Henrique. Esse feito foi o mais inesperado e assombroso de quantos até então registrava a historia maritima do mundo, na opinião de Latino Coelho, referindo-se ao historiador João de Barros que em uma de suas decadas escreveu que dessa descoberta se fallou naquelle tempo portoda a Europa, como da *mais nova cousa* que se podia dizer.

Por ultimo commandou Duarte Coelho em 1533 a esquadra encarregada de cruzar nos Açores, descobertos em 1432 pelo navegante portuguez Gonçalo Velho Cabral. Desse cruzeiro voltou Duarte Coelho no fim do anno supra indicado.

Está vinculado na memoria de todos que a capitania de Pernambuco, doada, como fica dito, a Duarte Coelho por D. João III, por carta régia de 10 de março de 1534, datada de Evora e confirmada pelo foral de 24 de setembro do mesmo anno, comprehendia sessenta leguas de costa a começar do rio S. Francisco e a acabar no rio que cerca

em redondo a ilha de Itamaracá. A esse rio deu o rei de Portugual o nome de Santa Cruz. O territorio entrava com a mesma largura pelo sertão e terra firme a dentro, até onde se extendesse a conquista do donatario.

Quando veiu o donatario tomar posse das terras doadas e fundou sua capital em Olinda?

Foi em 1530, como escreveram Simão de Vasconcellos, Jaboatão, Fr. Raphael de Jesus e outros historiadores; em 1534, como asseguram Varnhagen e Oliveira Lima, ou em 1535, como resava o documento que existiu nos archivos do mosteiro de S. Bento de Olinda e consta do foral da villa de Olinda, do qual este Instituto possue uma copia, ou finalmente é acceitavel a opinião de José de Vasconcellos em suas *Datas Celebres*, de que a velha capital foi fundada por Christovam Jacques, incumbido em 1516, pelo rei D. Manoel, da creação da feitoria de Itamaracá no intuito de evitar que continuassem os francezes a entreter relações commerciaes com os indios que povoavam as costas de Pernambuco?

O que é certo, porém, é que a donataria de Duarte Coelho já se achava em estado de grande prosperidade e em melhores condições do que todas as outras capitanias, quando se deu em 1630 a invasão dos hollandezes, que durante 24 annos occuparam o Brasil desde Sergipe até ao Maranhão em uma extensão de 160 leguas de costa.

Olinda reputava-se a mais florescente cidade e Pernambuco a mais rica das colonias portuguezas. Era grande a exportação de pau-brasil, monopolio da corôa, e de assucar, prospero o commercio com Portugal, as Canarias e o Perú.

Para que recontar-vos, Senhores, as acções gloriosas praticadas durante cerca de um quarto de seculo, de atroz soffrimento e lucta titanica sustentada por verdadeiros heróes cujo valor elevou-se ácima das mais exageradas exigencias de acendrado patriotismo? Sim, do patriotismo, porque já então não eram povos estrangeiros que se enfrentavam em nossa presença disputando a presa cubiçada.

A patria pernambucana já se achava constituida e nada tinha a invejar a outras capitanias coexistentes, como demonstrou até a saciedade o nosso benemerito consocio Codeceira em seu discurso pronunciado neste Instituto na sessão de 21 de outubro ultimo.

Os Calabares não tinham mais direito de impôr-nos preferencia entre os invasôres; havia passado desde muito a opportunidade de um juiz superior e imparcial, a quem fôsse dado decidir qual a colonisação que mais convinha ao Brasil, si a dos francezes, tantas vezes tentadas, dos portuguezes, dos inglezes, cujos corsarios ainda chegaram a occupar Pernambuco em 1595, ou dos batavos.

Si esse juiz supremo podesse prever o futuro, conheceria que a peior das colonisações seria a dos neerlandezes, que não nos conquistaram, como já tive occasião de expôr, com a espada fulgurante e fascinadora do guerreiro de outr'ora; não se impuzeram ao espirito dos vencidos pela sciencia e pelas artes, por sua moralidade e bons costumes. A vara e o covado foram os instrumentos com que a mercantilissima Companhia das Indias Occidentaes, apresentou-se em Pernambuco, tomando-nos a liberdade e a vida, apossou-se de nossos bens, privando-nos assim dos meios honestos de subsistencia e de prosperidade á que tinhamos direito.

O cancro da escravatura, que bem podiam ter extirpado como representantes que eram de um povo que se dizia civilisado, tomou o mais pernicioso desenvolvimento no dominio hollandez, tornando-se o trafico infame um monopolio da Companhia, que mandava perseguir, como a féras bravias os escravos fugidos dos antigos senhores á quem os revendia por baixo preço.

E que moralidade podiam os batavos implantar no animo dos pernambucanos, si o seu governo era de proverbial venalidade e autorisava tremendas atrocidades como a que praticaram em Iguarassú, no Arrayal Velho, em Cunhaú e outras localidades?

MAURICIO DE NASSAU

Nassau, Senhores, que ainda hoje conta entre seus admiradores aquelles que tem estudado superficialmente a historia daquella epocha tristissima, deslumbrados pelo fausto e grandeza que ostentava e pela somma de pederes que enfeixava em suas mãos como presidente politico e parente do stathouder da Hollanda, assim como pelas narrações exageradas de Barleus que nunca tendo vindo ao Brasil, escreveu em Amsterdam sob as inspirações suspeitas do principe, transmittidos pelo falsario portuguez Gaspar

Dias; apezar de ter feito em começo um governo calculadamente moderado, em relação ao de seus crueis antecessores, não deixou por isso de ser um dos injustos invasores de nossa patria. Calculadamente, digo eu, porque intelligente e pratico, como era, dos negocios publicos, comprehendia perfeitamente que um governo tyrannico deve praticar os primeiros actos, simulando attender ao povo para obter a obediencia e tranquillidade. Foi elle proprio quem o disse no relatorio com que entregou o poder a seus successores em maio de 1644; relatorio reputado na historia como seu testamento politico.

Foi perseguidor dos pernambucanos principalmente em seus sentimentos religiosos, então muito mais apurados do que hoje; tendo promettido liberdade de consciencia para todos, como assegura Varnhagem que não é suspeito, desenvolveu, no intuito de substituir a religião de nossos paes pelo protestantismo, tal sanha contra os catholicos, que assim como no tempo das catacumbas de Roma, viram-se os nossos antepassados na dura necessidade de procurar abrigo nas cavas subterraneas.

Foi desleal para com seu governo, infringindo o tratado de treguas, com a occupação traiçoeira de Sergipe, Maranhão, S. Thomé e Loanda; desleal para com a propria Companhia de quem era delegado, angariando manifestações das camaras do Recife e do interior, o offerecimento de dinheiro por parte dos judeus pelos quaes tinha particular affeição, apezar de já ter-se propagado na Europa a opinião anti-semita que agora de novo se levanta na França, a proposito do judeu Dreyfus que sendo official do exercito francez vendeu á Allemanha os segredos de sua patria; convocou a phantasiosa assembléa de 1640 que nada fez de real em proveito dos pernambucanos; tudo isso com o fim de converter o Brasil hollandez em dominio exclusivamente seu, e o teria conseguido, si não fosse exonerado do cargo, logo que na Hollanda foram conhecidos os seus planos.

Seu tratamento principesco e actos de espectaculosa liberalidade eram constantemente desmentidos por outros em que sobresahiam a avareza e a cubiça, como a condescendencia com que recebia a parte que lhe tocava nas malversações do astuto Gaspar Dias que enriqueceu á sombra de Nassau, a custa de um sem numero de commissões, concessões e gratificações, arrancadas por geito ou por força na

phrase imparcial de Oliveira Lima; assim como o pezar por elle manifestado em uma de suas cartas datada de setembro de 1642, na qual lamentava a diminuição de suas vantagens pecuniarias em consequencia das treguas de dez annos que o privariam da parte que lhe cabia pelas presas de guerra!

Outros factos que tiraram a limpo seu caracter ambicioso, foram a especulação que fez na Europa, sem carecer entretanto de recursos, de muitas raridades que levou do Brasil e a pretensa doação dos quadros de Post a Luiz XIV, o grande rei da França que suppondo-se representante de Deus na terra, morreu coberto das maldições de seu povo; ao ministro desse soberano escreveu Nassau mendigando, que a recompensa real que em casos taes costumava, de modo nobre, a ser feita em joias, lhe fosse concedida em dinheiro de contado! Esse vergonhoso documento acha-se transcripto na pagina 72 do numero 30 de nossa *Revista*..

A Companhia das Indias Occidentaes já se achava desde muito desgostosa da administração de Mauricio de Nassau, não sómente por esses planos de poder a que me referi, como por lhe attribuir os maus negocios e prejuizos soffridos e principalmente pelo desastre de 1738, quando começou a empallidecer a estrella brilhante de que fora o conde sempre acompanhado: desastre do qual resultou a perda da Bahia, por cuja conquista tanto se preoccupava a Companhia.

Ao passo que o conselho dos XIX simulava a principio o desejo de que Nassau continuasse a governar o Brasil hollandez, e os Estados Geraes respondiam ao seu pedido de demissão em 1641, convidando-o a permanecer por tempo indeterminado, não deixava a Companhia de contrarial-o em suas reclamações e de feril-o em seu desmedido orgulho reduzindo, por duas vezes, a força a sua disposição, ao mesmo tempo que lhe lembrava a conveniencia de completar a conquista do paiz; creando um conselho de finanças no intuito de cercear-lhe a autoridade, como refere Netcher, e encarregando Artichofsky da missão odiosa de vigial-o, não obstante ser bem conhecida a desintelligencia que existia entre o polaco e Nassau. A desconsideração para com este chegou ao extremo de desconhecer-lhe o concelho politico do Recife a propria autoridade em plena sessão.

Não resta duvida que Mauricio ficou contrariadissimo com a ordem que recebeu em 1643 de deixar o Brasil.

Queixou-se amargamente; reclamou contra ella allegando não ter sido confirmada pelos Estados Geraes, que não duvidaram dar-lhe seu assentimento no mesmo dia em que lhes foi pedido.

Mandou a Hollanda seu secretario particular Tolner incumbido de advogar-lhe a causa, levando representações de diversas camaras, as quaes não ha quem ignore como podiam ser adquiridas; assim como o offerecimento que faziam os judeus de tres mil florins, para que se consentisse na conservação do conde. Todos esses esforços foram baldados. Mauricio de Nassau *foi obrigado* a deixar o Brasil em 1644.

COLONISAÇÃO FRANCEZA

Esse arbitro supremo, Senhores, que ha pouco imaginei, com sua presciencia, teria proclamado a superioridade da colonisação franceza sobre a dos batavos.

E' bem conhecida a historia do Maranhão.

Em 1535 o rei D. João III fez doação do territorio comprehendido entre a Bahia da Traição e o rio Maranhão, como era então conhecido o grande Amazonas, a João de Barros, autor das famosas decadas, nas quaes descreveu as gloriosas descobertas de Portugal desde 1412 até 1526, em 10 livros, cujo assumpto foi completado por Couto.

De ambas essas obras é possuidor o nosso Instituto.

Não tendo conseguido o notavel historiador conquistar o paiz, objecto da real munificencia, por ter naufragado em 1535 Ayres da Cunha encarregado de tão penosa empreza, assim como não alcançou melhor exito seu successor Luiz de Mello e Silva, a quem passou a donataria em 1554, ficou aquelle vasto territorio abandonado durante meio seculo, até que em 1594 o pirata francez Riffault veiu occupal-o por algum tempo, sendo substituido por de Vaux que obteve de Henrique IV que o mandasse explorar por sua conta. A morte violenta do vencedor de Mayenne em 1610, victima do punhal do fanatico Ravaillac, interrompeu a execução de seus projectos. A uma companhia franceza coube a sorte de tentar a primeira colonisação do Mara-

nhão, sob a direcção de Ravadiere, levantando em 1612 o forte a que deram o nome de S. Luiz em honra de Luiz XIII que havia substituido no throno ao rei galante.

Os francezes dominaram no Maranhão até 1615 quando foram expulsos pelo pernambucano Jeronymo de Albuquerque.

Pois bem ; lêde o que escreveu João Francisco Lisbôa em seu magnifico *Jornal do Timon* e sublinhae as seguintes expressões muito significativas :

« A physinomia da invasão hollandeza era toda militar; a guerra com todo seu cortejo de horrores, aggravadas pelas paixões ruins dos conquistadores.

« Em S. Luiz do Maranhão assignalaram sua presença pelas profanações e sacrilegios, pelos saques e contribuições forçadas, pelos attentados e ultrages á honra e a liberdade dos pacificos e descuidados habitantes ; as devastações, incendios, matanças e supplicios eram o unico espectaculo que offerece a historia da occupação hollandeza, não deixando rastro ou memoria alguma que denunciasse intenções beneficas.

« Que contraste com a expedição dos francezes ! E' certo que tinham em mira as riquezas provenientes da agricultura e do commercio, porém recorreram á catechese dos tupinambás por meio de missionarios, que para esse fim erigiram diversas aldeias em que os indios pela mansidão e bondade dos padres convertiam-se facilmente ao christianismo.

Em resumo : a invasão franceza no Maranhão ficou conhecida dos homens de lettras, pelas suas excursões scientificas pelo interior do paiz, e a dos hollandezes pela recordação dos males causados, pelo odio transmettido de geração em geração. »

E é ao boçal e perverso Calabar que para fugir ao castigo de seus crimes, tornou-se o mais rancoroso inimigo da patria, que se pretende attribuir hoje a divina intuição do futuro, e a previsão de que Pernambuco teria sido mais feliz com os hollandezes ; apezar das provas inteiramente negativas por elles produzidas logo nos primeiros annos de seu execrando dominio !

Nem se deve admittir que o movel do procedimento indigno do filho de Angela Alvares, o qual tanto se distinguiu no começo da guerra hollandeza, chegando a ser ferido no assalto do Arrayal do Bom Jesus, em março de 1630,

fôsse o desanimo, pelos grandes reforços chegados de Hollanda que augmentaram consideravelmente as probabilidades da victoria por parte dos invasores · Calabar não era um covarde que fugisse deante do perigo. Tambem não foi o resentimento pela preferencia dada em 1631 aos soldados hespanhóes e napolitanos, chegados com o conde de Bagnuolo, na esquadra de Antonio de Oquendo; o caracter alevantado que se empresta ao mameluco não se deixaria abater por sentimento tão ruim, estando a patria em perigo.

Frei Manoel Calado que escreveu o *Valeroso Lucideno*, assistiu aos ultimos momentos de Calabar, suppliciado em julho de 1635, affirma que elle mostrou grande coragem, resignação e arrependimento de sua vil traição, que deu causa a perda de tantos patricios que se batiam nobremente pela causa santa da liberdade.

OS INDIOS

E si algum povo, Senhores, tinha o direito de levantar se em massa contra os invasores das florestas brasilicas, e de esmagal-os com o peso rude de seu numero enorme, eram, sem contestação, as tribus dos aborigenes, expellidos das terras que possuiam desde tempo immemorial, cruciados na vida, ainda mais do que isto, privados da liberdade, o dom precioso que ennobrece o homem.

Os pobres indios não foram domados pela catechese propria das nações civilisadas; nem ao menos eram reputados pertencentes ao genero humano, apezar das celebres bullas de tres papas; os europeus os consideravam *gens ad servitutem nata*, na phraze do venerando Muniz Tavares que nunca deixou de erguer desta cadeira sua voz potente em favor da memoria dos desgraçados indigenas, que de senhores das selvas foram reduzidos ao mais ignobil captiveiro.

Os crueis hospedes não se contentaram com os terrenos desoccupados, como praticavam os phenicios e os carthaginezes, que em suas colonias não exterminavam os povos conquistados; exerceram contra os indios tão atroz perseguição que, em menos de um seculo, a população, que se contava por milhões no calculo do padre Vieira, foi reduzida á metade, não em batalha campal, como ponderou

o illustrado presidente do Instituto, em uma de suas elocuções, com armas eguaes, porém sacrificados por serem *anima vilis in corpore vili.*

O jesuita Fernão Cardim já observava em 1582 que o numero dos indios de Pernambuco achava-se consideravelmente diminuido.

Os tupinambás que occupavam grande extensão das costas do Brasil, foram acossados como bestas ferozes por modo tão brutal que espavoridos fugiram para as vastas regiões amazonicas, guiados pelo legendario Japiassú, cujo vulto gigantesco ainda hoje sobresahe na tristissima narração dos acontecimentos daquellas epocas.

Ha ahi quem ignore a guerra cruel contra os tamoyos que occupavam duas das capitanias do sul, interrompida pela intervenção benefica de Nobrega e Anchieta, e logo depois renovada, quando tiveram os indigenas o auxilio dos francezes seus alliados gananciosos?

A carnificina, sem carecermos remontar á guerra dos barbaros da antiguidade, só podia comparar-se á que praticaram os hespanhóes no Mexico e no Perú, onde ficaram tristemente perpetuados os nomes de Cortez e Pizarro ferozes exterminadores dos Astecas e dos Incas.

O certo, porém, é que os portuguezes occupando estas vastas regiões da America Setentrional, procediam infelizmente de accordo com as leis de seu paiz e com os principios que então predominavam e eram proclamados até por alguns padres da igreja catholica.

Os proprios reis de Portugal, em suas contradictorias resoluções e nos regimentos dos governadores, autorisavam a escravidão dos indios.

D. João V reconhecia em 1718 que os indios eram homens livres e isentos da sua jurisdicção; como, porém, andavam nús e não reconheciam rei nem governador, não viviam em republica e não respeitavam as leis da natureza, podiam ser obrigados, por força e pelo medo, a descer do sertão para as aldeias, por ser isso conforme á opinião dos doutores que escreveram na materia.

D. Sebastião declarava em 1557 perpetuamente escravos os cahetés e seus descendentes, sem excepção de sexo nem de edade, porque atreviam-se a defender sua existencia e autonomia, semelhantes áquelles animaes das selvas americanas referidos pelo autor dos Nutchez, os quaes

eram tão ferozes que até *ousavam* defender-se, sendo atacados!

Anchieta, que visitou, no interior de nossas selvas, os tupinambás, os aymorés e outras tribus selvagens, conseguindo muitas vezes esplendidos triumphos devidos á sua eloquencia; e Nobrega, chefe dos primeiros jesuitas vindo para o Brasil com o governador geral Thomé de Souza, ens tendiam que o gentio devia ser domado pelo temor e pela guerra; affirma-o Varnhagen.

Nobrega escrevia a Thomé de Souza em 1559, que era considerado por grandes e pequenos como serviço á Deus Nosso Senhor fazer com que os gentios se comessem e se despedaçassem uns com os outros.

O padre Vieira reconhecido apostolo dos direitos dos indios, não era infenso á escravidão e até, como chefe das missões, regulava o modo de fazer-se a distribuição delles, quando trazidos do interior nas celeberrimas *bandeiras* de vergonhosa recordação, parecendo-lhe, porém, que devia ser preferido o trafigo dos africanos!!...

Os missionarios não se pejavam de authenticar esses aprisionamentos, baptisando os selvagens que lhes eram apresentados e inscrevendo-os em uma especie de registro, que servia de titulo aos pretensos senhores; e um delles escrevendo a D. Affonso IV dizia: Vamos tomando conta da terra por Deus e para Deus.

O bispo sabio e virtuoso Azeredo Coutinho, creador do seminario de Olinda, não admittia a escravidão como iniciação indispensavel para chegar-se á civilisação? E Tocqueville, em sua *Democracia na America*, não declarava que os indios estavam irremessivelmente condemnados ao exterminio por não lhes ser possivel a civilisação?

Varnhagen, Senhores, o illustrado Varnhagen á quem tanto deve a nossa historia, Varnhagen escrevia que os europeus tinham o direito de empregar os meios fortes e violentos contra os senhores das florestas virgens do Brasil; que o emprego da força, da guerra, o medo, a coacção, a escravidão em uma palavra, eram admiraveis instrumentos de conversão e civilisação, sendo que os meios lentos e inefficazes da catechese, ou eram traças e alvitres interesseiros ou meros abortos de monomonos pseudo-philantropos!

E admirae ainda, Senhores, a João Francisco Lisbôa,

o muito illustrado maranhense, que tanto escreveu contra a escravidão dos indios, empregando os mais formidaveis argumentos.

Houve uma phase de sua vida em que, por lamentavel contradicção com seus sentimentos ultrahumanitarios, entendia que os indios não tinham direito á posse do territorio que occupavam e que não o tendo sabido cultivar, podia ser aproveitado pelo resto do genero humano, confinado no velho mundo por, quanto, como dizia o grande poeta:

Toda terra é patria para o forte

e terminava entoando hymnos á victoria do arcabuz e da espada sobre á flecha e o tacape, por haverem exterminado, transformado ou conseguido internar o gentio, fazendo surgir florescentes cidades onde outr'ora apenas se viam miseraveis aldeias e substituindo por uma nação civilisada e hospitaleira algumas centenas de tribus ferocissimas.

E' exacto que á essa phase succedeu a do mais sincero e louvavel arrependimento, na qual escrevia elle: já uma vez cahimos na desgraça de nos empenharmos na defeza de uma cousa má.

O que se passava entre nós, dava-se tambem nas demais paragens em que eram os indios espoliados de seus direitos. Washington, um dos fundadores dos Estados Unidos e seu primeiro presidente, em uma de suas mensagens ao Congresso, lamentava que sendo o grande povo americano, mais illustrado e mais poderoso do que as tribus indianas, devendo portanto tratal-as com doçura e humanidade, não tivesse essa politica nobre e generosa sido adoptada por seus compatriotas.

Estava reservado ao coração magnanimo de um poeta a gloria de levantar a memoria de nossos primeiros antepassados, tão perversamente sacrificados á cubiça e cruelmente calumniados. A Gonçalves Dias coube a tarefa generosa de restabelecer a lembrança dos aborigenes, cantando em lyra sonora sua vida e costumes, seus amores e guerras—encarniçadas, é exacto, e ainda hoje não as temos? E' de lamentar que não soubessem os homens de além-mar civilisal-os e chamal-os ao gremio da sociedade por modo mais humano.

CONCLUSÃO

Quer, porém, os filhos de Luzo usassem então de um direito apropriando-se das vastas regiões da America Septentrional e expellindo de seu sólo os primitivos habitantes, quer abusassem cruel e ferozmente da superioridade que lhes proporcionavam a força e os recursos de uma nação muito mais adeantada na arte da guerra, que importancia podia ter seu procedimento sobre os sentimentos patrioticos da geração ulteriormente constituida. ?

Os fundamentos de Roma foram o assassinio e o roubo, como reza a legenda; entretanto Camillo não se demorou em verificar si os gaulezes que atacaram sua patria, lhe poderiam proporcionar um futuro mais lisongeiro; levantou os brios dos romanos, e collocou-se á frente do seu exercito; os audazes estrangeiros fôram repellidos e Roma chegou a ser a senhora do mundo.

Os barbaros que sahindo do norte da Europa e da Asia devastando, não só o continente europeu, como as ilhas, alem do mar do Occidente, occuparam regiões em que encontraram sobrepostas as gerações dos celtas, dos batavos, gaulezes e romanos; ahi constituiram nações poderosas, que hoje não se envergonham de sua origem, como a França, a Inglaterra, a Hespanha, a Hollanda e Portugal e porque não Portugal que já encheu o mundo com a fama de suas glorias?

Nós, portanto, os pernambucanos, que já não eramos portuguezes e hespanhóes, africanos ou indios, porém o resultado do crusamento de todas essas raças; no qual prédominava o elemento europeu, constituindo uma nova nacionalidade, cumpriamos um dever sagrado, expellindo do territorio que já era exclusivamente nosso, os batavos crueis que durante vinte e quatro annos nos privaram de nossos bens e de nossa liberdade; como já haviamos poderosamente concorrido para a expulsão dos hespanhóes que aleivosamente se tinham apoderado da nação portugueza e como depois sacudimos o jugo da metropole que atrophiava o nosso desenvolvimento industrial, commercial e politico.

E como nossa libertação do dominio hollandez devemos principalmente á esses homens immortaes, cujas imagens santificadas pelo patriotismo nos contemplam atravéz de mais de dous seculos, rendamos hoje, Senhores, como

de costume, o culto devido a sua memoria e cobrindo de benções seus nomes venerandos, não esqueçamos a maldição que ha de acompanhar sempre a lembrança dos traidores que não souberam comprehender as obrigações que a patria lhes impunha,

> Porquanto tambem dos portuguezes
> Alguns traidores houve algumas vezes,

como dizia o principe dos poetas luzitanos.

Não sou optimista, Senhores, bem conheço que o Brasil passa actualmente por uma situação afflictiva, dolorosa, difficilima, inseparavel das grandes transições; situação que teria de perdurar ainda longo tempo, si fosse exacta a affirmativa de Laboulaye — de que as idéas novas carecem de novas gerações.

Sei que não é regular citarmos a propria autoridade; seja-me, porém, permittido, não por vaidade ou falta de modestia, e sim para demonstrar a permanencia de meus sentimentos, envocar as mesmas phrases que tive algures opportunidade de proferir.

Alexandre — o grande — antes de partir para a Asia, que elle havia jurado reduzir a seu poder, dividiu todos os seus bens com os amigos; perguntaram-lhe o que reservava para si — a esperança — respondeu o afamado guerreiro.

Pois bem, Senhores, conservemo-nos fortes na defeza da patria e por titulo algum abonemos a esperança de que um melhor futuro nos aguarda.

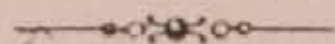
E antes de concluir, seja-me licito externar a convicção profunda de uma grande verdade, que já existindo na consciencia de todos, ainda não attingiu o periodo da acção.

Essa esperança que ainda alimenta o nosso espirito; esse patrimonio santo que o general lacidemoniense, o discipulo de Aristoteles reservava para si, converter-se-ha em uma realidade, quando existir um dos mais poderosos factores das publicas liberdades — a liberdade do voto popular em toda sua mais ampla comprehensão, até hoje tão lamentavelmente sophismáda.

Agrupam se todos os verdadeiros patriotas ao redor do labaro, cujo lemma seja — eleição livre; o povo saberá escolher homens dignos e capazes de dirigir o paiz; o sys-

tema representativo, que no sentir de um publicista moderno possue o segredo de conciliar até mesmo a monarchia e a liberdade que a Tacito pareciom inimigos irreconciliaveis; o systema representativo deixará de pertencer ao mundo das ficções e a Republica Brasileira será salva.

Está aberta a sessão.



REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PFRNAMBUCANO

N. 52



PERNAMBUCO

TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»

47—Rua 15 de Novembro — 47

1899

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO



PRESIDENTE

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

1° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro João José Pinto Junior.

2° VICE-PRESIDENTE

Major José Domingues Codeceira.

2° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

1° SECRETARIO

Dr. João Baptista Regueira Costa.

2° SECRETARIO

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

SUPPLENTES

Augusto Cesar da Cunha.
Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

ORADORES

Dr. José Izidoro Martins Junior.
Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

THESOUREIRO

Dr. Gaudino Eudoxio de Brito.

COMMISSÃO DE CONTAS

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.
Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro.
Dr. José Lopes Pessoa da Costa.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. João Baptista Regueira Costa.
Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.
Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.
Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

JORNAES PERNAMBUCANOS

DE

1821—1898



I — AGUA PRETA

1 Gazeta Rio Pretana, 26 Abril de 1885—86.

II — BARREIROS

1 O Futuro, 22 de Outubro de 1896.

III — ESCADA

1 O Escadense (1), 17 de Junho de 1863.
2 Devaneio Litterario, 1872. 1875
3 Um Signal dos Tempos, 18 de Julho de 1874—75.
4 A Comarca da Escada, 1875.
5 O Desabuso, 1875.
6 O Escadense, 1877—78.
7 A Igualdade, 1878.
8 Contra a Hypocrisia, 18 de Agosto de 1879.
9 Estudos Allemães, 1880—81.
10 O Martello, 20 de Março de 1881.
11 Um Signal dos Tempos (*), 1882.
12 A Escada, 1883.

---

(1) Foi impresso no Recife.
(*) O asterisco indica numero unico de jornal especial.

IV — GLORIA DO GOITA'

1 O Goitáense, 8 de Fevereiro de 1879.

V — GOYANNA (1)

1 O Liberal Goianense, 5 de Dezembro de 1868—69.
2 O Mercantil, 1870—71.
3 Revista do Instituto Historico de Goiana, 1871.
4 Gazeta de Goyanna, 1873.
5 A Grinalda, 1873.
6 O 1874, 1874.
7 O Democrata, 1874—76.
8 Gazeta de Goyanna, 1886—88.
9 Goyanna Livre (*), 25 de Março de 1888.
10 Politica Liberal, 6 de Fevereiro de 1889.
11 O Escholastico, 15 de Abril de 1889.
12 Diario de Goyanna, 1 de Agosto de 1889—90.
13 A Plebe, 27 de Julho de 1890—91.
14 O Democrata, 14 de Março de 1891.
15 A Reforma, 9 de Janeiro de 1892.
16 Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Goyanna, 12 de Fevereiro de 1895.

VI — IPOJUCA

1 A Vontade (2), 28 de Dezembro 1873—77.

VII — JABOATÃO

1 O Mamoeiro (3), 8 de Agosto de 1883.
2 O Municipio (3), 6 de Outubro de 1895.

(1) Em 1824 laborou em Goyanna a — *Typographia Particular do Gabinete Patriotico de Goyanna* — que limitou-se á impressão de proclamações e outros avulsos.

(2) O n. 1 foi reimpresso na Escada.

(3) Foram impressos no Recife.

VIII — NAZARETH

1 O Nazareno (1), 24 de Maio de 1843—48.
2 O Foguete, 29 de Junho de 1844.
3 O Regenerador Brazileiro (1), 22 de Agosto de 1844—45.
4 Correio de Nazareth, 20 de Abril de 1878.
5 O Regenerador, 1878.
6 O Thermometro, 1879—84.
7 Quinto Districto, 7 de Março de 1885.
8 O Pandego, 13 de Setembro de 1885.
9 A Lucta, 23 de Julho de 1892.
10 O Municipio, 30 de Junho de 1894.

IX — OLINDA

1 Voz do Povo (1), 2 de Novembro de 1831.
2 O Mercurio, 1831—32.
3 O Conciliador Pernambucano (1), 26 de Novembro de 1831—32.
4 O Cahetê, 4 de Janeiro de 1832.
5 A Vida (2), 25 de Dezembro de 1890—91.
6 O Sino da Sé (2), 28 de Dezembro de 1890—91.
7 Correio de Olinda (2), 4 de Janeiro de 1891.
8 O Artista Brazileiro (2), 18 de Janeiro de 1891—92.
9 O Municipio, 12 de Maio de 1892—93.
10 Dom Quixote, 23 de Outubro de 1893.

X — PALMARES

1 O Echo de Palmares, 7 de Outubro de 1883—84.
2 Gazeta de Palmares, 11 de Agosto de 1884.
3 Jornal de Palmares, 1 de Junho de 1891.
4 S. João (*), 24 de Junho de 1892—93.
5 A Semana, 17 de Julho de 1892—93.
6 Correio de Noticias, 20 de Novembro de 1892—93.
7 O Corisco (1), 5 de Dezembro de 1892—93.
8 O Raio, 28 de Janeiro de 1893.

(1) A publicação proseguiu no Recife.
(2) Foram impressos no Recife.

9 Archivo Litterario Palmarense, 27 de Maio de 1893.
10 A Cartilha, 24 de Novembro de 1893.
11 Pequeno Correio, 4 de Dezembro de 1893—94.
12 Novo Echo, 23 de Outubro de 1894—95.
13 O Progresso, 7 de Fevereiro de 1897—98.
14 O Bilontra, 1 de Maio de 1898.
15 Club Litterario de Palmares (*) (1), 23 de Outubro de 1898.

XI — PAU D'ALHO

1 A Aurora (1), 22 de Agosto de 1869.
2 Gazeta de Pau d'Alho (1), 15 de Março de 1892.

XII — PETROLINA

1 A Phenix, 1897.

XIII — RECIFE

1 Aurora Pernambucana, 27 de Março de 1821.
2 Segarrega, 8 de Dezembro de 1821—23.
3 Relator Verdadeiro, 13 de Dezembro de 1821—22.
4 Gazeta Extraordinaria do Governo, 22 de Junho de 1822.
5 O Conciliador Nacional, 4 de Julho de 1822—25.
6 O Maribondo, 25 de Julho de 1822.
7 Gazeta Pernambucana, 14 de Setembro de 1822—24.
8 Gazeta do Governo Temporario, 21 de Setembro de 1822.
9 Gazeta do Governo Provisorio, 6 de Outubro de 1822.
10 Diario da Junta do Governo, 8 de Fevereiro de 1823.
11 Sentinella da Liberdade na Guarita de Pernambuco, 9 de Abril de 1823—24.
12 Diario da Junta do Governo de Pernambuco, 17 de Junho de 1823.
13 Escudo da Liberdade do Brazil, 26 de Julho de 1823.
14 Diario do Governo de Pernambuco, 1823—24.
15 O Typhis Pernambucano, 25 de Dezembro de 1823—24.

(1) Foram impressos no Recife.

16 O Liberal (1), 2 de Fevereiro de 1824.
17 Diario do Governo, Março de 1824.
18 O Argos Pernambucano, 31 de Maio de 1824.
19 Dezengano aos Brazileiros, 25 de Junho de 1824.
20 Registo Official do Governo de Pernambuco, 4 de Agosto de 1824.
21 Diario do Governo de Pernambuco, 12 de Outubro de 1824—25.
22 Diario de Pernambuco, 7 de Novembro de 1825—98.
23 A Tesoura, 1828.
24 Abelha Pernambucana, 24 de Abril de 1829—30.
25 O Cruzeiro, 4 de Maiode 1829—31.
26 O Amigo do Povo, 30 de Maio de 1829—31.
27 O Constitucional, 2 de Julho de 1829—31.
28 Diario do Conselho Geral de Provincia de Pernambuco, 22 de Dezembro de 1829—30.
29 O Popular, 2 de Junho de 1830—31.
30 Espelho das Brazileiras, 1 de Fevereiro de 1831.
31 O Liberalão, 13 de Abril de 1831.
32 O Carcundão, 25 de Abril de 1831.
33 O Olindense (2), Maio de 1831—32.
34 Bussola da Liberdade (3), 26 de Junho de 1831—34.
35 O Pernambucano, 2 de Agosto de 1831.
36 Eco d'Olinda, 6 de Agosto de 1831—32.
37 O Harmonisador, 12 de Novembro de 1831.
38 O Federalista, 30 de Dezembro de 1831—34.
39 Diario dos Pobres, 16 de Janeiro de 1832.
40 Bandeira de Retalhos, 26 de Janeiro de 1832.
41 Profecia Politica, 6 de Fevereiro de 1832.
42 O Simplicio Pernambucano, 6 de Fevereiro de 1832.
43 O Carapuceiro, 7 de Abril de 1832—47.
44 O Equinoxial, 2 de Julho de 1832—33.
45 A Tolerancia, Agosto de 1832—33.
46 O Graccho, 4 de Setembro de 1832.
47 O Topinambá, 7 de Setembro de 1832—33.
48 Noticias de Portugal, 10 de Outubro de 1832.
49 O Epaminondas, 12 de Outubro de 1832.

(1) A publicação começou na Bahia em 3 de Outubro de 1823.
(2) A publicação proseguiu em Olinda.
(3) Continuou a sahir no Rio de Janeiro em 1834, e voltou a publicar-se no Recife em 1835.

50 O Republico Eistraordinario (1), 13 de Outubro de 1832.
51 O Candeia, 15 de Novembro de 1832–33.
52 A Gamenha, 16 de Dezembro de 1832—33.
53 O Mentor Pernambucano, 1 de Janeiro de 1833.
54 Diario do Governo, 15 de Abril de 1833.
55 Diario da Administração Publica de Pernambuco, 1 de Maio de 1833—35.
56 Voz do Povo Pernambucano, 2 de Maio de 1833.
57 O Publicador Parahibano, 9 de Maio de 1833.
58 Palmatoria dos Toleiroens, 23 de Maio de 1833.
59 O João Pobre, 2 de Junho de 1833.
60 O Çapateiro, Junho de 1833.
61 A Miscelania Periodiqueira, 18 de Julho de 1833.
62 O Recopilador Pernambucano, 18 de Julho de 1833.
63 O Velho de 1817, 20 de Julho de 1833.
64 O Velho Pernambucano (2), 22 de Julho de 1833.
65 O Mercurio, 26 de Julho de 1833.
66 A Quotidiana Fidedigna, Novembro de 1833—36.
67 O Democrata Pernambucano, 11 de Janeiro de 1834.
68 O Estudante, 28 de Abril de 1834.
69 O Sensor Brazileiro, 8 de Julho de 1834.
70 Sentinella da Liberdade na sua primeira guarita, a de Pernambuco, 16 de Agosto de 1834—35.
71 A Razão e a Verdade, 17 de Dezembro de 1834—35.
72 A Voz de Bebiribi, 16 de Março de 1835.
73 A Bussola da Liberdade em Pernambuco, 31 de Março de 1835.
74 O Aristarco, 15 Abril de 1835—36.
75 A Ponte da Bôa Vista, 11 de Junho de 1835—36.
76 Jornal de Variedades, 14 de Junho de 1835.
77 A Guarda Avançada do Norte, 13 de Julho de 1835.
78 O Triunfo da Verdade, 18 de Julho de 1835.
79 O Republicano Federativo, 1 de Agosto de 1835—36.
80 O Cagalume, 8 de Agosto de 1835.
81 Cova da Onça, 13 de Agosto de 1835.

(1) *O Republico* começou apparecer no Rio de Janeiro em 1830; passou a sahir na Parahyba, em 1832, e voltou a publicar-se no Rio de Jane'ro de 1853—55.

(2) Reappareceu em 1835—36.

82 Escudo da Monarchia Constitucional, 20 de Agosto de 1835.
83 O Mesquita de Capote, 19 de Setembro de 1835.
84 Gazeta Universal, Fevereiro de 1836.
85 Constituição e Pedro 2º, 10 de Março de 1836—37.
86 O Anti-Regressista, 17 de Março de 1836.
87 Semanario Civil, 17 de Março de 1836.
88 O Mesquita Junior, 25 de Março de 1836.
89 O Indigena, 7 de Abril de 1836.
90 O Despertador da União e da Ordem, 18 de Abril de 1836.
91 O Patusco Interessante, 9 de Maio de 1836.
92 A Caixa de Guerra, 14 de Maio de 1836.
93 O Simplicio Moço, 27 de Maio de 1836.
94 O Diabo, 30 de Maio de 1836.
95 O Gamenho Politico, 10 de Junho de 1836,
96 Paquete do Norte, Julho de 1836—37.
97 O Consequente, 25 de Março de 1837.
98 O Echo da Religião e do Imperio, 26 de Maio de 1837—42.
99 Relator de Novellas, 26 de Junho de 1837.
100 O Argos Olindense, Agosto de 1838.
101 A Forquilha, 2 de Outubro de 1841.
102 A Ordem, 15 de Outubro de 1841.
103 A Marciana, 22 de Outubro de 1841.
104 O Nicoláo, 2 de Novembro de 1841.
105 Correio do Norte, 20 de Novembro de 1841—42.
106 Aurora Pernambucana, 22 de Novembro de 1841.
107 O Espelho das Bellas, 16 de Dezembro de 1841—42.
108 Diario Novo, 1 de Agosto de 1842—52.
109 Annaes da Medicina Pernambucana, Outubro de 1842—44.
110 O Artilheiro, 2 de Dezembro de 1842—43.
111 O Guarda Nacional, 9 de Dezembro de 1842—48.
112 O Paisano, 23 de Fevereiro de 1843.
113 O Indigena, 13 de Maio de 1843—44.
114 O Cometa, 19 de Março de 1843—46.
115 O Chora-Menino, 29 de Maio de 1843.
116 O Athleta, 3 de Setembro de 1843.
117 O Catholico, 3 de Setembro de 1843—44.
118 A Estrella, 4 de Outubro de 1843—44.
119 O Regenerador, 1843.
120 O Amigo dos Homens, 7 de Janeiro de 1844—47.

121 O João Pobre, 21 de Março de 1844—45.
122 Gazeta do Povo, 28 de Março de 1844.
123 Marmota, 12 de Abril de 1844.
124 O Guararapes, 8 de Agosto de 1844.
125 O Pernambucano, 2 de Setembro de 1844.
126 O Verdadeiro Regenerador, 7 de Setembro de 1844—45.
127 A Estrella Vesper, 1844.
128 O Espelho, Fevereiro de 1845.
129 O Lidador, 17 de Março de 1845—48.
130 O Clamor Publico, 6 de Abril de 1845—46.
131 O Azorrague, 5 de Maio de 1845—46.
132 A Carranca, 10 de Maio de 1845—47.
133 O Foguete, 19 de Maio de 1845.
134 O Lidador Monstro (*), Julho de 1845.
135 Echo da Verdade, 19 de Agosto de 1845.
136 O Verdadeiro, 3 de Setembro de 1845.
137 O Sete de Setembro, 7 de Setembro de 1845—46.
138 O Liberal Affogadense, 11 de Setembro de 1845.
139 O Arára, 30 de Setembro de 1845—46.
140 O Clamor Publico Monstro (*), Setembro de 1845.
141 O Praeiro, 23 de Outubro de 1846.
142 A Voz da Religião, 4 de Janeiro de 1845—46.
143 O Esqueleto, 16 de Fevereiro de 1846.
144 O Postilhão, 11 de Março de 1846—47.
145 O Bezerro de Pera, 17 de Março de 1846.
146 O Raio, 28 de Março de 1846.
147 O Papa-Angú, 15 de Abril de 1846.
148 O Eleitor, 27 de Abril de 1846.
149 O Saquarema, 8 de Maio de 1846.
150 O Phileidemon, 1 de Junho de 1846—47.
151 O Progresso, Julho de 1846—48.
152 O Annunciante, 28 de Agosto de 1846.
153 O Polymathico, 1 de Setembro de 1846.
154 O Novo Mesquita de Capote, 26 de Abril de 1847.
155 O Homem do Povo, 27 de Maio de 1847.
156 O Volcão, 7 de Agosto de 1847.
157 O Proletario, 8 de Agosto de 1847.
158 O Tribuno, 13 de Agosto de 1847—48.
159 O Eleitor Pernambucano, 14 de Agosto de 1847.
160 A Barca da Vigia, 17 de Agosto de 1847.
161 O Artista, 20 de Agosto de 1847.
162 O Votante de S. José, 22 de Agosto de 1847.

163 O Homem do Povo, 23 de Agosto de 1847.
164 Hum dos Cinco Mil, 2 de Setembro de 1847.
165 A Tempestade, 2 de Setembro de 1847.
166 A Ratoeira, 3 de Setembro de 1847.
167 O Liberal, 7 de Setembro de 1847.
168 A Grande Tempestade, 14 de Setembro de 1847.
169 A Voz do Brazil, 27 de Outubro de 1847—48.
170 A Sentinella da Liberdade, 3 de Novembro de 1847—48.
171 O Brazileiro, 4 de Novembro de 1847—48.
172 O Bom-Senso, 11 de Fevereiro de 1848.
173 O Camarão, 18 de Fevereiro de 1848.
174 A Barca de S. Pedro, 25 de Maio de 1848.
175 O Grito da Patria, 31 de Maio de 1848.
176 O Parlamentar, 1 de Junho de 1848.
177 A Reforma, 2 de Julho de 1848.
178 O Capibaribe, 10 de Julho de 1848-49.
179 O Eclectico, 13 de Julho de 1848.
180 A Mentira, 17 de Julho de 1848.
181 Advogado do Povo, 1 de Agosto de 1848.
182 O Confluente do Capibaribe, 3 de Agosto de 1848.
183 A União, 14 de Agosto de 1848—55.
184 A Verdade, 21 de Agosto de 1848.
185 A Verdade, 22 de Novembro de 1848.
186 O Brado da Razão, 27 de Novembro de 1848—49.
187 Aurora, Maio de 1849.
188 O Brinco das Damas, 26 de Junho de 1849.
189 O Album dos Academicos Olindenses, 30 de Junho de 1849—50.
190 O Maccabêo, 4 de Julho de 1849.
191 O Beija-Flôr, 7 de Julho de 1849.
192 A Aguia Catholica, 4 de Agosto de 1849.
193 O Vapor da California, 30 de Agosto de 1849.
194 O Recreio das Bellas, 8 de Setembro de 1849—50.
195 O Fiscal, 17 de Setembro de 1849.
196 O Esforço, 29 de Setembro de 1849.
197 A Trombeta, 3 de Outubro de 1849.
198 A Tentativa Feliz, 6 de Outubro de 1849.
199 Gazeta do Povo, 8 de Outubro de 1849.
200 A Violeta, 28 de Outubro de 1849—50.
201 O Rolha, 10 de Novembro de 1849.
202 O Gallego, 21 de Novembro de 1849—50.
203 A Grinalda, 28 de Dezembro de 1849—50.

204 O Povo, 1849.
205 O Sulista, 1849.
206 Diario do Povo, 2 de Janeiro de 1850.
207 O Commercial, 15 de Janeiro de 1850.
208 A Marmota Pernambucana, 21 de Março de 1850.
209 O Academico, 8 de Maio de 1850.
210 A Saudade, 21 de Maio de 1850.
211 Alva (1), Junho de 1850.
212 O Conciliador, 12 de Junho de 1850.
213 O Patuléa, 14 de Junho de 1850.
214 O Jasmim, 24 de Junho de 1850.
215 O Bello Sexo, Junho de 1850.
216 O Tanjasno, 30 de Julho de 1850.
217 O Telegrapho, 5 de Agosto de 1850.
218 A Revolução de Novembro, 19 de Agosto de 1850-51.
219 O Zoilo, 19 de Agosto de 1850.
220 Revista Theatral, 3 de Setembro de 1850.
221 O Argos Pernambucano, 7 de Setembro de 1850—52.
222 O Echo Pernambucano, 7 de Setembro de 1850 56.
223 A Esmeralda, 7 de Setembro de 1850.
224 O Formigão, 7 de Setembro de 1850.
225 A Imprensa, 7 de Setembro de 1850—52.
256 A Fada, 14 de Setembro de 1850.
227 O Brado da Indignação, 18 de Setembro de 1850.
228 O Medico do Povc em Pernambuco, 2 de Outubro de 1850.
229 O Recreativo, 7 de Outubro de 1850—51.
230 A Liberdade, 10 de Novembro de 1850.
231 O Artista Brazileiro, 16 de Novembro de 1850.
232 O Jan Bixente, 16 de Dezembro de 1850—51.
233 O Nacional, 8 de Março de 1851.
234 O Mocó, 12 de Maio de 1851.
235 O Mundo da Lua, 14 de Junho de 1851.
236 O Apostolo do Norte, 24 de Junho de 1851—54.
237 A Palmeira Pernambucana, 2 de Agosto de 1851.
238 O Tirocinio Harmonico, 5 de Agosto fie 1851.
239 O Argos Natalense, 7 de Setembro de 1851.
240 O Paladim, 7 de Setembro de 1851—52.

(1) A publicação começou na Parahyba em Janeiro de 1850.

241 A Revista, 10 de Setembro de 1851.
242 O Expectador, 14 de Setembro de 1851.
243 O Cabo José Pimenta, Dezembro de 1851.
244 O Jaguarary, 1851.
245 A Caipora de Pernambuco, 2 de Janeiro de 1852.
246 O Jardim das Damas, 18 de Janeiro de 1852.
247 Boletim Commercial, 10 de Maio de 1852—53.
248 A Revolusão de Novembro, 1 de Setembro de 1852.
249 O Liberal Pernambucano, 7 de Setembro de 1852—61.
250 O Artista Pernambucano, 25 de Janeiro de 1853.
251 O Brado da Miseria, 14 de Fevereiro de 1853.
252 A Justiça, 16 de Fevereiro de 1853.
253 O Careteiro, 15 de Maio de 1853.
254 Bibliotheca Dramatica, 20 de Maio de 1853.
255 O Cidadão, 2 de Outubro de 1853—54.
256 O Vigilante, 1853.
257 O Cosmopolita, 18 de Janeiro de 1854.
258 A Estréa, Maio de 1854.
259 A Bonina, 17 de Junho de 1854.
260 O Antearrogante, 27 de Julho de 1854.
261 O Brado do Povo, 4 de Agosto de 1854.
262 O Periquito, 10 de Agosto de 1854.
263 O Cravo, 20 de Agosto de 1854.
264 A Camelia, 7 de Setembro de 1854.
265 O Brasileiro, 19 de Setembro de 1854.
266 A Palmatoria, 29 de Setembro de 1854.
267 Brasil Maritimo, 1854--59.
268 O Direito, 1854.
269 O Povo, 10 de Fevereiro de 1855—59.
270 O Paiz, 1 de Fevereiro de 1856.
271 O Heliotropio, 10 de Maio de 1856.
272 O Album, 17 de Maio de 1856.
273 O Clarim Litterario, Maio de 1856—57.
274 Jornal do Commercio, 1 de Julho de 1856—58.
275 A Estrella das Bellas, 10 de Julho de 1856.
276 O Atheneu Pernambucano, Julho de 1856—63.
277 A Lei, 28 de Julho de 1856.
278 O Advogado dos Guardas Nacionaes, 11 de Agosto de 1856.
279 A Açucena, 26 de Agosto de 1856.
280 O Conservador, 11 de Setembro de 1856.
281 O Contemporaneo, 1856.

282 O Estudante, 1856.
283 A Regeneração, 31 de Janeiro de 1857.
284 A Sempre-Viva, 16 de Maio de 1857.
285 O Despertador Commercial do Norte, 5 de Junho de 1857.
286 O Vapor do Rio Formoso, 26 de Junho de 1857.
287 O Progresso, 1 de Julho de 1857—59.
288 O Academico do Norte, 24 de Julho de 1857.
289 O Onze de Agosto, 11 de Agosto de 1857.
290 O Ensaio Philosophico Pernambucano, Agosto de 1857.
291 O Democrata, 24 de Setembro de 1857—59.
292 O Trovão, 27 de Janeiro de 1858.
293 O Barco dos Traficantes, 5 de Fevereiro de 1858.
294 O Raio, 6 de Fevereiro de 1858.
295 O Arauto Litterario, 10 de Março de 1858.
296 Revista Academica, 16 de Março de 1858.
297 A Arena, 29 de Maio de 1858.
298 A Tempestade, 4 de Junho de 1858.
299 O Vapor dos Traficantes, 1 de Julho de 1858—60.
300 O Preludio Academico, 11 de Agosto de 1858.
301 O Cidadão, 30 de Agosto de 1858.
302 Jornal do Domingo, 5 de Setembro de 1858—59.
303 A Aurora Pernambucana, 16 de Outubro de 1858-59.
304 O Imparcial, 28 de Dezembro de 1858—59.
305 Jornal do Recife, 1 de Janeiro de 1859—98.
306 A Ordem, 7 de Janeiro de 1859—69.
307 O Iris Academico, 5 de Abril de 1859.
308 A Epocha, 10 de Maio de 1859.
309 A Tesoura, 26 de Agosto de 1859.
310 O Pharol, 12 de Novembro de 1859—60.
311 A Instrucção Primaria, 2 de Dezembro de 1859.
212 O Monitor das Familias, 2 de Dezembro de 1859-61.
313 O Monarchista Constitucional, 10 de Dezembro de 1859—60.
314 A Nova Era, 22 de Janeiro de 1860.
315 Jornal do Instituto Pio e Litterario Pernambucano, 29 de Janeiro de 1860.
316 Diario do Recife, 27 de Fevereiro de 1860—62.
317 Vinte e Cinco de Março, 25 de Março de 1860.
318 O Sergipano, 3 de Maio de 1860.
319 Aurora Alagoana, 3 de Junho de 1860.
320 O Leão do Norte, 14 de Julho de 1860.

321 O Santa Cruz, 1 de Setembro de 1860—61.
322 O Athleta, 20 de Outubro de 1860.
323 A Verdade, 26 de Fevereiro de 1861.
324 O Constituinte, 2 de Março 1861.
325 O Ramalhete, 12 de Março de 1861
326 O Constitucional, 25 de Março de 1861.
327 O Commercial Pernambucano. 20 de Maio de 1861.
328 O Lidador Academico, 10 de Junho de 1861.
329 O Puritano, 10 de Julho de 1861.
330 O Politico, 24 de Julho de 1861.
331 O Campeão, 21 de Agosto de 1861—63.
332 O Pedestre, 2 de Novembro de 1861.
333 A Urtiga, 9 de Novembro de 1861—62.
334 O Liberal, 15 de Novembro de 1861—66.
335 A Religião, 19 de Abril de 1862.
336 A Situação, 8 de Julho de 1862.
337 Revista Militar, 12 de Julho de 1862—63.
338 A Voz da Verdade, 19 de Julho de 1862.
339 Revista da Associação Onze de Agosto, 11 de Agosto de 1862.
340 Revista Academica, 1 de Setembro de 1862.
341 O Conservador Vermelho, 7 de Setembro de 1862-63.
342 O Progressista Constitucional, 7 de Setembro de 1862—63.
343 Jornal das Damas, Outubro de 1862.
344 O Brado Olindense, 18 de Outubro de 1862.
345 A Opinião, 1862.
346 O Brazil Agricola (1), 10 de Janeiro de 1863—67.
347 O Anão, 15 de Janeiro de 1863.
348 O Brado Militar, Março de 1863.
349 Progressista (2), 6 de Abril de 1863—64.
350 Constitucional Pernambucano, 12 de Maio de 1863-65
351 Faculdade do Recife, 15 de Maio de 1863.
352 Alabama, 16 de Maio de 1863.
353 A Primavera, 16 de Maio de 1863.
354 Academia Popular, Maio de 1863.
355 O Pernambucano, 30 de Maio de 1863.
356 O Misanthropo, 12 de Junho de 1863.

(1) Reappareceu em 1879 e 1881 - 82.
(2) Reappareceu em 1868.

357 Revista Mensal do Ensaio Juridico, Julho de 1863—64.
358 A Guarda Avançada, 18 de Julho de 1863.
359 Dona Liga, 30 de Setembro de 1863.
360 O Recifense, 14 de Outubro de 1863.
361 O Papagaio de Dona Liga, 16 de Outubro de 1863.
362 O Phil'Artista. 17 de Outubro de 1863.
363 A Voz da Verdade, 26 de Outubro de 1863.
364 A Estrella do Norte, 27 de Outubro de 1863.
365 Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, Outubro de 1863—98.
366 O Rayo, 6 de Novembro de 1863.
367 O Moysés, 20 de Novembro de 1863.
368 O Linguárudo, 23 de Novembro de 1863.
369 O Echo Brasileiro, 25 de Novembro de 1863.
370 O Clarim da Fama, 1 de Dezembro de 1863.
371 O Barrigudo, 18 de Dezembro de 1863.
372 O Clamor Brazileiro, Janeiro de 1864.
373 O Brado Nacional, 2 de Abril 1864—66.
374 O Barco dos Patoteiros, 21 de Abril de 1864—66.
375 O Amigo do Povo, Maio de 1864.
376 O Futuro, 15 de Junho de 1864.
377 Correio Natalense (1), Juuho de 1864.
378 O Iris da Verdade, Agosto de 1864—67.
379 O Desengano, Outubro de 1864—65.
380 O Oito de Dezembro, 8 de Dezembro de 1864—66.
381 Ensaio Litterario, 15 de Dezembro de 1864—65.
382 A Crise, Dezembro de 1864—65.
383 A Esperança, 7 de Janeiro de 1865.
384 O Cidadão, Janeiro, de 1865—66.
385 A Nova Crise, Janeiro de 1865.
386 A Nova Tempestade, Fevereiro de 1865.
387 Illustração Commercial do Norte, Março de 1865.
388 Correio do Recife, 18 de Março de 1865—66.
389 O Commercial do Norte, Março de 1865.
390 A Idéa, 8 de Abril de 1865.
391 A Gazeta do Norte, 8 de Abril de 1865.
392 A Arena, 1 de Maio de 1865.
393 O Academico, Maio de 1865.

(1) A publicação começou em Natal, a 10 de Fevereiro de 1862 e voltou a ser feito alli em 1867—68.

394 A Crença, 30 de Maio de 1865.
395 O Correio da Soledade, 3 de Junho de 1865.
396 O Liberal Academico, 13 de Junho de 1865.
397 Illustração Academica (1), 15 de Junho de 1865.
398 A Semana, 17 de Junho de 1865.
399 A Palmatoria, 8 de Agosto de 1865.
400 O Sacatrapo, Agosto de 1865.
401 A Themis Pernambucana, 26 de Agosto de 1865–66.
402 O Caboclo do Norte, 23 de Setembro de 1865.
403 A Bussola Americana, 7 de Outubro de 1865.
404 O Vinte e Cinco de Março, 4 de Novembro de 1865—66.
405 O Americano, 6 de Janeiro de 1866—67.
406 Mosaico, 1 de Maio de 1866.
407 Revista Juridica, 16 de Maio de 1866.
408 Revista Illustrada, 1 de Julho de 1866.
409 O Academico Parahybano, 4 de Julho de 1866.
410 O Oriente, 8 de Julho de 1866.
411 O Recife Illustrado, 1 de Agosto de 1866.
412 A Lanterna Magica, 11 de Agosto de 1866.
413 O Encouraçado, Agosto de 1866.
414 O Tribuno, 5 de Setembro de 1866—69.
415 O Vapor dos Patoteiros, Setembro de 1866 69.
416 O Capão, 6 de Outubro de 1866.
417 A Situação, 15 de Novembro de 1866– 67.
418 Kossut, 28 de Novembro de 1866—68.
419 O Seculo, 10 de Dezembro de 1866.
420 A Verdade, 10 de Dezembro de 1866.
421 A Marqueza do Norte, Dezembro de 1866.
422 A Luz, 1866.
423 A Aurora, 7 de Abril de 1867.
424 A Opinião Nacional, 10 de Maio de 1867—70.
425 A Faculdade e o Povo, 18 de Maio de 1867.
426 O Mercantil, 3 de Julho de 1867.
427 Revista Mensal do Gremio Scientifico, Julho de 1867.
428 O Conservador, 10 de Agosto de 1867—68.
429 A Saudade, 13 de Agosto de 1867.
430 O Apostolo da Verdade, 14 de Agosto de 1867.
431 O Thug, Setembro de 1867.

(1) Reappareceu em 16 de Junho de 1869.

432 A Carapuça, 10 de Outubro de 1867.
433 O Calabrote, 26 de Outubro de 1867—79.
434 O Forum, Outubro de 1867—68.
435 O Horisonte, Outubro de 1867.
436 A Realidade, Dezembro de 1867.
437 O Democrata Federativo, 7 de Março de 1868—72.
438 O Progressista, 16 de Maio de 1868.
439 A Regeneração, 30 de Maio de 1868.
440 A Mocidade, 1 de Julho de 1868.
441 Correio Pernambucano, 15 de Julho de 1868—70.
442 A Tesoura, 5 de Agosto de 1868—69.
443 A Liberdade, 7 de Agosto de 1868.
444 A Matraca, 10 de Agosto de 1868.
445 Dezeseis de Julho, 14 de Agosto de 1868.
446 O Liberal, 15 de Agosto de 1868—71.
447 O Liberal Academico, 20 de Agosto de 1868—69.
448 A Formiga, 26 de Agosto de 1868.
449 Idéa Liberal, 29 de Agosto de 1868—69.
450 O Democrata Pernambucano, 23 de Setembro de 1868—69.
451 A Razão, 25 de Outubro de 1868.
452 A Republica, 7 de Novembro de 1868.
453 A União Democratica, 25 de Janeiro de 1869.
454 Iris Litterario, 18 de Fevereiro de 1869.
455 A Primavera, 10 de Abril de 1869.
456 A Lucta, 10 de Maio de 1869.
457 O Vesuvio, 15 de Maio de 1869.
458 A Consciencia Livre, 1 de Julho de 1869—70.
459 A Careta, 20 de Julho de 1869.
460 A Voz do Brazil, Agosto de 1869.
461 O Catholico, 23 de Outubro de 1869—72.
462 O Charadista, 15 de Novembro de 1869.
463 A Madresilva, 1869—70.
464 O Academico do Norte, 1869.
465 Jornal de Annuncios, 3 de Março de 1870.
466 Crença, Abril de 1870.
467 O Americano, 1 de Maio de 1870—71.
468 Outeiro Democratico, 8 de Maio de 1870—71.
469 Minerva, 15 de Maio de 1870.
470 O Museu Social, 1870.
471 A Santa Cruz, 28 de Janeiro de 1871—72.
472 A Republica, 29 de Janeiro de 1871.
473 A America Illustrada, 6 de Agosto de 1871—86.

474 A Redempção, 1871.
475 Revista Mensal da Instrucção Publica de Pernambuco, Janeiro de 1872—73.
476 Republica Federativa, 15 de Fevereiro de 1872.
477 O Seis de Março, 6 de Março de 1872.
478 O Liberal, 14 de Abril de 1872—74.
479 O Pernambucano, 20 de Abril de 1872.
480 O Monarchista, 29 de Abril de 1872.
481 Diario Liberal, 8 de Maio de 1872.
482 O Movimento, 10 de Maio de 1872.
483 O Serrote, Maio de 1872.
484 O Bocca-Molle, 1 de Junho de 1872.
485 A Familia Universal, 1 de Junho de 1872.
486 O Meteoro, 9 de Junho de 1872.
487 A Verdade, 22 de Junho de 1872—73.
488 Jornal do Commercio, 29 de Junho de 1872.
489 A Rosa, 30 de Junho de 1872.
490 O Alfinete, 13 de Julho de 1872.
491 A Verdade, Julho de 1872.
492 A União, 7 de Agosto de 1872—76.
493 A Cigarra, 1 de Setembro de 1872.
494 A Provincia, 6 de Setembro de 1872—98.
495 A Illustração Pernambucana, 6 de Outubro de 1872—74.
496 Revista Illustrada, 1 de Novembro de 1872.
497 Revista Pittoresca, 3 de Novembro de 1872.
498 A Camponeza, 10 de Novembro de 1872.
499 A Ortiga, Novembro de 1872.
500 O Scorpião, Novembro de 1872.
501 O Martello, 1872.
502 A Locomotiva, 1872.
503 O Milord Pernambucano, 1872.
504 O Beijo, , 18 de Janeiro de 1873.
505 O Jesuita, 26 de Janeiro de 1873.
506 O Excommungado, 30 de Janeiro de 1873.
507 O Liberal Pernambucano, 1 de Março de 1873—74.
508 A Luz, 9 de Abril de 1873—75.
509 O Trabalho, 15 de Abril de 1873.
510 O Commercio a Retalho, 22 de Abril de 1873.
511 Labaro, Abril de 1873.
512 Culto ás Lettras, 20 de Maio de 1873—75.
513 O Verdadeiro Catholico, 7 de Junho de 1873—74.
514 A Lanterna, 21 de Julho de 1873.

515 A Imprensa, 3 de Agosto de 1873.
516 O Postilhão, 18 de Outubro de 1873.
517 O Azucrim (*), 1873.
518 O Kaleidoscopio, 1873.
519 O Brazil Illustrado, Janeiro de 1874.
520 O Futuro, 20 de Abril de 1874.
521 A Mutuca, 7 de Maio de 1874.
522 Revista Litteraria, 13 de Julho de 1874.
523 Revista do Congresso Litterario, Julho de 1874.
524 O Presente, 22 de Julho de 1874.
525 Caritas-Caridade, 9 de Agosto de 1874—78.
526 A Cigana, 8 de Setembro de 1874.
527 O Encouraçado, 10 de Outubro de 1874—76.
528 O Cabrion, Outubro de 1874.
529 O Republicano Federativo, 1874—76.
530 O Echo Litterario, 1874—75.
531 O Domingo, 1874.
532 Annaes do Instituto Medico Pernambucano, 1874.
533 Caritas-Caridade, Fevereiro de 1875—76.
534 O Carnaval (*), 1875.
535 A Lucta, 1 de Maio de 1875.
536 A Escola, 5 de Maio de 1875.
537 O Estudo, 8 de Maio de 1875.
538 A Mulher, 8 de Maio de 1875.
539 A Auctoridade, 14 de Maio de 1875.
540 A Imprensa, Maio de 1875.
541 A Mocidade, 1 de Junho de 1875.
542 A Cruz, 4 de Junho de 1875.
543 Jornal da Tarde, 15 de Junho de 1875—76.
544 O Bizouro, Junho de 1875.
545 O Genio do Bem, 1 de Julho de 1875.
546 O Diabo a Quatro, 11 de Julho de 1875—79.
547 O Peregrino, 13 de Julho de 1875.
548 Jornal Critico-Musical, 15 de Julho de 1875.
549 A Fachina, Julho de 1875.
550 O Myosotis, 25 de Julho de 1875.
551 O Estudante Catholico, 1 de Agosto de 1875.
552 Deutscher Kaempfer, 2 de Agosto de 1875.
553 O Linguarudo, 10 de Agosto de 1875.
554 O Progresso, 10 de Agosto de 1875—76.
555 A Voz do Povo, 15 de Agosto fie 1875.
556 O Ensaio, 20 de Agosto de 1875—76.
557 A Mãi do Linguarudo, 23 de Agosto de 1875.

558 A Sensitiva, Setembro de 1875.
559 A Navalha, Setembro de 1875.
560 A Gargalhada, 10 de Outubro de 1875.
561 A Marqueza do Linguarudo, 10 de Outubro de 1875—76.
562 O Martello, 28 de Outubro de 1875.
463 O Estabanado, 14 de Novembro de 1875—76.
564 O Echo Artistico, 6 de Novembro de 1875—76.
565 Salvação de Graça, Novembro de 1875—78.
566 Dthyuk, 14 de Dezembro de 1875.
567 A Juvenilia, 14 de Dezembro de 1875.
568 A Lanterna de Diogenes, 1875—85.
569 Correio da Tarde, 3 de Janeiro de 1876—77.
570 O Homem, 13 de Janeiro de 1876.
571 O Movimento, 1 de Fevereiro de 1876.
572 Revista Carnavalesca (*), 23 de Fevereiro de 1876—80.
573 O Recreio Popular, 5 de Março de 1876.
574 O Frade, 13 de Março de 1876.
575 O Tempo, 25 de Março de 1876—85.
576 Farol do Norte, 1 de Maio de 1876.
577 A Juventude, 4 de Maio de 1876.
578 Revista Agricola e Commercial, 5 de Maio de 1876—77.
579 Academus, 15 de Maio de 1876.
580 A Estréa, 1 de Junho de 1876.
581 A Guerrilha, 4 de Junho de 1876.
582 O Vigilante, 22 de Junho de 1876.
583 Revista Academica de Sciencias e Lettras, Junho de 1876.
584 O Romeiro das Lettras, 15 de Julho de 1876—82.
585 A Patria, 9 de Setembro de 1876—77.
586 O Semanario, 1876—78.
587 A Duqueza do Linguarudo, 7 de Janeiro de 1877.
588 A Cruz, 14 de Janeiro de 1877.
589 O Carnaval (*), 11 de Fevereiro de 1877.
590 Jardim Infantil, 15 de Fevereiro de 1877.
591 Echo do Povo, 1 de Abril de 1877.
592 A Soberania, 10 de Abril de 1877.
593 Liga Operaria, 12 de Abril de 1877.
594 O Ensaio, 1 de Maio de 1877.
595 Jornal do Domingo, 6 de Maio de 1877.
596 O Panno Sobe (*), 26 de Maio de 1877.

597 O Livre Pensador, 1 de Junho de 1877.
598 O Gallo, 3 de Junho de 1877.
599 Revista de Pernambuco, 15 de Junho de 1877.
600 Revista do Norte, 8 de Agosto de 1877.
601 Phalena, 20 de Agosto de 1877.
602 O Espelho, 1877.
603 Os Xenios, 1877—79.
604 A Situação, 1877—81.
605 A Crença, Janeiro de 1878.
606 Ensaio Juridico e Litterario, 1 de Maio de 1878.
607 O Futuro, 1 de Junho de 1878.
608 O Seculo, 1 de Junho de 1878.
609 Jornal para Rir, 22 de Junho de 1878.
610 Charivari, 6 de Julho de 1878.
611 Jornal para Chorar, 12 de Julho de 1878.
612 O Alfinete, Junho de 1878.
613 O Clarim, 25 de Julho de 1878—79.
614 O Rebate, 13 de Agosto de 1878.
615 O Guarda Civico, 21 de Agosto de 1878.
616 O Cacete, 28 de Agosto de 1878—80
617 O Commercial, 1 de Setembro de 1878.
618 A Tempestade, 5 de Setembro de 1878.
619 A Idéa, 4 de Outubro de 1878.
620 A Opinião, 14 de Dezembro de 1878—80.
621 A Princeza do Linguarudo, 24 de Janeiro de 1879
622 Correio da Noite, 1 de Março de 1879.
623 A Voz do Norte, 12 de Abril de 1879.
624 O Nacional, 17 de Maio de 1879.
625 O Operario, 17 de Maio de 1879.
626 Gazeta Academica de Sciencias e Lettras, 20 de Maio de 1879.
627 O Protesto, 20 de Maio de 1879.
628 Gazeta da Tarde, 4 de Junho de 1879.
629 Provincia de Pernambuco, 21 de Junho de 1879–80.
630 A Metralha, 20 de Julho de 1879.
631 Revista Progressista, 6 de Setembro de 1879.
632 O Pharol, 16 de Setembro de 1879.
633 A Liberdade, 1 de Outubro de 1879—80.
634 Tribuna do Povo, 8 de Novembro de 1879.
635 O Echo da Torre (*), 8 de Janeiro de 1880.
636 O Democrata, 14 de Fevereiro de 1880—81.
637 A Democracia, 27 Abril de 1880—81.
638 A Emulação, 15 de Maio de 1880.

639 A Idéa Nova, 15 de Maio de 1880.
640 O Constitucional, 22 de Maio de 1880.
641 O Petrolio, 26 de Maio de 1880.
642 A Revolução, 1 de Junho de 1880.
643 O Academico, 7 de Junho de 1880.
644 O Crente, 10 de Junho de 1880.
645 A Seringa de Pravaz, 17 de Junho de 1880.
646 O Beija-Flor, 19 de Junho de 1880.
647 Pernambuco a Camões (*), Junho de 1880.
648 O Vigilante, 3 de Julho de 1880.
649 O Desespero, 13 de Julho de 1880.
650 O Cachorro, 5 de Agosto de 1880.
651 O Leão, 12 de Agosto de 1880.
652 A Cachorra, 18 de Agosto de 1880.
653 O Traço de União, 20 de Agosto de 1880.
654 O Carnaval (*), 27 de Fevereiro de 1881.
655 A Republica, 20 de Maio de 1881—83.
656 Palmas e Louros (*), 27 de Junho de 1881.
657 ✠ (A Cruz), 6 de Julho de 1881—82.
658 A Lyra (*), 12 de Julho de 1881.
659 A Sciencia, 1 de Setembro de 1881.
660 O Etna, 8 de Outubro de 1881—84.
661 A Tribuna, 8 de Outubro de 1881—84.
662 O Fim do Mundo (*), Novembro de 1881.
663 O Binoculo, 19 de Novembro de 1881—98.
664 O Satanaz, 7 de Janeiro de 1882.
665 O Seculo, 7 de Janeiro de 1882.
666 Lanterna Magica, 10 de Janeiro de 1882.
667 O Postilhão, 1 de Março de 1882—94.
668 Club 33 (*), Março de 1882.
669 Aza-Negra, 5 de Março de 1882.
670 Boletim da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, Março de 1882.
671 Estação Lyrica, 18 de Abril de 1882.
672 Reporter, 29 de Abril de 1882.
673 Pernambuco ao Marquez de Pombal (*), Maio de 1882.
674 Gazeta de Noticias, 1 de Junho de 1882—83.
675 A Carlos Gomes, 29 de Junho de 1882.
676 Carlos Gomes, 29 de Junho de 1882.
677 Mephistopheles, 2 de Julho de 1882.
678 O Normalista, 6 de Julho de 1882.
679 O Saber, 7 de Julho de 1882.

680 A Cythara (*), 11 de Julho de 1882.
681 O Homœopatha, 11 de Julho de 1882—84.
682 O Porvir, 18 de Julho de 1882.
683 O Microscopio, Agosto de 1882.
684 Iracema, 12 de Agosto de 1882.
685 A Evolução, 26 de Setembro de 1882.
686 Euzebio de Queiroz (*), 28 de Setembro de 1882
687 A Pedro Pereira (*), 28 de Setembro de 1882.
688 Quatro de Outubro, 4 de Outubro de 1882.
689 O Atheneu, 10 de Outubro de 1882.
690 O Cometa (*), 12 de Outubro de 1882.
691 O Ensaio, 5 de Novembro de 1882—83.
692 A Ubiguidade, 8 de Novembro de 1882.
693 A Revolução, 20 de Novembro de 1882.
694 O Interprete (*), 26 de Novembro de 1882.
695 O Norte, 1882.
696 O Industrial, 15 de Janeiro de 1883.
697 O Seculo, 15 de Janeiro de 1883.
698 Gazeta do Recife (1), 20 de Janeiro de 1883.
699 O Beija-Flor, 28 de Janeiro de 1883.
700 Club dos Reporters (*), 3 de Fevereiro de 1883.
701 O Pierrot (*), 3 de Fevereiro de 1883.
702 Aurora, 15 de Fevereiro de 1883—85.
703 A Mulher (*), 15 de Fevereiro de 1883.
704 24 de Fevereiro (*), 24 de Fevereiro de 1883.
705 O Progresso, 1 de Março de 1883.
706 Seis de Outubro, 15 de Março de 1883—84.
707 O Gremio dos Professores Primarios, 25 de Março de 1883—84.
708 O Propulsor, 9 de Abril de 1883.
709 Folha do Norte, 19 de Abril de 1883—84.
710 Libertador, 27 de Abril de 1883.
711 O Rebate, 1 de Maio de 1883—87.
712 O Sahara, 1 de Maio de 1883.
713 O Globo, 5 de Maio de 1883—84.
714 O Phonographo, 7 de Maio de 1883.
715 O Incentivo, 15 de Maio de 1883—86.
716 O Maná, 21 de Maio de 1883.
717 O Ceará Livre, 25 de Maio de 1883.
718 Revista Academica, 15 de Junho de 1883.

(1) Reappareceu em 1893—94.

719 Revista Paraense, Junho de 1883.
720 O Azucrim, 3 de Julho de 1883.
721 O Diabo, 17 de Julho de 1883—86.
722 O Abolicionista, 20 de Julho de 1883.
723 A Derrota, 26 de Julho de 1883.
724 A Liberdade, 27 de Julho de 1883.
725 A Velha Rabugenta, 30 de Julho de 1883.
726 A Brazileira, Agosto de 1883.
727 A Lucta, 10 de Agosto de 1883—84.
728 Onze de Agosto (*), 11 de Agosto de 1883—98.
729 Chronica Semanal, 12 de Agosto de 1883.
730 Vinte e Um de Agosto (*), 21 de Agosto de 1883.
731 O Urso, 24 de Agosto de 1883.
732 A Flor do Dia, 30 de Agosto de 1883.
733 O Cacete, 2 de Setembro de 1883.
734 O Papagaio, 2 de Setembro de 1883—84.
735 O Encouraçado, 4 de Setembro de 1883—85.
736 Revista Lyrica, 4 de Setembro de 1883.
737 A Setta, 4 de Setembro de 1883.
738 O Jacaré, 5 de Setembro de 1883.
739 O Corisco, 6 de Setembro de 1883.
740 A Tagarella, 11 de Setembro de 1883.
741 O Cadaver, 13 de Setembro de 1883.
742 O Certamen, 13 de Setembro de 1883.
743 O Popular, 13 de Setembro de 1883.
744 O Tentamen, 15 de Setembro de 1883—84.
745 O Telephone, 17 de Setembro de 1883.
746 A Baroneza Rabugenta, 18 de Setembro de 1883.
747 O Seculo, 20 de Setembro de 1883—84.
748 O Frade, 22 de Setembro de 1883.
749 O Macaco, 25 de Setembro de 1883.
750 O Chicote, 29 de Setembro de 1883.
751 Trinta de Setembro (*), 30 de Setembro de 1883.
752 O Feiticeiro, Setembro de 1883.
753 O Urubú, Setembro de 1883.
754 O Falla Tudo, 5 de Outubro de 1883.
755 Cruzada Academica, 10 de Outubro de 1883.
756 A Industria, 17 de Outubro de 1883.
757 O Canario, 21 de Outubro de 1883.
758 O Cachorro, Outubro de 1883.
759 A Matraca, 22 de Outubro de 1883.
760 O Desengano, 25 de Outubro de 1883.
761 A Cotia, 31 de Outubro de 1883.

762 O Pançudo, 6 de Novembro de 1883.
763 A Tabica, 16 de Novembro de 1883.
764 O Bemtevi, Novembro de 1883.
765 A Peia, 24 de Novembro de 1883.
766 O Bacamarte, 25 de Novembro de 1883.
767 O Morcego, 4 de Dezembro de 1883.
768 O Quiri, 8 de Dezembro de 1883.
769 O Repucho, 1883.
770 O Turbilhão, 1883.
771 O Telegrapho, 13 de Janeiro de 1884.
772 A Arte Dramatica, 14 de Fevereiro de 1884—85.
773 Vinte e Cinco de Março (*), 25 de Março de 1884.
774 A Razão, 12 de Abril de 1884.
775 Folha do Recife, 15 de Abril de 1884.
776 Echo da Evolução, 19 de Abril de 1884.
777 O Latego, 19 de Abril de 1884.
778 O Judas Iscariote (*), Abril de 1884—86.
779 Revista da Sociedade Bahiana de Beneficencia, 6 de Maio de 1884.
780 O Ceará Livre (*), 25 de Maio de 1884.
781 A Erudição, 4 de Junho de 1884.
782 A Luz, 5 de Julho de 1884.
783 Revista de Pharmacia, 20 de Julho de 1884—85.
784 A Soberania, 11 de Agosto de 1884.
785 America do Sul, 15 de Agosto de 1884.
786 A Macaca, 18 de Agosto de 1884.
787 A Justiça (*), 21 de Agosto de 1884.
788 O Arrebol, 30 de Agosto de 1884.
789 Offerenda (*), 11 de Setembro de 1884.
790 A Democracia, 18 de Setembro de 1884.
791 O Frade, 23 de Setembro de 1884.
792 Cri-Cri, 27 de Setembro de 1884.
793 O Conservador Academico, 27 de Setembro de 1884.
794 O Diabinho, 27 de Setembro de 1884.
795 O Rio Branco, 28 de Setembro de 1884—85.
796 O Badalo, Outubro de 1884.
797 A Ortiga, 27 de Outubro de 1884.
798 A Crise, 2 de Novembro de 1884.
799 O Jornal do Povo, Dezembro de 1884—85.
800 O Neto do Diario, 20 de Dezembro de 1884—85.
801 A Ideia, 1884.
802 O Pharol, 1884.
803 O Futuro, 1884.

804 A Ideia, 2 de Janeiro de 1885—86.
805 Revista das Artes, 11 de Janeiro de 1885—86.
806 O Chicote, 28 de Janeiro de 1885.
807 O Fantasma, 30 de Janeiro de 1885.
808 Jornal do Domingo, Janeiro de 1885.
809 O Corisco, 5 de Fevereiro de 1885.
810 O Diabinho, 11 de Fevereiro de 1885.
811 O Leão, Fevereiro de 1885.
812 Vinte e Cinco de Março (*), 25 de Março de 1885.
813 Jornal da Tarde, 22 de Maio de 1885.
814 Victor Hugo (*), 1 de Junho de 1885.
815 Gazeta do Povo, 17 de Junho de 1885.
816 Gazeta Gastronomica (*), Junho de 1885—98.
817 Voz do Povo, 15 de Julho de 1885.
818 O Meteoro, Julho de 1885.
819 O Reclame, 5 de Agosto de 1885.
820 O Atalaia, 8 de Agosto de 1885.
821 Ave-Libertas (*), 8 de Setembro de 1885.
822 Jornal das Moças, 25 de Setembro de 1885.
823 O Liberal Federativo, 24 de Novembro de 1885—86.
824 O Medonho, 7 de Janeiro de 1886.
825 O Seis de Março (*), 5 de Março de 1886.
826 O Deus Momo (*), 7 de Março de 1886.
827 Gazeta dos Monos (*), 7 de Março de 1886.
828 Vinte e Cinco de Março (*), 25 de Março de 1885.
829 A Tribuna Academica, 15 de Abril de 1886.
830 Equador, 17 de Abril de 1886.
831 Revista Academica, 5 de Maio de 1886—88.
832 Revistinha, 22 de Maio de 1886—93.
833 O Estudo, 1 de Junho de 1886.
834 Vulcano (*), Junho de 1886.
835 A Propaganda, 5 de Julho de 1886.
836 O João Fernandes, 11 de Julho de 1886—87.
837 O Patusco, 7 de Setembro de 1886—87.
838 Amazonia Artistica (*), 13 de Outubro de 1886.
839 Boletim Homœopathico, Dezembro de 1886.
840 O Papagaio, 30 de Dezembro de 1886.
841 O Contra-Rebate, 1886—87.
842 O Provinciano, 10 de Janeiro de 1887.
843 Revista do Norte, 10 de Janeiro de 1887.
844 A Esmola (*), 4 de Fevereiro de 1887.
845 Jornal Baratinho (*), Fevereiro de 1887.
846 A Alvorada, 7 de Março de 1887.

847 Gazetinha, 5 de Abril de 1887.
848 Era Nova, 22 de Maio de 1887.
849 Gazeta Academica, 1 de Junho de 1887—33.
850 O Sorriso, 10 de Junho de 1887.
851 O Futuro, 20 de Junho de 1887.
852 Anti-Rebate, 6 de Julho de 1887.
853 A Republica, 14 de Julho de 1887—88.
854 Echo do Povo, 23 de Julho de 1887—89.
855 O Saltimbanco, 30 de Julho de 1887.
856 Archivo Brazileiro de Philosophia, Jurisprudencia e Litteratura, Agosto de 1887.
857 A Exposição, 10 de Agosto de 1887—88.
858 Juventude (*), 14 de Agosto de 1887—90.
859 A Voz do Povo, 5 de Setembro de 1887.
860 O Antheu, 7 de Setembro de 1887.
861 Dezeseis de Setembro (*), 16 de Setembro de 1887.
862 20 de Setembro (*), 20 de Setembro de 1887.
863 O Norte, 1 de Outubro de 1887.
864 O Escalpello, 16 de Outubro de 1887.
865 O Tabaco Livre (*), 30 de Setembro de 1887.
866 O Pausudo, Outubro de 1887.
867 O Espião, 15 de Dezembro de 1887.
868 O Recife, 1887—88.
869 Rabo escondido com o gato de fóra (*), 11 de Fevereiro de 1888.
870 O Caiador (*), 11 de Fevereiro de 1888—98.
871 O Piparote (*), 11 de Fevereiro de 1888.
872 O Equador, 6 de Março de 1888.
873 Nova Patria (*), 10 de Março de 1888.
874 O Artista, 1 de Abril de 1888—91.
875 O Parnaso, 10 de Abril de 1888.
876 A Folha Moderna, 15 de Abril de 1888.
877 O Sportsman, 22 de Abril de 1888.
878 Homens e Lettras, Abril de 1888.
879 O Brado Juvenil, 5 de Maio de 1888.
880 A Academia (*), 13 de Maio de 1888.
881 O Esforço, 15 de Maio de 1888.
882 Victoria (*), 2 de Junho de 1888.
883 Recife Illustrado, 10 de Julho de 1888—89.
884 Juanita (*), 14 de Julho de 1888.
885 Novidades, 14 de Julho de 1888.
886 Brado Pernambucano, 12 de Agosto de 1888.
887 O Philartista, 1 de Setembro de 1888—89.

888 A Distracção, 15 de Setembro de 1888.
889 Gazeta da Tarde, 15 de Setembro de 1888—98.
890 A Verdade, 24 de Setembro de 1888—89.
891 A Cidade do Recife, 1 de Outubro de 1888.
892 O Estimulo, 5 de Outubro de 1888.
893 A Tesoura, 27 de Outubro de 1888.
894 O Sport, 15 de Dezembro de 1888—89.
895 Louros e Palmas (*), 1888.
896 O Capetinha, Janeiro de 1889.
897 Jornal do Povo, 14 de Janeiro de 1889.
898 O Litterato, 1 de Fevereiro de 1889.
899 O Carnaval (*), 3 de Março de 1889.
900 O Globinho (*), 3 de Março de 1889.
901 Jornal do Miranda (*), 3 de Março de 1889.
902 Sport Pernambucano (*), 3 de Março de 1889.
903 O Beija-Flor, 18 de Março de 1889.
904 A Mão Occulta, 22 de Março de 1889.
905 Vinte e Cinco de Março (*), 25 de Março de 1889.
906 Farinheiro, 8 de Abril de 1889.
907 A Renovação, 16 de Abril de 1889.
908 O Cara-Molle, 24 de Abril de 1889.
909 A Ronca, 27 de Abril de 1889.
910 O Pandego, Abril de 1889.
911 A Reação, 5 de Maio de 1889.
912 A Academia (*), 13 de Maio de 1889.
913 O Norte, 1 de Junho de 1889.
914 Diario de Noticias, 3 de Junho de 1889.
915 Revista do Norte, 7 de Junho de 1889.
916 O Clarim, 16 de Junho de 1889.
917 A Troça, 19 de Junho de 1889.
918 O Tribofe, 22 de Junho de 1889.
919 O Porvir, 25 de Junho de 1889.
920 O Obreiro, 1 de Julho de 1889.
921 O Combate, 6 de Julho de 1889.
922 29 de Julho de 1889 (*), 29 de Julho de 1889.
923 Revista Sportiva, 3 de Agosto de 1889.
924 A Epocha, 8 de Agosto de 1889.
925 Jornal do Commercio, 20 de Agosto de 1889.
926 A Eleição (*), 31 de Agosto de 1889.
927 Bistoryl, 22 de Setembro de 1889.
928 O Dezenove de Setembro (*), 19 de Outubro de 1889.
929 O Albacora, 12 de Outubro de 1889.
930 Silva Jardim (*), 30 de Outubro de 1889.

931 O Clarim, 1 de Novembro de 1889.
932 O Medico do Povo, 11 de Novembro de 1889—92.
933 A Federação, 13 de Novembro de 1889.
934 O Descrente, 14 de Novembro de 1889.
935 A Revolução, 21 de Novembro de 1889
936 Maciel Pinheiro (*), 28 de Novembro de 1889.
937 O Tribuno, 8 de Dezembro de 1889.
938 A Lanceta, 11 de Dezembro de 1889—90.
939 Martins Junior (*), 14 de Dezembro de 1889.
940 A Troça, 20 de Dezembro de 1889.
941 O Raio, 23 de Dezembro de 1889.
942 A Patria, 11 de Janeiro de 1890.
943 O Albacora (*), 16 de Fevereiro de 1890.
944 O Baccho (*), 16 de Fevereiro de 1890.
345 A Bisnaga (*), 16 de Fevereiro de 1890.
946 A Influenza (*), 16 de Fevereiro de 1890.
947 O Polichinello (*) (1), 16 de Fevereiro de 1890.
948 Minha Esperança (*), 16 de Fevereiro de 1890.
949 O Microbio, 24 de Fevereiro de 1890.
950 O Tamoyo, 10 de Março de 1890—92.
951 O Luso Pernambucano, 14 de Abril de 1890.
952 O Alfinete, 28 de Abril de 1890.
953 Martins Junior (*), 8 de Maio de 1890.
954 O Tymbira, 20 de Maio de 1890.
955 A Voz do Caxeiro, 22 de Maio de 1890.
956 O Correio, 23 de Junho de 1890.
957 Tobias Barretto (*), 26 de Junho de 1890.
958 Estado de Pernambuco, 1 de Julho de 1890—92.
959 Era Nova, 14 de Julho de 1890—98.
960 Gazeta dos Operarios, 15 de Julho de 1890—91.
961 A Semana, 19 de Julho de 1890.
962 Vinte e Oito de Julho de 1889 (*), 28 de Julho de 1890.
963 A Perola, 16 de Agosto de 1890.
964 O Major Leal, 1 de Setembro de 1890.
965 Pequeno Jornal, 9 de Setembro de 1890—93.
966 O Satellite, 15 de Setembro de 1890.
967 A Imprensa, 14 de Outubro de 1890.
968 O Philatelista, 15 de Outubro de 1890—91.

(1) Reappareceu em 1897

969 A Rosa (2), 18 de Outubro de 1890.
970 O Cabeça de Burro, 31 de Outubro de 1890.
971 O Povo, 3 de Novembro de 1890—91.
972 Nove de Novembro (*), 9 de Novembro ds 1890.
973 O Deleterio, 13 de Novembro de 1890.
974 O Larousse, 14 de Novembro de 1890.
975 A Caiporinha, Novembro de 1890.
976 Gazeta de Pernambuco, Novembro de 1890—91.
977 O Bond, 13 de Dezembro de 1890—91.
978 A Taboca, 31 de Dezembro de 1890.
979 Sentinella da Republica no Estado de Pernambuco, (* 6 de Janeiro de 1891.
980 15 de Janeiro (*), 15 de Janeiro de 1891.
981 Vinte e Quatro de Janeiro (*), 24 de Janeiro de 1891.
982 O Recreativo, 25 de Janeiro de 1891.
983 Revista do Norte, Janeiro de 1891.
984 O Combate, 2 de Fevereiro de 1891.
985 O Nome, 14 de Fevereiro de 1891.
986 A Imprensa, 18 de Fevereiro de 1891.
987 A Rua (*), 6 de Março de 1891.
988 O Judas (*), 28 de Março de 1891.
989 O Pedante, 10 de Abril de 1891.
990 O Heroe (*), 21 de Abril de 1891.
991 A Reação, 30 de Abril de 1891—93.
992 O Jornal Pequeno (*), 11 de Maio de 1891.
993 Archivos do Norte, 15 de Maio de 1891.
994 O Arraza, 25 de Maio de 1891.
995 O Defensor do Povo, 18 de Junho de 1891.
996 A Evolução, 19 de Junho de 1891.
997 A Ronda, 23 de Junho de 1891.
998 O Fantoche, 15 de Julho de 1891.
999 Revista Bohemia, Julho de 1891.
1000 Revista Mensal da Sociedade União Piauhyense, Julho de 1891.
1001 Silva Jardim (*), Julho de 1891.
1002 O Republicano (*), 16 de Julho de 1891.
1003 O Borges (*), 9 de Agosto de 1891.
1004 Arion, 5 de Setembro de 1891—92.
1005 Ersilia Ancarani (*), 29 de Setembro de 1891.

(2) Reappareceu em 1893.

1006 O Porvir, 3 de Outubro de 1891—92.
1007 Orion (*), 22 de Outubro de 1891.
1008 A Peregrina, 24 de Novembro de 1891.
1009 Porvir Commercial, 28 de Dezembro de 1891—98.
1010 Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife, 1891—98.
1011 Commercio de Pernambuco, Janeiro de 1892—98.
1012 A Junta, 11 de Janeiro de 1892.
1013 Julio Borges (*), 18 de Janeiro de 1892.
1014 A Republica Brazileira, 22 de Fevereiro de 1892.
1015 A Papironga (*), 28 de Fevereiro de 1892.
1016 O Conspirador (*), 28 de Fevereiro de 1892.
1017 O Pierrot (*), 28 de Fevereiro de 1892.
1018 O Ilhéo (*), 29 de Fevereiro de 1892—97.
1019 Jornal do Commercio, 2 Março de 1892.
1020 O Sylphorama, 15 de Março de 1892.
1021 O Motim, 17 de Março de 1892.
1022 A Borboleta, 1 de Abril de 1892.
1023 O Sportsman, 9 de Abril de 1892.
1024 O Clarim, 13 de Abril de 1892.
1025 O Judas (*), 16 de Abril de 1892.
1026 O Neophyto, 6 de Maio de 1882.
1027 Evolução, 8 de Maio de 1892.
1028 13 de Maio (*), 13 de Maio de 1892.
1029 O Mephistopheles, 20 de Maio de 1892.
1030 O Radical, 27 de Maio de 1892.
1031 A Republica, 2 de Junho de 1892.
1032 A Mocidade, 5 de Junho de 1892.
1033 O Bilontra (*), 11 de Junho de 1892.
1034 O Cartaz, 20 de Junho de 1892.
1035 O Bisturi, 22 de Junho de 1892.
1036 O Sorvete, 23 de Junho de 1892.
1037 Amazonia (*), 2 de Julho de 1892.
1038 Archivo Poetico, Julho de 1892.
1039 14 de Agosto de 1891 (*), 14 de Agosto de 1892.
1040 O Echo Juvenil, 10 de Setembro de 1892.
1041 O Combate, 12 de Outubro de 1892.
1042 Giuseppe Vilalta, 15 de Novembro de 1892.
1043 A Tarde, 1 de Dezembro de 1892—93.
1044 Estado Pernambucano, 13 de Dezembro de 1892.
1045 Revista Dramatica, 19 de Janeiro de 1893.
1046 O Zigue-Zigue (*) (1), 12 de Fevereiro de 1893.
1047 O Philomomo (*) (2), 12 de Fevereiro de 1893.

1048 O Graciliano (*), 5 de Abril de 1893– 95.
1049 Quatro de Junho de 1893 (*), 4 de Junho de 1893.
1050 O Marinheiro, 26 de Junho de 1893.
1051 Silva Jardim (*), 1 de Julho de 1893.
1052 Jornal do Domingo, 16 de Julho de 1893.
1053 Revista Potyguar, Agosto de 1893.
1054 Revista de Artes e Annuncios, Agosto de 1893.
1055 O Jasmim (*), 12 de Agosto de 1893.
1056 União Commercial (*), 12 de Agosto de 1893.
1057 O Bouquet (*), 29 de Agosto de 1893.
1058 Julio Hancem (*), 26 de Setembro de 1893.
1059 A Autonomia, 26 de Setembro de 1893.
1060 Revistinha Academica da Faculdade de Direito do Recife, 30 de Setembro de 1893.
1061 O Tempo, 8 de Outubro de 1893.
1062 A Ideia, 16 de Outubro de 1893.
1063 A Coisa, 6 de Novembro de 1893.
1064 O Equador, 24 de Novembro de 1893.
1065 O Julio (*), 20 de Dezembro de 1893.
1066 Cousas da Arabia, 1893,
1067 A União da União (*), 1 de Janeiro de 1894.
1068 O Escudo da Verdade, 15 de Janeiro de 1894.
1069 O Sansone, 14 de Abril de 1894.
1070 O Album (*), 8 de Maio de 1894.
1071 Doze de Maio (*), 12 de Maio de 1894.
1072 A Imprensa, 15 de Maio de 1894.
1073 Theatro Santa Izabel (*), 18 de Maio de 1894.
1074 Luiza Fons (*), 19 de Maio de 1894.
1075 A Roleta, 24 de Junho de 1894.
1076 Novidades, 7 de Agosto de 1894—96.
1077 O Commercio, Agosto de 1894.
1078 Revista Contemporanea, 15 de Agosto de 1894—96.
1079 O Anarchista (*), Agosto de 1894.
1080 Revista Moderna, 25 de Agosto de 1894—98.
1081 O Recife, 1 de Setembro de 1894—95.
1082 O Colombo (*), 7 de Setembro de 1894.
1083 Santino Pinto (*), 22 de Setembro de 1894.
1084 A Cidade, 5 de Novembro de 1894—98.
1085 A União, 27 de Dezembro de 1894—98.
1086 O Estado, 8 de Janeiro de 1895.
1087 A Palavra, 13 de Janeiro de 1895.
1088 A Vanguarda, 26 de Janeiro de 1895.
1089 O Arco-Iris, 10 de Fevereiro de 1895.

1090 A Illustração, 15 de Fevereiro de 1895.
1091 O Porvir, 15 de Fevereiro de 1895.
1092 A Realidade, Março de 1895.
1093 O Badalo, 1 de Abril de 1895.
1094 O Sport, Abril de 1895.
1095 O Holophote, 29 de Abril de 1895.
1096 O Polichinello, 19 de Julho de 1895.
1097 A Fé, Julho de 1895.
1098 O Internacional (*), 24 de Agosto de 1895.
1099 O Bisbilhoteiro, 2 de Setembro de 1895.
1100 O Bilontra, Setembro de 1895.
1101 O Imparcial, 15 de Setembro de 1895.
1102 Revista do Turf, 6 de Outubro de 1895.
1103 Boletim Mensal de Estatistica Municipal da Cidade do Recife, Agosto de 1895.
1104 O Espirita, 25 de Dezembro de 1895.
1105 A Siluêta, 30 de Dezembro de 1895—96.
1106 The Pernambucano, Janeiro de 1896.
1107 O Rodrigues (*), 2 de Fevereiro de 1896.
1108 O Janota (*), 16 de Fevereiro de 1896.
1109 O Besouro, 15 de Abril de 1896.
1110 A Malagueta, Maio de 1896.
1111 Numero Unico (*), Maio de 1896.
1112 O Brazil Republicano, 21 de Junho de 1896.
1113 O Petisco, Junho de 1896.
1114 Polyanthéa (*), 29 de Junho de 1896.
1115 Congresso Academico, Julho de 1896—97.
1116 Tribuna Litteraria, 1 de Agosto de 1896.
1117 Maria Fontana (*), 12 de Agosto de 1896.
1118 Pequeno Boletim do Conselho Central do Recife, Agosto de 1896.
1119 O Alpha, 22 de Outubro de 1896.
1120 O Brazil Artistico, 22 de Novembro de 1896—97.
1121 Leão do Norte, 1 de Dezembro de 1896—97.
1122 A Ribalta, 6 de Dezembro de 1896—97.
1123 O Juca, 12 de Janeiro de 1897.
1124 Archivo Forense, Janeiro de 1897.
1125 O Pasquim, 21 de Janeiro de 1897.
1126 O Tomba, 28 de Janeiro de 1897.
1127 Dezeseis de Fevereiro (*), 16 de Fevereiro de 1897.
1128 A Gratidão (*), 16 de Fevereiro de 1897.
1129 A Bisnaga (*), 28 de Fevereiro de 1897.
1130 O Carnaval (*), 28 de Fevereiro de 1897.

1131 O Trocista (*), 28 de Fevereiro de 1897.
1132 Revista Universal, 4 de Abril de 1897.
1133 O Capeta (*), 17 de Abril de 1897.
1134 O Pechote, 5 de Maio de 1897.
1135 A Troça (*), Junho de 1897.
1136 Estado de Pernambuco, 4 de Agosto de 1897--98.
1137 Escola de Direito, 11 de Agosto de 1897—98.
1138 A Crença, 1 de Setembro de 1897—98.
1139 O Povo, 7 de Setembro de 1897.
1140 O Bicho, 14 de Novembro de 1897.
1141 O Homem do Pandeiro, 30 de Novembro de 1897.
1142 O Labor (*), 6 de Dezembro de 1897.
1143 O Pipo, 17 de Janeiro de 1898.
1144 Zé-Pereira, 7 de Fevereiro de 1898.
1145 O Beija-Flôr (*), 16 de Fevereiro de 1898.
1146 O Espanador (*), 20 de Fevereiro de 1898.
1147 O Vasculhador (*), 20 de Fevereiro de 1898.
1148 O Oriente, 7 de Março de 1898.
1149 O Ezequiel (*), 10 de Abril de 1898.
1150 A Canalha, 1 de Maio de 1898.
1151 O Socialista, 8 de Maio de 1898.
1152 Revista Gastronoma (*), Junho de 1898.
1153 Pequeno Jornal, 1 de Julho de 1898.
1154 O Bumba, 15 de Agosto de 1898.
1155 Vinte e Cinco de Agosto, 25 de Agosto de 1898.
1156 A Gazetinha, 29 de Agosto de 1898.
1157 O Tentamen, 1 de Setembro de 1898.
1158 Silva Pinto (*), 22 de Setembro de 1898.
1159 O Badalo, 25 de Setembro de 1898.
1160 A Penna, 23 de Outubro de 1898.
1161 O Fernando (*), 1 de Novembro de 1898.
1162 O Papagaio, Novembro de 1898.
1163 O Equador, 15 de Novembro de 1898.
1164 Annaes da Sociedade de Medicina de Pernambuco, Novembro de 1898.
1165 A Imprensa, 25 de Dezembro de 1898.

XIV — TAMANDARE'

1 O Independente de Tamandaré, 7 de Setembro de 1859—63.

XV — TIGIPIO'

1 O Generalissimo (*) (1), 5 de Agosto de 1890.

XVI — VICTORIA

1 O Victoriense (2), 5 de Novembro de 1866—78.
2 O Echo Liberal, 19 de Setembro de 1868-69.
3 O Liberal Victoriense, 8 de Maio de 1869—78.
4 Correio de Santo-Antão, Janeiro de 1871—75.
5 A Liberdade, 11 de Janeiro de 1873.
6 O Municipio, 1873—75.
7 O Reformista, 1874.
8 Ideia Conservadora, 1876—79.
9 Popular da Victoria, 1876.
10 Jornal da Victoria, Julho de 1879.
11 A Convicção, 27 de Setembro de 1879—81.
12 O Traquinas, 1880.
13 O Lidador, 12 de Junho de 1880—98.
14 Gazeta da Victoria, Março de 1884.
15 O Condôr, 1 de Maio de 1885.
16 O Futuro, Julho de 1885-86.
17 O Diabinho, 1 de Novembro de 1885.
18 O Telephone, Fevereiro de 1886.
19 Folha da Victoria, 30 de Agosto de 1886.
20 O Federalista, 1886—87.
21 O Palito, 26 de Setembro de 1886.
22 Echo da Victoria, 1886—87.
23 O Cara Dura (3), 1886.
24 Flor da Victoria, 1 de Maio 1887.
25 O Meteóro (4), 16 de Abril de 1887.
26 O Autonomista, 1890.
27 A Mocidade, 6 de Setembro de 1890.
28 14 de Agosto (*), 16 de Agosto de 1891.
29 A Victoria, 11 de Maio de 1895—98.
30 A Nova Veneza, 1 de Janeiro de 1898.

---

(1) Foi impresso no Recife.
(2) Durante os annos de 1871—75 denominou-se *Correio de Santo Antão*.
(3) A publicação proseguiu em Maceió.
(4) Reappareceu em 1892.

RESUMO

Jornaes segundo as localidades

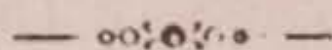
I	Agua Preta	1
II	Barreiros	1
III	Escada	12
IV	Gloria do Goytá	1
V	Goyanna	16
VI	Ipojuca	1
VII	Jaboatão	2
VIII	Nazareth	10
IX	Olinda	10
X	Palmares	15
XI	Pau d'Alho	2
XII	Petrolina	1
XIII	Recife	1165
XIV	Tamandaré	1
XV	Tigipió	1
XVI	Victoria	30
	Total	1269

Jornaes segundo o anno do apparecimento

1821	3	1847	18	1873	20
1822	6	1848	15	1874	17
1823	6	1849	19	1875	39
1824	6	1850	27	1876	20
1825	1	1851	12	1877	19
1826	0	1852	5	1878	19
1827	0	1853	7	1879	18
1828	1	1854	12	1880	21
1829	5	1855	1	1881	11
1830	1	1856	13	1882	31
1831	12	1857	9	1883	78
1832	15	1858	13	1884	35
1833	14	1859	10	1885	26
1834	5	1860	9	1886	25
1835	12	1861	12	1887	30
1836	13	1862	11	1888	28
1837	3	1863	27	1889	50
1838	1	1864	11	1890	42
1839	0	1865	22	1891	37
1840	0	1866	19	1892	43
1841	7	1867	14	1893	27
1842	4	1868	18	1894	21
1843	9	1869	14	1895	24
1844	10	1870	7	1896	18
1845	14	1871	6	1897	22
1846	12	1872	31	1898	26
	160		362		747
		Transporte	160	*Transporte*	522
			522		1269

Alfredo de Carvalho.

GEOGRAPHIA PERNAMBUCANA



Municipio do Recife

A cidade do Recife é a capital do Estado e séde do municipio de seu nome.

NOTICIA HISTORICA -- O nome *Recife* provém da curiosa muralha de rochedos ou recifes, parallela á costa, que protege seu porto contra o impeto das ondas e dentro do qual ficam perfeitamente abrigadas dos ventos e das tempestades as embarcações. Talhada com certa disposição e regularidade, é aquella mais uma das portentosas maravilhas da natureza. O nome Recife, embora commum á toda cidade, é, entretanto, dado ao bairro maritimo onde está a embocadura do rio Capibaribe. Pelo bairro de S. Frei Pedro Gonçalves ou, propriamente, do Recife, a actual cidade iniciou seu povoamento.

No meiado do seculo XVI, e, pouco mais ou menos, no anno de 1548, havia apenas um começo de povoado, cujos habitantes, em sua maioria, eram pescadores e pessoas votadas á vida do mar; possuia mais uns tres armazens de recolher objectos de navios, e servia de pôrto de desembarque da, então nascente, cidade de Olinda. Existia tambem alli uma ermida dedicada a S. Frei Pedro Gonçalves, patrono e advogado dos navegantes, que erigiram-na como signal de reconhecimento e devoção ao padroeiro por elles muitas vezes invocado, na occasião das tempestades. E conheciam, mais particularmente, aquelle orago por *São Télmo* ou *Corpo Santo* porque era-lhes o symbolo da esperança o phenomeno de electricidade, chamado santélmo, tido como nuncio de proxima bonança, e que apparece, ás vezes, durante as tormentas, debaixo da forma de flammas azuladas, e sobre as grimpas dos mastros e nas enxarcias dos navios.

Em 1561, no principio do anno, os francezes, que haviam sido expulsos do Rio de Janeiro, por Mem de Sá, e voltavam para a Europa, em logar de seguirem directamente para

alli, quizeram ainda tentar fortuna, e neste designio, buscam Pernambuco e desembarcam no Recife, com intenção de se estabelecerem. O segundo donatario, Duarte d'Albuquerque Coelho, que já estava na direcção da capitania, sem perda de tempo, investiu contra elles, obrigando-os a embarcarem immediatamente, e dando-lhes por isso grande prejuizo. Diz o historiador, Sebastião da Rocha Pitta, que um d'elles, cheio de magua, antes de tornar a embarcar, querendo significar e referir-se aos infortunios de seus compatriotas no Brazil, gravou sobre uma pedra a seguinte inscripção, que reproduz com a mesma orthographia: *Le monde va de pis am pis* — o mundo vai de mal a peior.

Em 31 de Março de 1595, sexta-feira da paixão, foi o Recife saqueado pelo corsario James Lancaster que, com tres navios, juntos a mais quatro de um pirata Vanner, atacou o forte do Bom Jesus, conhecido então por Quebra Pratos, o qual defendia a terra e era guarnecido de sete canhões. Os defensores acobardando-se, á vista de tanta audacia, se retiraram em canôas, precipitadamente, para Olinda, pelo esteiro dos rios Capibaribe e Beberibe, deixando os corsarios e piratas senhores do Recife, onde se demoraram 31 dias, segundo uns, e 34, segundo outros, o tempo necess rio para transportar em quinze navios (incluindo além dos seus, alguns hollandezes e francezes, que no proprio pôrto fretaram), tudo quanto encontraram de mais precioso na povoação, inclusive a prata e alfaias da mencionada capella e ainda a carga de um navio que naufragara de volta da India. 'Nessa epoca ainda o territorio occupado, actualmente, pelos bairros de Santo Antonio, S. José e Bôa Vista, sem ponte nem outro meio de ligação facil entre elles, era cheio de mangues e outras arvores, tendo unicamente por habitações, esparsas cabanas de pescadores. A parte insular que, presentemente, comprehende as freguezias de Santo Antonio e S. José chamava-se então, e foi o primitivo nome, —*ilha dos Navios*— porque ahi eram feitos concertos e reparos em navios e outros barcos, que delles precisavam; depois foi conhecida pelos nomes, conjuntamente, de *Marcos André*, (o fundador do engenho da Torre e pai do herôe pernambucano Antonio Borges Uchôa, um dos bravos defensores na guerra hollandeza); — de *Antonio Vaz*, velho de vida desregrada, porteiro e escrivão de execuções da Alfandega de Pernambuco, suspenso por erro de officio, por Diogo Botelho, (rigido e severo ma-

gistrado, contra os delinquentes), sendo remettido preso, em 1605, para o Limoeiro de Lisbôa, como *réo reconhecido em escandalosos descaminhos de pau brasil e contrabando* de um navio francez de Saint Malôt; — e de *Belchior Alves*, morgado do rio de S. Francisco, havendo cada um desses consenhores adquirido, por compra, sua quota parte, dos herdeiros dos filhos naturaes da india Maria do Espirito Santo Arco-Verde com Jeronymo d'Albuquerque, á quem fizera doação o 1º donatario, Duarte Coelho. De 1606 por diante tambem passou a denominar-se *ilha de Santo Antonio*, porque, nesse anno, os padres observantes reformados da provincia de Santo Antonio, com a invocação desse santo, fundaram nella seu convento.

Em 1630 a povoação do Recife se compunha de 150 casas, a maior parte armazens ou depositos de generos do paiz, e sua população, depois da de Olinda e Iguarassú era a mais crescida da capitania. Oitenta e nove navios vinham ahi, annualmente, carregar assucar e páo brasil, sendo este reputado como o mélhor do paiz.

A 9 de Fevereiro, desse anno, chega ao Recife a noticia, enviada pelo governador das ilhas do Cabo Verde, da partida de uma esquadra hollandeza, para conquistar Pernambuco, e cinco dias depois desse aviso, a 14 de Fevereiro, ella se apresenta com 56 navios, por L. N. na extrema do horisonte. O governador Mathias de Albuquerque, desde a chegada da noticia, tratou logo de melhorar a defeza dos fortes, e chamou toda sua gente á postos, e, com a sua presença, procurou acudir a toda parte, e dar calôr a tudo: cercou toda a povoação do Recife de palancas ou palissadas, que aguentavam duas fileiras de vigas atravessadas; procurou prover o forte de S. Francisco da Barra (Picão), e o de S. Jorge (que era no local em que está a egreja do Pilar, e alli existe ainda parte dos alicerces), e demais pontos que lhe foi possivel fortificar, ordenando ao sargento mór de estado, Pedro Correia da Gama, que fizesse sahir do pôrto, para seus destinos, os navios carregados: deu em fim as providencias que o aperto das circumstancias permittia. Ao amanhecer de 15, a armada hollandeza, toda embandeirada e galharda, fundêa, diante do Recife, alguns dos navios, á tiro de canhão, em frente do forte da barra. Mandam um parlamentar á terra, provavelmente com a intimação para que se rendam; mas os nossos o recebem com uma descarga de fuzilaria, e empenha-se então o com-

bate, entre uns e outros, durante 7 horas, cessando com a vinda da noite, não tendo, entretanto, podido o inimigo ainda penetrar no porto do Recife, e tendo-nos feito muito pouco mal, pois que, havendo derramado sobre a povoação para mais de duas mil balas, apenas estas furaram as paredes de algumas casas. No fervôr da peleja, graças a escuridão profunda produzida pelas balas, o coronel Theodoro Weerdenburgh desliga-se sorrateiramente com 16 navios, e vai desembarcar com 3,000 homens, em Pau Amarello. Foram indescriptiveis o terror, a confusão, e o desanimo, de parte da população, sobretudo feminina, ao ter noticia do desembarque de Weerdenburgh; muitas familias espavoridas fugiram para o matto, e muitos escravos conseguiram a liberdade em meio dessa desordem. Só Mathias d'Albuquerque não se deixou dominar pelo terror panico geral, embora reconhecesse que não poderia luctar com vantagem, contra tão poderosa força de inimigos. Vendo elle a impossibilidade de oppôr-se á entrada dos hollandezes no Recife manda pôr fogo aos armazens da povoação e aos navios nacionaes surtos no porto, para que taes despojos não fossem enriquecer o inimigo, e, ao mesmo tempo, para castigo de seus donos, que haviam covardemente fugido, e destruiu assim, com profunda magua dos invasores, duas mil caixas e grande porção de mercadorias diversas. Foi orçada em quatro milhões a importancia do que foi devorado pelo fogo; mas, mesmo deste modo, apoderaram-se os hollandezes, conforme alardearam, de mil e quinhentas caixas de assucar, e de tres mil pipas de vinho.

A' meia noite de 20, foi atacado o forte de S. Jorge, cujo edificio tinha a forma de um palacio feudal, de 4 frentes com torres circulares nos angulos, e era em dous andares com cinco troneiras, por face, em cada andar. Trinta e sete homens sómente guarneciam essa fortificação, sob o commando do bravo capitão Antonio de Lima, e nella os inimigos foram recebidos com toda a intrepidez, pela guarnição, que, animada pelo exemplo de seu valoroso commandante, tão vigorosa resistencia oppôz aos ataques dos sitiantes que estes viram se obrigados a desistir do intento, depois de duas horas de vigorosa lucta, durante as quaes os nossos tiveram como perda, apenas, cinco mortos e oito feridos, e os hollandezes, vinte mortos e quarenta feridos. Rendem-se em 2 de Março os fortes de S. Jorge e do Picão,

depois de resistir a um assédio e tenaz bombardeio de 4 dias. O commandante do forte de S. Jorge, Antonio de Lima e todos os seus officiaes e soldados, como diz Porto Seguro, obraram, como da primeira vez, prodigios de valor. A guarnição estava desta segunda vez, muito mais reforçada, achando-se até dentro, os poucos soldados de linha, que restavam da companhia do bravo Themudo, ora mandada por Francisco Figueira. Diz ainda Porto Seguro: — O forte sómente se entregou na ultima extremidade e quando, cahidas as muralhas e descalvagadas as peças, que eram de ferro e assentadas em plata-formas engenhadas sobre vigas, e feridos ou mortos um grande numero de defensores, não se podia mais sustentar. Nesse mesmo dia se lavrou um termo da capitulação, assignado pelo almirante Henrique Cornelis Loncq e o commandante Weerdenburgh pelo lado hollandez, e pelo nosso, por Manoel Pacheco d'Aguiar, (commandante do forte do mar), Antonio de Lima e Pedro Barboza. Com a occupação dos fortes ficou o hollandez senhor do Recife e do porto, que logo tratou de desimpedir e de tornar livre, confiando, desde logo, ao engenheiro Commersteyn a fortificação. No dia 3 elles, sem darem um tiro, se apoderaram da visinha ilha de Santo Antonio, onde havia o convento do mesmo nome, umas casinhas e cinco cacimbas, que denominavam de Ambrosio Machado (no logar em que se acha, na freguezia de S. José, edificada a fabrica Caxias), das quaes tiravam agua para beber os habitantes da povoação, não havendo alli mais ninguem, absolutamente, nem mesmo os frades, que haviam desamparado tambem o convento. Uma planta do Recife foi sem demora levantada pelo engenheiro Van Burem, e outra da ilha de Santo Antonio, pelo engenheiro Drewis; foi o convento fortificado por meio de um recinto abaluartado rectangular, a que deram o nome de forte *Ernesto*; fizeram-se mais outras trincheiras, reparou-se o forte de S. Jorge, e foi acabado o que estava em construcção pelos nossos, sob o nome de *Diogo Paes*, mas que o inimigo o chamou *Bruyn*, em honra da mulher do general Weerdenburgh, que ainda conserva, si bem que alterado no de *Brum*.

Por sua parte, o general Mathias, vendo que os hollandezes estavam senhores de Olinda e do Recife, e não lhe restava outro recurso senão o de impedir que esses inimigos se estendessem para o interior do Paiz, ainda desco-

nhecido para elles, teve a idéa de dividir a pouca gente que possuia, em pequenas guerrilhas de emboscadas, e, para quartel general, julgou conveniente escolher uma paragem, que servisse de centro de communicação a todos os pontos que lhe interessava. A situação preferida foi a casa de Antonio d'Abreu, collocada n'uma *pequena eminencia, a uma legua de Olinda e egual distancia da povoação do Recife, perto do rio Capibaribe e, mais ainda, do riacho Parnameirim*, e áquem do engenho *Monteiro*. Póde-se, ao certo, affirmar que o local alludido é o mesmo em que, presentemente, se acha a estação da *Mangabeira de Cima* do ramal do Arraial na linha-ferrea da Varzea e Dous Irmãos, terreno ligeiramente levantado e comprehendido no sitio, actualmente, de propriedade do Dr. Manoel da Trindade Peretti, sendo o *môrro Bagnuolo*, o que fica á cavalleiro das officinas da estrada de ferro do Limoeiro; não só em face das pacientes pesquizas archeologicas, para o descobrimento, feitas pelo major José Domingues Codeceira, e manifestos vestigios e evidentes indicações por elle encontradas, como ainda pelo que verificou em 1873, e ainda pode sel-o feito, por quem o deseje, a commissão do Instituto, composta do referido major Codeceira, Drs. José Hygino Duarte Pereira e Ceciliano Mamede, o engenheiro Gervasio Campello e o fallecido agrimensôr Francisco Sette, corroborando tambem, posteriormente, guiados por taes informações, os engenheiros Emile Beringer e Victor Fournier, sendo que o ultimo até dá a indicação, na carta topographica, que fez acompanhar seu trabalho publicado em 1874, sob o titulo de *Memoria sobre o Porto do Recife*.

Escolhido o sitio se votou Albuquerque a fortifical-o com tanto esforço que, começando no dia 4, o tenente-coronel Vander Erst, intentando um ataque no dia 14 contra o mesmo, já encontrou-o em estado de apresentar resistencia, até acudirem com as tropas de suas estancias, Luiz Barbalho e Lourenço Cavalcanti, deixando o inimigo na retirada muitos mortos no campo, e sendo nosso prejuizo, ao todo, entre mortos e feridos, sómente de dezeseis. A essa fortificação deu o general Mathias o nome de —*Forte Real do Bom Jesus*, e ao acampamento, que em pouco tempo se formou, sob o abrigo della, o de —*Arraial*, nome que ainda hoje se conserva. Em vista daquelle triumpho o capitão Antonio Ribeiro de Lacerda, auxiliado por Luiz Barbalho e Rabello da Franca, emprehendeu, na madru-

gada de 24 de Maio, com as tropas de suas estancias o ataque dos entrincheiramentos, que o inimigo proseguia na Ilha de Santo Antonio; e, conseguindo ao principio grandes vantagens, como o descavalgamento das peças e haverem ferido quasi todos os officiaes inimigos, incluindo o tenente-coronel Vander Erst, e o principal engenheiro Commersteyn, depois, tendo sido mortalmente ferido por uma bala de artilheria o chefe Ribeiro de Lacerda, de cujo ferimento veio succumbir, começaram todos a se retirar, deixando dentro das trincheiras dezenove mortos. Weerdenburgh, em officio, não poude deixar de declarar: « que combatia com um povo valoroso e agil.» Não foi essa a unica investida levada a effeito pelos nossos; e assim a 18 de Julho, por ordem d'Albuquerque, o denodado Luiz Barbalho, com a sua gente, assaltou, pela madrugada, o forte do Brum, já levantado e guarnecido de artilheria, pelos hollandezes, e tal heroismo demonstrou que o chefe destes assim se expressou, em officio de 27 do mesmo mez : « Acho este um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes nada mais falta que bôa direcção : e que não são de nenhum modo como cordeiros.... e posso affirmar porque, por vezes o tenho experimentado. »

Convencido o general hollandez de que o lado sul da ilha, era, para defeza, um ponto de bastante importancia, determinou que se levantasse nelle, de construcção resistente no sitio das cacimbas do Ambrozio Machado Machado (que, como se disse, é o mesmo em que está o edificio da fabrica Caxias, á rua do Forte, sendo que, em 1885, ellas ainda existiam), uma fortaleza que foi denominada Frederico Henrique, mas que os pernambucanos chamavam das *Cinco Pontas*, em virtude de sua construcção pentágona (de cinco baluartes), nome que ainda hoje perdura, apezar de alterada sua primitiva configuração. A 14 de Agosto os nossos vieram reconhecer de perto o trabalho, com uns 500 homens, inclusive indios, e deu-se então uma escaramuça, que durou cerca de duas horas, ficando os contrarios com a sua fortaleza, e obrigando-nos á retirada com uma perda de 14 homens e 8 feridos, dando-se o mesmo prejuizo do outro lado; e, porque ficassem conscientes da pouca resistencia de sua fortificação, trataram de melhoral-a, construindo mais um reducto avançado que o chamaram *Amelia*, a 250 passos ao sul do existente, do qual, quando a maré está vazia (porque o mar cobre o terreno que elle

occupou), ainda se pode ver os vestigios dos alicerces, como relata J. de Vasconcellos.

A 23 de Setembro os hollandezes vadeam o rio Beberibe, do isthmo para ás Salinas (o bairro de Santo Amaro, freguezia da Bôa Vista), e ahi, ao amanhecer, lançam fogo á casa de Francisco do Rego, fazendo tambem o mesmo a 28 de Outubro, com a casa do Asséca (no mesmo bairro), defronte do forte de S. Jorge, onde ergueram em Fevereiro de 1631 o forte das Trez Pontas, que denominavam de *Weerdenburgh*, em honra de seu general.

A 25 de Junho de 1631 começaram os hollandezes a construcção da fortaleza chamada hoje *Buraco*, (por estar defronte do Buraco de S. Thiago, hoje cambôa do Tacaruna) situado no isthmo que liga o Recife á Olinda, atacando-os logo o capitão Luiz Barbalho, que commandava a trincheira chamada Buraco de Santiago, na Tacaruna, mas não conseguindo suster a construcção da obra. Nesse mesmo anno a 10 de Julho atacam os hollandezes o posto que a nossa gente tinha nos Afogados e são energicamente repellidos. Pela madrugada de 18 de Março de 1633 investem, sob o commando do coronel Lourenço Remback, e tomam de assalto o mesmo posto, paragem importante que os nossos se descuidaram de fortificar bem. A perda dessa posição foi de desastrosos resultados, e ahi o inimigo construiu um forte abaluartado de quatro faces, artilhado com doze peças, e a que deu o nome de *Principe Guilherme*, e desde então ficou o Arraial exposto a ser flanqueado e sem poder contar, facilmente, com os recursos que da Varzea lhe enviassem os moradores. Animado o coronel Remback com aquelle successo, e aproveitando o enthusiasmo de seus soldados resolveu, continuar em seus assaltos, e assim, nesse mesmo dia, guiado por um desertor Domingos Fernandes Calabar, que o avisa de que a estancia Nuno de Mello que outros chamavam do Aguiar (povoação dos Remedios, hoje), estava mal guarnecida, avança sobre a mesma, e toma-a depois de tenaz resistencia, e em seguida a trincheira do Mendonça (Magdalena), onde grande foi o nosso prejuizo devido, sobretudo, mais á negligencia do commandante do que ao valor do inimigo. Animado por instancias do mesmo Calabar, na quinta-feira santa, 24 do referido mez, emprehendeu um ataque contra o *Forte Real ao Bom Jesus*, e marchando pelos engenhos de Francisco de Britto (presentemente *Campina de Santo Antonio*) e de Ambrosio Ma-

chado (Cordeiro *), atravessa o Capibaribe no Passo de Ambrosio Machado (conhecido hoje por Passagem do Cordeiro) indo sahir em frente do antigo engenho Casa Forte. Ahi elles, por ordem do commandante, se dividem em tres columnas, e avançam para dar o ataque, seguindo a primeira, pelo engenho de Jeronymo Paes (Casa Forte actualmente), a segunda pela estrada de Olinda, e a terceira pelo riachinho Parnameirim. Mathias d'Albuquerque, logo que soube da intenção do inimigo, determinou que todos os capitães, que estavam fora de seus postos, se juntassem, e fossem esperar o mesmo, no passo do mencionado riacho, que distava do *Forte Real*, apenas, um tiro de arcabuz, dando-se-lhe então, porque nesse ponto elle deveria passar, todas as cargas possiveis, e que fosse perseguido pela retaguarda, sem se perder occasião nem circumstancia offerecida. Fez tambem guarnecer a muralha do *Forte Real* com as companhias que tinha dentro,—eram as quatro castelhanas, n'esse dia de guarda, e as companhias do terço de Portugal; postando, em esquadrão, na praça d'armas, para acudir onde fosse mais preciso, a pouca gente que sobrou, tendo distribuido os ajudantes e alguns reformados, pelos postos em que fossem mais uteis. Com o nosso general achava-se tambem seu irmão Duarte d'Albuquerque e o mestre de campo Conde de Bagnolo. Chega em primeiro logar a terceira columna inimiga, que a nossa gente não lhe poude impedir o passo, e depois as outras; elles avançam para a fortaleza para tomal-a de assalto, mas são recebidos com um fogo tal de metralha que as primeiras alas cahiram de um extremo a outro, ficando logo morto o

* O engenho de Ambrosio Machado era no lugar, actualmente, chamado Cordeiro no sitio, porem, em que esta a bomba grande da estrada de rodagem e pela qual passa a levada que vem do engenho do Meio sob o nome de riacho Cavouco, e vai despejar no rio Capibaribe. J. de Vasconcellos, em suas *Datas Celebres*, seguindo F. da Gama, diz que o engenho de Ambrosio Machado éra no local em que está o povoado da Torre, quando ahi ficava, é certo, o engenho da Torre ou de *Marcos André*, segundo Laet, historiador hollandez, egualmente o confirmando a *Nobiliarchia Pernambucana* de A. V. B. da Fonseca, e conforme teve occasião de verificar em suas investigações, o incansavel pernambucano, o major José Domingues Codeceira, em face de escripturas publicas e de outros documentos de valor.

major Van Palburgh e mortalmente ferido o coronel Remback que veio a fallecer em breves dias.

Simelhante acontecimento causou immenso desanimo e confusão entre elles, que, se despersando e começando logo a saquear, foram acommettidos por uma parte da gente do reducto que havia ao lado do Forte Real, e por outra da que guardava o passo de Parnameirim; pelo que bateram em retirada conduzindo semi-morto seu velho commandante. Como era quinta-feira santa julgava o chefe hollandez encontrar a gente de Mathias d'Albuquerque entregue ás praticas religiosas: não aconteceu, porém, assim, e foram os hollandezes repellidos depois de seis horas de renhida lucta, na qual o nosso general somente com 350 homens resiste ao ataque com tanta bravura que como unico prejuizo n'elle, teve 25 mortos inclusive 18 napolitanos do reducto, e 40 feridos, deixando o inimigo mortos no campo da acção, mais de 400 dos seus, muitos feridos e 15 prisioneiros. O combate durou de 11 horas da manhã ás 5 horas da tarde.

A 15 de Julho, quatrocentos hollandezes sahidos do forte *Principe Guilherme*, nos Afogados, atacam o engenho de Pedro da Cunha, na freguezia da Varzea, sendo repellidos e perdendo 18 soldados. Henrique Dias foi ferido n'esse combate e foi este o primeiro em que tomou parte aquelle que mais tarde tanto se celebrisou. Pouco tempo depois, a 4 de Agosto, uma columna de soldados e marinheiros hollandezes, sahida dos Afogados, sob o commando do coronel Segismundo Van Schkoppe, que succedeu ao coronel Rembach, pretendendo de novo atacar o Arraial, toma a direcção d'este, seguindo pela margem do Capibaribe. Mathias, recebendo, á tempo, aviso da approximação d'elles, determina, desde logo, que diversos capitães saiam-lhes ao encontro; e, ao atravessar o rio, acima do vau de Ambrosio Machado (passagem do Cordeiro), os nossos atacaram a vanguarda hollandeza com tamanho impeto, que ella retrocedeu com menos de uma hora de lucta, recolhendo-se na primeira habitação que, em transito, achou vasia. E, porque os nossos pretendessem incendiar, com alguns barris de polvora que traziam, o abrigo sob o qual o inimigo estava, e este isto percebesse, começou a dar signaes de se entregar, debaixo de certas condições: tudo isso, porém, não passava de um recurso empregado com o fim unico de dar tempo de chegar em seu auxilio a

segunda columna. Elles não se illudiram com aquelle alvitre, emquanto que nos enganaram, e assim escapou a victoria já ganha, obrigando-nos a uma retirada forçada em face da superioridade numerica.

N'essa acção perderam os hollandezes 100 homens e os nossos 7, cahindo em nosso poder cinco canhões de ferro e seis de bronze, alem de munições e mantimentos. Livres dos nossos, os hollandezes trataram de tomar posição, á um tiro de canhão do Arraial, fazendo um posto no engenho de Marcos André (Torre), junto ao rio, e dous outros na passagem de Jeronymo Paes, (hoje Sant'Anna de Dentro), e na de Ambrosio Machado, fortificando-se, desde logo, em todos, e levantando um reducto no ultimo.

Tendo os hollandezes embarcado, para a Parahyba, grande porção de suas tropas, os nossos pensaram em se aproveitarem d'essa circumstancia, intentando, em a noite de 1 de Março de 1634, um ataque contra a povoação do Recife, com o fim de incendial-a. Encarregou-se de dirigil-o o capitão pernambucano Martim Soares, com 800 soldados, perdendo-se inteiramente a tentativa por se haver acobardado a nossa tropa, ao ouvir o inimigo tocar alarma, e vendo-o abrir fogo, ao acaso, sobre o vau do Beberibe, dos fortes do Brum, S. Jorge e Weerdenburgh. Vinte e nove dias depois, na madrugada de 30, foi intentado pelo inimigo outro ataque ao Arraial, apresentando-se em frente d'este, com uma trincheira feita, donde fazia o bombardeio, o tenente coronel Byma; mas o commandante do mesmo Arraial, o sargento mór Francisco Serrano, que substituia ao general Mathias, ausente, obrigou, com uma sortida, habilmente dirigida, a retirada do mesmo inimigo, que teve bastante perda de gente e munições, recebendo Henrique Dias n'essa investida uma quarta ferida de bala.

O coronel hollandez Arcizewski, acompanhado do conselheiro Stachouwer, toma posição com a sua gente na rectaguarda do Forte Real, na distancia de um tiro de canhão (no local em que hoje está situado o Cemiterio Publico da Casa Amarella), occupando o engenho de S. Pantaleão, de Francisco Monteiro (que era na região em que se comprehende a actual povoação do Monteiro), afim de pôr sitio á fortaleza; no dia seguinte se colloca no engenho de Marcos André (da Torre), distante tambem da fortaleza um tiro de canhão, porém pelo lado da frente; e no outro dia ainda, com o intuito de estreitar o cerco da

fortaleza, e garantir a conducção de provimento e munições, pelo rio Capibaribe, manda occupar o *Passo do Fidalgo* (Sant'Anna de Fóra*), onde foi erguido o reducto *Hinderson*, á um tiro de mosquete do Arraial, e áquem já do rio Capibaribe, perto do qual era, pelejando nossa gente, improficuamente, para impedil-o, durante tres horas. D'ahi a tres dias, em a noite de 20, o inimigo consegue occupar o outeiro chamado do *Conde Bagnuolo* (ao NO do Forte Real), contra o qual, ao amanhecer de 21, os nossos investem com tal denodo e por espaço de seis horas se batem, que por fim os hollandezes, abandonam o pôsto. Voltam estes a 27 á mesma posição de que a 21 tinham sido repellidos, trazendo, porém, nessa occasião, maior reforço de gente, e, não obstante a tenaz resistencia, que os nossos lhes fizeram, conseguem o intento. Durante a noite de 3 de Abril, o coronel Arcizewski, querendo sitiar, quanto possivel, o Arraial, passou seu quartel general para as casas de Jeronymo Paes (sitio da capella na campina da Casa Forte), local que sem demora se fortificou, construindo um reducto de forte estacada, denominado *Tourlons*, e contra as trincheiras do qual dirigem os nossos um bombardeio, em que foi ferido o mesmo Arcizewski. Passa-se, porém, pouco mais de dous mezes, e, a 6 de Junho, rende-se o *Forte Real do Arraial do Bom Jesus*, commandado por André Marim, depois de ter resistido a um aturado assédio, de tres mezes e tres dias, memoravel pelo valor e constancia com que o soffreram os sitiados. Em todas as direcções cercados, mortos de fome e levados á extrema penuria de comerem até cavallos, cães, couros, gatos e ratos, aos heroicos defensores do forte, por mais tempo, era humanamente impossivel se manterem, e sómente lhes restava a capitulação. Esta se realisou sahindo a guarnição com as bagagens e todas as honras de guerra. Eram 47 praças, alem dos escravos e paisanos, que foram entregues á descripção do vencedor, o qual impôz

* Foi propriedade do velho e finado Francisco Belem e presentemente é o sitio de J. L. O. Lima, conhecido por Lima Gordo, na estrada de Parnameirim, conforme se evidencia do mappa extrahido de Laet, e organisado sob a direcção do major Codeceira e que acompanhará seu trabalho inedito — *Memoria sobre o Arraial do Bom Jesus*.

aos chefes mais importantes, a obrigação de pagarem seu resgate, subindo a importancia a 30,000 corôas. Arrazado o forte, toda a artilheria e munições encontradas, foi conduzida para o Recife.

A 23 de Janeiro de 1637 chéga ao Recife o conde, João Mauricio de Nassau, principe d'Orange, com a autoridade e titulo de governador capitão general e almirante de terra e mar, do Brazil hollandez, sendo auxiliado pelas luzes de tres conselheiros supremos intimos, cujas reuniões presidiria com voto de qualidade, em caso de empate; havendo, alem d'este conselho supremo, outro conselho politico de nove membros, que seriam empregados como auxiliares em varios ramos da administração. Alojou-se na ilha de Santo Antonio, que estabeleceu como a capital de seu governo, reforçando-a por novas fortificações. De volta de sua infructuosa tentativa de conquistar a Bahia, procurou occupar-se de melhoramentos materiaes; e, no correr do anno de 1639, deu começo na mesma ilha, á fundação da cidade, que, por ordem do Conselho Supremo, foi chamada *Mauritsstad* ou *Mauricia* (cidade de Mauricio ou Mauricéa), em honra delle. Pieter Post, architecto hollandez, que o tinha acompanhado ao Brazil, fez o plano da nova cidade com as precisas fortificações.

Já antes o conde havia feito plantar um jardim, na parte septentrional da ilha, composto de ruas de coqueiros, transportados, para ahi, já grandes, e em numero de 700, assim como de larangeiras, limoeiros, romeiras, cidreiras, bananeiras e outras arvores fructiferas do paiz; de viveiro para peixes, pomares de espinho, etc. Edificou em seguida, neste mesmo terreno, um vistoso palacio, para sua residencia, a que deu o nome de *Vrijburg*, com frente para a povoação do Recife, e com duas altas torres que serviam ao mesmo tempo, de ponto de observação e de vigia para os navios que appareciam no mar. Segundo o V. de Porto Seguro, Nassau reduziu a uma só praça abaluartada todo o espaço, que mediava entre o forte Ernesto ao das Cinco Pontas, convertendo em fossos aquaticos a cambôa e os charcos, que alli havia, os aprofundando em uns logares, e entulhando n'outros. Prolongou, alem disto, esse fosso até os Afogados, aproveitando suas terras para um aterro, que juntamente servia de caminho publico. Construiu uma ponte, indispensavel sobretudo para o transporte de mercadorias, afim de ligar *Mauricéa* ao *Recife*, pela construcção

da qual o engenheiro judeu Balthazar da Fonseca exigiu, para fazel-a, a somma de 240,000 florins, sendo ella assentada, metade sobre pilares de pedra, e a outra metade de embiriba preta, no logar da existente, *7 de Setembro*, e prolongando-se a mesma até aos arcos, que serviam de entrada, e, presentemente, se denominam de Santo Antonio e da Conceição, concluidos em 1640, e, provavelmente, feitos para garantirem a cobrança do pedagio. No primeiro desses arcos estavam gravadas, em relevo, as armas do principe d'Orange, e no segundo havia a seguinte inscripção: FUNDABAT ME ILLUSTRISSIMUS HEROS JOANNES MAURITIUS COMES NASSOVIÆ etc.: DUM IN BASILIA TÉRRA SUPREMUM PRINCIPATUM IMPERIUMQUE TENERET ANNO DNI MDCXXXX. Depois ainda, em 1643, o conde fez construir outra ponte, ligando a ilha ao continente, a qual começava atraz do convento do Carmo e terminava na entrada da rua da Ponte Velha (freguezia da Boa Vista), tendo a forma de um angulo obtuso com o vertice para cima, no logar, mais ou menos em que hoje se acha a casa de Detenção. Junto a essa ponte, levantou na ilha, alem do palacio Vrijburg, uma casa de campo a que deu o nome de *Boa Vista*, situada á direita do encontro da mesma ponte, com a frente para o continente, da qual tinha o observador, que d'alli o contemplava, uma perspectiva de verdadeira belleza. Era a mesma casa um edificio quadrado, com seis janellas por frente, tendo em cada canto um pavilhão, que rematava em coruchéo; no meio deste edificio se erguia outro quadrangular tambem, de mais dous andares, com tres janellas de frente em cada pavimento. Na parte terrea d'essa vivenda havia peças em canhoeiras que podiam servir á defensa da propria ilha pelo lado da frente. A 6 de Maio de 1644 deixou o principe João Mauricio de Nassau o governo do Brasil hollandez, passando-o ao supremo conselho do Recife, composto dos conselheiros Hamel, Van Bullestrate e Bas, reunidos na sala das sessões do conselho governamental, na cidade Mauricia, em presença de todos os altos funccionarios, commandantes militares e clerigos. Foi o coronel Hous, commandante da guarda do principe, o investido do commando em chefe das forças armadas, deixando o conde de Nassau o Recife e embarcando a 11 do referido mez, depois de haver recebido todas as honras militares a que tinha direito.

Com a retirada de Mauricio para a Hollanda toda a

sorte de oppressões, excessos e tyrannias começou, por parte de seus successores, para com os vencidos; e, por isso, desde logo, no animo dos pernambucanos se accendeu o desejo e projecto de se libertarem do jugo bátavo. Em 15 de Maio de 1645, depois de tudo composto para a insurreição, na Varzea do Capibaribe, no engenho S. João, assignaram os dous chefes escolhidos, João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti, em *nome da liberdade divina* e « para vingar aggravos e tyrannias», as nomeações de capitães de diversos pontos da provincia, concedendo-lhes muitos poderes inherentes aos fins intentados. Oito dias passados, isto é, a 23, os referidos chefes, juntos a dezeseis conjurados dos mais importantes habitantes de Pernambuco, assignavam um compromisso para uma revolução contra o dominio hollandez. João Fernandes Vieira propôz que, em logar de rebentar, desde logo, a revolta, fosse adiada para o dia 24 de Junho, não só porque era preciso tempo, afim de ser combinado o plano de, de uma só vez, romper em todos os pontos o levantamento, como porque, sendo aquelle dia o de S. João, em que se havia de fazer uma festa na Varzea, se convidaria para a mesma os chefes hollandezes, que, nessa occasião, seriam presos. Esta delação deu, porém, logar, a que o Conselho Supremo Hollandez, a 30 de Maio, recebesse uma carta anonyma, denunciando tal conspiração, vindo mais tarde a saber-se que foram seus autores dous dos dezeseis signatarios do já mencionado compromisso, Fernão do Valle e Sebastião de Carvalho. Em vista do que a 31, os do conselho resolvem, embora, sem acreditarem inteiramente na sublevação, enviar avisos de alerta a todos os seus. Não lhes fica, porem, nenhuma duvida mais, quando, a 11 de Junho, o chefe politico de Alagôas, Moucheron, lhes communica a passagem por alli das tropas de Henrique Dias e de Antonio Felippe Camarão. Então immediatamente ordenam a prisão de João Fernandes Vieira, de Francisco Berenger e de outros principaes do logar, o que entretanto não conseguiram realisar. A 13, dia de Santo Antonio, os conjurados acclamam chefes da revolução contra o dominio hollandez, a João Fernandes Vieira, e procuram formar o exercito libertador.

Perdida pelos hollandezes a batalha das Tabocas, o coronel e commandante delles, Henrique Hous, de volta da mesma, acampou com suas tropas, a 17 de Agosto, no

engenho de D. Anna Paes (*) (Casa Forte, actualmente), e cheio de desejos vingadores, mandou, e como garantia de seus intuitos, o sargento-mór João Blaar, com algumas companhias, prender como refens, algumas senhoras parentas e esposas de moradores do logar, as quaes se achavam no exercito pernambucano, sendo então presas e conduzidas para aquelle engenho, D. Izabel de Góes, mulher de Antonio Bezerra, D. Luiza d'Oliveira casada com Amaro Lopes de Madeira, e D. Antonia Bezerra, esposa de Francisco Beranger de Andrade e sogra de João Fernandes Vieira. não sendo encontrada, D. Maria Cezar, objecto principal da diligencia, porque, cautelosa e prudente, se occultara. Chegándo similhante noticia ao campo dos pernambucanos, estes, sem perda de tempo, vão em soccorro das matronas, indo Fernandes Vieira na vanguarda e André Vidal de Negreiros na retaguarda, não obstante o perigo que os ameaçava da enchente do Capibaribe, que difficilmente se vadeava ; e, alem disso, no momento, não offerecia meio facil de transpol-o, pois barco algum havia, nem outro recurso. Mas Vieira, que via na demora de cada instante, que pássava, um prejuizo irreparavel, é o primeiro que dá o exemplo de cortar o embaraço, lançando-se no rio á cavallo, na passagem de Ambrosio Machado (do Cordeiro), seguindo a indicação de um mulato nadador, que lhe pertencia, e o guiou até a outra margem : desde logo é acompanhado pelos soldados que põem as armas e munições á cabeça, para não se molharem, e *entram no rio segurando-se*

(*) Este engenho foi fundado por Diogo Gonçalves casado com uma afilhada da rainha D. Catharina, chamada Izabel Fróes, que veio em companhia de D. Brittes, e á qual Duarte Coelho deu em dote as terras onde edificou os tres engenhos Casa Forte, Santo Antonio, á margem direita do Capibaribe, e Beberibe, á margem esquerda. Deste casal houve uma filha, por nome Izabel Gonçalves Fróes, que casou-se com Jeronymo Paes Dalto, a quem coube por herança aquelle engenho, sob a invocação de N. S. das Necessidades, e conhecido, geralmente, pelo nome de seu proprietario *Jeronymo Paes*, fallecido pouco depois da invasão hollandeza, passando então a ter o nome de sua viuva, *Izabel Gonçalves*, e tendo sido ambos os progenitores da *celebre* D. Anna Paes, de Jeronyma Paes e outros. D. Anna Paes casou com Pedro Correia da Silva, um dos defensores do forte de S. Jorge. Por morte d'este casou em segundas nupcias pelo rito protestante, com o capitão Carlos de Tourlons, que foi ajudante da guarda de Mauricio de Nassau, denominando-se então, engenho de *Tourlons*, sendo porem dado, por

uns aos outros, para melhor resistirem á correnteza, chegando d'esse modo todos, sem perda de um só, ao lado opposto. Ahi, formados novamente, os nossos, dentro em pouco, estavam juntos ao engenho de D. Anna Paes, sem terem sido apercebidos pelo inimigo; e, fazendo alto no maior silencio, aprisionam duas sentinellas hollandezas, conseguindo d'ellas a revelação de què as forças inimigas estavam no pateo do engenho, prestes a seguirem para o Recife, esperando unicamente pelos officiaes que almoçavam e depois conduziriam com elles as matronas prezas. Vieira então ordena a D. Antonio Felippe Camarão que, com o grosso de sua gente, occupe todos os caminhos que conduziam ao Recife, e que as companhias dos capitães João d'Albuquerque, Antonio Borges Uchôa, Sebastião Ferreira e Antonio Gomes Taborda, invistam, repentinamente, contra o inimigo. Surprehendidos assim, inesperadamente, tocam rebate, e attonitos os officiaes, que se ergueram da meza, já não tiveram tempo para occupar seus postos entre seus soldados; entretanto um vivissimo fogo rompeu, de ambos os lados, tomando posição os nossos, parte na egreja, e outra, abrigando-se por traz de uma grande pilha de lenha que alli estava, emquanto que os hollandezes combatiam da casa do engenho. No meio da peleja, porem, o general Hous manda expôr ás janellas as matronas prisioneiras, o que entendendo Vieira ser uma proposta de capitulação faz parar o fogo, e manda um parlamentar, arvorando uma bandeira branca, acompa-

este, talvez em homenagem ao principe, seu compatriota, o nome de *Nassau*. Morto Tourlons e se casando a viuva pela terceira vez com o hollandez Gilberto With, um dos membros do conselho governamental, passou a ter o mencionado engenho o nome de *With*, seu novo proprietario. Depois do combate de 17 de Agosto de 1645, na casa do qual engenho os hollandezes se bateram resistentemente e fortes, tomou o nome de *Casa Forte*. Finalmente, havendo a capitulação hollandeza e a restauração de Pernambuco, e Gilberto With abandonado D. Anna Paes, e seguindo para a Europa, foi o engenho sequestrado pela Fazenda Real, como bem hollandez; mas a mesma D. Anna Paes reivindicando-o como propriedade sua e não de seu marido, por ser ella portugueza, voltou novamente a chamar-se engenho *D. Anna Paes* ou *Casa Forte*; vindo por ultimo a predominar a segunda dessas denominações. Esta noticia, estudada e colhida pelo major J. D. Codeceira, tambem se verifica ser exacta pelo confronto de varios artigos da *Nobiliarchia Pernambucana* de A. J. V. Borges da Fonseca.

nhado de um tambôr afim de intimar-lhes que se rendessem. Hous ouviu silencioso o parlamentar, que era um alferes, avalia tal embaixada fraqueza de nossa parte, e, após ter ouvido o enviado, uma meia duzia de soldados bátavos chegaram á janella e, instantaneamente, mataram-n'o com uma descarga de fuzilaria. Similhante acção levou nossa gente á extremo desesperado, pois que, só pensando em aniquilar o inimigo, e no desejo de vingança, esqueceu as prisioneiras; e os nossos, se servindo de toda a lenha alli existente, para alimentar as fornalhas do engenho, e ainda da porção de bagaço secco de canna, põem fogo ao edificio, conseguindo, em poucos momentos, atear grandes labaredas cercando-o, o que vendo Hous e comprehendendo o fim horroroso que os esperava, arvorou uma bandeira branca, apparecendo em uma das janellas, não attingidas ainda pelo fogo, com o chapéo em uma das mãos, e em outra apresentando uma pistola com o cano voltado para o chão, em signal de render-se. Entretanto a nossa gente enfurecida oppunha-se a que se lhes désse quartel; não consentindo, porém, em similhante acto de atrocidade, André Vidal de Negreiros, que era mais militar e mais humano que vingativo. Ficou assentado que «Henrique Hous e João Blaar e outros officiaes, sahiriam com suas armas e insignias militares, até a presença dos Generaes do Exercito Pernambucano, e que os demais hollandezes seriam desarmados ao sahir da casa, ficando todos prisioneiros de guerra». Nesse combate que ficou se denominando da Casa Forte, e deu ao engenho e ao local esse nome, que ainda conserva, tiveram os hollandezes 37 mortos, mas ficaram prisioneiros 322 incluindo o tenente coronel Hous, o sargento mór Lystry e Blaar, alem de grande porção de armamento, abundancia de viveres e crescida copia de excellentes cavallos. Os nossos tiveram 16 mortos e 35 feridos, entrando nesse numero os bravos Henrique Dias e Domingos Fagundes. Aos desgraçados indios, alliados dos bátavos, coube-lhe, porém, a horrivel sorte de, no momento em que iam ser desarmados e então se arremessavam sobre os vencedores, serem todos passados a fio de espada.

A 29 o Supremo Conselho ordena o arrasamento da cidade Mauricia, concedendo aos moradores o prazo de 10 dias para botarem abaixo suas casas. Cortaram a ponte da Bôa Vista, e arrasaram os jardins e todas as obras ex-

teriores do palacio construido pelo principe Mauricio de Nassau. Os nossos, desde logo, para poderem investir aquella praça, levantando em redor varias estancias e trincheiras, construiram, para quartel general, um forte, a que deram o nome de *Arraial Novo do Bom Jesus*, o qual ficava no engenho, então Bribão, em terras da actual freguezia da Varzea, logar chamado *Retiro*, mas geralmente conhecido hoje por *Sitio do Forte*, a uma milha, pouco mais ou menos da Estrada Nova de Caxangá, e, desde 1867 está assignalado o local, com uma columna contendo uma inscripção precisa, mandada erigir pelo Instituto Archeologico.

A 9 de Novembro do mesmo anno, dá se o combate do engenho Giquiá, na estrada e freguezia de Afogados, onde, apezar da traição, vendendo-se aos hollandezes, de Hoogstraeten, a quem os chefes dos nossos, tinham entregue o commando de um corpo de 280 estrangeiros mercenarios, como elle, ao serviço da restauração, são derrotados os inimigos que retiram-se com a perda de 102 homens entre mortos e feridos. O acto da traição não sortiu o desejado effeito, porque o sargento-mór, Antonio Dias Cardoso, que dirigia toda a força, desconfiando das intenções dos inimigos, manobra de modo que não dá occasião de executarem seu proposito.

Construida pelos independentes a fortaleza do *Arraial Novo do Bom Jesus*, como já ficou dito, a qual salvou pela primeira vez, em 1 de Janeiro de 1646, tendo sido artilhada com 8 peças tomadas ao inimigo no forte de Porto Calvo, as diversas estancias que foram creadas tiveram a seguinte distribuição: A' D. Antonio Felippe Camarão, com seus indios, se entregou a casa de Sebastião de Carvalho (Remedios), fronteira á fortaleza *Principe Guilherme* nos Afogados, e um dos pontos mais arriscados; á Henrique Dias coube as casas de Gil van Ufel, situadas em terrenos de João Velho Barreto, nas quaes havia uma especie de torre ou mirante elevado, do alto do qual se desvendavam todos os arredores, e cujo sitio, depois da guerra, o general Francisco Barreto de Menezes lhe fez doação; á Antonio Borges Uchôa, e á Manoel d'Aguiar.

A' 20 de Abril de 1648 chega, de volta, ao *Arraial Novo*, o nosso exercito triumphante na primeira batalha dos Guararapes, e conduzindo grande numero de despojos, que havia tomado ao inimigo, em meio das acclamações de seus 300 companheiros, que haviam ficado de guarnição, e dos

moradores que se abrigaram na circumvisinhança. Dez mezes depois, a 20 de Fevereiro do anno seguinte, volve novamente victorioso ao acampamento do mesmo Arraial, ao som das salvas da artilheria e de repetidas saudações do povo e da tropa, o exercito pernambucano que batera e derrotara na vespera, nos montes Guararapes, pela segunda vez, o exercito hollandez, que em destroços se recolhia tambem ao Recife, consternado e em desalento extremo. O conselheiro Beaumont e os coroneis Van den Brande e Hautyn pedem suas demissões e partem para á Europa.

Graças á valentia do capitão Antonio Borges Uchôa, e de seus commandados, sendo atacada a 25 de Agosto, por alguns batalhões hollandezes, a estancia do Mendonça (Magdalena), são elles batidos, depois de meia hora de renhida lucta; a 7 de Outubro são igualmente repellidos na estancia do capitão Manoel d'Aguiar; a 15 de Dezembro atacam a trincheira das Salinas e são recebidos, pelo capitão Apollinario Gomes Barroso, de tal modo que se retiram com grave perda; e ainda, quatro mezes depois, a 7 de Abril seguinte, os mesmos dando, com uma forte columna, segunda investida á estancia do Mendonça, se retiram deixando quinze mortos no campo. É assim, n'essas continuas luctas, se approximava a hora final da expulsão hollandeza.

Tendo se apresentado, diante do porto do Recife, a 20 de Dezembro de 1653, uma frota hollandeza, sob o commando do almirante Pedro Jacques de Magalhães, da chegada da qual estava prevenido o general Francisco Barreto de Menezes, por avizo de 7 enviado pelo general da frota do Cabo Verde, a qual trazia instrucções para infundir força moral aos ataques, desde então, pelos dous chefes, se assentou atacar pelo continente o forte das Salinas, que chamavam de Francisco do Rego, porque era o de menor resistencia, o qual capitulou com 8 officiaes e 70 soldados, em a noite de 15 de Janeiro (*) de 1654, data em que a egreja commemora Santo Amaro, a quem, conforme Southey, *attribuindo-se a especial virtude para curar ossos quebrados,*

(*) Roberto Southey a pag. 325 vol. III, trad. do Dr. L. J. O. Castro, dá a entender que a actual denominação do local e a fundação da capellinha de Santo Amaro, se prende a este acontecimento, sendo certo que esta egreja concluiu-se em 1681.

aprazíam-se os portuguezes em acreditar que o Santo não teria menos poder nem menos vontade de partir os dos herejes, do que de endireitar os dos seus devotos. Segue-se o forte immediato *Altenar* cuja guarnição de 180 praças, rendeu-se na tarde de 19. A nossa gente no seguinte dia occupa as fortalezas *Principe Guilherme* dos Afogados, *Brum* e *Buraco*, abandonadas pelos hollandezes durante a noite anterior, afim de concentrar no Recife todas as suas forças e melhor poder defender a praça. Na tarde desse mesmo dia as nossas forças dirigidas por Vidal de Negreiros avançaram para bater a fortaleza das *Cinco Pontas*, apoderando-se ás 9 da noite de 21, do antigo reducto *Amelia*, a umas 200 braças d'aquella, no sitio que corresponde hoje á Cabanga. Inteiramente sitiados e batidos no Recife os hollandezes, a 23 deliberam capitular; e, pedindo suspensão de armas, afim de mandarem ao nosso campo um parlamentario tratar do assumpto, no dia seguinte começam as conferencias, na *Campina do Taborda* (*) (hoje Cabanga), entre os commissarios, da nossa parte — o auditor Francisco Alvares Moreira, o capitão secretario do exercito, Manuel Gonçalves Corrêa e o capitão reformado, Affonso d'Albuquerque, e por parte dos hollandezes—o conselheiro Gilberto de With, o presidente dos Escabinos e director das barcas *pichelingues* do porto, Huybrecht Brest e o capitão Van Loo; reuniram-se a estes, para tratarem dos assumptos de milicia, pelo lado dos pernambucanos, André Vidal, e pelo dos hollandezes Van de Wall. Reunidas as duas commissões, os hollandezes propuzeram que a capitulação fosse decidida pelos respectivos governos na Europa; e não concordando os nossos com a proposta, foi afinal a mesma assignada e ratificada, em a noite de 26, contendo 28 artigos, nos quaes se convencionava «o esquecimento do passado, e a segurança da propriedade aos vencidos, se lhes dando a faculdade de poderem demorar até 3 mezes, para a liquidação de seus interesses, findo os quaes podiam dar a incumbencia a procuradores de vender o re-

(*) Esta denominação tem origem de haver alli morado, ao tempo da invasão hollandeza, um pescador por nome Manuel Taborda, cuja habitação foi tomada pelos invasores, em 1631, para ser levantado o antigo reducto *Amelia* ou Melhou.

stante : alem disso os vencedores ficavam obrigados a ceder aos vencidos todas as provisões de bocca existentes nos armazens, e a dar-lhes conducção para a Europa, cabendo, pelo lado dos vencidos, — a entrega completa de todas as praças, artilheria e petrechos bellicos.» Chegou o dia 27, uma terça-feira, e n'elle termina o dominio bátavo no Brazil, dia gratissimo e de indefinivel prazer para a nossa gente. As tropas vencedoras tomam posse das fortalezas das Cinco Pontas e Ernesto, e dos fortes de S. Jorge e do Mar, e da cidade Mauricia, sendo desarmados os vencidos, sem violencia alguma. Sómente no dia 28, pela manhã, teve logar a entrada solemne do general Francisco Barreto de Menezes, commandante em chefe do exercito pernambucano, acompanhado de numeroso estado maior e de uma guarda de cavallaria, montados todos e se dirigindo ás portas da cidade Mauricia (no logar, da parte sul da rua do Padre Floriano, em que a mesma começando, junto á das Calçadas, forma um angulo com a primeira casa do lado oriental da referida rua), onde o general Segismundo van Schkoppe, a pé o esperava com seus ajudantes. Barreto, desde que o viu, apeou-se, dando-se então, ao troar dos canhões e da fuzilaria, a cerimonia da entrega das chaves, feita ao nosso general por Vieira, que, em numero de 73, as recebera na vespera, — quadro, diz o Visconde de Porto Seguro, por certo digno de immortalisar para o futuro o pincel de algum artista brasileiro, como o da rendição de Breda, a Spindola, immortalisou a Velasguez. Depois, a pé e seguido de todos os officiaes, que o acompanhavam, proseguiu para o Recife, dando ao general vencido sua direita, e, tratando-o com a magnanimidade e deferencia proprias dos valentes. Em meio da ponte foi recebido pelos membros do Conselho Supremo, e por todos os magistrados e empregados civís, que os aguardava, chegando a generosidade de Barreto de Menezes a conduzir cada um desses vencidos, á porta de sua residencia, com excepção do Presidente do Conselho Politico, a cujas instancias cedendo, deixou que este o acompanhasse até ao palacio em que se installou e, anteriormente, havia servido de séde ao governo hollandez.

Depois d'esses acontecimentos, a povoação do Recife, no gozo de tranquillidade e n'um remanso de paz, desde logo, se reorganisando, sob differentes pontos de vista, começou a crescer, e seu povoamento gradualmente se es-

tendeu, alem daquelle ambito, pelo outro lado do rio, onde fôra a cidade Mauricia, então destruida. Aos poucos os edificios de utilidade publica e particular se iam succedendo aqui e alli, porque a vida voltava, o commercio se engrandecia, chegando tambem a occasião de manifestar-se livremente o sentimento do culto religioso do christianismo, tanto tempo coacto, e sem expansão nem liberdade. Assim a primitiva capella de S. Frei Pedro Gonçalves, tomada e profanada pelos dominadores, para estranhos e reprovados uzos, a qual servira, durante todo o tempo da occupação hollandeza, de mesquita da seita lutherana, nella sepultando-se em 1639, o principe João Ernesto, irmão mais moço do principe e conde João Mauricio de Nassau, depois de reconciliada da profanação soffrida, e pelos fieis decorada melhor e procedidos os reparos materiaes que reclamava, passou, no seguinte anno de 1655, a ter a preeminencia de matriz, sob a denominação já conhecida de Corpo Santo, em vista da creação da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, sendo nomeado, para seu primeiro vigario, o licenciado Padre Manuel Dias de Carvalho.

Em virtude de ordem régia de 26 de Abril desse anno foi fundado, pelos padres da Companhia de Jesus, um collegio(1), no logar em que existia a egreja, que tinham construido, durante a occupação hollandeza, os francezes calvinistas, sendo doada com algumas casas contiguas aos mesmos padres, pelo governador Francisco Barreto de Menezes, por consentimento do proprietario do terreno, afim de ser estabelecido o collegio, escolas, e estudos, sem determinação de numero de religiosos. Em 1655 foi instituido o convento de Nossa Senhora da Penha de França, dos franciscanos capuchinhos, pelos religiosos barbadinhos francezes, que assistiam no mesmo logar, então chamado —Fora das Portas de Santo Antonio— em um pequeno oratorio, sendo seus nomes frei Cyrillo, o superior, frei Fabiano e frei Antonio. Em data de 16 de Abril do mesmo anno, fora-lhes feita a doação por Belchior Alves Camello e sua mulher Joanna Bezerra, de 40 braças de terra de Norte a Sul, e de 24 de largo, para o fim de fundarem uma egreja e convento com a invocação do Espirito Santo. Construida, porem, a igreja, nella foi collocado um grande

(1) E' o actual edificio em que funcciona a Faculdade de Direito

quadro da Virgem da Penha de França, o qual sendo de grande devoção dos habitantes, estes vieram a dar por isso ao convento e a egreja o nome della, esquecendo o do Espirito Santo (1). Em 1657, tendo a confraria do Senhor Bom Jesus, erecta na matriz do Corpo Santo, obtido do general André Vidal de Negreiros, governador e capitão general da capitania, a permissão de levantar uma capella no local do *arco da porta do Recife*, em 1680 já a mesma funccionava sobre o referido arco, que occupava toda a largura da actual rua do Bom Jesus, tendo sido, em 1850, demolido pelo governo provincial, mas ficando assignalado o local por uma lapida indicativa, pelo Instituto mandada collocar na parte externa do edificio em que residiam os inspectores do extincto Arsenal de Marinha (2).

A creação do bispado em 1676 e, conseguintemente, o facto da residencia do prelado no seio da capitania, parece que muito contribuiu para despertar os sentimentos de piedade e religião dos pernambucanos. Diversas manifestações d'esta natureza se notam, d'aquelle tempo por diante, e no Recife para identicos fins, se succederam os legados pios, as doações e continuas offertas, para o estabelecimento e decoração de egrejas, de recolhimentos, mosteiros, instituições de caridade, e cumprimento de votos.

Em 1672 funda-se o convento da Madre de Deus, dos padres da Congregação do Oratorio, de S. Felippe Nery. Em 1680 o capitão mór João do Rego Barros, provedor da fazenda real, edificou em cumprimento de um voto, a capella de Nossa Senhora do Pilar, em Fora de Portas, no local em que esteve o forte de S. Jorge, e sobre os escombros d'esse memoravel baluarte, tendo obtido por carta de Sesmaria, do governador Ayres de Souza Castro, de 31 de Maio de 1679, uma data de terra de 25 braças de extensão. Em 1681 o morgado das Salinas levanta n'esse lugar uma capella dedicada a Santo Amaro. Em 1686, o mestre de campo, D. João de Souza e sua mulher, D. Ignez Barreto d'Albuquerque erigem a egreja do Paraizo e o hospital de

(1) Essas informações são extrahidas de Loreto Couto.

(2) Vide o n. 42 da Revista — *As portas da cidade do Recife e o Arco e Capella do Bom Jesus*, pelo Dr. F. A. Pereira da Costa.

S. João de Deus (*), vendo-se ainda hoje collocada no centro do frontão da porta da egreja, a data de 1686, e os nomes dos fundadores, tendo sido assignada a escriptura da doação do terreno em 31 de Outubro de 1684.

Em 1687 teve principio o convento do Carmo, em um hospicio de observantes da mesma ordem, havendo o religioso frei João de S. José, em virtude da permissão, para que fosse erguido no mesmo sitio concedida por El-Rei D. Pedro II, em Alvará de 24 de Março do referido anno. Em 1689 os padres da Companhia de Jesus fundam junto ao seu collegio, a actual egreja do Espirito Santo. Em 1708 é construida a egreja de Nossa Senhora da Conceição da Congregação dos padres de S. Filippe Nery, junto á do Espirito Santo. E d'este modo, em todos os sentidos, o desenvolvimento da povoação do Recife era patente e manifesto.

Emquanto assim se levantava o Recife crescendo muito em população, pois contava umas 8,000 almas, tornando-se superior a Olinda, sobretudo em vantagens do porto, sendo mesmo então a praça de guerra e de commercio mais importante do norte do Brazil, não passava, aos olhos da lei, de aldeia, porque nem siquer conseguira as honras de villa, já um vez impetrada por seus moradores cuja petição, em si mesmo tão razoavel, fora desattendida. Sómente, depois, pela carta régia de 19 de Novembro de 1709, teve a cathegoria de villa, attendendo o rei á informação do governador Sebastião de Castro e Caldas, sobre a *assistencia dos governadores e Ministros ser na cidade de Olinda, e não no Recife*, como costumavam abusivamente, e para que se evitassem *as desuniões dos moradores* da mesma *cidade de Olinda com os do Recife*. A mesma ordem real dava ao governador a autoridade para o levantamento do pelourinho, e de assignalar á nova villa os limites, de accordo com o ouvidor, dando o Juiz de Fora audiencia, alternadamente, uma semana em Olinda, outra no Recife.

Na divisão do termo o governador e o ouvidor José Ignacio Arouche discordaram inteiramente; este queria

(*) Com a morte do Marquez de Olinda em 1848, legitimo herdeiro e descendente de D. João de Souza; dissolveu-se a instituição do Hospital do Paraizo.

que o termo da nova villa comprehendesse sómente o que então demarcava a freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves (hoje esse territorio corresponde ás do Recife, Santo Antonio, S. José e Afogados), sufficiente para manter a mesma villa; aquelle, porém, era de opinião que o termo reunisse as freguezias do Cabo, Ipojuca e Muribeca. Os recifenses ou *mascates* como chamavam os de Olinda, por serem mercadores, festejavam a opinião do governador; mas os olindenses applaudiam o ouvidor, e até affirmavam que o governador estava vendido aos mesmos *mascates*.

Então, estando os factos n'esse ponto, o governador intimou ao ouvidor Arouche, ou consignar o termo á villa, de accordo com a sua vontade, ou a desistencia do cargo que occupava; resolvendo o intimado pela ultima hypothese, e sendo substituido pelo juiz de fora Dr. Luiz de Valensuela Ortiz, passando aquelle a exercer o officio de tombador cuja provisão régia já possuia. Dividido o termo ao desejo do governador, este, certo do grande e manifesto desagrado dos nobres de Pernambuco, julgou prudente mandar lavrar em segredo as pedras para o pelourinho, que foi erguido durante a noite de 3 de Março de 1710, de modo que ao romper do dia estava a povoação feita villa, com a invocação de Santo Antonio do Recife.

Organisou-se a camara composta dos seguintes vereadores: Joaquim d'Almeida, Simão Ribeiro, Manuel d'Araujo Bezerra, e Luiz de Souza Valladares, procurador, a qual sahiu em procissão com as varas dos respectivos officios. Este facto causou ao senado de Olinda tanto resentimento e indignação que se dirigiu ao palacio do governador a protestar contra, «chegando um vereador a dizer-lhe n'um arrebatamento de colera que se havia o mesmo governador podido erguer o pelourinho, podiam elles derribal-o» (1). Levado de paixão o governador prendeu-o, e começou a mandar lançar em rigorosas prisões alguns individuos das principaes familias, como Leonardo Bezerra Cavalcanti, seu irmão Manuel Cavalcante Bezerra, Luiz Barbalho de Vasconcellos, seu primo Manuel Barbalho Feio, Affonso d'Albuquerque Mello e outros, indispondo cada vez mais os animos contra elle. E, a lucta travada, o plano concertado pelos descontentes foi verem se livres

(1) R. Southey, vol. N pag. 111.

do despota governador. Na tarde de 17 de Outubro, quando elle tendo sahido da egreja da Penha passava, acompanhado de 25 individuos, pela rua das Aguas Verdes (Lomas Valentinas, hoje), é ferido por um tiro partido de uma daquellas casas. Furioso prohibiu na capitania o uzo de armas, e mandou prender a todos aquelles, que considerava hostis (1), e, nomeadamente, á André Dias de Figueiredo, Pedro Ribeiro da Silva e Lourenço Cavalcanti Uchôa. O signal de alarma estava dado, a lucta aberta, feita a revolução. O capitão mór Pedro Ribeiro da Silva, começou por atacar e aprisionar ao capitão João da Motta, encarregado de prendel-o, sublevando-se suas tropas e fraternisando com ellas outro reforço do resto das da capitania, enviadas pelo governador. O mesmo aconteceu com as tropas dirigidas por Placido d'Azevedo. Os revoltosos então, a 7 de Novembro, em numero de 2,000, depois de terem á noite, feito alto em Apipucos, chegam á Bôa Vista na manhã de 8. Bernardo Vieira de Mello e outros se reunindo ao capitão mór Pedro Ribeiro da Silva, no domingo 9, triumphantes penetram na villa, lançam por terra o pelourinho, e esbordoam os *mascates* do senado, fazendo fugir espavorido para a Bahia, n'esse mesmo dia, o governador Caldas.

Acephala e sublevada a capitania, tratou-se pois de se lhe dar o chefe; e, na segunda feira 10 de Novembro, em Olinda, reunidos o senado e a nobreza, convocados para resolver a questão, entram os revoltosos que alli são recebidos. Tomando parte n'essa sessão o capitão mór Bernardo Vieira de Mello propõe: — « para que se declare a capitania em republica *ad instar de Veneza*, e mostrando que a capitania tinha recursos para sua independencia, lembra ainda, como prova, os Palmares, concluindo que, si por desgraça não tomassem essa deliberação, se entregasse aos polidos e guerreiros francezes. » Depois de longa discussão em que foi considerado audacioso e temerario o projecto, foi deliberado ser chamado ao governo o bispo D. Manuel Alvares da Costa, que estava na Parahyba, visto ser a quem competia a substituição, em segundo logar, porquanto era fallecido o primeiro individuo indicado na ordem régia.

(1) V. de Porto Seguro, vol. II pag. 824.

O bispo, apenas avisado não se fez demorar e a 15 de Novembro tomou posse da capitania, sendo um de seus primeiros actos, em nome de seu soberano, conceder o perdão a todos que de qualquer modo estivessem compromettidos no movimento, confirmado esse perdão pela carta régia de 2 de Junho de 1711. Quasi 9 mezes decorreram sem que nenhum successo viesse perturbar seu governo, e aguardava elle a calma completa dos animos para se occupar da erecção do novo municipio do Recife, quando, a 18 de Julho de 1711 os mascates consumaram no Recife, achando-se ahi o bispo no collegio dos Jesuitas, uma revolta de parte da tropa, pretextando queixas de que o sargento mór Bernardo Vieira de Mello, queria proclamar-se governador. Este foi surprehendido em sua casa pelos revoltosos que, em altos brados, pediam sua morte; sendo-lhe disparados dous tiros, no momento em que chegava á janella, para observar aquelle tumulto, não o attingindo felizmente, e seria morto, com certeza, si não tivesse vindo em seu soccorro o tombador Dr. José Ignacio Arouche, que se responsabilisou pelo mesmo Vieira, conduzindo-o á prisão. (*) Passaram como chefes principaes d'essa insurreição, diz o Visconde de Porto Seguro, um D. Francisco de Souza e varios recolectos da Madre de Deus, que a isso se prestaram; porem os verdadeiros autores foram commerciantes, tendeiros e caixeiros, filhos de Portugal e estabelecidos no Recife, que, entre si, se fintaram, no valor de uns setenta mil cruzados, para as despezas da revolta.

Uma exposição da Camara de Olinda ao soberano indicou a distribuição de varias parcellas desta somma, e revelou escandalos, sem calar nomes. Pelos mascates foi o bispo forçado a assignar, em 19 de Dezembro, uma circular dirigida aos habitantes da capitania, desculpando a insurreição, dando Bernardo Vieira, que ficava preso, como a *causa d'ella*, recommendando a paz, promettendo o esquecimento do passado, e ordenando que não impedissem a vinda de mantimentos para a praça. Expedida a circular, os de Olinda, desde logo, resistiram não acceitando-a, e o bispo, que entre os mascates, sob o pretexto de decoro a sua pessoa, estava guardado por 150 soldados, na primeira occasião facil que teve, e foi esta a 21, passou para os pernambucanos, embarcando-se com o Dr. Arouche n'um es.

(*) Idéa Republicana do Major J. D. Codeceira, pag. 87.

calér, e reassumindo em Olinda as funcções de governador. Immediatamente intimou-os á obediencia que lhe era devida, e os do Recife, resistindo a quatro vezes consecutivas, proclamaram o seu *mandante* ou governador intruso, o capitão João da Motta, que se dispoz a combater qualquer ataque. Tambem em officio o mesmo bispo fez sciente, ás camaras de toda a capitania, do modo como elle coacto assignara a circular que lhe apresentaram os mascates. Mas chegando os acontecimentos ao ponto de ser preciso o emprego das armas, o bispo, não só em vista de seu sacro officio, que não permittia envolver-se em operações bellicas, como tambem, talvéz, por segurança pessoal, ou porque mesmo não tivesse julgado que os factos se aggravassem a tal ponto, desobrigou-se das responsabilidades ulteriores, renunciando o governo civil da capitania, que ficou entregue ás pessoas do ouvidor Dr. Luiz de Valensuela Ortiz, do mestre de campo Christovão de Mendonça Arraes, e ao Senado da Camara de Olinda, composto do coronel Domingos Bezerra Monteiro, do capitão Antonio Bezerra Monteiro e do procurador Estevão Soares d'Aragão. Esse governo desenvolvendo a maxima actividade, immediatamente chamou á postos todos os capitães móres da capitania com os terços de suas ordenanças, e mandou sitiar o Recife. As forças do assédio foram divididas em arraiaes ou estancias, cabendo como chefe das forças armadas do arraial dos Afogados, que comprehendia a Barreta, o capitão mór João de Barros Rego; ao da Bôa Vista e logares annexos, o capitão Carlos Ferreira; ao de Santo Amarinho ao capitão Mathias Coelho; e aos presidios da Tacaruna e Carreira de Mazombos, o tenente José Tavares de Hollanda, e o sargento mór Domingos Gonçalves Freire. Convindo aos do Recife, de preferencia a qualquer outro ponto, ter desempedida a Boa Vista, com o maior empenho a 27 de Junho deram a esse posto um assalto e surprehendendo seis homens que estavam descuidados, os prenderam e conduziram. A 19 de Julho uma força dos mascates, de 300 homens investe contra o presidio de Santo Amarinho, (*)

(*) Era chamado Santo Amarinho o actual bairro de Santo Amaro das Salinas, por ser pequena a imagem da capella que presta o nome ao logar; e alem disso para se estabelecer a differença entre elle e Jaboatão, então conhecido sómente pelo nome de seu padroeiro —Santo Amaro.

guarnecido por 40 homens, morrendo então em sua defensa seu valoroso commandante, Manuel Nunes, e mais cinco defensores, sendo o prejuizo do lado contrario de 9 mortos e de 17 feridos. Tres dias depois accommettem, com maior força, e em lanchas canhoneiras, á Barreta, se retirando com a perda de 11 mortos, alem de tres dos do forte, segundo diz Porto Seguro, incluindo nesse numero o sargento mór Fernão Bezerra Monteiro. Com as continuas victorias obtidas mostram-se os mascates cada vez mais audazes e arrojados, e assim a 7 de Setembro elles tentam romper o assedio com uma força de 400 homens, que distribuem 200 para o arraial dos Afogados, e outro tanto indo occupar a ilha de Joanna Bezerra (*). Deixam o campo fazendo fogo em retirada até se recolherem ao abrigo de sua artilheria, perdendo n'esse assalto os pernambucanos, alem do alferes Antonio Bezerra, dous homens tendo 4 feridos; e da parte dos mascates morreram 7, sendo aprisionado um crioulo dos Henriques, ferido por bala em um dos braços.

N'essa perturbação incessante, de continuas correrias e investidas, ia o Recife, com um sitio que durava já tres mezes, quando, a 6 de Outubro, appareceu á vista de terra a frota que trazia á seu bordo, para Pernambuco, o novo governador, Felix José Machado de Mendonça. Immediatamente mandou o bispo, por um jangadeiro, expor-lhe, em carta, as condições da capitania desculpando-se não ser o enviado pessoa respeitavel, por falta de conducção, visto que os do Recife estavam na posse de todas as embarcações. Mas João da Motta foi mesmo em pessoa á bordo; e, fazendo seus protestos de sinceridade, accrescentava que a sua presença alli, ás mãos e sob a justiça do governador, era a prova mais verdadeira do que asseverava. Entretanto, Machado em vista da missiva do prelado, ordenou a João da Motta que, no mesmo instante, lhe entregasse as fortalezas e toda a administração, pois que de direito a elle cabia e de cujas mãos unicamente receberia o governo.

(*) A ilha de Joanna Bezerra é a mesma que, presentemente, entre os bairros da Boa Vista e S. José, se conhece por Anna Bezerra, denominação esta errada e mencionada até na carta da cidade do Recife levantada em 1874, que desde já convem emendar. Joanna Bezerra foi a viuva de Belchior Alves, seu proprietario.

Apezar de descontentes com similhante ordem os mascates a cumpriram.

No dia 8, o bispo no governo, desde logo, mandou soltar a Bernardo Vieira de Mello, ao mestre de campo e aos mais que tinham sido presos por Sebastião Pinheiro Camarão, oppondo-se ao levantamento do sitio do Recife, a nobreza, infantaria e moradores, até que os mascates fossem presos ou castigados, cedendo por fim, pela intervenção e instancias de D. Manuel Alvares. N'esse mesmo dia o novo governador entrou no Recife e tomou posse, sem opposição alguma, restabelecendo-se a paz. De lado a lado seguiram-se festas e a todas o governador esteve presente, não obstando isso a que depois se deixasse seduzir pelos seus patricios, por quem se mostrava dia a dia mais inclinado. Apezar das objecções, em um manifesto offerecido pelo Senado da Camara de Olinda, o novo ouvidor, que viera com o governador, João Marques Bacalhau, em 18 de Novembro de 1711, mandou erigir o pelourinho, fazendo pelouros no dia seguinte e se abrindo a 21. Então já francamente devotados aos mascates o novo governador e seus ministros, dentro em pouco o mesmo ouvidor, começando a perseguir o partido aristocratico, tratou de tirar devassa contra os dous levantes, apezar de perdoado o primeiro pela confirmação do rei de Portugal, e o segundo pelo governador geral na Bahia, D. Lourenço d'Almada. Desde logo, como delinquentes, e por segurança, antes de conhecida a devassa, que concluida arrolou 19 culpados, em 17 de Fevereiro de 1712, foram presos o coronel Leonardo Bezerra Cavalcante e o alferes André Vieira de Mello, e no dia seguinte, os filhos do primeiro, Cosme Bezerra Cavalcante e Manuel Bezerra Cavalcante, sendo todos algemados e mettidos n'uma das fortalezas da villa. A 19 entrou preso e tambem algemado no forte do Mattos (*), o capitão João de Barros Corrêa. Em 27 publicou o governador Machado um bando mencionando como pronunciados por

(*) Este forte, que já não existe, foi fundado, em 1685, no governo de D. João de Souza, sob o nome de Madre de Deus e S. Pedro, pelo capitão Antonio Fernandes de Mattos, no logar, da actual freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves que ainda chamam — Forte do Mattos. Artilhado e guarnecido, por ordem regia, quando governador Caetano de Mello e Castro, occupava um quadro de 66 metros, approximadamente, tendo sido demolido no seculo passado. Nesse edificio seu

inconfidentes, — aos capitão André Dias, e sargento mór Bernardo Vieira de Mello, capitães-mores João de Barros Rego e Mathias Coelho Barboza, capitão Cosme Bezerra Cavalcante (irmão do coronel Leonardo), Mathias Vidal de Negreiros, commissario geral Manuel de Barros Rego, José Tavares de Hollanda e o sargento mór Sebastião de Carvalho e Andrade, offerecendo n'aquelle bando um premio a quem os descobrisse, e ameaçando de castigar aos que os acobertassem.

A 27 de Março chegou preso á villa, pelo capitão mór José de Barros Pimentel, o sargento mór Bernardo Vieira de Mello, sendo recolhido á fortaleza do Brum onde, alem de algemado, foi mettido a ferros. E por fim, esse governador, para completar sua obra da mais infrene perseguição aos pernambucanos, chama ao Recife os ouvidores da Parahyba, Jeronymo Corrêa do Amaral, de Alagôas José Soares da Cunha, para que, juntos com o ouvidor João Marques Bacalhau e o Juiz de Fora Paulo de Carvalho, constituindo um tribunal de relação, condemnassem á morte os presos, chegando a infamia do procedimento e empenho, ao ponto de ser offerecido ao ouvidor das Alagôas, 3.000 cruzados, por seu voto, conforme depois elle certificou com juramento, nada sendo conseguido pelos interessados, porque aquelles dous ministros retiraram-se para seus districtos, sustentando terem incompetencia, e o proprio governador em chamal-os. Então, a 28 de Julho do sobredito anno de 1712, o mesmo governador fez partir para Lisboa, n'uma frota, todos os presos; a 18 de Junho do seguinte anno, em vista de intimação, para se affastar cem leguas da cathedral, deixa o bispo o Recife e segue para á villa de Penedo, á margem do S. Francisco; e em 30 de Junho de 1714, tambem obrigado, embarcou para Lisbôa o tombador José Ignacio Arouche, terminando, inteiramente em 1715, com a chegada, em 29 de Maio, do outro governador D. Lourenço d'Almeida, esses actos de canibalismo

fundador tinha collocado, sobre o arco do portão uma pedra com 2m.0 de altura sobre 0m,66 de largura, com a seguinte inscripção: — ESTA FORTRLEZA DA MADRE DE DEUS, E S. PEDRO REINANDO O SERENISSIMO REI D. PEDRO II. E GOVERNANDO ESTAS CAPITANIAS D. JOÃO DE SOUZA FEZ A SVA CVSTA O CAPITÃO ANT' FRS' DE MATOS PERA FAZER, SERVISO A SVA MAGESTADE QVE D'OS GOARD. ANNO DE 1685.

e selvageria de uma epocha, sem duvida para Pernambuco, conforme se expressa Porto Seguro, peior que a mais despotica do dominio hollandez.

Foi na administração de D. Lourenço d'Almeida, segundo F. Gama, que fechou-se a casa da Moeda, que tinha sido fundada na povoação do Recife em 1673, n'um edificio da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves e rua, ainda hoje conhecida, com o nome de *rua da Moeda*, e então se chamava de *Maria Rodrigues*.

Não tendo o municipio do Recife um edificio que se prestasse, ao mesmo tempo, para as sessões do Senado da Camara, e para cadeia, por carta régia de 14 de Dezembro de 1728, foi determinada similhante construcção, sendo applicado a esse fim o tributo de 400 réis, sobre caixa de assucar, o qual, anteriormente, havia sido creado com a intenção de fazer-se um molhe no porto do Recife, completando-se a importancia que faltou, por meio de duas fintas ou imposto de capitação sobre a população do municipio. No fim de Outubro de 1729 sentou-se a primeira, pedra concluindo-se no fim do anno de 1732, e havendo custado aos municipes a importancia de 9:230$877. Esse edificio, é o mesmo que, á rua 15 de Novembro (outr'ora Imperador) serve presentemente, para as sessões do Superior Tribunal de Justiça, do Jury, e para as audiencias do fôro, e foi cadeia até 1855 quando começou a Casa de Detenção a funccionar. Na fachada principal d'elle, a Camara Municipal tinha mandado collocar uma pedra, que, retirada em 1850, pertence, actualmente, ao museu do Instituto, na qual lê-se a inscripção seguinte: « ESTA PEDRA MANDOU FAZER EL-REI D. JOÃO O V NOSSO SENHOR PELO GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DVARTE SODRÉ PEREIRA. ANNO DE 1731. »

Esse governador foi substituido por Henrique Luiz Pereira Freire, que tomou posse em 24 de Agosto de 1737, e cuja administração foi uma das proveitosissimas para a capitania. Durante seu governo foi reconstruida a ponte do Recife, que se achava em estado de ruinas, servindo-se dos arcos e pilares da mandada levantar por Mauricio; e, augmentando a extensão das estivas, fez erguer sobre a extremidade d'ellas, sendo a passagem pelo centro, parallelamente e em todo o comprimento dessa ponte, duas alas de casinhas, que, destinadas a produzir renda para manter a conservação da mesma, foram locadas a mercadores de

varios generos, chegando a dar uma arrecadação annual de 4:000$000. No arco do lado da ilha foi erigido um nicho, dedicado a Santo Antonio, considerado pelo governador o padroeiro da mesma, vendo-se ainda alli as seguintes inscripções: Sobre a volta da porta do mesmo arco — DOMINE, SALVUM FAC REGEM NOSTRUM ; na base do lado meridional — DEU-SE PRINCIPIO A ESTA PONTE NO ANNO DE 1742 COM O GENEROSO DONATIVO QUE GRATUITAMENTE DERAM OS TRES ESTADOS DESTA COMARCA, SENDO OUVIDOR DELLA O DR. ANTONIO RABELLO LEITE, JUIZ DE FORA O DR. JOSEPH MONTEIRO, VEREADORES DO SENADO DA CAMARA JOSEPH VIEIRA D'AZEVEDO, AMBROSIO MACHADO DA CUNHA E CAPITÃO ANTONIO BAPTISTA COELHO, PROCURADOR DO CONSELHO O DR. MANOEL RODRIGUES CUCHARRA ; na base septentrional — ACABOU SE ESTA PONTE NO ANNO DE 1743 SENDO OUVIDOR O DR. FRANCISCO CORREIA PIMENTEL, E JUIZ DE FORA O DR. JOSEPH MONTEIRO, VEREADORES DO SENADO DA CAMARA O CAPITÃO ALBERTO DE V. M. DO AMARAL, O CAPITÃO JOSÉ RODRIGUES, O CAPITÃO JOSÉ DO REGO BARROS, PROCURADOR DO CONSELHO JOÃO RIBEIRO D'OLIVEIRA. N'um quadro por cima da arcada existia tambem esta outra inscripção apagada pelas pinturas successivamente feitas: — NO ANNO DE 1743, REINANDO O MUI ALTO E PODEROSO REI D. JOÃO 5°, N. S. ARRUINANDO ESTA PONTE, FOI RECONSTRUIDA POR INICIATIVA DO EXM. GOVERNADOR HENRIQUE LUIZ PEREIRA FREIRE, COM O GENEROSO DONATIVO QUE PARA ELLA DERAM OS TRES ESTADOS D'ESTA CAPITANIA, CLERO, NOBREZA E POVO; E PARA MEMORIA DE SUA GENEROSIDADE E VALOR, COM QUE OS MESMOS ESTADOS NO ANNO DE 1654, RESTAURARAM A SOBREDITA CAPITANIA E TIRARAM DO AUDACIOSO INIMIGO HOLLANDEZ, SE ERIGIU ESTE PADRÃO. (*) »

Em seguida tambem reconstruiu a ponte dos Afogados, fez o aterro d'esse nome, na região que presentemente occupa a rua Oitenta e Nove, por onde sómente dava transito quando a maré estava vasia, tendo perecido afogados,

(*) Todas essas inscripções do arco, tendo se apagado inteiramente, em 1884, sob proposta do Major Codeceira, em sessão de 9 de Outubro, para que fossem as mesmas restauradas, e a todo tempo constasse, foi pelo mesmo Instituto deliberada a proposta, e incumbido o referido Major de restabelecel-as.

anteriormente, muitos dos que durante a enchente tentavam passar. Em continuação o mesmo governador Henrique Luiz levou a effeito a construcção da ponte da Bôa Vista no sitio da que existe, demolindo a que lhe ficava proxima, e tinha sido feita no governo de Mauricio de Nassau. E, alem de tão bons serviços prestados á villa do Recife, conseguiu a provisão regia de 24 de Setembro de 1745, que determinava a applicação exclusiva da renda das casinhas da ponte do Recife para os reparos das pontes e outras obras de Pernambuco, alem da importancia addicional de 600$000 annuaes, tirada para o mesmo fim dos cofres reaes.

Ao tempo em que foi dada a invocação ao arco de Santo Antonio, o vigario do Recife, o Rvm. Dr. Manoel Freire d'Andrade, fazendo reconstruir o arco do lado opposto, n'elle erigiu uma capellinha onde collocou a imagem da Virgem da Conceição, passando d'então por diante a ser chamado Arco da Conceição.

Ainda sob a influencia e prestigio d'esse sacerdote, que morreu em 1749, sem ter visto realisado seu desejo, a irmandade do Santissimo Sacramento do Recife deliberou construir na parte de Santo Antonio uma egreja, para accomodar, definitivamente, um sacrario que ahi tinha, e sobretudo com o fim de remover as difficuldades, muitas vezes experimentadas, funccionando o mesmo em templo que não era proprio, e portanto em que ella livremente não podia deliberar. E assim foi que tendo a mesma, para attender as necessidades espirituaes da religião e mais promptamente poder administrar aos enfermos o sagrado viatico, instituido em 1686 um sacrario do Santissimo Sacramento, na egreja de Nossa Senhora do Rosario dos pretos, em 1725 precisou removel-o para o Livramento, e em 1731, entrando em concerto essa egreja, para S. Pedro, donde veio a voltar para o mesmo Livramento em 1739. Tal ideia, porém, começou a ter execução, em 1752, pelos esforços do juiz da irmandade, o mestre de campo José Vaz Salgado, que, em hasta publica da fazenda real, comprou para o alludido intuito, pela importancia de 1:260$000, a *casa da polvora com seus pertences, dependencias e terrenos.* No proprio sitio da casa da polvora, que foi demolida, foram, n'esse mesmo anno, lançados os fundamentos do projectado templo, com a dimensão de 100 palmos de comprimento sobre 50 de largura ; e, em vista da actividade com que se

trabalhou, logo em 1753 poude ser erecta a capella mór, para a qual sem demora se fez transferir do Livramento, o sacrario do Santissimo, sendo acabada, de coberta, frontespicio, torres, corredores e sacristia, em 1765, custando, até o anno de 1790, á irmandade do Corpo Santo, a somma dé 34:649$814 rs. (1)

Depois de Henrique Luiz, foi D. Thomaz José de Mello, apezar das violencias commettidas, o governador que maior numero de serviços prestou ao Recife, deixando-lhe alguns melhoramentos materiaes. Elle não só concertou o aterro dos Afogados (2), obra de Henrique Luiz, o qual se arruinara bastante, dando-lhe 80 palmos de largura e 200 braças de comprimento, como tambem estabeleceu alli feiras, concedendo, que se estendesse por aquelle aterro, uma linha de barracas para recolher viveres e mercadorias destinadas á venda, e ordenando para sua pessoa o levantamento de uma tenda de campanha. Realisaram-se as primeiras feiras nos dias 19, 20 e 21 de Setembro de 1787, sendo extraordinariamente crescido o numero de pessoas que ás mesmas concorreram. Carecia a villa do Recife de praças de mercados, e resolvido D. Thomaz á concorrer para taes melhoramentos insinuou á camara do senado, a creação de duas praças, uma para o mercado de hortaliças, fructas, etc., e outro de peixes, concedendo a tal corporação, que annuira á sua indicação, mas não tinha dinheiro para leval-a a effeito, propondo-lhe igualmente que ella constituisse parte de seu patrimonio, tomar por emprestimo, ao cofre dos Lazaros e ao dos depositos publicos, a importancia precisa. Isso se effectuou fazendo o mesmo senado da camara, ao primeiro, o emprestimo da quantia de 800$000, e ao segundo, da de 6:936$290 rs. Com esse dinheiro foi construida a praça da Polé, (hoje da Independencia), que continha 62 casinhas, em cuja frente havia um alpendre corrido, que descançava sobre arcos; e a ribeira, na actual praça do mercado de S. José, onde havia egual numero de

(1) Essas informações são extrahidas do — Memorial Historico da egreja matriz de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, por J. P. R. Braga.

(2) Não ha muitos annos ainda a actual rua Oitenta e Nove se chamava Aterro de Afogados.

pequenas casas, e, debaixo do alpendre, 128 bancos para a venda do peixe. Prestando ainda outros serviços mandou plantar gamelleiras no Aterro dos Afogados, para que á sombra das quaes podessem se refrigerar do calor os viandantes cansados; fez regular com symetria os passeios das casas, que então eram feitos á vontade dos proprietarios; determinou o calçamento de varias ruas do bairro do Recife; fez desapparecer das portas e janellas as exquisitas rotulas de urupemas; mandou erguer, onde está o edificio do extincto Arsenal de Marinha, um grande telheiro para o recolhimento de madeiras de construcção; e ainda estabeleceu uma serralheria para concertos de armamentos e de outra natureza, dando logar a que esse officio fosse alli por muitos aprendido.

A egreja de S. José dos Carpinteiros ou Riba Mar, que estava apenas iniciada, deve tambem a esse governador a sua construcção. Para os accommettidos da terrivel morphéa, os quaes ordinariamente terminavam seus dias, abandonados pelas familias, quasi ao desamparo e em miseras cabanas, de sitio completamente affastado do centro povoado, mandou construir D. Thomaz um hospital, em Santo Amaro das Salinas, onde se recolhessem, creando, para sustental-o, o producto de certas multas, que chegaram a render tanto que, posteriormente, o cofre dessa instituição teve dinheiro para fazer um emprestimo, á juro de 5 %, á Municipalidade, como atraz já se mencionou. E, finalmente, para elle, os engeitados não ficaram esquecidos, e no bairro de Santo Antonio, no logar que hoje occupa o edificio das Obras Publicas e Inspectoria de Hygiene, mandou edificar uma casa, com os precisos commodos, para recebel-os, sendo alli collocadas duas pedras com as seguintes inscripções: na primeira — O EXM. SR. D. THOMAZ JOSÉ DE MELLO, ANNO DE 1789; na segunda — FOI ACRESCENTADA ESTA OBRA DOS EXPOSTOS CÕ AS REFERID. ESMOLAS DOS FIEIS, SENDO AINDA GOVERNADOR O MESMO ILLM. E EXM. SR. GENERAL D. THOMAZ JOSÉ DE MELLO NO ANNO DE MDCCXCV. Durante sua administração, uma terrivel secca, assolou de 1790 a 1793; mas tão acertadas medidas elle tomou que, relativamente, o Recife pouco soffreu.

Uma similhante calamidade, seguida de uma fome medonha, tendo precedido uma devastadora peste de bexigas, anteriormente havia assolado no municipio, como em

toda a capitania, nos annos de 1775 a 1776, sendo tão avultada a mortandade que os cemiterios das egrejas não comportavam mais sepulturas.

Possuindo a villa do Recife uma população de 15.000 almas, por Alvará regio de 25 de Agosto de 1789, cumprido pela provisão do diocesano D. Frei Diogo de Jesus Jardim, datada de 6 de Março de 1790, foi dividida em duas freguezias, creando-se a do SS. Sacramento de Santo Antonio que passou a ter como matriz o templo, que a irmandade do Corpo Santo, á expensas suas, havia erguido, e que, em virtude d'aquelle acto, deixou de pertencer-lhe, e sim á nova irmandade do Sacramento, que n'essa egreja se instituiu em 1791.

No correr d'esse seculo povoou-se e começou a desenvolver-se o bairro continental da Boa Vista, que, anteriormente, se compunha, em alguns logares, de alagados, e em outros, de terrenos arenosos, divididos em sitios de coqueiros. Em um d'elles, que lhe pertencia, Christovão do Rego Barros erigiu uma capellinha conhecida por Conceição dos Coqueiros, a qual existiu até ha poucos annos, sendo demolida por ter-se arruinado, e para se erguer a que, presentemente, tem a invocação de Santa Cecilia, á rua da Conceição, nome este que é uma reminiscencia historica. Durante o mesmo seculo, com o desenvolvimento que ia tendo, foram levantadas as egrejas de Santa Cruz, S. Gonçalo, Soledade, Gloria, o palacio episcopal, e fundou-se o hospicio de S. João Baptista dos frades leigos de S. Francisco, em beneficio dos Logares Santos de Jerusalem, o qual já não existe, e era onde hoje é o quartel do batalhão de linha, á rua Visconde de Camaragibe, ainda conhecida com o nome de rua do Hospicio, por aquelle motivo. Em 1805 foi constituida freguezia, desmembrando-se da da Sé de Olinda, de que era curato.

Governava Pernambuco em 1817, o capitão general, Desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro (ao depois Marquez da Praia Grande), quando em 1 de Março o ouvidor da comarca do sertão, José da Cruz Ferreira, denuncia-lhe uma conspiração de brazileiros officiaes e paizanos a qual tinha por fim tornar o Brazil independente de Portugal, e adoptar a forma de governo republicano. Antigas e fortes animosidades existiam entre portuguezes e brazileiros, e que, dia a dia, mais se azedavam pela

parcialidade, e injustiça com que eram resolvidos pelas autoridades portuguezas, todos os negocios de brazileiros. Até sociedades secretas existiam que tramavam ideias contra o governo, e a revolução deveria rebentar a 6 de Abril que era o domingo de Paschoa. O incendio ateou-se e tudo precipitou-se com a ordem do dia que o governador em 4 e 5 publicou, na qual recordava ás tropas os seus deveres, imprudentemente demonstrando opiniões mais favoraveis aos officiaes portuguezes. Em face das denuncias recebidas o governador convocou em conselho os officiaes generaes portuguezes que existiam no Recife, tendo sido excluido o brigadeiro José Peres Campello, um caracter honrado e conciliador, sómente porque era pernambucano, o que na verdade indicava claramente, o espirito de parcialidade que dominava. Considerada veridica a denuncia foi ordenada a prisão dos paizanos denunciados (*), o padre João Ribeiro Pessoa, Domingos José Martins, Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá, e dos tres capitães de artilharia Domingos Theotonio Pessoa de Mello, José de Barros Lima e Pedro da Silva Pedroso, a do tenente-secretario do mesmo corpo, José Mariano d'Albuquerque, e do ajudante de infantaria Manuel de Souza Teixeira. A prisão dos militares devia ser executada pelos seus respectivos commandantes e a dos paisanos pelo marechal Manuel Roberto. O brigadeiro Manuel Joaquim Barbosa, chefe da artilharia, portuguez orgulhoso e violento, persuadido que nenhum de seus subalternos se atreveria a desobedecel-o em sua presença, no quartel do mesmo corpo (**), quando todos estavam reunidos, em tom de insolente audacia, se dirige aos officiaes presentes, antes de dar-lhes a ordem de prisão. O capitão Domingos Theotonio, sentindo-se offendido, respondeu-lhe repellindo, e sem demora foi preso, de ordem do brigadeiro; e José de Barros Lima, conhecido pela alcunha de *Leão Coroado*, á intimação da voz de prisão, rematou embe-

(*) Procuramos reproduzir muito de perto a obra do Monsenhor Dr. F. Muniz Tavares *Historia da Revolução de Pernambuco em 1817*, cujo autor alem de tudo foi testemunha dos factos.

(**) Era na rua larga do Rosario, no sitio fronteiro ao edificio da Santa Casa de Misericordia, onde depois foi tambem quartel de policia, tendo sido demolido em 1872.

bendo lhe a espada no peito. Debalde tentou defender-se, porque na mesma occasião José Marianno, genro do aggressor, assaltando-o com successivas estocadas, fez-lhe terminar a existencia. Informado Caetano Pinto d'esse acontecimento, por um official portuguez que estava no quartel, e fugira aterrado, temendo igual sorte, d'alli até o palacio do governo, expediu seu ajudante de ordens, o tenente coronel Alexandre Thomaz para que, reuninda a tropa encontrada, se apoderasse dos officiaes amotinados. O capitão Pedroso, porém, que, tocado o rebate, já tinha distribuido o armamento pelos soldados, apenas reconhece o ajudante de ordens, brada: « Camaradas, eis o inimigo de Pernambuco, a causa das nossas desgraças. » E o misero militar immediatamente cahiu morto, trespassado de balas. O governador de seu palacio ouviu os tiros, e, desde logo, sabendo da sorte de seu enviado, acobardou-se de tal modo que, julgando-se incapaz de subjugar a revolta, embarcou com sua familia para se encerrar na fortaleza do Brum, capitulando no dia seguinte, donde depois partiu para o Rio de Janeiro. Após o successo do quartel, Pedroso junto com o joven tenente Antonio Rabello, alma cheia de enthusiasmo e ardente, com duas peças e alguns soldados encaminhou-se para o palacio do governador, então na actual praça Dezesete, e no edificio em que tinha sido o collegio dos Jesuitas, e hoje está a Faculdade de Direito, já não o encontrando; d'ahi seguem para a cadeia, na rua do Collegio, (presentemente 15 de Novembro), libertam a Domingos José Martins, e obrigam ainda o carcereiro a soltar todos os presos, que receberam armas no quartel para serem encorporados entre os soldados. Era sem nome a desordem que reinava na villa, e augmentava a confusão, o toque de rebate que proseguia, o soar dos sinos que das torres alarmavam ainda mais o povo cheio de pavor; e os portuguezes aterrados se abrigavam á bordo das embarcações, que havia no porto. Os milicianos incertos, uns se encorporavam á tropa da 1ª linha, e outros detidos no Campo do Erario (*) pelo Marechal José Roberto, na auto-

(*) Chamou-se Campo do Erario a actual praça da Republica, porque alli o governador Manuel da Cunha Menezes, sobre o destruido palacio das duas torres do Principe Mauricio, levantou a Casa do Erario, equivalente das actuaes Delegacias Fiscaes do Thesouro Nacional, chamando-se, anteriormente, Campo do Palacio Velho.

ridade de inspector, ficaram armados para repellirem qualquer ataque até que recebessem ordens do capitão general. Por instincto de conservação e sem que nenhuma ordem houvessem recebido do poder competente, alguns portuguezes mais animosos, procuraram fortificar-se no arco da Conceição, com duas peças de artilharia, que conseguiram de bordo de um navio, e principiaram d'alli a destruir a ponte do Recife. O tenente Antonio Henrique, do largo da cadeia, sem perda de tempo, vôa ao logar do perigo acompanhado dos seus soldados ; e com dous tiros de metralha bem dirigidos, do arco de Santo Antonio, consegue dispersal-os, deixando as duas peças, tres mortos e varios feridos: elles não buscam senão salvar-se, e assim uns a nado lançam-se ao mar, até ás embarcações ancoradas, e outros refugiam-se no convento da Madre de Deus. O destemido Antonio Henriques, seguindo para o bairro de S. Frei Pedro Gonçalves, sem difficuldade alguma assenhoreou-se do mesmo, completamente silencioso, sem um guarda siquer, nem na Alfandega nem no forte do Bom Jesus, estando desamparada, portanto, a propriedade particular e á mercê do acaso. Os soldados, porem, diz Muniz Tavares, mostraram-se verdadeiros pernambucanos, e ufanos da victoria, não a mancharam, respeitando o azylo sagrado do cidadão inerme ; nenhuma casa foi violada, e a Alfandega abandonada encontrou em cada um d'elles seguro e fiel guarda. »

A's 4 horas da tarde o Marechal José Roberto ainda continuava no Campo do Erario com os milicianos por elle detidos, esperando da fortaleza do Brum a requisição que fizera de armas, bem como aguardando as instrucções que pedira para guiar-se, emquanto que tambem velava alli pelos cofres nacionaes, n'esse logar depositados. Pouco tardou, porem, que não se visse obrigado a deixar o campo, sobretudo porque bem conheceu sua situação embaraçosa, não lhe tendo chegado o soccorro, que aguardava do capitão general, indo acolher-se á fortaleza do Brum, sendo inteiramente respeitado e os que o acompanhavam. Logo após os milicianos passaram-se para a tropa da 1ª linha, e a causa da liberdade foi recebendo successivamente crescido numero de adherentes. De posse do thezouro os revolucionarios, tinham avançado bastante, e n'elle encontraram a relevante somma de seiscentos contos de réis. No dia 7 foi eleito um governo provisorio composto com

os seguintes membros: Padre João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro, encarregado dos negocios ecclesiasticos, capitão Domingos Theotonio Jorge Martins Pessôa, encarregado dos negocios da guerra; José Luiz de Mendonça, dos negocios da justiça; Manuel Corrêa d'Araujo, dos negocios da agricultura, e Domingos José Martins dos negocios do commercio. Para aconselhar tambem ao governo provisorio, formou-se tambem um conselho de 5 membros: Gervasio Pires Ferreira, Dr. Antonio de Moraes e Silva, Dr. Antonio Carlos d'Andrada Machado e Silva, do deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, e do portuguez Manuel José Pereira Caldas. A 21 do mesmo mez de Março, ás 8 horas da manhã, no Campo do Erario, desfilando toda a tropa com a musica á frente, pelo deão da Cathedral realisou-se a solemne cerimonia da benção das bandeiras, collocadas n'um altar voltado para o oriente, e que no centro do largo erigiram. Eram as cores d'essa bandeira azul e branco, dividindo-a horisontalmente, em duas partes iguaes e contendo no centro branco, — uma cruz vermelha, e na cor azul mostrava o sol rodeado de estrellas, symbolo das provincias (*) insurgidas. O conde dos Arcos, capitão general da Bahia, assim que teve noticia da revolução, preparando, contra os revolucionarios, alguns navios mandou bloquear o Recife, fazendo marchar ao mesmo tempo por terra uma columna ás ordens do Marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda. A 17 de Maio, os membros do governo provisorio, conhecendo a impossibilidade de uma resistencia proveitosa, pediram a capitulação, enviando á bordo da fragata *Thetis*, o desembargador José da Cruz Ferreira, para negocial-a; mas o commandante da esquadra, Rodrigo José Ferreira Lobo, a isso se recusou exigindo a entrega da praça sem condicções. Então o mesmo governo provisorio nomeou a Domingos José Martins, dictador, e este, reunindo as tropas na Soledade e Campo do Hospital, na manhã de 19, ahi leu-lhes uma proclamação, dizendo que pensara capitular, mas que o commandante do bloqueio exigia a clausula de que as tropas seriam quintadas; e que para evitar similhante fado

(*) De 1815 por diante as capitanias passaram a se denominar provincias.

o partido a ser tomado era o de se retirarem todos para o norte, o que sómente se realisou ao anoitecer de 19, seguido de 2,000 homens que ainda o attendiam. No dia 20 as forças navaes de Rodrigo Lobo desembarcam no Recife. As fortalezas arvoram a bandeira portugueza e salvam. A 21 entram na villa de Santo Antonio do Recife as tropas, sob o commandodo general Mello Cogominho, quaes tigres esfaimados e exultantes, com a cabeça, decepada do tronco, do padre João Ribeiro, que havia se suicidado no engenho Paulista, onde enterrado, por aquelles abutres, fôra exhumado; e depois de percorrerem as ruas do Recife, mostrando-a, com escarneo, a depositaram no pelourinho : «*Sangue, sangue*, diz o monsenhor Muniz Tavares, foi a palavra de guerra que, desde aquelle instante, repetiam em altas vozes os defensores da monarchia absoluta. A 29 de Junho chegou o governador Luiz do Rego Barreto, que, immediatamente, mandou processar os chefes patriotas por *commissões militares*, cabendo-lhe a triste gloria de assignar a sentença de morte de algumas victimas. Em breve começaram as execuções, que tiveram logar no, então, *Campo da Honra*, presentemente, chamado Praça da Republica. A 3 de Julho é enforcado Antonio Henrique Rabello, que intrepido, suas derradeiras palavras á multidão foi este brado : *Viva a patria* ! A 10, mais tres victimas foram conduzidas ao mesmo supplicio : —o vigario de Itamaracá, Pedro de Souza Tenorio, José de Barros Lima (o Leão Coroado), e Domingos Theotonio Jorge. Este subindo impavido ao patibulo pronunciou essas memoraveis e dolorosas palavras : *Meus patricios, a morte não me aterra, aterra-me o juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra edade, elle é vosso ; não o abandoneis, ensinai-lhe o caminho da virtude e da honra*.... sendo-lhe embargada a voz pelo carrasco que a suffocou. A 21 de Agosto cahem ainda victimas o tenente coronel Francisco José da Silveira, o coronel Amaro Gomes Coutinho, e o joven de 20 annos, tenente José Xavier Peregrino de Carvalho. E por fim, a 6 de Setembro cessaram de viver, por similhante genero de morte, o padre Antonio Pereira d'Albuquerque e Ignacio Leopoldo d'Albuquerque Maranhão, membros do governo provisorio da Parahyba, donde vieram para serem executados. Como verdadeiros heróes e patriotas se portaram todos esses martyres, até os derradeiros instantes. E, para cumprimento da sentença em todas as

suas partes, e demonstrar melhor a ferocidade em seu requinte de perversidade, eram decepadas as cabeças dos cadaveres das victimas, e, espetadas em postes, collocados em determinados logares, para assim serem consumidas pelo tempo; as mãos tambem eram cortadas, e os troncos, arrastados em caudas de cavallos pelas ruas, mandados conduzir para o cemiterio da matriz de Santo Antonio, que era um quadro junto a essa egreja, votado exclusivamente á certa ordem de inhumações, consideradas, n'essa epocha, humildes; era uma separação social na propria morte, que nivela tudo, applicada aos suicidas, escravos, acatholicos, condemnados, etc., sendo os demais enterramentos ordinarios feitos dentro das egrejas. A 5 de Abril, porem, do seguinte anno de 1818, o governador Luiz do Rego mandou suspender a commissão militar, em razão da amnistia concedida pelo decreto de D. João VI, de 16 de Fevereiro do mesmo anno. E assim terminaram os successos da malograda revolução de 1817.

N'esse anno os moradores da povoação do Poço da Panella, fundada, de 1750 a 1758, pelo conego Dr. Francisco d'Araujo Carvalho Gondim e padre Angelo Custodio Machado Gaio, seus primeiros habitantes, os quaes, devido aos beneficos resultados de saúde ahi conseguidos, em vista do que mais tarde, fizeram promover a ideia da edificação de um templo, sob o patrocinio de Nossa Senhora da Saúde, derivando o nome *Poço da Panella* de uma fonte d'agua potavel que, proxima á povoação, havia n'uma baixa da estrada que vai da Casa Forte ao Capibaribe, da qual se servia o povo da região e arredores, collocando-se na fonte uma panella, afim de evitar que as bordas cahissem; nesse anno, como ficou dito, os moradores do logar, pelo desenvolvimento que este e suas adjacencias apresentavam, requereram ao rei D. João VI, a creação de uma freguezia; e, de accordo com o parecer favoravel da Meza de Consciencia e Ordens, foi-lhes concedido pela Resolução Regia de 31 de Julho, a qual desmembrando o districto do Poço da Panella da freguezia da Boa Vista, deu-lhe essa cathegoria, sob a invocação de Nossa Senhora da Saúde, installando-se canonicamente, porem, no seguinte anno de 1818. Continuando no governo da provincia o general Luiz do Rego, commettendo as maiores violencias e tyrannias, e por isso mesmo cheio dos maiores odios, em a noite de 21 de Julho de 1821,

João de Souto Maior, disparou-lhe um tiro, ferindo-o, quando elle á noite passava pela ponte da Boa Vista, entre dous amigos, acompanhado de suas ordenanças, voltando á sua residencia no sitio do Mondego. O assassino atirou-se da ponte abaixo no intuito de evadir-se, mas foi morto por um barqueiro que deu-lhe forte bordoada com uma vara sobre a cabeça, no momento em que, perseguido pelos gritos da comitiva do general, procurava ganhar um barco que passava. A 24 appareceu na praia dos Coelhos o cadaver, e tirado d'agua, exposto ao publico com a promessa do premio de um conto de réis, áquelle que indicasse quem tinha sido, apezar de reconhecido por quantos o viram, era tal a animadversão votada ao mesmo governador, que o interesse a ninguem moveu, para fazer similhante revelação. E assim Luiz do Rego, depois de bastantes perseguições aos pernambucanos, seguidas ao attentado, e de feita a nomeação de um conselho consultivo de doze membros, tendo nomeado, por intimação do governo provisorio de Goyanna, uma junta governativa, composta das mesmas pessoas d'aquelle conselho, mudando sómente quatro de seus membros, pelo que não se satisfizeram os goyannistas que marcharam contra o governador, dando logar aos combates de 21 de Setembro e 1 de Outubro nos postos avançados dos Afogados, capitulou, effectuando-se, a 6 do mesmo mez, uma convenção que se chamou do *Beberibe*, e se elegendo á 26, uma junta provisoria de que foi presidente Gervasio Pires Ferreira. No mesmo dia embarcou Luiz do Rego para Portugal com alguns corpos militares luzitanos. Na sua administração foram realisados, por ordem sua, embora desrespeitando muitas vezes o direito de propriedade, os seguintes melhoramentos materiaes: a estrada, em linha recta, que vai de Santo Amaro até Olinda com 2,000 braças de extensão e 40 palmos de largura, a qual é conhecida hoje com o nome de *estrada de Luiz do Rego;* reergueu a ponte do Recife que em 1815 havia cahido; fez as estradas do Manguinho, dos Afflictos, de Caxangá, da Casa Forte, parte da estrada que vai para Beberibe (na velha estrada de Olinda), a do Arraial ao Poço, as quaes eram caminhos tão estreitos que não se podiam encontrar dous cavalheiros sem encommodo. (1)

(1) Officio de Luiz do Rego ao ministro Thomaz A. Villa Nova Portugal.

A' 27 de Março de 1821 publica-se no Recife o primeiro jornal, que se denominou *Aurora Pernambucana.*

Em a noite de 1 de Fevereiro de 1822 é acceso pela primeira vez o pharol da barra do Picão. Seu assentamento, que custou 12:000$000, foi feito sob a direcção do capitão de mar e guerra João Felix Pereira Campos, tendo sido construido em virtude da resolução régia de 10 de Março de 1819. Em Maio daquelle mesmo anno começou a ser illuminado o Recife, e em Junho teve o titulo de cidade. (1)

No anno de 1824 rebentou no Recife, a 24 de Julho, outra revolução, no mesmo sentido republicano da de 1817, tendo como causas principaes a dissolução da assembléa constituinte, com a prisão e deportação de alguns de seus membros, e a nomeação pelo governo imperial de Francisco Paes Barreto (mais tarde Marquez do Recife), para presidente de Pernambuco. Manuel de Carvalho Paes de Andrade, eleito presidente de uma junta governativa recusou-se a reconhecer aquella nomeação e proclamou a *Confederação do Equador.* Mandado do Rio de Janeiro o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, com a incumbencia de debellar a revolução, este toma, por surpreza o Recife, a 12 de Setembro, e batendo os insurgentes na Bôa Vista, ajudado pela esquadra do almirante Cockrane, refugia-se Paes d'Andrade á bordo da corveta ingleza *Tweed.* Jugulada a revolução o mesmo governo imperial mandou estabelecer commissões summarias que deviam julgar *breve, verbal e summariamente* (2) os chefes e cabeças. Então principiaram as execuções sanguinarias; A 13 de Janeiro de 1825, foi fuzilado, atado a um poste de forca, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, por não haver carrasco que se prestasse a enforcal-o; enforcados —a 20, Lazaro de

(1) Ignoramos em virtude de que acto foi transferida a capital da cidade de Olinda para o Recife, pois o que se verifica dos documentos conhecidos é ter sido entre 1821 e 1823. Seria conveniente o Instituto, por investigações especiaes, liquidar este ponto obscuro, até agora.

(2) Carta Imperial de 16 de Outubro de 1824.

Souza Fontes; a 3 de Fevereiro, Antonio Macario de Moraes; a 21 de Março o major Agostinho Bezerra, e a 21 de Abril, Antonio do Monte, sendo fuzilados Nicolau Martins Pereira, e James Heide Redgers, realisando-se todas essas execuções barbaras, no logar então chamado das *Cinco Pontas*, hoje Praça de Frei Caneca.

Um almanak para o anno de 1824 dá as seguintes informações sobre o Recife, n'essa epocha; « Capital da « provincia, residencia do governo politico e das armas; « assento de todos os tribunaes, dividida em tres bairros « que estão em linha de Este a Oeste. O 1º o do Recife « onde é o porto principal, e onde estão o Arsenal, Inten- « dencia e suas dependencias, Alfandega, praça do Com- « mercio e as principaes casas de negocio; está este bairro « na extremidade da lingua d'areia que reina pela costa « d'elle até Olinda e unido ao bairro de Santo Antonio « por uma ponte construida sobre o desaguadouro dos dous « rios Beberibe e Capibaribe. 2º O de Santo Antonio, « antiga cidade Mauricéa sobre uma ilha; assento do go- « verno politico e das Armas, Casa de Fazenda, Admi- « nistração do Correio, Relação e Camara. E' mais bem « edificada que o Recife, tem edificios formosos, algumas « ruas bem alinhadas e communica aos outros bairros por « duas pontes, uma como se disse, é a do Recife, a outra « chamada da Bôa Vista, e com o arraial dos Afogados « com uma terceira. Neste bairro está a Camera, hospi- « taes em numero de tres e os quarteis da tropa. Tambem « o Trem e o Theatro que é muito ordinario. 3º O da « Bôa Vista que é o ultimo para a terra firme e por onde « entram as producções do norte e interior; o mais bem « arejado e mais moderno, ao que deve a regularidade com « que avança na sua edificação, goza de ares mais puros, « não só por aquelle motivo como pela grande quantidade « de quintaes cultivados que tem quasi todas as casas. Os « quarteis da cavallaria estão n'este bairro, que vai cres- « cendo com rapidez por isso que tem para onde se estenda. « Esses tres bairros contem de população, 36 a 40 mil, em « tres freguezias. »

A 10 de Setembro de 1827 abrio-se no Recife o Lyceu Pernambucano, sendo seu primeiro director o padre Laurentino Antonio Moreira de Carvalho.

A 14 de Setembro de 1831 a tropa que guarnecia a cidade do Recife insubordinou-se. O batalhão n. 14 dá o

exemplo da indisciplina e corre ás armas durante aquella noite. Os demais soldados se associaram áquelle batalhão, que, amotinados todos, tomam conta da cidade no dia seguinte, arrombando portas a golpe de machado, abrindo e saqueando as lojas e armazens, praticando emfim toda a sorte de arbitrariedades. A 16, porem, elles carregados de prezas do saque, foram vencidos pelos milicias e cidadãos armados, que se reuniram para esse fim; accommettidos pela Bôa Vista e Recife, pereceram na lucta mais de 300 delles, se aprisionando numero excedente de 800, que tiveram como punição serem degredados para Fernando de Noronha. Esta sedição teve o nome de *Setembrisada*.

No anno seguinte, a 14 de Abril, dá-se no Recife uma commoção revolucionaria denominada *Abrilada*. O 53 batalhão da 2ª linha, composto quasi todo de portuguezes, tomou as armas, sob o commando do tenente coronel Francisco José Martins, e do major José Gabriel de Moraes Mayer, apoderou-se do bairro do Recife, ao mesmo tempo que a guarnição da fortaleza do Brum se pronunciou por esse movimento em que os rebeldes proclamavam a restauração do ex-imperador Pedro I, que havia, no anno anterior abdicado a corôa em seu filho Pedro II. O presidente da provincia cuidando, sem perda de tempo, de reunir alguns milicias de outros bairros, e com o soccorro da Marinha, evitou que os sediciosos transpuzessem a ponte do Recife, impedindo de similhante maneira que o motim tomasse incremento, emquanto fazia abortar qualquer tentativa fora da cidade. A tropa revoltada, porem, após 40 horas d'esse estado de cousas, se dissolveu expontaneamente, e o povo passou a ponte em tropel. Muitos assassinatos então, a sangue frio, foram commettidos quando já não havia resistencia nem possibilidade de fazel-a, terminando a insana tentativa de 14 de Abril, com o luto que no dia 16 se derramou sobre a cidade.

Tendo entrado o Recife n'um periodo de paz, durante a administração do presidente, o benemerito pernambucano, Francisco do Rego Barros, (mais tarde Conde da Bôa Vista), o qual governou a provincia de 2 de Dezembro de 1838 a 3 de Abril de 1841, e de 7 de Dezembro de 1841 a 13 de Abril de 1844, bastantes melhoramentos obteve. Do antigo edificio do Erario Publico fez construir o palacio actual dos governadores; do convento dos padres da ex-

tincta congregação de S. Felippe Nery da Madre de Deus, fez o vasto edificio em que funcciona a Alfandega, abrindo, pela demolição de uma parte d'aquelle convento, a rua que fica entre ella e a igreja; ergueu o elegante e primitivo theatro de Santa Izabel, que se incendiou em 1869; a ponte pensil do Caxangá sobre o Capibaribe, a primeira n'esse genero que houve no Brazil, mas que a grande enchente do rio em 1869 a destruiu, foi tambem obra sua; bordou de extenso caes uma grande porção da cidade; reconstruiu a velha ponte da Bôa Vista; são devidas a elle as estradas de rodagem, que cortam o municipio, desde a Magdalena á Caxangá seguindo para o interior, a que começa na rua de S. Miguel dos Afogados passando por Tigipió, em direcção á cidade da Victoria, e a de Mocotolombó em direcção á Bôa Viagem, seguindo até a cidade de Santo Agostinho do Cabo, e a do norte; contractou e fez estabelecer o serviço do abastecimento d'agua potavel; montou a repartição das Obras Publicas com pessoal de engenheiros de verdadeiro merecimento, mandando contractal-os na Europa; e finalmente todo desenvolvimento a que chegou entre nós as artes liberaes e mechanicas são fructos de sua proveitosa iniciativa, mandando buscar no estrangeiro artistas para disseminar o ensino das mesmas.

Infelizmente esse periodo de prosperidades foi em 1848 interrompido pela rebellião denominada *Praieira*. A 20 de Novembro (*) no engenho Dous Irmãos, junto de Apipucos, na freguezia do Poço da Panella, dá-se um combate entre as forças dos liberaes ou *praieiras* e as da legalidade, sendo aquellas repellidas por estas, sob o commando do major João Guilherme Bruce. A 2 de Dezembro 160 revoltosos atacaram o destacamento de 30 praças, postadas entre as povoações do Monteiro e Arraial, e, apezar da superioridade numerica, foram batidos e retrocederam na maior desordem. A 23 desembarca no Recife, no vapor *Imperatriz*, o desembargador Manuel Vieira Tosta (mais tarde Marquez de Muritiba), nomeado presidente da provincia em substituição ao Dr. Herculano Fer-

(*) Extracto da *Chronica da Rebelião Praieira* em 1848 e 1849 por J. M. Figueira de Mello.

reira Penna, tomando posse a 25, e havendo sido a sua missão especial a de conjurar os perigos da situação. Empossado no governo dirigiu, desde logo, uma proclamação aos pernambucanos aconselhando-os a deporem as armas. Apezar de annunciado o ataque á capital pelos rebeldes, posto que não se crêsse, elles fizeram sua entrada, a 2 de Fevereiro de 1849, com todas as suas forças, que foram repellidas pelas legaes, que entretanto não foram surprehendidas porque havia sido, previamente, organisado um plano de defeza á todos os pontos accessiveis, por ordem do présidente da provincia. «Esses postos em a noite de 1 foram guarnecidos pela maneira seguinte: 1º o do Aterro dos Afogados com 320 praças; 2º o do Chora Menino, com 250; 3º o do Manguinho, com 380; 4º o do Olho do Boi, com 100; 5º o do Campo de Santo Amaro, com 190: ao todo 1,150 praças, sem incluir a força que foi collocada de reserva no largo do Palacio do Governo. Divididos em duas columnas egualmente fortes, os rebeldes durante a noite se approximaram cautelosamente da capital, encontrando todavia em seu avançar a resistencia da cavallaria dos voluntarios da Varzea, e a da Guarda Nacional do Caxangá, dando-se então da parte dos revoltosos duas perdas, e sendo gravemente ferido um dos voluntarios. Uma das columnas ao mando do capitão Pedro Ivo, seguindo pela estrada dos Remedios, depois de ter pousado na ilha de *Joanna Bezerra* passou-se para o *Aterro dos Afogados*. A outra, commandada pelo major João Roma, descançou no engenho *Cordeiro*, e, atravessando o Capibaribe, marchou para a Soledade. A primeira columna, depois de ter atacado, ao amanhecer, o posto do Aterro, poude proseguir e entrar no bairro de Santo Antonio, tomando as ruas do Collegio (15 de Novembro actualmente), Queimado (Duque de Caxias), Larga do Rosario, Crespo (1º de Março), União, Cabugá, Nova (Barão da Victoria), Roda e Mundo Novo (S. Francisco), unicas a que poderam alcançar, ameaçando o palacio da presidencia da provincia, e sendo d'alli desalojados pela cavallaria, voluntarios, imperiaes marinheiros e soldados de policia, em meio de nitrida lucta, e não obstante o fogo partido das habitações de alguns *praieiros*. Durante esse pelejar tremendo, tambem um forte trôço de revoltosos intentou atravessar a ponte da Bôa Vista, cortando-lhes, porem, o passo as forças legaes. Então aquelles, entrincheirados nos dous pequenos muros que guarneciam a

mesma ponte, ao nascente e poente, e bem assim nos dous sobrados fronteiros á ella, e em algumas casas baixas da rua do Sol, são desalojados d'essa vantajosa posição, em renhida pugna, pelos legalistas. Batidos ahi procuraram fortificar-se, entrincheirados nos edificios, na rua da Penha, na egreja do Livramento, rua estreita do Rosario, bêco d'este nome, e no pateo do Carmo, onde, durando muito a peleja, comtudo as forças do governo conseguiram o afastamento d'elles encantoando-os no pateo da Penha, largo de S. Pedro, ruas da Praia (Pedro Affonso), Concordia (Marquez do Herval), Augusta (Coronel Suassuna) e adjacentes.

Eram 2 horas da tarde e o general José Joaquim Coelho (depois Barão da Victoria), que não se esperava, visto como se achava, segundo se suppunha, no engenho *Serraria*, a 8 leguas do Recife, entrou na cidade com a columna ao seu mando; e após ter ido ao palacio presidencial, assume sem demora o commando em chefe de toda a força armada.

Dentro de 3 horas de sanguinolento combate foi completa a derrota dessa columna, que invadira a cidade pelo sul, e os rebeldes que não pereceram na peleja, perseguidos pela cavallaria, ou se lançavam ao rio em busca da ilha do Nogueira, morrendo então afogados, ou metralhados durante a travessia, ou foram prisioneiros, porquanto a fuga tornou-se quasi impossivel, quer pelos Afogados, quer pelos Coelhos, em cujos pontos o general, preventivamente, collocara força, guarnecendo-os, dando-se apenas a evasão do capitão Pedro Yvo e uns 50 companheiros, que rodeando a ilha de Joanna Bezerra, onde por descuido nenhuma força se postara, pela mesma poude se escapar. Os revoltosos tambem atacaram a fortaleza das Cinco Pontas, entrincheirando-se em casas fronteiras, sendo repellidos por 200 praças da guarda nacional. « A segunda columna, porem, denominada do norte, a qual, do Cordeiro atravessando o Capibaribe, seguira pelo Manguinho, e, volvendo á esquerda continuou a marcha marginando o alagado de Fernandes Vieira (hoje *Parque Amorim*), ás 5 horas e meia da manhã estava junto á primeira trincheira da Soledade, á travessa do Olho do Boi, sendo esta tomada á viva força, pela guarda avançada, depois de uma hora de renhido combate, perdendo o governo o commandante da mesma, e mais algumas praças, afóra 13 prisioneiros. Continuando a vanguarda sua marcha entrou em um quintal cujo por-

tão ficava *vis-a-vis* ao do quartel (1), onde o capitão João dos Santos Lima Pontes Baixa (2), mandou abrir setteiras no muro, para ir sustentando o fogo com as tropas do quartel, emquanto o capitão Antonio Jacintho atravessava a estrada pelo lado do palacio episcopal, e ia fazer fogo de retaguarda, para chamar a attenção dos combatentes do governo, e afim de, com mais facilidade, poder sua gente sahir pelo portão do mencionado quintal, e de assalto tomar aquelle quartel. A's 10 horas para 11 do dia, chegou o desembargador Nunes Machado, que, até então, não havia estado alli ; depois de ter abraçado ao capitão Lima Pontes Baixa, e de haver sabido que aquelle era o ponto mais forte dos que se batiam com os legalistas, chegando ao quintal, dirigiu-se em seguida ao portão d'este, para abril-o, pedindo-lhe entretanto aquelle capitão que não o fizesse e esperasse um pouco, até que o outro capitão, Antonio Jacintho désse signal. O destemido Nunes Machado, porém, talvez por não haver ouvido ou entendido, disse : *Devemos sahir*, — abrindo repentinamente o portão. Nesse momento vem do quartel uma descarga de balas e, ao mesmo tempo, vendo elle de lá apontarem-lhe as armas, fecha o mencionado portão. Mas após isso uma bala lethal atravessando a madeira do portão, attinge-lhe á cabeça onde se enerava. Elle ao recebel-a, com a mão direita dá uma grande pancada sobre a ferida, caindo para traz instantaneamente morto, sem exhalar siquer um gemido, sobre os braços d'aquelle capitão que, ao seu lado, procurando amparal-o na occasião, não o poude, mas tambem, perdendo o equilibrio, tombou arrastado pela queda da illustre victima. (3) Verificado que estava morto o desem-

(1) Servia de quartel ás forças legaes, n'essa occasião, a egreja da Soledade e o convento, onde presentemente está o collegio de S. José das Irmães Dorothéas.

(2) Essa narrativa, desde a entrada da segunda columna até a morte do desembargador Nunes Machado, é reproducção do que publicou em Maceió, no anno de 1884 o referido capitão Lima Pontes Baixa, a qual o Instituto possue no livro denominado — *Notas Curiosas*

(3) O logar em que morreu o Desembargador Nunes Machado em 3 de Fevereiro do corrente anno, foi assignalado com uma lapida, que alli se vê no sobrado fronteiro á egreja da Soledade.

bargador Nunes Machado, o mais proeminente dos chefes da revolta, em cujos bolços encontrou o capitão Lima Pontes Baixa, um jogo de pequenas pistolas de couce, de marfim, as quaes entregou ao Dr. Felix Peixoto de Brito, foi collocado o cadaver n'uma rêde, e conduzido para a retaguarda.» (1) Depois foi piedosamente levado, estrada acima, para a capella de Belem. No dia seguinte ao do cruento combate, por ordem do presidente da provincia, a quem constou a estada do mesmo cadaver alli, o chefe de policia fel-o transportar na referida rede, aos hombros de 4 pessôas, para á cidade, acompanhado de 50 praças da 1ª linha e muitos voluntarios. Por toda a parte, por onde passava o feretro, grande era o concurso dos que se moviam para vel-o, tendo muitas vezes o funebre cortejo de parar, não só para descançar os carregadores da victima, já porque muitos cidadãos se arrojavam á rede em que jazia, afim de o reconhecerem, e lastimarem, e ainda lamentar seu triste passamento. Chegando á cidade e ao convento de S. Francisco, depois de feita a vistoria e de se lavrar o competente termo d'esse facto e do reconhecimento, o chefe de policia entregou os restos mortaes ao guardião, á pedido deste, para lhe dar sepultura decente.

Desde tamanhas desgraças, a ordem publica não foi mais perturbada no Recife; e, não obstante a immensa mortandade occasionada pela febre amarella e pelo cholera, nos annos de 1851 e 1856, não tem elle soffrido mais nenhuma perturbação em seu desenvolvimento. A edificação progrediu e o espirito de associação e emprezas tem gradualmente transformado a cidade.

Em virtude da Lei Provincial n. 38, de 6 de Maio de 1837, havia sido o Arraial dos Afogados, que se desenvolvera bastante, elevado á cathegoria de freguezia, pela suppressão da da Varzea, que depois a Lei n. 173 de 20 de Novembro de 1846 restaurara. Em 1847, tambem a Lei n. 133 de 2 de Maio, tinha creado, por desmembramento de uma parte do territorio da freguezia de Santo Antonio, que se estendia até á ponte dos Afogados, a de S. José. Finalmente ainda a Lei n. 939 de 22 de Junho de 1870, dividindo a freguezia da Bôa Vista, creou a de

(1) Terminou ahi a narrativa do capitão Pontes Baixa.

Nossa Senhora das Graças ou Graça, cuja installação canonica se deu a 8 de Setembro do mesmo anno.

Proclamada a Republica, e em virtude da Constituição, se haver dividido o Estado em municipios autonomos, de accordo com a Lei n. 52 de 3 de Agosto de 1893, constituiu-se o municipio do Recife, em 28 de Fevereiro de 1894, sendo eleitos para seu primeiro governo os seguintes cidadãos : Prefeito, o Dr. Manoel Pinto Damazo, e Subprefeito, o Dr. José Marcelino da Rosa e Silva ; — Concelho Municipal — Desembargador Luiz d'Albuquerque Martins Pereira, José Xavier Carneiro de Barros Campello, Dr. Ascenço Maria de Castro Mascarenhas, Dr. Thomaz F. de Carvalho Sobrinho, Coronel Francisco Pedro Boulitreau, Dr. Fabio da Silveira Barros, Alfredo Falcão, Coronel Francisco Faustino de Britto, José Faustino Porto, Dr. Joaquim Correia d'Araujo, Fernando Pereira da Silva, José Parente Vianna, Coronel André Maria Pinheiro, e Felix Pereira de Souza.

O municipio do Recife tem sido o berço de grande numero de filhos illustres, e entre outros mencionaremos os seguintes, mais ou menos na ordem em que floresceram :

Jacob d'Andrade Velosino, nascido em 1657, foi medico de profundos estudos sobre medicina, tendo se distinguido bastante, especialmente, em Amsterdam, na Hollanda, para onde se passou. Foi autor de varias obras de merito. (Vide D. Diogo Loreto Couto, *Glorias de Pernambuco.*)

Frei João da Apresentação Campelli, nascido em 1690, grande theologo e pregador de nomeada, professor de humanidades, seu nome é celebrado por varios escriptores, entre os quaes Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico.*

Frei Luiz Botelho do Rosario, nascido em 1695, foi orador sagrado de reconhecidos dotes, gozou a fama de grande talénto e illustração, e ainda de um sacerdote virtuoso. Compoz alguns trabalhos litterarios. (1)

(1) Vide *Diccionario de Pernambucanos Celebres* do Dr. F. A. Pereira da Costa, e a *Memoria Historica e Biographica do Clero Pernambucano* pelo Padre Lino M. C. Luna.

Francisco de Salles e Silva, nascido em 1712, autor de varios trabalhos em prosa e verso, inclusive muitas comedias. (L. Couto.)

Padre Antonio da Silva Alcantara, nascido em 1712, foi tão notavel musico em seu tempo que, desde os 14 annos de edade, as suas composições recebiam os maiores applausos dos entendidos, figurando entre as principaes, *Ladainhas*, *Te-Deum* a quatro coros e a dous, *Antiphonas á Santa Cecilia*, e *Sonatas* para rabeca, cravo e cythara.

Francisco de Souza Magalhães, nascido em 1718, orador sagrado e poeta, autor de varios trabalhos em prosa e verso. (L. Couto.)

D. Diogo de Loreto Couto, religioso de grande merito litterario, e autor da excellente obra, ainda em manuscripto, *Desaggravos* e *Glorias de Pernambuco*, concluida em 1757.

Padre José Corrêa de Mello, nascido em 1719, orador insigne e poeta sacro.

Luiz Alves Pinto, que, tendo nascido em 1719, e feito seus estudos na Europa, desde verdes annos, distinguiu-se especialmente na musica, *em cuja arte se lhe admirava os prenuncios de um genio luminoso*, havendo publicado em Portugal trabalhos sobre musica e litteratura, e morreu em sua terra natal, em 1789, com a merecida reputação, de musico e compositor eximio.

O Deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, que, nascido em 1755, patriota e cheio de talento, é um dos salientes e sympathicos vultos da historia contemporanea, no periodo das luctas da independencia da patria.

Gervasio Pires Ferreira, que viu a luz no anno de 1765, e tornou-se notavel pelos serviços prestados em pról da independencia brasileira, fallecendo em 9 de Março de 1836, nobilitado por seus feitos patrioticos.

José Ignacio Ribeiro d'Abrêu e Lima, que professou o habito carmelita sob o nome de Frei José de Santa Rosa, conhecido depois pelo de Padre Roma, nasceu em 1768; sacerdote,—fôra respeitavel como orador sagrado, e, formado em direito, se fizera insigne advogado, tornando-se sobretudo um nome legendario da historia, como martyr de 1817, acabando seus dias, cheio de resignação e coragem inauditas, no Campo da Polvora na Bahia, aos 29 de Março d'aquelle anno, sendo estas as suas heroicas, memorandas

e derradeiras palavras: *Camaradas, eu vos perdôo ; lembrai-vos na pontaria, que aqui* (pondo a mão sobre o coração) *é a fonte da vida, atirai....* E atiraram......

Padre Virginio Rodrigues Campello, litterato e poeta distincto, nasceu em 1770, e finou-se em 1836.

Joaquim Jeronymo Serpa, cirurgião, nasceu em 1773, foi um dos revolucionarios de 1817 e publicista de merecimento, dando á luz aos seguintes trabalhos: *Elementos de botanica ; Lista dos vegetaes que servem para uso culinario, na provincia de Pernambuco*, e *Topographia da cidade do Recife.* Falleceu aos 17 de Julho de 1842.

D. Frei Carlos de S. José e Souza, carmelita, nasceu em 1777, e dotado de vigoroso talento, illustração não vulgar, merito scientifico e virtudes, terminou seus dias aos 3 de Abril de 1850, elevado á dignidade de Bispo do Maranhão.

Frei Leandro do Sacramento, sabio brasileiro e grande naturalista, nasceu em 1778 e morreu em 1 de Julho de 1829.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, nasceu em 1779, foi um dos martyres da liberdade, em 1817 e 1824, e um dos grandes vultos pernambucanos, quer como patriota, quer como escriptor.

O Vigario de Itamaracá, Pedro de Souza Tenorio, nascido em 1779, um dos campeões da causa da liberdade em 1817, terminou a existencia no patibulo a 10 de Julho d'esse anno.

Bernardo José da Gama (Visconde de Goyanna), litterato e benemerito pernambucano, nasceu em 1782, e falleceu a 3 de Agosto de 1854.

Frei Pedro de Santa Marianna, o erudito e talentoso bispo de Crysopolis, nascido em 1782 e finado a 6 de Maio de 1864.

O Dr. Padre Francisco José Arantes, que viu á luz em 1783 e falleceu em 1868, tendo sido um dedicado cultor da sciencia e das bellas lettras, e deixando obras publicadas que demonstram sua proficiencia.

Francisco Xavier Pereira de Britto, que, nascendo em 1786, foi um medico talentoso e respeitavel, e patriota illustre de 1817 e 1824, falleceu aos 31 de Julho de 1844.

O major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, nascido em 1788, o intemerato patriota de 1824, que terminou

sua existencia no patibulo, em 21 de Março do anno seguinte, com singular valor só proprio de heróes.

O Padre Francisco Ferreira Barreto, litterato, poeta distincto, orador e publicista. Nasceu em 1790 e falleceu em 25 de Fevereiro de 1851.

O Padre João Baptista da Fonseca. que viu a luz em 1790, e distinguiu-se como orador, poeta inspirado, desenvolvendo-se-lhe o éstro desde tenra edade, philosopho e sacerdote respeitavel, fallecendo em 1 de Fevereiro de 1831.

O Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, nasceu em 1791, foi professor abalisado de diversas disciplinas, orador eloquente, jornalista de muito valor, poeta, litterato, e, fallecendo em 9 de Dezembro de 1852, deixou muitas obras publicadas sobre varios assumptos importantes.

Monsenhor Francisco Muniz Tavares que, nascendo em 1793, e fallecendo em 23 de Outubro de 1876, foi um dos martyres da liberdade em 1817, deputado da primeira constituinte, publicando depois a conhecida obra —*Revolução de 1817*—, e sendo um dos socios installadores do Instituto e seu primeiro presidente.

O Commendador Antonio Joaquim de Mello, nascido em 1794, o qual alem de ter sido um dos patriotas de 1817 e 1824, foi um litterato de subido merito, poeta, e sobretudo um incansavel zelador das glorias patrias, tendo colligido as obras de Frei Caneca e as do Vigario Barreto, e sendo o autor da obra—*Biographia de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco.*

O Conde de Irajá, Bispo do Rio de Janeiro, D. Manuel do Monte Rodrigues d'Araujo, nascido em 1798, prelado de veneraveis virtudes, brilhante talento, e publicista, falleceu em sua diocese a 11 de Junho de 1863.

Dr. Simplicio Antonio Mavignier, talentoso medico, e digno apostolo de caridade, durante sua vida publicou varios e importantes trabalhos scientificos, e, nascido em 1800, acabou a existencia aos 2 de Agosto de 1856.

O Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, 2º Barão de Itamaracá, que havendo nascido em 1804, como orador, poeta, medico, diplomata, em tudo foi uma gloria pernambucana, e falleceu em Lisbôa em 5 de Janeiro de 1868.

Alvaro Teixeira de Macedo, nascido em 1807, autor

do celebre poema a *Festa de Baldo*, foi diplomata distincto e finou-se na Belgica em 1849.

Dr. Francisco de Paula Baptista, nasceu em 1811, foi emerito professor da Faculdade de Direito, publicista, orador fluente, jurisconsulto de nota e um dos mais fulgentes talentos brasileiros, e falleceu aos 26 de Maio de 1881.

O Padre Ignacio Francisco dos Santos, illustrado sacerdote, nascido em 1812 e fallecido em 17 de Maio de 1892, dotando a litteratura nacional de varios trabalhos interessantes.

Dr. Felippe Nery Collaço, viu á luz no anno de 1815, distinguiu-se como jornalista, professor provecto de diversas disciplinas, cultor de lettras e sciencia, e, tendo publicado algumas obras sobre varios assumptos, terminou a existencia a 3 de Março de 1894.

Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares, nascido em 1815, foi vulto saliente na rebelião praeira de 1848, professor da Faculdade de Direito, poeta mavioso, parlamentar, litterato, jornalista e jurisconsulto, fallecendo em 25 de Abril de 1869.

Dr. Joaquim Villela de Castro Tavares, irmão do precedente, nasceu em 1816, e figurou brilhantemente nas lettras patrias, principalmente, como jurista e professor da Faculdade de Direito, dando á publicidade a obra denominada —*Instituições de Direito publico e ecclesiastico*— finando-se em 11 de Março de 1858.

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, que nasceu em 1816 e morreu aos 29 de Março de 1868, tendo se distinguido como jurisconsulto, orador, litterato aprimorado, jornalista attico, sendo emfim uma das glorias de sua terra natal.

O Barão de S. Borja, Victorino José Carneiro Monteiro, nascido em 1826 e fallecido em Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, em 1877, deixando na historia patria um nome verdadeiramente illustre, em diversos feitos de sua carreira militar e sobretudo na campanha do Paraguay.

D. Francisco Cardoso Ayres, o piedoso e illustrado bispo da diocese Olindense, nasceu em 1821, e expirou na Europa aos 14 de Maio de 1870.

O Padre Lino do Monte Carmello Luna, cujo nascimento teve logar em 1821, e falleceu em 23 de Junho de

1874, tendo sido orador sagrado de merecimento, homem de lettras e publicista, autor da obra — *Memoria historica e biographica do Clero Pernambucano.*

Dr. Ignacio Firmo Xavier, que viu a luz em 1825, foi um clinico de benemerencia, e de não menos valor como homem de lettras, descendo á campa, em 7 de Novembro de 1870.

Dr. Felippe Lopes Netto, ou Barão Lopes Netto, nasceu em 1814, foi jornalista, diplomata e publicista, fallecendo em Florença, em 8 de Novembro de 1896.

Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, nascido em 1826, litterato, douto professor, jornalista, mavioso poeta, e um dos gloriosos fundadores do Instituto, fallecendo em 11 de Novembro de 1872.

José de Vasconcellos, que, nascendo em 1829, foi distincto jornalista e fundador do *Jornal do Recife*, poeta, publicista e sobre tudo dedicado cultor do estudo da historia patria, fallecendo em 16 de Junho de 1895.

Manuel Antonio Vital d'Oliveira, capitão de fragata, nascido em 1829, um dos bravos da guerra do Paraguay, e autor do *Roteiro da Costa do Brazil*, morto no combate de Curupaity, a 2 de Fevereiro de 1867.

Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, viu a luz em 1832, foi talentoso professor da Faculdade de Direito, notavel advogado, orador de brilhante eloquencia, jurisconsulto e litterato, fallecendo a 3 de Setembro de 1880.

Dr. Manuel do Nascimento Machado Portella, nasceu em 1834, distinguiu-se como professor de Direito, orador parlamentar, jurisconsulto e advogado, finando-se em 9 de Dezembro de 1895.

Dr. Manuel Buarque de Macedo, estadista, orador, engenheiro distincto, e grande homem de talento, nasceu em 1837 e succumbiu repentinamente em S. João d'El-Rei em Minas, quando ia assistir á inauguração da estrada de ferro do Oeste, no caracter de ministro da agricultura, aos 27 de Agosto de 1881.

Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato, nasceu em 1839, distinguiu-se como orador sagrado, como professor de humanidades, publicou muitos trabalhos litterarios e foi o autor do *Diccionario Topographico da provincia de Pernambuco*, fallecendo no Rio de Janeiro em Agosto de 1891.

Victoriano José Marinho Palhares, nascido em 1840, foi poeta distinctissimo e inspirado ao lado de Castro Alves,

Tobias Barreto, Varella, Guimarães Junior e outros contemporaneos seus, publicando os seguintes volumes de versos: *Mocidade e Tristeza*, *Centelhas*, *Peregrinas e Perpetuas*; o poemeto *Noites da Virgem*; a opereta biblica *Aurora da Redempção*; e ainda as producções *Drama do Seculo*, *As Victimas*, e *Romeu e Juliêta*. Depois de longa molestia desappareceu do mundo aos 5 de Fevereiro de 1890.

Manuel de Carvalho Paes de Andrade, distincto cultor de lettras e poeta, falleceu em 5 de Novembro de 1869, deixando dous volumes de versos, intitulados *Flores Singellas* e *Flores Pallidas*.

E alem d'esses recifenses illustres, outros existiram, sendo, porém, impossivel nomeal-os todos.

SITUAÇÃO TOPOGRAPHICA. — A cidade do Recife está a 8° 3' de latitude Sul e a 8 15' de longitude Este do Meridiano do Rio de Janeiro, a 34° 12' do de Greenwich e 37° 12' do de Paris, e distante 1650 kilometros NE. do Rio de Janeiro.

DIMENSÕES DO TERRITORIO. — Tem o municipio do Recife, em sua maior extensão, 21 kilometros de Norte a Sul, de suas extremas com Olinda, pelo rio Paratibe, em Mumbeca, ás com o municipio de Jaboatão no rio Tigipió, pelas terras do engenho S. Francisco; e 20 kilometros de Léste a Oéste, desde o bairro do Recife ao logar Pau-Ferro, nas confinações com S. Lourenço da Matta.

ASPECTO DA CIDADE E NATUREZA DO SÓLO. — A cidade tem um bello aspecto. Um braço de mar onde desaguam os dous rios Capibaribe e Beberibe, banhando-a inteiramente, lhe dá um ar todo alegre. O Capibaribe que se atravessa no municipio por cima de elegantes pontes de ferro, e que é apenas navegavel até 12 kilometros acima de sua embocadura, tem no interior da cidade de 160 a 300 metros de largura e é todo encaixado entre dous cáes. Comprehende a cidade tres secções distinctas: — A *peninsular*, occupada pelo bairro de S. Frei Pedro Gonçalves ou Recife propriamente dito, que é a parte maritima, e primitivamente tomou o nome do correr de rochedos ou recifes que protegem o porto, é banhada a L e SE pelo Oceano, e ao O, pelos rios Capibaribe e Beberibe, que n'esta parte formam um estuario. A *insular*, que contém as freguezias de Santo Antonio e S. José, antiga ilha de Antonio Vaz ou cidade Mauricéa, fronteira ao bairro do Recife, de forma

oblonga, e com a extensão de 620 braças (*) é banhada pelos dous braços do Capibaribe, —o do Norte que, depois de separar as freguezias de Santo Antonio e Bôa Vista e contornar a ilha, encontra o rio Beberibe, indo juntos para o mar ; e o do Sul, outr'ora rio dos Afogados, que segue n'essa direcção separando as freguezias de Bôa Vista e S. José, em seguida esta da dos Afogados, circulando a ilha por Oeste, Sul e Leste, até desaguar no Oceano, e encontrando junto á ilha do Nogueira o outro braço desviado. E a *continental* onde está a freguezia da Bôa Vista, comprehendido n'ella o bairro de Santo Amaro das Salinas, e tendo uma perspectiva toda distincta dos outros bairros, pela natureza da edificação mais desembaraçada e melhor architectada, e ainda porque ahi se respira uma atmosphera mais pura e mais saudavel. Toda a área do terreno em que está situada a cidade e o municipio forma uma immensa e dilatada planicie arenosa, circumdada, já em distancia, por collinas baixas de argilla avermelhada. E' um panorama variado e deslumbrantemente encantador, o que se offerece á vista d'aquelle, que, dos cimos de taes ondulações de terreno, contempla, de um só golpe de vista, todo esse conjuncto de bellezas que não se descrevem : — o mar, ora verde, ora azul, que ao longe e amoroso beija a cidade ; a casaria alva, agglomerada, que a entremeia lagos e canaes, e, ao mesmo tempo, liga pontes derramadas sobre essas aguas, surgindo do meio de tudo isso zimborios e esguias torres ; e depois, as hortas e jardins, que se avisinham immediatamente d'esse nucleo ; a edificação que se desafoga com seus pomares ; os casaes graciosamente esparsos por aqui e alli; e emfim os coqueiraes erguidos, agitando garbosos suas verdes palmas, completam esse quadro que se perde no horisonte.

CLIMA E SALUBRIDADE. — Da publicação *Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria para o anno de 1897*, feita pela Inspectoria de Hygiene do Estado, sob a direcção do Dr. Octavio de Freitas, artigo —Climatologia do Recife—

(*) Segundo a medição do engenheiro Lagos, feita no tempo e por ordem do governador Caetano Pinto de M. Montenegro. (*Estatistica Civil e Politica de Pernambuco por J. M. Figueira de Mello.*)

do Dr. Luiz Lombard, professor da Escola de Engenharia, nos servimos das seguintes informações, colligidas pelo seu autor em observações do periodo de 21 annos, desde 1876 a 1897 : « *Temperatura.* — A marcha annual da temperatura média é muito regular. Minima com 24° no mez de Julho, epoca das maiores chuvas, ella cresce até Fevereiro, ultimo mez do verão, onde attinge seu maximo de 28°, para depois baixar progressivamente até Julho. Si repararmos que o sol passa no zenith a 13 de Outubro e a 28 de Fevereiro, vemos que a temperatura cresce sempre n'esse intervallo, e que chega a ser maxima quando se effectua a segunda passagem ; depois que a temperatura minima corresponde em Julho com o maior affastamento do sol ao norte. A influencia das chuvas tambem é notavel porquanto no periodo chuvoso a temperatura é decrescente, ao passo que eleva-se constantemente na estação secca. A temperatura média annual é de 26°,5'. A mais alta temperatura, 39°,6' foi observada em Abril de 1886, e a mais baixa, 11°,4, em Setembro de 1885. A oscillação maxima até hoje conhecida, é portanto, de 28°2'. Porém essas duas temperaturas extremas são excepcionaes porque não se reproduziram e os extremos logo inferiores de 37°3' e 16°3' são os limites frequentes da variação thermometrica. A variação média annual da temperatura nos é dada pela differença entre a maxima média de 29°5', e a minima média de 23°4', sendo pois de 6°1'. *Pressão atmospherica.* —Examinando-se a marcha da pressão atmospherica nota-se logo a pequena amplitude das variações barometricas. A pressão média sóbe de Março a Julho, passa pelo seu maximo que é de 760mm89, e depois baixa do mesmo modo de Julho a Março, sendo a minima a 757mm47. A oscillação annual média é, pois, de 3mm42 apenas. As variações barometricas e thermometricas são sensivelmente inversas uma da outra, havendo sómente discordancias nas epocas de se produzir o minimo da primeira e o maximo da segunda, que são respectivamente Março e Fevereiro. Foi de 765m30 a mais forte pressão observada, no mez de Julho de 1882, e de 751mm48, a mais fraca, em Fevereiro de 1892 ; d'ahi deduz-se que a oscillação barometrica maxima é de 13mm82. Essas pequenas variações barometricas justificam a ausencia no Recife de grandes perturbações atmosphericas, taes como, tempestades, furacões, cyclones, etc. Com effeito a velocidade média do vento, á qual a pressão

é intimamente ligada, não ultrapassou de 16 metros por segundo, isto é, a do vento chamado *muito forte*, em 10 annos de observação. *Chuvas.*—A altura média da chuva cahida annualmente é de 2147mm e o numero médio de dias chuvosos é de 184; o que significa que chove mais ou menos a metade do anno, ou que em dous dias ha um chuvoso. O anno divide-se em dous periodos, muito bem caracterisados, um de Março a Agosto, muito chuvoso e por isso chamado *estação das chuvas* ou *inverno;* outro de Setembro a Fevereiro, especialmente secco, e conhecido por *estação secca* ou *verão.* Em Novembro e Dezembro cahem pequenos aguaceiros ou *chuvas de cajú*, e em Janeiro e Fevereiro, esses aguaceiros tornando-se mais numerosos e mais abundantes, constituem as primeiras aguas que precedem o regimen chuvoso que se estabelece francamente em Março. Mas a chuva cahida no verão comparada a do inverno é cinco vezes menor. *Estado hygrometrico.* — A tensão média do vapor d'agua durante o anno acompanha mui sensivelmente a temperatura. Ambas augmentam e diminuem ao mesmo tempo; porem as epocas de maximo e de minimo para a tensão, que são Março e Abril, produzem-se com o atrazo de um mez relativamente ao da temperatura. A razão está em não corresponder de Julho a Agosto, por exemplo, o pequeno accrescimo de calôr á forte variação da humidade relativa causada pela diminuição rapida das chuvas; pelo que ha baixa na tensão do vapor em relação a temperatura, mas esta elevando-se depois rapidamente arrasta comsigo a tensão na sua marcha ascendente. De Fevereire a Março, os mesmos phenomenos se reproduzem, mas em sentido contrario. A tensão maxima é de 21m08' e a minima de 18m34 donde resulta uma oscillação média annual de 2m74. A maxima humidade mantem-se, mais ou menos, durante os mezes de Junho e de Julho, para em seguida baixar rapidamente até Outubro, conservando-se minima e quasi constante durante o verão; mas a partir de Fevereiro, ella se eleva progressivamente até Junho, devido a influencia das chuvas até attingir seu primitivo valor. A marcha da humidade relativa acompanha a da chuva, mas é sensivelmente inversa á temperatura, o ar é menos carregado de vapor d'agua, o que suavisa muito o calôr estival. Assim se explica porque no Rio de Janeiro por exemplo, onde o extremo da temperatura é de 39°, como no Recife o verão é muito menos supportavel, por

causa da humidade que é na média de 78 % n'aquella cidade ao passo que n'esta apenas é de 74 %. *Ventos.* — Pela sua importancia relativa tomam o primeiro lugar os geraes de SE, cuja porcentagem é de 25,4 % no anno, vindo em seguida os ventos de ESE com 20 % e os de E com 17,8 %. Os geraes são tambem os mais constantes; pois não ha epoca no anno, em que não soprem, variando apenas entre os limites de 12 a 31 %. A direcção de SE divide os ventos em dous grupos: um composto de direcções mais ao sul, os de SSE e de S, cuja porcentagem acompanha exactamente a marcha da chuva; outro formado de direcções mais ao norte de ESE, E e ENE, cuja porcentagem é inversa. Aquelles nos trazem as chuvas do inverno, estes a secca do verão, podendo ser qualificados, os primeiros de ventos *humidos*, os segundos de ventos *seccos*. E' digno de reparo a fraca importancia annual das calmas, inferior na média a 3 %; de modo que se póde dizer que a cidade do Recife é sempre ventilada, o que explica a ausencia dos dias de calôr abafado, que se experimentam em outros pontos do littoral. Os mezes de ventos mais fortes são os de Junho a Outubro; mas a velocidade média–maxima, registrada, foi de 15m97 por segundo, isto é, que os ventos no Recife são apenas *fortes* em geral. »

A respeito da *salubridade* do municipio do Recife julgamos sufficiente a transcripção aqui do juizo competente do Dr. Rodolpho Galvão, digno inspector de hygiene do Estado, o qual consta de seu Relatorio apresentado ao Governador do Estado, em 1893, na secção *molestias reinantes*, e é o seguinte: « De um modo geral póde-se affirmar que no Recife não ha uma predominancia accentuada de certas molestias, de maneira a exceder a sua cifra de frequencia em outros logares, onde não haja uma constituição medica especial. Nota-se, porém, uma certa frequencia de perturbações gastro-intestinaes ás molestias de outros apparelhos. As affecções do apparelho respiratorio, excepção feita da tuberculose pulmonar, não tem a frequencia que se observa em outras cidades do Brasil, onde as variações da temperatura são bruscas e constantes, como em quasi todas as cidades do sul, comprehendidas n'uma determinada zona. Quanto á tuberculose é preciso dizer que não é mais frequente aqui por toda a parte onde se acham reunidas as condições para seu desenvolvimento. Como to-

das as cidades populosas o Recife tambem paga largamente seu tributo a tão mortifera molestia; mas ainda assim em menor escala do que Paris, Londres ou Rio de Janeiro, guardadas as relações de população. As manifestações palustres, em suas multiplas modalidades, tão communs n'esta zona tropical, e que na capital da União fazem tantas victimas, reinando alli com mais frequencia e com o mesmo gráo de lethalidade da febre amarella, revestem ordinariamente entre nós as formas mais benignas. Observam-se, é verdade, casos e não muito raros das manifestações mais graves do miasma palustre em seu mais alto gráo de intoxicação; porém nunca na mesma escala em que se nota em outras partes, notavelmente no Rio, onde os accessos perniciosos são mais para temer do que a propria febre amarella, que, ao menos, poupa os naturaes do paiz e os acclimatados, e só manifesta-se em certos mezes do anno com caracter epidemico. A febre amarella quasi não seria mencionada nos nossos quadros nosologicos si não fossem alguns casos esporadicos em estrangeiros recentemente chegados; mas isso quando as condições de receptividade individual são aggravadas por certas imprudencias e quando a estação é favoravel ao apparecimento da molestia, cujo germen existe provavelmente no sólo. Entretanto são casos isolados, e só por excepção tem se visto o mal tomar proporções de uma epidemia, que, neste caso, é pouco intensa, e limita-se sua extensão a certos quarteirões. A febre typhoide, que existe mais ou menos onde ha agglomeração humana, não deixa de fazer victimas entre nós; mas nem tem aqui, clinicamente fallando, a nitidez dos typos classicos observados na Europa, nem se desenvolve epidemicamente. Não é pois este o morbo a que a população pague um largo tributo; pelo contrario, comparando com outras cidades que passam por salubres, o Recife teria n'este particular uma classificação muito favoravel. A variola, esta sim, uma vez por outra recrudesce em extensa e mortifera epidemia, fazendo innumeras victimas, que entretanto seriam poupadas se procurassem em tempo o conhecido preservativo de tão hedionda molestia. Ao governo e ao publico em geral cabe a responsabilidade das epidemias de variola que sempre apparecem no Recife: o publico se furtando por incuria, ou por preconceitos mal entendidos a um meio tão facil e tão seguro de preservação; o governo não estendendo e distribuindo

regularmente postos vaccinicos por toda a cidade, de maneira a facilitar a disseminação da preciosa lympha, que assim ficaria ao alcance de muitos, que, por motivos diversos, não podem vir procural-a em um ponto unico e distante. De par com a variola reina, quasi sempre o sarampão, mas com um certo caracter de benignidade tal que o vulgo suppõe ser uma molestia quasi nada grave. A escarlatina é quasi desconhecida aqui, onde são rarissimos os casos observados. A syphilis produz entre nós vastos estragos e é muito frequente. Mas em que paiz civilisado deixa ella hoje de infeccionar gerações e gerações. Entretanto convem assignalar um facto, cuja discussão não cabe aqui, e vem a ser a benignidade relativa dos casos e a facilidade com que cedem ao emprego dos medicamentos conhecidos como heroicos em tal molestia. Questão de clima? Modalidade ethnica do virus, ou a sua benignidade pela eliminação rapida da pelle? São questões que não podem ser resolvidas de passagem, e pedem antes um estudo clinico demorado e completo. O alcoolismo está longe de ser aqui o flagello das classes menos desfavorecidas da sociedade, como é em outras partes; e por isso mesmo nenhuma nota mais desenvolvida se lhe deve, senão a simples menção que lhe acabo de fazer. O beriberi, que ha annos reinou com alguma intensidade, tem ido gradualmente desapparecendo do obituario; e hoje os clinicos admiram-se da raridade dos casos, sem que se possa bem atinar com a causa de tão curioso quanto salutar phenomeno. Além das apontadas, nenhuma outra molestia sae das raias da frequencia ordinaria em toda a parte, para ser mencionada. »

LIMITES. — O municipio do Recife se limita: a L com o oceano Atlantico: ao N e NO com o municipio de Olinda; ao O com o de S. Lourenço da Matta; ao S, ainda com o S. Lourenço na freguezia de Nossa Senhora da Luz, e com o de Jaboatão: ao SE com os de Jaboatão e Muribeca. A linha de confinação se estabelece do seguinte modo: A partir da Cruz do Patrão, no Isthmo, freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, (limites do N com Olinda), segue a encontrar a cambôa da Tacaruna, depois a do Salgadinho, atravessando o pantano em busca do riacho Agua Fria e continuando por este acima até o riacho Bomba, e deste á estrada do Bartholomeu; dahi vai ao encontro da estrada do Arraial, desta prosegue pela que se dirige, sempre a

direita, ao Brejo; atravessa o riacho Brejo ou Morno (procedente de Pimenteiras), subindo pela estrada do Gizeiro e desse ponto a chegar ao logar Passagem das Môças, á margem direita do rio Beberibe; segue a divisão, subindo pela margem desse rio, até o riacho Roncador (tambem conhecido por Beringué), por este á Estrada da Linha, desta ao corrego Chãnana, e, atravessando o rio das Piabas e passando em Pedrinhas, chega ao rio Paratibe cuja margem meridional se sóbe ate o riacho Cova da Onça (onde terminam os limites com Olinda pelo noroeste), derradeiras capoeiras, a sahir na estrada de Pau dos Ferros (divisão com S. Lourenço); descendo por essa estrada, de um e outro lado, até Macacos, segue em linha recta, entre esse logar e o engenho Camaragibe, a encontrar o riacho deste nome, em Tres Páos, seguindo rio abaixo ao ponto onde desagua o riacho Agua da Materia, naquelle mesmo rio; dahi servindo esse riacho de divisão, desde sua embocadura até suas vertentes, e destas, em linha, ao encontro da barra do Tembi, no Capibaribe, atravessa este rio, proseguindo da foz do riacho do Navio acima, até Poço Preto entre os engenhos S. Francisco e Mumucaia, exclusive, (extremas da freguezia da Luz), e Serra d'Agua, entre S. Francisco e Mussahyba, exclusive, em busca do rio Tigipió, que demarca as fronteiras meridionaes do municipio do Recife com o de Jaboatão; e finalmente completa essa linha divisoria, com o extincto municipio de Muribeca, os rios Jordão e Gamelleira até o oceano. Considera-se perimetro da cidade do Recife: A partir da fortaleza do Brum, toda a freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, a de Santo Antonio, S. José, exceptuado o pontal da Cabanga, Bôa Vista até a linha da estrada de ferro do Limoeiro, Graça (na parte que se estende até ao Manguinho, comprehendendo a Capunga) e Afogados, toda a povoação a terminar nas ruas de S. Miguel, Mocotolombó, beco do Quiabo e Magdalena, sendo o limite a praça do Conselheiro João Alfredo. As freguezias do municipio do Recife limitam-se do seguinte modo: A de S. Frei Pedro Gonçalves a L e S com o mar, ao N com o municipio de Olinda (pelo Isthmo), a O com as freguezias da Bôa Vista (pelo rio Beberibe) e Santo Antonio, separada pelas aguas da confluencia dos rios Beberibe e Capibaribe. A freguezia de Santo Antonio confina a L com a do Recife ou S. Frei Pedro Gonçalves, ao S com a de S. José, a O com a da

Bôa Vista (separada pelo Capibaribe), e ao N pelo esteiro dos mesmos rios Capibaribe e Beberibe. A de S. José extrema ao N com a de Santo Antonio, a L com o oceano, ao S com a de Afogados, e a O com Afogados (na ilha de Joanna Bezerra) e a da Bôa Vista separada pelo Capibaribe. A freguezia da Bôa Vista demarca á L com a de Santo Antonio (pelo Capibaribe) e com a de S. Fr Pedro Gonçalves (pelo esteiro dos mencionados rios Beberibe e Capibaribe) ; ao N com o municipio de Olinda, e freguezia da Graça : ao O com esta mesma freguezia e a de Afogados ; e ao S com a de Afogados, pelo rio Capibaribe. A freguezia da Graça confronta ao N com o municipio de Olinda, a O com a freguezia do Pôço e a de Afogados (desde a Torre á ponte da Magdalena), e ao S com a da Bôa Vista. A freguezia de Afogados divide ao N com as de S. José, Bôa Vista, Graça e Pôço, a O com a da Varzea, ao S com as de Jaboatão e Muribeca, e a L com o oceano. A freguezia do Poço tem como fronteiras a L a da Graça, ao N o municipio de Olinda, á O esse municipio e de S. Lourenço, ao S esse mesmo municipio e a freguezia da Varzea. E finalmente a freguezia da Varzea cujas divisas ao N são as freguezias do Poço e S. Lourenço da Matta ; ao O as freguezias de S. Lourenço e de Nossa Senhora da Luz ; ao S o municipio de Jaboatão ; e a L a freguezia de Afogados.

DIVISÃO. — O municipio do Recife está dividido em 8 freguezias, seis urbanas — S. Frei Pedro Gonçalves, Santo Antonio, S. José, Bôa Vista, Graça e Afogados, e duas suburbanas — Poço e Varzea. Comprehende a divisão judiciaria 5 districtos criminaes, que correspondem a tantos juizes de direito com igual numero de juizes municipaes substitutos. O municipio tambem ainda se divide em duas circumscripções com a denominação cada uma de *juizo districtal*, e contem 15 districtos policiaes. Na divisão eleitoral faz parte o municipio do Recife do 1° districto.

POPULAÇÃO. — Da obra *Estatistica Civil e Politica* da Provincia de Pernambuco, pelo Desembargador J. M. Figueira de Mello, impressa em 1852, verifica-se o seguinte sobre a população do Recife : em 1810 possuia 25,000 habitantes ; em 1826 — 40,846 ; e nos annos de 1840 a 1842 era de 72,000. O *Diccionario topographico estatistico e historico* de Pernambuco, pelo Monsenhor Dr. M. C. Honorato dá, em 1862, ao Recife, a população de 90,000 almas.

A estatistica de 1872, reputada como muito imperfeita, dava-lhe 97,474 habitantes. O recenseamento de 31 de Dezembro de 1890, apurado pela Directoria Geral de Estatistica da Republica, considerado tambem defeituosissimo e muito a quem da cifra verdadeira, assignala ao Recife uma população de 122,026 habitantes. Finalmente o já citado *Annuario* da Estatistica Demographo-Sanitaria, para 1897, organisado pelo Dr. Octavio de Freitas, se fundamentando seu autor sobre os melhores dados de probabilidade, de qual seja a população do Recife, estima em ..... 190,000 almas.

Topographia. — A cidade jaz a borda do mar, com seu porto replecto de embarcações, correndo-lhe, quasi parallela á costa, uma admiravel muralha de recifes que lhe serve de quebra-mar e forma-lhe o porto, cuja entrada tem logar por uma abertura natural, da mesma muralha, nas enchentes das marés, ligeiramente saliente sobre a superficie das aguas, e ficando descoberta uns seis pés no refluxo das mesmas. Aquelle que vem do mar, quando se approxima do Recife, logo ao despontar no horizonte, em dias luminosos como são aqui quasi todos os do anno, descortina ante seus olhos, á direita, sobre terreno alcantilado e verdejante, — Olinda, a terra legendaria e de recordações historicas; á esquerda, as ilhotas proximas, do Pina e Nogueira, florestal de coqueiros; e ao meio, no fundo desse quadro fulgurante, emergindo, graciosamente aos poucos, até surgir de todo, o —*Recife*, como uma cidade fluctuante que se erguesse d'um banho no seio do oceano, tendo em sua frente o pharol, torre esguia, e verdadeira ataiaia indicando a entrada da barra.

Ella tem merecido os mais enthusiasticos louvores dos viajantes que a tem visitado, entre os quaes se contam muitas notabilidades. O grande poeta lyrico brazileiro, o Dr. Antonio Gonçalves Dias, assim saudou-a:

Salve, terra formosa, oh Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sobre as aguas!
Amigo genio te formou na Europa,
Genio melhor te despertou sorrindo
A' sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! São teus montes
Arrelvados, innumeros teus valles,
Cujas veias são rios!
Doces teus prados, tuas varzeas ferteis,
Onde reluz o fructo sazonado
Entre o matiz das flores!

Outros, patria de heróes, teus feitos cantem,
E a bella historia de colonia exaltem,
E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
Expraiados no mar!

....

Em Novembro de 1887, o notavel pernambucano, Dr. Joaquim Nabuco, referindo-se á visita do escriptor portuguez Ramalho Ortigão, á este Estado, escreveu o seguinte:

« No dia em que Ramalho Ortigão passou por Pernambuco, o mar estava calmo; era um dia de sol, não preciso quasi dizer, e a brisa constante que faz dessa cidade mesmo no verão mais rigoroso, um paraizo, ao lado da tacha que coze a cidade do Rio, era sobre o fundo do ardor tropical uma sensação agradavel de banho.

« O que faz a grande belleza desse nosso torrão pernambucano é, em primeiro logar, o seu céo, que muda a cada instante, leve, puro, suave, onde as nuvens, parecem ter azas, e que não é o mesmo um minuto; é depois o nosso mar, verde, vibratil e luminoso, as nossas areias tepidas e cobertas de relva, os nossos coqueiros que se erguem, desde o sócco até ao espanador de um brilho metalido e dourado, com que parecem ao longe sacudir as nuvens brancas, as jaqueiras e mangueiras, cuja sombra rendada é um oásis de frescura e abundancia.....

« Voltando de Olinda, Ramalho Ortigão percorreu esta cidade, que é para elle, como para todos que a tem visitado, a mais bella do Brazil, e a sua impressão foi a mesma que tem o estrangeiro que aqui desembarca, depois de ter estado no Rio e na Bahia. O que primeiro fere a

vista no Recife é a limpeza da cidade, a brancura de toda ella. Vê-se bem a cidade de um povo de rio que vive n'agua, como o pernambucano. E' um reflexo da Hollanda que brilha ainda aqui! No entanto, Ramalho viu esse branco das casas, das pontes, dos edificios, dos navios, das velas e das nuvens, á luz do sol tropical, que lhe dá o poder calcinante dos espelhos de Archimédes, quando elle só é irresistivelmente bello ao luar, que dá a essa cal crúa e reverberante um tom de perola que faz a cidade parecer toda de marmore, mas de um marmore tirado das jazidas dos sonhos e da alvura immaterial dos phantasmas. Eu verdadeiramente sinto que o eminente artista não se tenha demorado aqui á noite para ver esse Recife, onde a imaginação de Castro Alves se povoou de todos os seus sonhos de poesia, de liberdade e de grandeza, o Recife do seu Pedro Ivo

dormindo immenso ao luar !

« Para conhecer uma paysagem não basta vel-a, é preciso muito mais, é preciso que as duas almas, a do contemplador e a do logar cheguem a entender-se quantas vezes ellas nem mesmo se fallam! Não é a todos que a natureza conta seus segredos e inspira o seu amor, mas, mesmo com os poucos de quem ella tem prazer em fazer pulsar o coração, é preciso que elles se approximem della sem pressa de a deixar, com tempo para ouvil-a. Os viajantes nunca estão nessa disposição de espirito em que é possivel estabelecer-se o magnetismo da paysagem sobre os sentidos, do facto sobre o coração.

« Felizmente Ramalho Ortigão é uma machina photographica instantanea, que apanha n'um segundo o seu objectivo todo, e acontece que hoje as boas machinas percebem e notam sombras na pelle, que não se veem a olho nú e que servem para conhecer a enfermidade latente! Elle não terá sentido os effluvios desta nossa terra, os quaes talvez seja preciso ser pernambucano para sentir e que podem não ter realidade e magia senão para nós mesmos, mas a impressão que lhe causou a nossa Veneza ha de render-nos uma pintura que durará como as gravuras hollandezas do seculo XVII.

« O Recife é com effeito uma Veneza...... não pelos pa-

lacios de marmore do grande canal, que mostram a meu ver, a mais bella phase da architectura da Renascença, não por essa praça de S. Marcos, que só tem uma rival no mundo, na velha praça de Piza com os quatro e incomparaveis e solitarios edificios de sua gloria, não pela tradição de mascaras e barcarolas, doges e pintores, de amor e stylete, do carcere e carnaval que fluctua sobre as lagunas e envolve no fundo de suas gondolas, a grande, a heroica, a deslumbrante Veneza, n'uma poeira de gloria dourada como as cupulas de S. Marcos. O Recife não tem nada disso, mas, como Veneza, é uma cidade que sahe d'agua e que n'ella se reflecte, é uma cidade que sente a palpitação do oceano no mais profundo de seus recantos; como Veneza, ella tem um céo azul que parece lavado em suas aguas como se lavam os navios de grandes nuvens brancas, como toldos, como Veneza basta uma canção n'agua e uma bandeira solta ao vento para dar-lhe um aspecto festivo e risonho, e por fim, como Veneza, ella tem um passado que a corôa como uma aureola e que brilha ao luar sobre as suas pontes, e as suas torres, como a alma de uma nacionalidade morta! Melhor, porem, do que em Veneza, os canaes do Recife são rios, a cidade sahe da agua doce e não da maresia das lagunas, o seu horisonte é amplo e descoberto, as suas pontes são compridas como terraços suspensos sobre a agua, e o oceano vem se quebrar diante della em um lençol de espumas, por sobre o extenso recife que a guarda, como uma trincheira, genuflexorio immenso, onde o eterno alluidor da terra se ajoelhará ainda por seculos, diante da graça fragil dos coqueiros. »

O arruamento da cidade consta de 245 ruas, 29 largos, 125 travessas e 67 beccos. A maior parte dessas ruas são calçadas e pelo systema de parallepipedos. As principaes são largas, asseiadas e plantadas de arvoredos. As lojas teem certo luxo, principalmente as das ruas 1° de Março e Barão da Victoria. Entre os largos ou praças distinguem-se: a Praça da Republica, ajardinada, e onde se acha o theatro Santa Izabel, o palacio do Governo, a Municipalidade, o Senado, o Lyceu de Artes e Officios e Escola de Engenharia; a de 1817, tambem ajardinada e onde está a egreja do Espirito Santo e a Faculdade de Direito; e a de Maciel Pinheiro, onde tambem vê-se um pequeno jardim: alem dessas praças ajardinadas existe

em construcção que durará ainda, talvez, por muito tempo, um grande e bellissimo jardim-parque, destinado a servir de passeio publico, situado entre as ruas da Aurora, linha ferrea de Olinda, rua do Visconde de Camaragibe (Hospicio), e o bairro de Santo Amaro.

A antiga architectura que predomina em grande porção na primitiva parte da cidade (bairro do Recife), dá-lhe um aspecto um tanto pezado, em razão da estreiteza das ruas ; os outros bairros, porém, onde novas construcções tem sido feitas n'esses ultimos 20 annos, modificam inteiramente aquella feição. Numerosos chalets, no meio de arelvados jardins, palacetes e construcções de elegancia e gosto, se encontram nas outras freguezias, especialmente nas da Bôa Vista, Graça, Afogados e Poço, notadamente nos logares Magdalena, Ponte d'Uchôa, estrada dos Afflictos e Caldereiro.

Na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, ou bairro do Recife, destacam se os edificios : do extincto Arsenal de Marinha, concluido em 1855, onde n'uma elevada torre funcciona excellente relogio de mostrador duplo e que annuncia as horas por meio de 3 sinos ; o palacete da Associação Commercial, installada em 1 de Agosto de 1836 ; o da Alfandega e Delegacia Fiscal, vasto e de vistosa apparencia, cuja repartição foi creada em 1717 ; o edificio da estação da Via-ferrea do Limoeiro e Timbaúba, inaugurado em 25 de Outubro de 1881 : e os da Companhia Pernambucana de Navegação, da Praticagem da Barra, do Correio, da Caixa Economica, a estação do Cabo Submarino, da Agencia Havas, a Associação Agricola, a Inspectoria da Saúde do Porto, Policia Maritima, a Junta Commercial, a Bolsa. Casas bancarias, Consulados, estação da Companhia Ferro Carril, etc. Possue os seguintes templos : a matriz do Corpo Santo, com uma bella fachada de cantaria de Lisbôa, a qual augmentada da construcção primitiva em 1703, foi demolida inteiramente para ser erguida outra, em 30 de Setembro de 1800, benzendo a primeira pedra o diocesano D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, e começando a funccionar sómente a 5 de Julho de 1812 ; o de Nossa Senhora Madre de Deus, que foi da extincta Congregação de S. Felippe Nery, iniciado em 1672 e concluido depois de 1712 ; o de Nossa Senhora do Pilar, edificado em 1680 por João do Rego Barros, provedor da fazenda real, e reconstruido ha pouco tempo, occupando o logar do

historico forte de S. Jorge; a pequena capella de Nossa Senhora da Conceição, sobre o arco do mesmo nome, erecta entre os annos de 1725 a 1748, pelo vigario Dr. Manuel Freire de Andrade; e ainda a de Nossa Senhora dos Canoeiros, quasi um nicho, edificado em 1851.

Na freguezia de Santo Antonio notam-se: O Palacio do Governo, construido em 1841 e reparado em 1893; o Theatro Santa Izabel, um dos mais bellos do Brazil, que construido sob a direcção do engenheiro L. L. Vauthier e inaugurado primitivamente em 18 de Maio de 1850, incendiou-se em 19 de Setembro de 1869, e, reconstruido, foi novamente aberto ao publico em 16 de Dezembro de 1876, com a representação da opera —*O baile de mascaras*, pela companhia lyrica italiana, organisada por Thomaz Passini, custando essa reconstrucção a importancia de 481:088$480 rs. A Escola de Engenharia, construida na administração do Dr. Alexandre José Barbosa Lima e inaugurada em 6 de Março de 1896; O Senado, reconstrucção feita de uma parte do convento de Santo Antonio, em 1891, durante a administração do governador Desembargador José Antonio Correia da Silva. A Municipalidade e a Bibliotheca Publica que funccionam no mesmo edificio. O Lycêo de Artes e Officios, cuja primeira pedra foi sentada em 23 de Abril de 1871, e inaugurado em 21 de Novembro de 1880. O Superior Tribunal de Justiça, cuja primeira creação, sob o nome de Tribunal da Relação, foi por alvará de 6 de Fevereiro de 1821. A Casa de Detenção, que foi construida sob o plano organisado pelo engenheiro José Mamede Alves Ferreira, sendo a pedra fundamental collocada em 8 de Dezembro de 1850 e começando a funccionar desde 23 de Abril de 1856. A Santa Casa de Misericordia, cuja irmandade foi installada na cidade do Recife em 6 de Agosto de 1860, e erigido, em estylo gothico, o actual edificio das sessões da Junta, em 1878. As repartições estaduaes das Obras Publicas e da Inspectoria de Hygiene, que funccionam no mesmo edificio em que foi a Casa de Expostos. A Faculdade de Direito, no antigo Collegio dos Jesuitas. O Instituto Archeologico, fundado em 28 de Janeiro de 1862 e que funcciona desde 1874 no édificio que em 1872 o governo provincial construira para uma escola, e delle não se utilisando, concedeu-o em virtude da Lei n. 1430 de Maio de 1879, ao mesmo Instituto. O Gabinete Portuguez de Leitura, inaugurado em

3 de Novembro de 1850; e o Quartel do Commando do 2° Districto Militar, no edificio que foi do extincto Arsenal de Guerra, reconstruido inteiramente entre os annos de 1891 a 1893. Existem nella os seguintes templos:—A matriz de Santo Antonio, iniciada em 1752 foi terminada em 1790. A Conceição dos Militares, erigida pelos soldados da guarnição, e que já existindo em 1757, foi porém, concluida em 1777; no forro do côro dessa egreja existe a pintura historica da famosa batalha dos Guararapes, cujo trabalho fora executado em 1781, por ordem do governador e capitão general, José Cesar de Menezes. O Paraizo, construida em 1686 pelo mestre de campo D. João de Souza e sua mulher D. Ignez Barreto d'Albuquerque. Carmo, começou a construcção em 1687 e foi terminada em 1767; ahi descançam os restos mortaes de D. Frei Carlos de S. José, bispo do Maranhão, e de Frei Caneca, ambos carmelitas. Santa Thereza (Ordem Terceira), já era em 1757 uma pequena capella, reconstruida, foi sagrada em 13 de Outubro de 1837 pelo diocesano D. João da Purificação Marques Perdigão. S. Pedro dos Clerigos, fundada no principio do seculo passado, sendo seu primeiro provedor o bispo D. Francisco de Lima, a qual reconstruida foi sagrada em 30 de Setembro de 1782 pelo bispo D. Thomaz da Encarnação Costa Lima. Livramento, edificada primitivamente em 1711, nos terrenos das hortas de S. Pedro, foi reconstruida em 1725, e, novamente demolida, em Dezembro de 1830, foi sentada a primeira pedra da que actualmente existe. Espirito Santo, construida em 1689, e sagrada pelo bispo D. Mathias de Figueiredo Mello, foi o templo do extincto Collegio dos Jesuitas, que abandonado e profanado por muito tempo, nelle se accommodou o Tribunal da Relação até 1855, quando a irmandade do Divino Espirito Santo, d'ella tomando posse, e fazendo todos os reparos precisos, conseguiu reconcilial-a, benzendo-a o prelado da diocese D. João da Purificação Marques Perdigão. Conceição da Congregação, concluida em 1708. Rosario (dos pretos), iniciada anteriormente a 1725, mas concluida em 1777. S. Francisco, erecta em 1606, e pertencente ao convento de Santo Antonio. Ordem Terceira de S. Francisco, principiou a construcção em 1653, em terreno comprado aos frades por 50$000; mas por desavenças com estes, em 1716, foram as obras suspensas, continuaram em 1726, e foram concluidas em 1772, isto é,

119 annos depois de começados; foi inaugurada em 1804. Arco de Santo Antonio que tomou a invocação do padroeiro da ilha, e passou a ter o nicho daquelle Santo na administração do governador Henrique Luiz Pereira Freire. E o templo evangelista, que funcciona á rua Marquez do Herval desde 1892.

A freguezia de S. José contém: — O Mercado Publico, cujo edificio se acha collocado no centro da antiga praça, onde existiram outr'ora os velhos telheiros da ribeira de S. José, no espaço comprehendido entre as ruas Pedro Affonso, Visconde de Inhauma, da Penha, da Assumpção, de S. José de Riba Mar, e Santa Rita Velha e Nova; méde 48m88 de frente sobre 72m44 de fundo, occupando uma superficie coberta de 3,430 metros quadrados; é um elegante edificio, todo de ferro e cantaria, ao gosto do mercado central de Paris, tendo sido inaugurado em 7 de Setembro de 1875. A estação da estrada de ferro ingleza, do Recife á Palmares, (por S.Fracisco é mais conhecida), inaugurada em Janeiro de 1883, grande e bonito edificio, tendo servido, provisoriamente, desde a abertura da linha, em 1857 até aquella data, outra feita de madeira. A estação da Estrada de Ferro Central, tão bella como a da Central do Brazil, illuminada á luz electrica, inaugurada, em 1890, e occupando vasto espaço de terreno; tem em sua frente uma praça ajardinada, com pavilhão para musica, illuminada tambem á luz electrica, tendo sido aberta em 7 de Março de 1896. O Gazometro, a officina da Companhia Recife Drainage, o Matadouro Publico, o Quartel do 40 batalhão de linha na fortaleza das Cinco Pontas, a Fabrica Caxias, etc. E as egrejas: — A Matriz de S.José, da qual a primeira pedra foi solemnemente sentada em 8 de Setembro de 1845, benzendo-a o diocesano D. João da Purificação, que havia comprado e doado o terreno para o fim dessa construcção; em 8 de Dezembro de 1864 foi aberta e sagrada pelo vigario capitular, o Deão Dr. Joaquim Francisco de Faria. O Terço, cuja primitiva construcção, devida, segundo se diz, á um nicho que havia na entrada da rua dos Copiares, (hoje Christovão Colombo) ante o qual os viajantes que vinham do interior, resavam o terço á Virgem Santissima cuja imagem nelle havia, data de 1740; mas reconstruida á esforços da irmandade de sua invocação, a qual em 1756 ainda funccionava no Rosario de Santo Antonio, foi benta em 8 de Dezembro de 1873, pelo bispo D. Frei Vital Maria Gonçal-

ves de Oliveira. Martyrios, edificada em 1782, em terreno doado pelo sargento mór José Marques do Valle e sua esposa. S. José de Riba Mar, iniciada em 1656, foi mandada concluir pelo 32° governador D. Thomaz José de Mello, em 1787. Santa Rita, edificada primitivamente entre os annos de 1773 a 1784, foi reconstruida de 1869 a 1870. Penha, erecta em 1655, foi posteriormente sagrada, em 7 de Março de 1734, pelo bispo D. Frei José Fialho; demolida para ser erguida outra, sentou-se a primeira pedra a 270 palmos distante do local da anterior, em 6 de Novembro de 1870, sendo sagrada pelo então bispo do Maranhão (hoje de S. Paulo), D. Antonio Candido d'Alvarenga, a 22 de Janeiro de 1882, celebrando-se com toda a magnificencia a primeira festa em 2 de Fevereiro desse anno, com a assistencia tambem do bispo de Olinda, o Conde de S. Agostinho (mais tarde arcebispo de Darnis), D. José Pereira da Silva Barros. Esse templo é do estylo do de Santa Maria Maior de Roma, e tem 65m70 de comprimento com a largura de 28m40; a configuração do edificio è de uma cruz latina, contendo tres naves com um magestoso zimborio cuja chave se eleva a 43m0 de altura, tendo nessa mesma altura a elegante claraboia sobre a qual vê-se collocada uma collossal imagem de Nossa Senhora da Penha; por traz désse zimborio elevam-se duas esguias e bellissimas torres de 40 metros de altura, com a forma quadrangular de 5m70, até á elevação de 20 metros, transformando-se o resto para a forma octogna. Todo o edificio é de ordem corynthia. Nessa egreja em 1696 sepultou-se o celebre poeta satyrico, bahiano, Gregorio de Mattos Guerra, e em 1883 foram ahi recolhidos em jazida especial, vindos de Paris onde falleceu, os restos mortaes do bispo de Olinda D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

A freguezia da Bôa Vista prende a attenção não só pela casaria mais espaçosa, ruas mais bem traçadas, construcções de melhor gosto, como pelos edificios da Camara dos Deputados (antiga Assembléa Provincial), formoso edificio com um zimborio, iniciado em 2 de Dezembro de 1870 e concluido em 20 de Janeiro de 1876. Instituto Benjamim Constant (Gymnasio Pernambucano), vasto estabelecimento de educação, começado em 1855 e somente concluido em 1868, tendo custado aos cofres publicos...... 310:000$000; nelle funcciona tambem a Escola Normal. Estação da Via Ferrea de Olinda, em frente á ponte Santa

Izabel e concluida em 1873. Quartel do 14 Batalhão de linha, de vistosa fachada, reconstruido na administração dos presidentes Desembargador José Manuel de Freitas e Dr. Pedro Vicente de Azevedo, entre os annos de 1883 a 1887. Palacio Episcopal, iniciado em 1739 pelo 7° bispo D. Frei Luiz de Santa Thereza, e acabado por D. Francisco Xavier Aranha, em 1764. Collegio de S. José, antigo convento das freiras Ursulinas, foi instituido em 1867 pelo bispo D. Manuel de Medeiros, é de magnifica apparencia, e dirigido pelas irmãs de Santa Dorothéa. Hospital Militar, inaugurado em 25 de Março de 1855. Hospital Pedro II, assentado na parte meridional da freguezia e á margem do Capibaribe, é um vasto estabelecimento de caridade e bello edificio, está a 1m25 acima do nivel do sólo, tendo sido lançada a primeira pedra em 25 de Março de 1847, e começando a funccionar em 10 de Março de 1861, sem estar até agora, inteiramente prompto. Hospital de Sant' Agueda, á travessa de João de Barros, destina-se ao tratamento da variola e outras molestias agudas contagiosas, inaugurado em 23 de Novembro de 1884. Hospital Portuguez de Beneficencia, estabelecido no sitio denominado Cajueiro, sob a protecção de S. João de Deus, e installado em 16 de Setembro de 1855. Hospital dos Lazaros, fundado em Santo Amaro das Salinas, pelo padre Antonio Manuel entre os annos de 1713 a 1714. Azylo de Mendicidade, proximo ao Hospital dos Lazaros, foi lançada a primeira pedra para a construcção do edificio, em 25 de Dezembro de 1872, na presidencia do Dr. Henrique Pereira de Lucena (mais tarde Barão desse titulo); mede 73m20 de largura sobre 86m50 de fundo. Chefatura de Policia á rua Visconde do Rio Branco, antiga da Aurora. Collegio S. Joaquim, instituido em 1897 pela Santa Casa de Misericordia e destinado á educação de orphãos. Instituto Pasteur, creado tambem pela Santa Casa de Misericordia, inaugurando-se em 4 de Março de 1899. Os edificios escolares — de Santo Amaro das Salinas, cuja primeira pedra sentou-se em 1895, e o da rua da Intendencia inaugurado em 1898. A Fabrica de Vidros, em Santo Amaro, estabelecida em 1897. Necroterio começado em 1895 e concluido em 1896, mas sómente inaugurado em 1 de Janeiro de 1899. Cemiterio Publico de Santo Amaro ou Senhor Bom Jesus da Redempção, a uns 2 kilometros do centro da cidade e no bairro de Santo Amaro das Salinas, occupa

uma área da extensão de 351m35 de fundo e 320 de largura, e foi aberto ao serviço em 1 de Março de 1851; no centro ergue-se uma interessante e magestosa capella feita ao estylo gothico, sob a forma de cruz grega; possue o Cemiterio 203 mausoléos que pertencem a particulares e 3,244 catacumbas que pertencem á Municipalidade e á varias confrarias e ordens religiosas. Desde 1 de Março de 1851 (data da abertura) até 30 de Setembro de 1899 tinham sido alli sepultados 154,047 cadaveres. Cemiterio Inglez, á margem da estrada de Luiz do Rego, em pessimo local, foi entregue ao serviço em 1852. A matriz, sumptuoso templo de bella fachada de cantaria, concluido e entregue ao culto religioso em 4 de Maio de 1784, tendo custado sua construcção, até 30 de Janeiro de 1882, a importancia de 242:564$244. Santa Cruz, erecta em 1711, começou a funccionar em 1716 e foi nella instituida em 1732 a irmandade do Senhor Bom Jesus da Via-Sacra, em virtude do Breve Pontificio daquelle anno. S. Gonçalo, foi primitivamente erguida em 1712 pelo Padre Antonio Pereira de Alcantara, que doou-a á irmandade do Senhor Bom Jesus das Dores a qual fez a actual reconstrucção. Nossa Senhora da Gloria, construida por iniciativa e protecção do Deão Manuel de Araujo Carvalho Gondim, que doou o patrimonio, concluida sagrou-a em 1791, ajudando-o no emprehendimento seu irmão o Padre Francisco de Araujo Gondim; na capella mór do templo jazem sepultados os restos mortaes do Deão Manuel Gondim. Soledade, cujo terreno em que assenta doara em 1714 o capitão do Regimento de linha do Recife, Euzebio d'Oliveira Monteiro e sua mulher Maria da Cunha Fonseca, foi lançada a primeira pedra pelo padre Antonio Manuel, governador do bispado na ausencia do bispo D. Manuel Alvares da Costa, em 28 de Setembro de 1716; reconstruio-se em 1845 e depois em 1871 e ainda reparada em 1897; estão sepultados na capella mór da egreja os restos mortaes dos doadores, de accôrdo com a escriptura de doação do terreno. Santa Cecilia, que foi a antiga egreja edificada por Christovão do Rego Barros, conhecida por Conceição dos Coqueiros, e que passando a pertencer á irmandade de Santa Cecilia por esta foi demolida, reerguida e mudada a invocação; iniciadas as obras, foram suspensas durante alguns annos, e julgando o diocesano D. Manuel dos Santos Pereira a mesma irmandade criminosa e incursa em muitas irregu-

laridades, suspendeu-a entregando a direcção á uma commissão especial que nomeou, a qual, sob a presidencia do zeloso vigario da parochia, o monsenhor Augusto Franklin Moreira da Silva, fez proseguir os trabalhos, benzendo-a e abrindo ao culto em 30 de Abril de 1899, embora não acabada ainda e continuando as obras. Rosario, foi sagrada em 1810 pelo conego da Cathedral de Olinda, D. João Rodrigues Mariz. Santo Amaro das Salinas, foi construida em 1681 pelo morgado de Santo Amaro, Francisco do Rego Barros, e, reconstruida em 1842; instituindo-se a irmandade do mesmo patrocinio da capella, esta passou-lhe a pertencer, por transmissão feita pelos descendentes do morgado, o finado Conde da Bôa Vista e José Joaquim do Rego Barros. Piedade, no mesmo bairro de Santo Amaro, foi fundada em 1871 por José Gonçalves Ferreira da Costa; não está terminada nem funcciona ainda. Capella de Santo Antonio do Azylo de Mendicidade, começada em 1880 e sagrada em 28 de Julho de 1883 pelo arcebispo do Rio de Janeiro, D. João Esberard, e pelo da Bahia D. Jeronymo Thomé da Silva. Capella do Senhor Bom Jesus da Redempção do Cemiterio Publico, no centro do estabelecimento, é de gosto gothico, e, iniciada em 1852, sob a direcção do engenheiro José M. A. Ferreira, foi concluida e benta em 1855. Templo Anglicano, situado á rua Visconde do Rio Branco.

Na freguezia da Graça distingue-se: — O Hospicio dos Alienados, situado no logar Tamarineira, em meio de magnifico sitio de arvores fructiferas, e cuja pedra fundamental, na administração do digno ex-presidente da provincia, Dr. Henrique Pereira de Lucena (hoje Barão do mesmo titulo), foi lançada em 8 de Setembro de 1874; todo o edificio descança sobre uma sapata aterrada de 1m20 acima do nivel da estrada publica, tem vistoso aspecto dando-lhe accesso largo portão de ferro, seguido até o portico do hospicio, de uma rua de airosas palmeiras, tendo sido inaugurado em 1 de Janeiro de 1883, despendendo-se com a construcção até 1 de Julho de 1882 a quantia de 306:629$798. O Mercado da Estancia, que occupa o local do antigo *Derby Club* e mede 129 metros de fachada por 28 de largura, é uma construcção de grande belleza, com hospedarias e varias diversões publicas, presentemente sem rivalidade no paiz; pertence a uma empreza particular com o privilegio de exploral-o durante

25 annos, e havendo sido fundado em 1898 abriu-se em 13 de Maio de 1899 a primeira secção do edificio, sendo entregue todo ao serviço em 7 de Setembro. E o edificio escolar da Encruzilhada. Possue os seguintes templos: — A matriz fundada em 3 de Março de 1858. A egreja de S. José do Manguinho edificada em 1741 e reconstruida em 1845, tendo servido de matriz até 1878. A de Nossa Senhora dos Afflictos, construida nos fins do seculo passado. A de Nossa Senhora da Conceição, da Ponte d'Uchôa, erigida em 1839 pelo coronel Bento José da Costa. A de S. Vicente de Paula, edificada pelas irmãs de caridade do collegio, foi inaugurada em 19 de Julho de 1895. A de Nossa Senhora da Assumpção das Fronteiras, da Estancia, foi edificada de taipa pelo bravo Henrique Dias, em acção de graças pela victoria de 15 de Agosto de 1648; arruinada essa egreja o seu successor Domingos Rodrigues Carneiro e mais officiaes e soldados de seu terço, reedificaram-n'a com esmolas e ainda com o auxilio da Fazenda Real, sendo concluida posteriormente por outros successores. A de Nossa Senhora da Conceição, da Estrada de João de Barros, fundada em 1678 por João de Barros Corrêa. A de Nossa Senhora da Conceição, de Belem, erguida em 1764 por João Ignacio Ribeiro de Mello. Existiu até ha pouco tempo, na estrada do Rosarinho, e foi demolida, por estar em ruinas, a capella da invocação de Nossa Senhora do Rosario, encontrando-se então em seus alicerces uma pedra de cantaria de Lisbôa com a inscripção da data de 1606, talvez a da fundação da mesma capella.

Na freguezia de Afogados póde ser mencionado: A Fabrica de Phosphoros e a de Tecidos, ambas na Torre, destillarias, a edificação particular bem distribuida e muitas das quaes de grande gosto. Ha os seguintes templos nessa freguezia: — A matriz de Nossa Senhora da Paz, fundada como simples e insignificante capellinha em 1745, tendo sido augmentada em 1787 quando foi creada a irmandade do mesmo patrocinio, em 24 de Janeiro de 1797, com a approvação do bispo D. Diogo de Jesus Jardim; foi reconstruida em 1857 com o auxilio dos cofres publicos e novamente reparada, entre os annos de 1895 a 1897 com o auxilio da munificencia popular, promovida pelo vigario Francisco de Barros Cavalcante Lins. As egrejas de S. Miguel, ha pouco reconstruida e de Nossa Senhora do Rosario, ambas

de edificação do principio deste seculo. A de Nossa Senhora da Conceição do povoado do Barro, construida de taipa em 1839, reconstruida de tijolo em 1851 e concluida em 1869, pelo capuchinho Frei Fidelis Maria de Fognano. A de Nossa Senhora dos Remedios, na estrada deste nome, construida pelo padre Caetano de Campos, entre 1820 a 1835. A de Nossa Senhora do Rosario, da Torre, primitivamente erguida por Marcos André e reconstruida por João Carneiro Rodrigues Campello e sua mulher D. Maria do Carmo Rodrigues Campello. Nossa Senhora da Bôa Viagem, edificada em 1707 pelo padre Leonardo Camello, em terreno doado por Balthazar da Costa e sua mulher D. Anna de Araujo Costa. A capella de Nossa Senhora do Rosario, da povoação de Tigipió, pertencente a freguezia dos Afogados, embora, na parte civil, aquella povoação seja do municipio de Jaboatão.

A freguezia do Poço da Panella, fóra do perimetro da cidade, alem da Escola Propagadora da Instrucção Publica e da Fabrica de Fiação, no logar Macaxeira, junto á linha ferrea de Limoeiro, tem as seguintes egrejas: — A de Nossa Senhora da Saúde, na povoação do Poço da Panella, erigida no seculo passado, em terreno doado pelo capitão Henrique Martins e sua esposa D. Anna Maria Clara, a qual se arruinando, foi reconstrnida em 1840, pouco mais ou menos, pelo franciscano Frei José de S. Jacintho Mavignier; serviu de matriz até o anno de 1883, quando, á pedido do vigario da parochia, foi transferida para a da povoação do Monteiro. A de S. Pantaleão, presentemente matriz, fundada entre 1577, quando Manuel Vaz e sua mulher Izabel Rodrigues venderam a Jorge Camello e sua mulher Izabel Cardoso, o engenho daquella invocação (depois chamado do Monteiro), e o tempo, em que foi proprietario do mesmo engenho, o capitão João Pessoa Bezerra, instituidor do vinculo Nossa Senhora das Angustias, conhecido por Morgado do Monteiro. (*) A de Nossa Senhora das Dôres, de Apipucos, cuja primeira edificação talvez provenha do tempo do engenho do mesmo nome, foi recon-

(*) Livro I de *Notas Curiosas*, pertencente ao Instituto Archeologico, á pag. 151. Certidão da instituição da Capella.

struida ha pouco tempo. E a de Nossa Senhora das Necessidades, da Casa Forte, cuja fundação é devida ao auditor de guerra Diogo Gonçalves casado com Izabel Fróes, da qual, já em completa ruina, em 1871, o major José Domingues Codeceira e o tenente coronel José Francisco Lins, promoveram reconstrucção, tendo, porem, até agora ficado por concluir. No logar Sant'Anna, até 1830, approximadamente, houve uma capellinha com aquella invocação, se ignorando por quem edificada, resultando, desde sua existencia a mudança do nome ao local, anteriormente chamado Passo do Fidalgo, para o actual.

A freguezia da Varzea possue: A Escola Pinto Damaso, inaugurada em 7 de Abril de 1896. O Azylo Magalhães Bastos, destinado á orphãs, que situado em terreno doado pelo Dr. Ignacio de Barros Barreto, foi construido em cumprimento de disposição e verba testamentaria do commendador José Antonio Magalhães Bastos, fallecido em 1890, sendo aquelle um formoso edificio feito sob o desenho do engenheiro e Prefeito do Municipio, Dr. José Cupertino Coelho Cintra; embora concluido desde 1898, não funcciona ainda e provavelmente passará á direcção da Santa Casa de Misericordia, que então o inaugurará. Existem na parochia: A egreja matriz cuja construcção é anterior ao dominio hollandez, é da invocação de Nossa Senhora do Rosario, e nella foi sepultado o indio e heróe Antonio Felippe Camarão. A egreja do Livramento, e outra do patrocinio tambem de Nossa Senhora do Rosario, antigas ambas e ignorando-se quando foram construidas. A capella de S. Francisco de Paula, na povoação de Caxangá, edificada no fim do seculo passado pelo padre Francisco Lopes Caxangá e reerguida em 1830. E a de Nossa Senhora da Conceição de Iputinga, concluida em 1896.

A cidade com seus suburbios é toda illuminada a gaz carbonico e abastecida d'agua potavel, por meio de grande numero de chafarizes, collocados em varios pontos do municipio, havendo pennas d'agua na maioria das casas e nos diversos pavimentos. O esgôto das aguas servidas e materias fecaes é feito pelo systema de canalisação subterranea e está á cargo de uma companhia ingleza; em todas as casas ha receptaculos e nos logares publicos latrinas e mictorios. Alem d'essa canalisação ha uma outra para o escoamento das aguas provenientes das chuvas. Afim de prestar soccorro nos incendios, existe um Corpo de Bom-

beiros, completamente montado. A fiscalisação da hygiene está incumbida a tres inspectorias, uma do porto, feita pelo Governo Federal, outra do Estado, e outra, especialmente, do Municipio. A instrucção primaria é dada pelo Estado em 16 escolas publicas, e pelo Municipio por 105, alem de 7 nocturnas, afóra crescido numero de escolas particulares: a secundaria pelo Instituto Benjamin Constant, Escola Normal, Propagadora da Instrucção Publica da Bôa Vista, e a do Poço da Panella, pelo Lycêo de Artes e Officios, que mantem muitas aulas, e por muitos collegios particulares·

Povoados e arrabaldes. — Varzea, Caxangá, Apipucos, Monteiro, Casa Forte, Sant'Anna, Parnameirim e Ponte d'Uchôa, banhados pelo rio Capibaribe, são aprazíveis povoações, de bastante vida na estação calmosa, pittorescas residencias e lindos sitios para passeio e suave passatempo: todas ellas servidas por estrada ferrea suburbana distam do centro populoso do Recife, entre 30 e 50 minutos de viagem. Ainda é digna de menção a povoação do Arraial, marginal do ramal de seu nome, na linha ferrea do Recife á Varzea e Dois Irmãos, formada em sua totalidade de formosas casas de campo e excellentes chacaras, abundantes de arvores fructiferas, jardins, cujas flores embalsamando o ether tornam essas paragens mais amenas e seductoras. A povoação da Torre, ligada ao centro por uma linha de bond e á 40 minutos de viagem. A da Bôa Viagem, situada á borda do mar e communicando-se com o Recife pela via ferrea ingleza do S. Francisco, e da estação desta ao povoado por uma linha de bond, inaugurada em 1897, é muito procurada na epocha balnearia, para banhos salgados, chegando, de Setembro á Março, a possuir em seu seio uma grande população adventicia. Embora não comprehendidos na área do municipio, são entretanto considerados arrabaldes do Recife, não só pelo meio facil de locomoção, como pela proximidade e pouco tempo que delle demoram, os logares: — Olinda, antiga capital, a 1/2 hora de estrada de ferro suburbana que costêa o mar, e onde tambem crescido numero de habitantes da cidade do Recife annualmente alli vai fazer sua estação balnearia. Beberibe (do municipio de Olinda), gentil povoação, rodeada de bosques, á margem do limpido rio de deliciosas aguas, o qual tem o mesmo nome e ahi corre entre sombras e orlado de bambús e outras arvores,

acha-se tambem a 1/2 hora de caminho de ferro do Recife, em um pequeno entroncamento da referida linha suburbana. Jaboatão, em communicação pela Estrada de Ferro Central, a 40 minutos do Recife, é uma pequena e graciosa cidade de recreio, circumdada de outeiros verdejantes, possuindo lindos sitios de flores e fructos, e banhada pelo rio que lhe empresta o nome, e onde se toma agradabilissimos banhos frios. E S. Lourenço da Matta, á margem do Capibaribe e da linha ferrea ingleza do Limoeiro e Timbaúba, fica a 1 hora de viagem do Recife, e possue um clima bastante salubre.

PONTES. — Possue o municipio as seguintes pontes: A do Recife ou Sete de Setembro, entre as ruas Marquez de Olinda e 1º de Março, toda de ferro, larga, extensa, elegante e forte, foi entregue ao publico em 1865. A Buarque de Macedo, cujo nome é uma homenagem ao ministro pernambucano que a mandou construir, fica entre a praça da Republica e a do Apollo, no extremo norte das freguezias S. Frei Pedro Gonçalves e Santo Antonio; foi iniciada em 1882, sob a direcção do engenheiro Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, e continuada pelo Dr. Alfredo Lisbôa, de 1885 por diante, sendo aberta ao transito em 20 de Outubro de 1890, e tendo custado aos cofres publicos a importancia de 1.037:800$331 réis; méde uma extensão de 283m30, assentando sobre onze pilares revestidos de cantaria e erguidos sobre uma base geral, muito sólida de concreto e cimento, e a superstructura, toda de ferro, composta de 6 vigas continuas, jungidas por forte travejamento, sustenta por meio de taboleiro de madeira, a calçada central e o lagêdo dos passeios lateraes, feitos de bellos ladrilhos, guarnecendo o parapeito uma longa série de columnas de ferro, terminadas em lampeões de gaz, com magnificos globos protegidos por guardas metalicas. A de Santa Izabel, na parte septentrional dos bairros de Santo Antônio e Bôa Vista, aberta em 1863. A da Estrada de Ferro do Recife a Varzea e Dois Irmãos, sentada em 1884, dando passagem ao trem pelo centro e a pedestres pelos lados. A da Bôa Vista, iniciada em 1873 e entregue ao publico em 2 de Dezembro de 1876. A da Magdalena contractada em 1870, por 89:247$350, e aberta ao transito em 27 de Maio de 1872. A do Lasserre, entre as ruas Joaquim Nabuco na freguezia da Graça, e a rua Real da Torre, no bairro da Magdalena, foi construida em 1884 e

dá passagem ao trem da linha da Varzea e a pessoas á pé. A da Torre, entre este povoado e a freguezia da Graça, aberta ao transito em 1897. A do Caxangá, que primitivamente foi de arame e pensil, sendo carregada em 1869 pela grande enchente do Capibaribe, foi substituida pela actual, aberta ao transito em 1871. E a da Uzina S. João na Varzea, liga aquella ao engenho S. Cosme; é toda de ferro e sua construcção é devida ao finado e operoso Dr. Francisco do Rego Barros de Lacerda, havendo sido concluida em 1897. Existem ainda as pontes dos Afogados, entre este povoado e o bairro de S. José; a do Mocotolombó, sobre o rio Tigipió e na extrema da rua desse nome; e finalmente as da Estrada de Ferro Central, de S. Francisco, na povoação de Afogados, e a do Limoeiro sobre o Beberibe, entre os bairros do Recife e Santo Amaro das Salinas. Afóra essas muitas outras existem de somenos importancia e pequenas, que não merecem menção.

HYDROGRAPHIA. *Porto.* — O porto do Recife toma differentes nomes, conforme os logares em que podem fundear as embarcações, sendo quatro os ancoradouros: Mosqueiro, Pôço, Laminhas e Lameirão. Vital de Oliveira, em seu *Roteiro da Costa do Brazil*, diz o seguinte:

« E' chamada Mosqueiro a parte abrigada pelo recife, desde a linha EO do pharol até a fralda septentrional da Corôa dos Passarinhos, com a extensão de perto de 990 metros, sendo a menor largura 140 metros, a qual não é de todo ancoravel. Este ancoradouro, que mais merece o nome de canal e onde o recife é, quasi da mesma altura das grandes marés, tem a configuração de um funil, cuja maior largura está voltada para a barra. No extremo sul deste canal forma-se uma não pequena bacia, onde despeja pelo lado sul o rio Tigipió (*) e um dos braços do rio Capibaribe (o que passa entre o bairro de S. José e a povoação dos Afogados); e pelo norte as aguas reunidas do outro braço do Capibaribe, e o rio Beberibe. O fundo do ancoradouro varia consideravelmente, desde o extremo sul em que é todo encostado ao recife; e do logar onde elle é

(*) Vital de Oliveira diz — rio Mocotolombó — não ha esse rio, é o Tigipió que passa na ponte daquelle nome, na parte meridional da povoação dos Afogados.

mais estreito (em frente á Linguêta), para o norte vai gradualmente alteando segundo sua largura. Em frente ao forte do Picão tem 14 e 15 palmos, até proximo á praia: é este pouco fundo que embaraça as embarcações, quer na entrada quer na sahida, porquanto no canal se acha sempre fundo de 24 a 28 palmos. Este pouco fundo ou banco, logo na entrada, tem a pratica mostrado que cresce com as monções de NE, e diminue nas de SE, reconhecendo-se igual mudança na praia correspondente. E parece ser elle formado pelo encontro da vaga do mar com a vasante, alem de que, ahi a correnteza da vasante e dos rios se divide, deixando escapar grande parte das aguas para E, por cima dos recifes e por algumas abertas que existem. Na quadra dos ventos de SE a velocidade das aguas no canal tem sido calculada de 5,5 a 6,5 palmos por segundo, ao passo que na monção do NE as vasantes são muito menores; mas quando essas brisas são fortes, as aguas parecem represar-se. A qualidade do fundo é variavel, e se encontra areia e marisco, areia e lodo, e ás vezes pedras soltas de diversas qualidades. A bacia que se apresenta no extremo sul do canal ou ancoradouro do Mosqueiro, outr'ora quasi toda ella occupada pela corôa dos Passarinhos, é limitada ao sul com a ilha do Nogueira, ao norte pelo extremo sul da peninsula do Recife, que denominam Forte do Mattos, em frente ao qual fundeam os vapores das companhias de paquetes; e ao oeste pelo bairro de Santo Antonio. Muito variavel é o fundo desta bacia, encontrando-se junto aos recifes 50, 40 e 30 palmos; passa, porém, rapidamente a ser menor até á praia, com o declive de 1 por 15 palmos. No espaço entre o Recife e Santo Antonio o fundo é de 15 a 20 palmos, areia, fundo que vai até á ponte Sete de Setembro que une estes dois bairros. Encostado á Alfandega atracam grandes navios á descarga; cumpre, porém, ter todo o cuidado e bôas amarrações, porquanto nas cheias dos rios, maximé do Capibaribe, a correnteza das aguas é fortissima. Nas marés das syzigias dos equinocios sóbe a agua 10 e 10,5 palmos: nas grandes marés ordinarias não passa de 9, e nas da quadratura elevam-se apenas 6 palmos, sendo por conseguinte a oscillação média das marés de 8 a 9 palmos. O ancoradouro do Pôço fica pelo norte e pouco a léste do fundeadouro do Mosqueiro. Sua extensão não excede a 790 metros, tendo de largura espaço em que se póde ancorar, unica-

mente 400metros, abrangendo assim toda a área, desde a praia do Brum ao recife mergulhado que o guarnece, terminando ao norte pelo banco ou esparcelado, que corre do Picão, norte da Barra Grande, para terra, e ao sul pela recta que se tirar da guarita do SO da fortaleza do Brum ao pau da bandeira da mesma fortaleza, marca esta que balisa egualmente o picão do norte da Barrêta. Ao sul desta recta não convem fundear por quanto embaraçaria a entrada dos navios que demandassem a Barrêta. O fundo em todo este ancoradouro varia de 34 a 28 e 26 palmos, areia grossa, misturada muitas vezes com cascalho, proximo do recife; mas geralmente se encontra lama logo abaixo desse fundo. Chama-se ancoradouro das Laminhas o espaço que medeia entre o recife alagado e o banco Inglez ficando em frente ás duas barras. Seu fundo é de areia fina e varia entre 27 e 45 palmos. E' este o logar onde costumam carregar os navios de maior lote que o porto não póde receber. E o ancoradouro do Lameirão que fica cerca de uma milha ao mar do pharol do Picão, e logo ao sul do extremo austral do banco Inglez, com a profundidade que varia entre 54 e 90 palmos, areia avermelhada com lama branda por baixo, encontrando-se egualmente algumas prumadas em pedras soltas e mesmo em pontas de rochas, que, não obstante, seguram bem as ancoras. Navios de todas as lotações ahi poderão ancorar, segundo a agua que demandarem. » Este ancoradouro é bastante desasocegado, e durante alguns mezes do anno, de Maio a Setembro, com os vagalhões que levanta, é algum tanto difficil a descida á terra para os passageiros dos vapores das Messageries Maritimes e das linhas inglezas Royal Mail e Pacifico.

Ha muito tempo que se cogita de melhorar o porto do Recife e varios estudos nesse sentido se tem feito, restando que as obras de um tal melhoramento sejam executadas. Os trabalhos a se realisarem para se conseguir o melhoramento desse porto são : — 1º A dragagem de todo porto, utilizando-se os materiaes extrahidos para formar uma elevação de terra e construcção de cáes provisorios para sustentar essas terras onde fôr preciso. 2º A construcção de um quebra vagas sobre o recife submergido, desde o pharol do Picão até a pedra da Tartaruga, e entre a Barrêta e a Barra Grande. 3º A construcção de molhe exterior ao qual se refere o numero antecedente. 4º A elevação dos recifes e

o tapamento com pedra de cantaria das brechas que existam. 5° O arrasamento do rochêdo que em parte obstrue a Barra Grande. 6 O assentamento de boias e de amarras para os navios ancorados. 7° O concerto e a consolidação da bacia do Nogueira e do cáes do Norte. 8° A construcção de cáes definitivos onde possam ancorar os navios de grande fundo. 9° A construcção de bacias e diques para concertos navaes. No estado actual em que se acha o porto, isto é, antes que façam qualquer melhoramento, o porto interior do Recife é accessivel a qualquer navio que não tenha mais de 20 pés, abaixo da linha de fluctuação, e até mesmo 22 pés, nas grandes marés. Eis porque entram regularmente os vapores da companhia de Chargeurs Reunis, Companhia de Hamburg, Companhia de Trieste, os vapores Lamport & Holt, de Liverpool, e outros. Muitos desses chegam a ser até de 2,000 toneladas e mais. Na extremidade N da barra, junto ao forte do Picão a 8°3'25'' de lat. S e a 8°20'15'' de long. E do Rio de Janeiro, e 34 50'15'' O de Greenwich, e 37°10'20'' de Paris, ha um pharol, acceso pela primeira vez em 1 de Fevereiro de 1822, e hoje com apparelho de luz catoptrico, achando-se elevado acima do préa-mar 21m55 em uma torre octogonal de alvenaria, sendo a sua luz visivel a 15 milhas, com tempo claro, e apresentando a seguinte illuminação: facho de luz clara, ascendente e decrescente, por espaço de 3 minutos; facho de luz rubra, ascendente e decrescente, por espaço de 1,5 minutos; eclipse por espaço de 0,5 minutos. Tendo passado por alguns reparos esse pharol começou a funccionar novamente em 15 de Novembro de 1894.

Rios. — Correm no seu territorio os seguintes: O Capibaribe, que nascendo na lagôa da Estaca, da serra do Acahy, municipio de Cimbres, corta os do Brejo, de Taquaretinga, Bom Jardim, Pau d'Alho, S. Lourenço, e entra no do Recife, pelas terras do engenho S. Francisco, banhando-o, a uzina S. João e o engenho S. Cosme, as povoações da Varzea, do Ambolê, do Caxangá, de Apipucos, do Monteiro, do Caldereiro, da Casa Forte, Sant'Anna, Ponte d'Uchôa, Torre, todo o bairro da Graça, (á esquerda), e o da Magdalena (á direita), onde, pouco abaixo da ponte deste nome, bifurca-se em dous braços; — um ao sul e á direita (antigamente era chamado rio dos Afogados), indo passar por baixo das pontes da povoação dos

Afogados, as quaes servem á estrada geral do centro do Estado, e aos caminhos de ferro do S. Francisco e Central de Pernambuco, á confundir-se com a fóz do rio Tigipió, e lançar suas aguas no braço do mar entre as ilhas de Santo Antonio e Nogueira; — e o outro ou o braço dos Coelhos (conhecido nos primitivos tempos pelo nome de rio dos Cedros), corre banhando os muros do Hospital Pedro II onde começa ao O e á esquerda o bairro da Bôa Vista, e partindo dahi separa este da ilha de Santo Antonio, segue entre dous cáes verticaes continuos, distantes um do outro uns 150 metros approximadamente, passa por baixo da ponte da Bôa Vista, da da estrada de ferro da Varzea e Dous Irmãos, e da de Santa Izabel, contornêa a ponta de Santo Antonio, mistura suas aguas com as do Beberibe, que vem do N, separa depois o bairro do Recife do de Santo Antonio, passa por baixo das pontes Buarque de Macedo e Sete de Setembro, e forma, a partir d'ahi, um porto destinado ao serviço da Alfandega. Depois na ponta S do bairro do Recife tem logar a juncção com o braço do mar, já mencionado, que recebe as aguas do braço direito, começando desse ponto a parte principal do Pôço do Mosqueiro. No inverno as chuvas concorrem para augmentar-lhe o volume das aguas, tornándo-se caudaloso e determinando grandes damnos por occasião de suas enchentes. A primeira grande enchente do Capibaribe, de que a historia nos dá noticia deu-se em 28 de Janeiro de 1632, causando a perda de muitas casas de vivandeiras estabelecidas em suas margens no territorio actualmente do municipio; depois seguem-se as enchentes de 1842, 1854, 1866, 1869, 1894, 1897 e 1899. Tem como tributarios: O riacho Camaragibe, que nasce na Matta do Bezouro, municipio de S. Lourenço da Matta, indo desaguar na freguezia do Pôço, logar chamado Zonguê, engrossado pela margem esquerda com as aguas dos riachos Brejo dos Macacos, que nasce em um valle á 1,400 metros acima de sua fóz; do Prata, que tambem nasce em um pequeno valle, paralello ao do Brejo dos Macacos, indo despejar em terras do engenho Dous Irmãos, e proximo do pantano, ou, como é mais conhecido, do açude daquelle nome; e, pela margem direita, o Agua da Materia, que procede das terras do engenho Timbi e forma uma parte da linha divisoria da freguezia da Varzea; O riacho Brumzinho, que tem pequeno curso, e nasce nas terras do engenho Brum,

indo desaguar junto á ponte do Caxangá; O Parnameirim riachinho que vai derramar um pouco acima do logar Jaqueira e quasi fronteiro ao povoado Torre; O riacho Cavouco, tambem conhecido por Cordeiro, procede pouco mais ou menos das terras do engenho do Meio, atravessa a estrada de rodagem na bomba grande chamada do Cordeiro, e vai derramar defronte da povoação de Sant'Anna, um pouco acima do logar Taquary.

O rio Beberibe, que tendo suas vertentes no municipio de S. Lourenço da Matta, logar denominado Cabeça de Cavallo, dahi na direcção O á EN vai á Cóva da Onça e, correndo pelo norte da freguezia do Poço da Panella banha as propriedades Ferraz, Pimenteiras (pela margem direita), Passarinho (pelo centro), Beringué, Quibuca (pela margem esquerda), Coelhas (á direita), Cafezeiros (á direita fronteiro de Coelhas), Passagem das Moças (á direita), e depois segue pelo municipio de Olinda, banhando o Cumbe, as povoações de Beberibe, do Porto da Madeira e do Coqueiro, Sitio dos Craveiros, do Fundão, do Salgueiro e do Peixinho, até á cidade de Olinda, donde volvendo á direcção N a S torna ao municipio do Recife, seguindo ao longo do isthmo de Olinda e entre os bairros de Santo Amaro das Salinas e do Recife, ao encontro do Capibaribe, na extrema septentrional da ilha de Santo Antonio, para juntos entrarem no oceano passando sob as pontes Buarque de Macedo e Sete de Setembro. Em seu curso, que poderá ser avaliado em 38 kilometros, recebe os seguintes affluentes que correm no municipio do Recife: O Pimenteiras que nasce na propriedade Ferraz e com 3 kilometros de curso derrama no logar que lhe dá o nome; o Sêcco, nasce ao norte de Ferraz e despeja, com pequeno curso, em terras dessa mesma propriedade; o Marmajudo, nasce na Chã do Gizeiro, tem uns 600 metros de extensão e desagua no sitio denominado Coelhas; o Dous Unidos tem origem da Chã do Oity Ferrado e um curso de 300 metros indo despejar no Cumbe; o Agua Fria, formado de pequenas lagôas do logar Bartholomeu vai confluir no sitio do Peixinho; o Custodia tem suas nascentes no logar de seu nome, e depois da extensão de 1 kilometro vai derramar abaixo de Pimenteiras; o Passarinho, nasce no logar Assador de Varas ou Chã de Piabas e correndo por uns 2 kilometros despeja no sitio denominado Passarinho, de que toma o nome; o Beringué ou Roncador, nasce na Chã

da Estrada da Linha, e correndo 1 kilometro de extensão vai despejar no logar Beringué; o Quibuca, nasce na Estrada da Linha, tem 500 metros de curso e vai despejar no logar Quibuca; o Tapa d'Agua ou Coelhas nasce na Chã da Ladeira do Gizeiro e com uns 700 metros de extensão derrama no logar Coelhas, pela margem direita; e, finalmente, o Lava Tripas e o Beberibe Meirim ou Môrno, que correm para o municipio de Olinda.

O Paratibe que nasce, como o Beberibe, em Cabeça de Cavallo e corre sómente em parte das extremas septentrionaes do municipio, tendo como affluentes os riachos de Mumbeca e das Piabas.

O Tigipió, que nasce em Mumucaia e corre nas divisas meridionaes; proseguindo recebe o ribeiro Pachêco que procede do engenho Sucupira Torta, e desemboca pouco abaixo do povoado Tigipió; depois, passando pelas terras dos engenhos Peres, Uchôa e Ibura, recebe as aguas do riacho Giquiá e este, por sua vez, o ribeiro Vermelho procedente do Paúl, corta a estrada real de rodagem que vem do centro, havendo nella uma ponte conhecida pelo nome desse rio, e bem assim a estrada de rodagem, que vai até á cidade de Santo Agostinho do Cabo, e a estrada de ferro do S. Francisco, onde em cada passagem existe uma ponte, denominada Mocotolombó, indo d'ahi em direcção ao mar, defronte da ilha do Nogueira.

E o Jordão, que nasce no logar Zumby, divide a freguezia de Afogados da de Muribeca, banha o sopé dos montes Guararapes, a Bôa Viagem e se lança por dous braços no Capibaribe dos Afogados.

Lagos e Lagôas. — Entre os logares Iputinga e Caxangá, ao lado da estrada, existem algumas lagôas de pequena importancia, favorecendo bastante o augmento das mesmas, as chuvas da estação invernosa: ha ainda a lagôa do Ambolê, as que ficam em terras do engenho S. Salvador, os alagados de Dous Irmãos e do Monteiro, conhecidos por açudes desses mesmos nomes, as lagoinhas das terras do engenho S. Paulo, e finalmente as do logar Brejo do Bartholomeu, donde procedem os riachos Agua Fria e Môrno ou Beberibe Meirim.

Fontes d'aguas mineraes. — Sobre este objecto extractamos o que disse o Dr. Simplicio Antonio Mavignier, em officio dirigido á Presidencia da Provincia, em 27 de Agosto de 1838, depois impresso á pag. 18, da obra *Ensaio*

sobre a Estatistica Civil e Politica de Pernambuco, por J. M. F. de Mello : « Existem no municipio duas fontes d'agua ferrea, uma na povoação de Caxangá (á margem da estrada do Ambolê), e outra em Apipucos, — empregadas com bastante proveito, como tonicos e fortificantes na chlorose, amenorrhéa, atonia e certos engurgitamentos das visceras abdominaes, etc. » Eis o resultado da analyse que em Paris fez o mesmo Dr. Mavignier, da natureza e qualidade de taes aguas, mandadas para alli em garrafas, onde ficando arrolhadas pelo tempo de 8 mezes, deixaram no fundo um deposito lamelloso, mais ou menos abundante : « Propriedades physicas — Incoloras, transparentes, insipidas, tendo um sabor de ferro muito pronunciado.—Peso especifico — O resultado do peso não corresponde exactamente ao producto das evaporações, o que póde depender da qualidade de gazes contidos nas aguas. Os pesos especificos obtidos são inteiramente eguaes e correspondem a 1,008. —Propriedades chimicas— Essas aguas são acidas e tornam vermelho o papel azul de Tornesol. Sendo calcinados os depositos de taes aguas elles arderam como uma materia vegetal, não deixando senão um residuo infinitamente pequeno. Acção dos reagentes —Hydrochloratos, provados pelo nitrato de prata. Os precipitados soluveis no amoniaco são indicados pela maneira seguinte : na agua do Caxangá dá-se um louche pouco abundante ; na dos Apipucos uma nuvem branca. —Sulphatos— Indicados pelo precipitado insoluvel em um excesso de acido nitrico que forma o nitrato de barita. As aguas de Caxangá e Apipucos não dão indicio de que contenha a menor quantidade de sulphato. A magnesia pelo amoniaco e pelo seu subcarbonato não póde ser demonstrada nessas aguas. —Cal— A sua presença foi contastada pelo oxalato de amoniaco, tanto na agua de Caxangá como na de Apipucos, naquella, porém, mais do que nesta os precipitados são louches. Pela dissolução do sabão no alcool fraco, as aguas produzem uma leve perturbação ; o que prova dissolverem ellas o sabão excellentemente. O hydrochlorato de platina não póde indicar a presença da potassa. O ferro não parece existir em grande quantidade nas duas aguas ferruginosas do Caxangá e Apipucos. A dissolução da nox de galha não o póde demonstrar. O hydro-sulphato de amoniaco dá uma perturbação de um pardo muito carregado. Mais sensivel na agua de Apipucos do que na do Caxangá,

o hydro-cyanato ferreo de potassa, e uma gôtta de acido hydro-chlorico muito puro e concentrado a descobrem evidentemente. O liquido toma mediatamente uma côr azul carregada, que mais notavel é na agua dos Apipucos, do que na do Caxangá : ao depois deposita-se azul da Prussia na mesma relação. Pela evaporação 100 partes ou grammas de cada uma dessas aguas dão para residuo, em fracção de grammas, a saber : na agua do Caxangá 0,0125, das quaes 0,0045 insoluveis, e 0,0080 soluveis : na dos Apipucos 0,0093, das quaes 0,0059 insoluveis, e 0,0034 soluveis. Pela evaporação essas aguas tornam-se frequentemente alcalinas o que prova que ellas, sendo acidas, deviam essa propriedade ao gaz acido carbonico. As partes soluveis são egualmente alcalinas ; pelos reagentes, antes empregados, determinam-se os mesmos precipitados, provenientes da reacção sobre os sáes soluveis. As partes soluveis fervem pela addicção de qualquer acido. Em ambas essas aguas o ferro não foi encontrado, senão nas partes soluveis, que pelo hydro-ferro de potassa, e uma gôtta de acido hydro-chlorico puro, tomaram uma bella côr azul carregada. A' medida que a agua se evaporava o ferro formava escamas avermelhadas, muito visiveis que se depunham sobre as paredes do vaso. Os residuos dessas aguas evaporadas eram silica. »

NESOGRAPHIA. — Existem as seguintes ilhas : a do Nogueira, de bello aspecto pelo seu denso coqueiral, e que anteriormente chamou-se do Cheira Dinheiro, dizem devido ao facto de ser seu proprietario, um portuguez muito usurario (cujo nome presentemente se ignora), tomando a denominação actual, do principio do seculo passado por diante, quando passou a pertencer a Antonio Nogueira de Figueiredo. A do Pina, quasi ligada á precedente, e onde existe um lazarêto, para quarentena de viajantes, vindos de portos infeccionados ou suspeitos de epidemias ou peste. A do Maroim, no Capibaribe entre as freguezias de Afogados, S. José e a ilha Joanna Bezerra. A de Joanna Bezerra, tambem no Capibaribe, entre as freguezias S. José, Bôa Vista, ilha de Suassuna, do Retiro, e a freguezia de Afogados. A do Retiro, que antigamente chamou-se Fernão Fragoso, entre o bairro da Magdalena, os Remedios e a ilha Joanna Bezerra.

FORTALEZAS. — As do Brum e Buraco, no isthmo de areia que liga o Recife á Olinda, ficando a primeira de-

fronte á entrada da Barra, e a segunda quasi na linha divisoria dos limites com Olinda. A das Cinco Pontas, na freguezia de S. José, junto á estação da via-ferrea do S. Francisco, servindo presentemente de quartel a um batalhão de linha. E a do Picão ou do Mar, sobre os recifes e perto do pharol.

Tramways ou bonds. — Possue uma companhia denominada —Ferro Carril de Pernambuco—, cujo serviço se inaugurou pela linha da Magdalena, em 21 de Setembro de 1871; sendo entregues, depois, ao transito publico, a dos Afogados, em 20 de Novembro do mesmo anno, a de Santo Amaro em 14 de Janeiro de 1872, e a de Fernandes Vieira em 1 de Setembro desse mesmo anno. O preço das passagens pela carreira inteira é de 200 réis, e 100 réis, por uma parte do trajecto no interior da cidade. Projecta-se a construcção de uma nova linha de bonds até á cidade de Olinda e por meio de tracção electrica.

ESTRADAS DE FERRO. — A linha do Recife ao S. Francisco, propriedade de uma companhia ingleza, incorporada em virtude dos Decretos ns. 1030 de 7 de Agosto de 1852, 1245 de 13 de Outubro de 1853, e 1829 de 11 de Agosto de 1855. Iniciados os trabalhos, abriu a primeira secção até a cidade do Cabo, em 9 de Fevereiro de 1858; a segunda até á Escada, em 3 de Dezembro de 1860; a terceira até Gamelleira, em 25 de Março de 1862; e a quarta e ultima até Una, (hoje cidade de Palmares), em 2 de Dezembro do mesmo anno. — A Estrada Central, em construcção, e presentemente chegando sómente ao logar Curralinho ou Antonio Victor, a 180 kilometros do Recife. —A linha do Recife a Limoeiro e Timbaúba, e que se unirá, em breve, á da Parahyba ao Pilar, e portanto ligando as duas capitaes—Recife e Parahyba. A construcção d'essa estrada foi autorisada pela Lei provincial n. 856 de 5 de Junho de 1868, e sua concessão foi dada, mediante concurrencia publica, em contracto de 16 de Julho de 1879. As condições impostas neste contracto foram modificadas, em data de 13 de Julho de 1871, em virtude da Lei Provincial de 24 de Abril do mesmo anno. Encorporada em Londres a Great Western of Brazil Railway Company Limited, para o fim de levar a effeito a construcção dessa estrada, teve autorisação para funccionar no Imperio, por Decreto n. 5,395 de 10 de Setembro de 1873, que tambem deu approvação a seus estatutos. A 25 de Março de 1879 começaram

os trabalhos da construcção, e em 26 de Outubro de 1881, abriu-se ao trafego o trecho comprehendido entre o Recife e Pau d'Alho; em 20 dé Fevereiro de 1882 até Limoeiro; em 15 de Setembro desse anno o ramal de Nazareth, sendo aberto, em 1 de Janeiro de 1888, o prolongamento até Timbaúba. A bitola é de 1m0 e a principal obra d'arte é a ponte sobre o rio Beberibe, entre a fortaleza do Brum e o bairro de Santo Amaro das Salinas, com a extensão de 180m0 divididos em vãos de 20m0 cada um. — A linha do Recife á Varzea e Dous Irmãos, com a bitola de 1m20 e a extensão de 25k,820, foi comprada aos concessionarios e incorporadores pela Brazilian Street Railway Company Limited, tendo sido inaugurada em 5 de Janeiro de 1866, até a povoação de Apipucos, sendo depois levada á do Caxangá; obtendo a companhia a concessão do ramal do Arraial, partindo do Entroncamento ao Monteiro, inaugurou-se este em Dezembro de 1871; em 1883 foi concedido á companhia a mudança da linha de Caxangá pelo trecho de Apipucos, por outro, que, formando um ramal tirado do Entroncamento pela Capunga e Estrada Nova passasse em Caxangá, terminando na Varzea, e sendo inaugurado este em Outubro de 1886. A estrada é dividida em tres partes: linha principal ou do centro até Dous Irmãos; ramal do Arraial até o Monteiro; e da Varzea. — E a linha ferrea do Recife á Olinda e Beberibe, com a extensão de 12 kilometros e a bitola de 1m32.

Serviços telegraphicos. — A succursal da Agencia Havas no Recife se encarrega de todos os serviços telegraphicos, politicos, financeiros e commerciaes para jornaes e particulares, e tambem da transmissão dos telegrammas privados, não só para á America do Sul, Europa, Indias. China, Japão e Australia, como para outros paizes. O Telegrapho Nacional, inaugurado em 12 de Abril de 1873, liga todos os portos do littoral, desde o Pará até Jaguarão, fronteira de Uruguay, e aqui no Estado as cidades e villas de Barreiros, Bom Jardim, Buique, Caruarú, Goyanna, Iguarassú, Ipojuca, Itambé, Limoeiro, Pedra, Rio Formoso, Villa Bella, etc. O cabo submarinho da *Western and Brazilian telegraph Company*, do Pará á Montevidéo, inaugurado em 1 de Janeiro de 1874. A linha da *Brasilian submarine telegraph Company* que põe o Recife em communicação com S. Vicente, Madeira e Lisbôa, tendo sido

inaugurada em 21 de Junho de 1875. E alem destas as linhas telegraphicas das vias ferreas.

ENGENHOS. — Na área do municipio que, conforme já se demonstrou, é de pequena circumscripção territorial, e esta mesma occupada em quasi sua maior parte pela cidade, contam-se os seguintes engenhos: *Borralho*, denominação antiga, pertenceu ao coronel Francisco Jacintho Pereira, um dos bravos pernambucanos que na Setembrisada, em 1831, dominou essa insurreição da soldadesca desenfreada, tendo ainda muito se salientado, em 1848, em favor da ordem publica no Massacre Portuguez, da antiga rua da Praia (hoje Pedro Affonso), e tambem na rebelião de 1848. —*Brum*, pertenceu antes da invasão hollandeza a Francisco Carneiro de Mariz, sogro de Pedro da Cunha de Andrade, um dos bravos que militaram na invasão hollandeza, e principal tronco da familia Carneiro da Cunha. —*Curado*, antigo engenho S. Sebastião, pertenceu a Pedro da Cunha de Andrade, que fallecendo passou á D. Cosma Fróes, e por morte desta foi arrematado em hasta publica, por Antonio Curado Vidal, sobrinho de André Vidal de Negreiros e filho de Lopo Curado Garro, governador que foi da Parahyba; morto elle, passou a seu filho Salvador Curado Vidal, que instituiu o vinculo de S. Sebastião; pelo fallecimento deste, sem successão, o então vigario da Varzea, padre João Gonçalves Florença, como primeiro testamenteiro tomou conta, mas em virtude de denuncia dada pelo padre Diogo Pereira de Castro ao governo, de que o referido bem era vago, e na posse do qual estava indevidamente o vigario, por uma provisão régia, de 25 de Fevereiro de 1720, foi mandado incorporar aos bens da fazenda, sendo concedido ao denunciante a faculdade de usufruil-o, durante sua vida; e, finalmente, fallecendo o usufructurario devia a Fazenda de novo ter entrado na posse, havendo em 1831 ou 1832 apparecido a lei da extincção dos morgados. (Isto consta do livro n. 11 fls. 189 de registro das provisões, que pertenceu ao archivo da Secretaria do Governo da antiga provincia, e hoje recolhido ao do Instituto.) —*Uzina S. João*, fundada pelo Dr. Francisco do Rego Barros de Lacerda, depois do anno de 1890, no engenho do mesmo nome; pertenceu esse engenho, anteriormente ao dominio hollandez, ao saliente vulto dessa lucta, João Fernandes Vieira.—*Santo Ignacio*, outra uzina, fundada pelo Dr. Ignacio de Barros Barretto, entre 1891 a 1895, no antigo engenho

do Meio.—*S. Francisco*, engenho, pertenceu á André Vidal de Negreiros, tem capella em ruinas, e presentemente faz parte da uzina S. João. — *S. Cosme*, em frente á uzina S. João a que pertence, e do outro lado do Capibaribe, e a ella ligada pela ponte de ferro de que já se tractou.—*Poeta S. Paulo*, *Cumbe*, *Cova da Onça*, *Peres* e *Jangadinha* são outros engenhos, mais ou menos importantes.

ORIGEM DE ALGUMAS DENOMINAÇÕES. — Eis a razão dos nomes de algumas ruas da cidade do Recife, segundo informações que nos ministrou o major José Domingues Codeceira :

Freguezia do Recife. — A actual rua Marquez de Olinda até ha poucos annos chamava-se — rua da Cadeia, porque a primitiva cadeia do Recife foi alli ; do arco da Conceição até á entrada da rua da Madre de Deus era — rua da Conceição, e d'ahi, até encontrar a da Bom Jesus — rua da Cadeia Velha, qualificativo para differençal-a da da Cadeia Nova, denominação que tinha a hoje 15 de Novembro, onde então estava a Cadeia, no predio em que funcciona, presentemente, o Superior Tribunal da Relação e o Jury. — A rua que se chama Bom Jesus, nome dado pela Camara Municipal, á pedido do Instituto, recorda a existencia, em sua entrada, do demolido Arco do Bom Jesus, a qual primitivamente teve o nome de rua do Commercio ; depois, na occupação hollandeza, — dos Judeos, dado pelos portuguezes porque nella residiram muitos hollandezes por aquelles assim chamados, e *hereges;* da restauração por diante —rua da Cruz, por antilogia ; e finalmente o de Bom Jesus pelo motivo dado. —Rua do Vigario, porque alli morou o primeiro ou um dos primeiros vigarios da freguezia, substituindo esse nome a Camara Municipal pelo actual, de Vigario Tenorio, como uma homenagem ao nome da heroica victima da revolução de 1817, Pedro de Souza Tenorio. — A rua de D. Maria Cezar ainda hoje conhecida por Senzalla Velha, deve o nome ao facto de que eram naquelle logar as casas onde se fazia o mercado dos escravos, tendo se denominado tambem rua dos Açougues. — A rua Domingos José Martins se chamava — da Senzalla Nova — porque havia na mesma tambem senzalla ou casas para escravos, tendo porém, se construido depois da outra, e pertencia á João Fernandes Vieira. — A do Bispo Sardinha tinha ha poucos annos o nome de —Encantamento—, e essa denominação está presa á lenda de ter um

frade, uma noite, entrado em um sobrado dessa rua, seguindo uma bonita mulher, e quando ahi ambos estavam assentados e juntos, aquella desapparece, e no centro da sala vê elle um esquife contendo um cadaver em que reconhece a belleza que viva estivera pouco antes ao seu lado; e, retirando-se, desde logo, deixou pendurado n'um prego dessa casa, como signal, um relicario que trazia; voltou no seguinte dia lá, para verificar o caso com outros companheiros, e achou a casa sem morador algum e fechada, só se podendo nella penetrar com a permissão do proprietario em cujas mãos, então, estava a chave, que lh'a entregara: encontrou a casa totalmente vasia e deserta, mas lá achou o relicario que deixara na noite anterior (*).—Rua do Amorim, lembra o nome de um padre da companhia de S. Felippe Nery, que ahi morou. — A rua da Moeda, a casa da moeda que nella existiu, e de que já se deu noticia neste mesmo artigo.

Freguezia de Santo Antonio. — A rua 1º de Março, nome dado pela Municipalidade, porém ainda hoje muito mais conhecida pelo de Crespo, devia este nome, dizem, a ter sido o mais importante morador da rua, um portuguez, Fuão Crespo. —A rua Duque de Caxias teve os nomes de Queimado, desde a do Livramento a encontrar á rua 1º de Março, e das Cruzes, daquella a chegar á rua de S. Francisco: chamava-se do Queimado, porque no seculo passado, quando entre nós os incendios eram rarissimos e contados como casos extraordinarios, ahi incendiou-se um sobrado; e das Cruzes, porque em diversos pontos havia cruzes collocadas da Ordem Terceira de S. Francisco, para commemorar a Via-Sacra. —A actual rua de S. Francisco ou de Francisco Jacintho, chamou-se primitivamente Mundo Novo, pelo grande aterro nella feito, e cáes do Machado, porque na extremidade, onde havia um cáes, morava um individuo com esse cognome.—Rua da Florentina, hoje de João do Rego, diz a tradição, que aquelle nome provem do facto da residencia alli de uma italiana, filha de Florença. —Rua do Fogo, porque em uma das festas do Rosario a taboca de um foguete cahindo sobre o telhado de uma casa deu

(*) Vide *Mosaico Pernambucano* de Dr. F. A. Pereira da Costa pag. 25.

isso logar a um incendio. —Rua de Hortas, a denominação provem de que a egreja de S. Pedro tinha extenso quintal, que cultivava, e se estendia pelo terreno occupado pela parte da rua, hoje denominada, do coronel Suassuna, e ainda actualmente por muitos conhecida pelo de Hortas, e nos primitivos tempos chamada das Hortas de S. Pedro. —Rua do Cabugá, porque ahi residiu o pai do patriota Antonio da Cruz Cabugá, que sendo ourives, diz a tradição, dava dinheiro sobre penhores, chamando-se então semelhante operação — *esbrugar;* tinha o ourives um filho, de falla embaraçada, que costumava perguntar aos que se apresentavam na loja —*qué bugá* (quer esbrugar)? do que se ficou conhecendo a casa pelo nome do *québugá*, corrompendo-se em Cabugá.—A rua Pedro Affonso chamava-se, e hoje ainda, pelo nome de rua da Praia é conhecida, porque o mar banhava grande parte da mesma.—A rua Visconde de Inhaúma — conhecida ainda pelo nome de Rangel, foi no seculo passado edificada e de propriedade quasi toda, de José Francisco de Souza Rangel, portuguez abastado e contractante do fornecimento de pau brazil ao governo, o qual deixou grande successão. — Rua das Trincheiras — esse nome recorda que ahi no tempo da lucta hollandeza existiram trincheiras e baterias, estabelecidas para a defeza da ilha de Antonio Vaz ou Santo Antonio; as marés chegavam até esse ponto. — Rua Paulino Camara, nome dado pela Camara Municipal em honra do Dr. José Paulino da Camara, (o promotor do Recife que, como voluntario da patria em 1865, seguira para a guerra com o Paraguay, fallecendo em Buenos Ayres em Junho de 1866), chamava-se da — Cambôa do Carmo — porque alli era uma cambôa que dava entrada á canôas, indo sahir no pateo do Carmo por uma levada.—Rua Bom Jesus das Creoulas — porque em uma de suas casas havia umas creoulas, possuidoras de uma imagem do Senhor dos Passos, para a qual recebiam esmolas, e faziam festas, sendo similhante pratica um meio de vida e especulação das mesmas.

Freguezia de S. José. — Rua Marquez do Herval (que pertence parte a Santo Antonio) chamou-se rua da Concordia, e a respeito dessa ultima denominação conta a tradição o seguinte facto: Em 1840 a 1844, sendo o barão de Itamaracá, Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, presidente da Camara Municipal, o carpinteiro Manuel José alli fizera a primeira construcção, e depois José Fernandes

construira 6 a 7 casas, pequenas e fronteiras, dando este ultimo seu nome á rua iniciada, do que se originou uma contenda, porque Manuel José queria o seu, allegando a prioridade, e José Fernandes estar o direito de seu lado, relativamente ao numero de edificações; o caso teve de parar, para a resolução, ás mãos do presidente da Camara, que propôz-lhes, como meio conciliatorio que não tivesse o nome de nenhum delles, mas o de Concordia, o que por ambos foi acceito. — A rua do Nogueira é assim chamada por ter nella, no seculo passado, morado e sido proprietario um pardo por nome Nogueira, que era tenente coronel de milicias. — A rua de Santa Rita tem esse nome devido a egreja: antigamente, porém, desde o largo do Mercado até o logar em que é cortada pela rua do Nogueira, se chamava do Fagundes, nome de um portuguez ilhéo que alli morou; daquelle ponto por diante, na direcção do sul —Rua de Santa Rita Nova—, em consequencia de haver sido erigida a egreja por sua irmandade, que primitivamente fôra creada na egreja do Terço. Havendo desavenças daquella com a deste patrocinio, que era a proprietaria do templo, a de Santa Rita desde logo deliberou a construcção de uma egreja para se estabelecer, o que levou realmente a effeito, com o auxilio proficuo do governador José Cezar de Menezes. Mas foi-lhe então negada pela irmandade do Terço a entrega, para o altar mór da nova egreja, da imagem da padroeira Santa Rita, pelo que essa irmandade, conseguindo outra, o povo começou a chamar, a que ficou no Terço, — Santa Rita Velha, e a da nova egreja, — Santa Rita Nova. Com o correr dos tempos, porém, essas distincções foram esquecidas, e a rua, no presente, —Padre Muniz, e outr'ora denominada Praia de Santa Rita, passou a ser conhecida como rua de Santa Rita Nova, e a em que está a egreja — Santa Rita Velha, porque a edificação da ultima dessas ruas era anterior a da primeira. — Rua das Calçadas, hoje Domingos Theotonio, primeiro chamou-se dos Curraes, talvez por ter ahi havido curraes para os bois do Matadouro, cujo abatimento era feito junto ás Cinco Pontas; depois foi rua de Manuel Côco, um creoulo sapateiro que alli houve; mais tarde appellidou-se das Calçadas, em consequencia dos degraus que tinha cada casa para se subir ás suas calçadas; e finalmente a actual denominação, dada pela Camara Municipal, como lembrança de um dos nossos vultos historicos. — Rua da As-

sumpção, devido a um nicho de Nossa Senhora da Assumpção que houve alli. — Rua dos Açouguinhos (ou travessa do Padre Floriano) e hoje Antonio Henriques, a primeira denominação, porque existiam nesse logar pequenos açougues, e a actual, foi dada pela Camara Municipal, por haver, em 1817, em uma daquellas casas, sido preso o intemerato martyr dessa revolução, Antonio Henriques Rabello, cujas ultimas palavras no cadafalso foram esse brado ardente de: —*Viva a patria!* —A rua das Aguas Verdes, tem o seu nome oriundo do facto de ter havido alli um canal aberto, que ia até o pateo do Terço, fronteiro á travessa ainda hoje conhecida por beco do Dique (travessa do Prata), ficando na estação secca aquellas aguas estagnadas e verdes pelo lôdo; a municipalidade deu-lhe a denominação de rua das Lomas Valentinas. — A rua Tobias Barretto, cujo nome a Intendencia Municipal deu em homenagem á memoria do notavel litterato sergipano, que, desde os tempos de seus estudos academicos até sua morte, esteve entre nós, teve em tempos idos a denominação popular de — Sete Peccados Mortaes —, porque era um extenso beco contendo 7 casas do mesmo lado e habitadas por mulheres fadistas. — A rua de S. João foi assim conhecida, e o povo ainda a denomina, pelo facto de ter-se dado nella, n'uma noite de S. João, uma medonha catastrophe e explosão, na casa de um fogueteiro; a Intendencia Municipal mudou-lhe o nome para Avenida 17 de Junho, data essa que relembra a promulgação da Constituição Estadual.

Freguezia da Bôa Vista. — E' conhecida a rua Velha ou da Ponte Velha com esse nome, porque a antiga ponte da Bôa Vista, construida por Mauricio de Nassau, nesse logar desembocava. — Rua do Aragão, porque alli morou no seculo passado, um portuguez cujo sobrenome era Aragão, o qual deixou descendencia, e foi o constructor de grande numero, principalmente, das primeiras casas da rua, sendo mudada a denominação pela Camara Municipal para Rua Visconde de Pelotas. — Rua do Pires, porque nella morou Domingos Pires Ferreira, pai do patriota Gervasio Pires Ferreira; a Camara Municipal, porém, julgou mais conveniente dar-lhe o nome do mesmo patriota Gervasio Pires. —Chamou-se rua do Sêbo, pela chrisma popular, a que presentemente é nomeada rua do Barão de S. Borja, visto como, dizem, era immensa a falta de asseio em que

se conservava. —A rua da União, deve seu nome ao facto de ter sido nella a typographia do jornal conservador *União*. Rua ou beco dos Ferreiros, era morada de grande numero de ferreiros, hoje chama-se, por designação municipal, Rua Sete de Setembro. —Rua do Atalho, (uma parte da actual rua da Intendencia) porque por esse logar se tornava menos extenso o caminho para a Soledade. — Rua do Hospicio, hoje Visconde de Camaragibe, lembra a existencia do hospicio de S. João Baptista, dos frades leigos de S. Francisco, em beneficio dos logares santos de Jerusalém, conforme em outra parte deste trabalho já foi mencionado. — Chora Menino, assim chamou-se, e ainda é muito conhecido por esse nome, o principio da estrada que vai para a Magdalena, no ponto em que o Mondego e a Estancia se encontram, ficando esses logares nas divisas com a freguezia da Graça ; dizem que a denominação *Chora Menino* está ligada a uma lenda na qual se conta que depois do saque da tropa que guarnecia a cidade em 1831, esta, insubordinada, fez a revolta conhecida por *Setembrisada*, na qual os soldados e varios individuos máos, associados áquelles, arrombavam as casas e roubavam violando os lares, e commettiam toda a sorte de atrocidades, se havendo sepultado nessa paragem grande numero de victimas fallecidas : os que alta noite passavam por alli ouviam sempre choro de menino.—O nome Mondego, que ainda hoje é o de toda extensão percorrida pela linha do bond da Magdalena, na rua Visconde de Goyanna, foi primitivamente extensivo ao Chora Menino, Estancia e á região que conserva tambem o nome : ao tempo do dominio hollandez era o sitio de João Velho Barreto, tomando depois o nome de sitio do Mondego, dado, provavelmente, por seu proprietario, talvez como alguma reminiscencia de Portugal, tendo sido elle habitado, no tempo de sua administração, pelo governador Luiz do Rego Barreto.

Passemos agora a tratar de outros logares do municipio : O actual logar *Coelhos*, na extrêma meridional da Bôa Vista, foi antigamente chamado Cemiterio dos Judeus, porque ahi se effectuavam as inhumações de cadaveres das pessoas que não professavam a religião catholica ; depois foi convertido em sitio de arvores de fructo, sendo propriedade de descendentes da familia Coelho Cintra ; e d'então por diante conheceu-se por sitio dos Coelhos, nome que perdurou até hoje, tendo, aos 13 de Agosto de 1824, os ter-

renos passado ao governo por compra feita ao ultimo consenhor Elias Coelho Cintra, afim de servir de matadouro de gado; e finalmente em 1846 foi deliberada a construcção alli do Hospital Pedro II, o que de facto foi levado a effeito.—*Estancia*, recorda a estancia ou pôsto das tropas do heróe das luctas hollandezas, Henrique Dias. Ao povoado dos *Remedios*, que é do principio deste seculo e devido ao padre Caetano José de Souza Antunes, ao fundar a capella, no tempo dos hollandezes uma parte chamou-se Sitio de Sebastião de Carvalho, e outra Estancia de Nuno de Mello. —A *Magdalena* deve o nome a um engenho que naquelle logar existiu. Duarte Coelho tendo feito doação aos filhos de Jeronymo de Albuquerque dos terrenos á margem do rio Cedro, (uma parte do Capibaribe, anteriormente assim chamada, inclusive o braço que vai encontrar o Beberibe), começando da foz até a região hoje occupada pela Magdalena, uma filha do mesmo, viuva, fez venda de taes terrenos á Belchior Alves Camello, e este, provavelmente, á Pedro Affonso Duro (*), portuguez eborense, casado com Magdalena Gonçalves, natural de Olinda, o qual alli fundou um engenho a que deu o nome de sua esposa; passou, por morte do proprietario, a pertencer a João de Mendonça, e foi nesse lôcal, no periodo da guerra hollandeza, um dos postos de resistencia, conhecido por Estancia do Mendonça, voltando, posteriormente a chamar-se de novo Magdalena, dando-se então o nome de Passagem da Magdalena ao sitio em que hoje se vê a ponte, porque nelle havia uma travessia do Capibaribe, por meio de balças.—A povoação da *Torre* assim se chama pelo facto de que o engenho de Marcos André era preferentemente conhecido por Engenho da Torre, visto como a capella tinha torre, o que era rarissimo ver-se em taes capellas. —*Ponte d'Uchôa*, anteriormente chamado Sitio do Guardêz, depois assim denominou-se porque possuindo o então senhor do engenho Torre, Antonio Borges Uchôa, (herdeiro e filho de Marcos André), terras á margem esquerda do Capibaribe,

(*) Este Pedro Affonso Duro e sua filha Ignez Barboza foram padrinhos do baptismo de Domingos Fernandes Calabar, celebre em nossa historia, baptisado na capella do Engenho Velho, em 15 de Março de 1610.

que haviam pertencido á Casa Forte, deliberou e levou a effeito a construcção de uma ponte que atravessava do alto do engenho da Torre á margem opposta do rio, no logar que precisamente despeja o riacho Parnameirim, e sitio, no presente, do coronel Justino Pereira de Farias; desappareceu a ponte, mas ficou essa tradição oral repetida sob a denominação de Ponte d'Uchôa.—*Cruz das Almas* e *Cruz das Moças*: — Era costume no cruzamento das estradas se collocar uma cruz, com uma caixa afim dos transeuntes depositarem esmolas para missas das almas: duas existiam naquella paragem —Cruz das Almas das Moças, a do sitio do Tasso, ao entrar na estrada que vai da Jaqueira á Tamarineira, chamada desse modo porque nelle residiam umas moças; e —Cruz das Almas dos Padres, a que começa da Tamarineira á encontrar á estrada de Beberibe, conhecida assim porque o sitio em que hoje está o hospicio dos alienados pertencia aos padres da Madre de Deus.—A *Estrada de João de Barros*, deve essa denominação a ter sido aberta por João de Barros Corrêa, casado com Luiza d'Albuquerque, e fallecido em 12 de Maio de 1661, ao qual pertenceu o sitio em que está a egreja que fundou, e outros das immediações.—O logar *Cordeiro*, na estrada do Caxangá, foi o antigo engenho de Ambrosio Machado, a que tantas vezes se refere a historia patria, do qual se apossaram os hollandezes, quando aquelle se retirou para Portugal; o seu nome actual se origina de que, dando-se a restauração e estando na posse do mesmo o hollandez Guenner, foi requestado pela Fazenda e arrematado em hasta publica pelo senhor do engenho do Monteiro: e como, por essa occasião, João Cordeiro de Mendanha, que tinha sido ajudante de ordens de João Fernandes Vieira, tivesse sido lavrador de uma parte desse engenho, então de fogo morto, mais tarde, comprando-o Sotero de Castro aos herdeiros do mesmo senhor do engenho Monteiro, no local ergueu um engenho a que deu o nome de *Cordeiro*, para recordar o nome de João Cordeiro de Mendanha (*).—A povoação do *Monteiro* foi primitivamente um engenho fundado por Pantaleão de Siqueira; em 1577 Manuel Vaz e sua mulher Izabel Ro-

(*) Esta noticia foi fornecida ao major J. D. Codeceira, por José Leão de Castro, filho do fundador do engenho.

drigues venderam esse engenho, então de S. Pantaleão, á Jorge Camello e sua mulher Izabel Cardoso, passando a chamar-se engenho do Monteiro depois que passou a pertencer ao capitão Francisco Monteiro Bezerra, um dos pernambucanos dedicados á causa da independencia da patria, e que muito se distinguiu na guerra hollandeza: por João Pessoa Bezerra, filho do antecedente, foi instituido o vinculo de Nossa Senhora das Angustias, conhecido por morgado do Monteiro (*).—*Apipucos* foi tambem um engenho fundado, antes de 1593, por Leonardo Pereira e sua mulher, sendo-lhes successor Gaspar de Mendonça : Apipucos é vocabulo indigena que significa, segundo o Padre Montoya, —*cabeça larga*— de *api* cabeça e *pucu* larga. —*Iputinga*, chamou-se primeiro-*Ipueira*, segundo se verifica de antigos documentos, sendo um vocabulo indigena empregado relativamente aos logares do campo que se enchem d'agua no inverno, conservando-a por algum tempo; vem de *I* agua, e *Puéra* que foi ; depois, passou a chamar-se *Iputinga* vocabulos tupy, composto, segundo Baptista Caetano, de *Ipohu* (dando-se a contracção para *Ipu*), alagadiço, pantano ou sumidouro d'agua, e *Tinga* branco, significando ainda, conforme Pompêo, terreno de varzea por onde passam ou correm aguas, formado de barro branco, e especie de massapê.—E, finalmente, o logar *Giquiá*, na estrada de Afogados á Jaboatão, que foi um engenho pertencente á Francisco Berenger de Andrade, pai de D. Maria Cezar, casada com João Fernandes Vieira. A palavra *Giquiá* é indigena e significa (conforme B. Caetano e outros) cêsto ou cóvo em que entra ou se apanha peixe.

Fica assim, em rapidos traços e ligeiro esbôço, escripta a noticia historica e topographica da cidade e municipio do Recife. E' um ensaio esse trabalho ; outro mais competente melhor poderá desenvolvel-o.

Recife, Setembro de 1899.

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO.

(*) Vid. Livro I de *Notas Curiosas*, á pag 121 —Certidão da instituição da Capella, o qual é propriedade do Instituto Archeologico.

Convento de Nossa Senhora da Conceição em Macaú-bas, Estado de Minas Geraes, fundado por Felix da Costa, natural de Pernambnco.

O documento que se segue, foi ministrado pelo Padre Joaquim de Oliveira Lana, administrador de convento, e publicado no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 1881, nas missivas do seu correspondente sobre a viagem que naquelle anno fez o imperador D. Pedro II a Minas Geraes :

O convento de Macaúbas foi fundado por Félix da Costa, natural de Pernambuco, d'onde veio para Minas Geraes pelo Rio de S. Francisco embarcado, fazendo paradas no decurso de 3 annos, juntamente com o seu irmão o capitão Manoel da Costa Soares, e a familia deste, sendo Felix solteiro. Este, que era inclinado a vida devota e excitado ainda por uma apparição que julgou ter, estando na sua barca, na margem do Rio S. Francisco, obteve do Sr. Bispo do Rio de Janeiro e Minas, D. Francisco de S. Jeronymo, provisão para tirar esmolas para edificação de uma ermida a Nossa Senhora da Conceição, e permissão para trazer o habito das religiosas della, que o mesmo Sr. Bispo lhe disse ser a da apparição, e cuja imagem era a da bandeira da sua barca; o habito sendo bento pelo mesmo Sr. Bispo a 8 de Março de 1712, depois de provada a vocação de Felix por um mez, foi por elle vestido logo que sahio do Rio de Janeiro.

A ermida e recolhimento tiveram principio com licença do Bispo a 12 de Agosto de 1714 e benta pelo Rvd. Dr. Vigario da vara de Sabará a 1 de Janeiro de 1716, que no dia seguinte conduzio para o pequeno recolhimento 12 donzellas, 5 das quaes já tinham tomado o habito a 17 de Junho de 1715, e as outras 7 infere-se que o haviam tomado antes porque fizeram com seus rogos voltar o fundador ao Rio para obter do mesmo Sr. Bispo licença para serem vestidas do mesmo habito ; duas destas eram irmãs de Felix e as outras cinco suas sobrinhas.

Este estabelecimento foi visitado pelo Sr. Bispo D. Frei Antonio de Guadelupe que approvou o modo de viver das recolhidas, as quaes seguiam em parte as regras de S. Francisco, fazendo-lhes algumas advertencias que lhes deu por escripto. Este bispo continuou sempre no cuidado e direcção do recolhimento por si ou delegados seus, sendo construido segundo recolhimento por commissão delle ao Rvd. Dr. Vigario geral Lourenço José, cooperado pelo Rvd. Missionario Frei Jeronymo de Monte Real. Foi este segundo recolhimento bento e sua igreja por provisão do bispo D. Frei João da Cruz, a 18 de Dezembro de 1743, executada a 24 do mesmo anno pelo Rvd. Vigario da vara Dr. Amaro Gomes de Oliveira, celebrando missa pela primeira vez na igreja em lugar do Rvd. Vigario da vara o Rvd. Missionario acima dito com assistencia de muitas pessoas.

Para este recolhimento foram trasladadas todas as recolhidas de 1 a 26 de Dezembro de 1744 com as cerimonias convenientes, assistindo o commissario do mesmo bispo vigario da vara acima dito, o mesmo Rvd. Missionario, muitos sacerdotes, o testamenteiro do fundador e o povo, como consta do livro de lançamento das entradas das irmãs.

O primeiro bispo de Marianna, D. Frei Manoel da Cruz, deu os estatutos que regem até agora o recolhimento, os quaes recommendam tambem a conformidade possivel com as regras dos religiosos de Nossa Senhora da Conceição, que são as approvadas pelo Santissimo Padre Julio II, moderadas pôlo Santissimo Padre Innocencio XII, e contém as constituições das religiosas de Nossa Senhora da Conceição do convento da Luz, em Portugal, dadas em Lisbôa a 8 de Julho de 1727, pelo seu primeiro patriarcha. Foram os estatutos approvados pelo governo de D. Maria I, de Portugal, por aviso de 23 de Setembro de 1789, conforme o qual e o art. 11 do regulamento mandado observar pelo decreto n. 3,183 do governo imperial é o Sr. Bispo ou ordinario de Marianna o inspector immediato deste estabelecimento, ao qual tambem o Rvd. Padre superior maior da congregação da missão brazileira Antonio Affonso de Moraes Torres, delegado do Rvd. Bispo Conde da Conceição deu regras que o mesmo senhor disse ao padre Lana fossem consideradas como addiccionaes, sendo as verdadeiras regras os estatutos.

Consta mesmo do aviso supra a fls. 31 do livro dos estatutos, que o recolhimento sempre educou meninas; mas principiou a educal-as em forma de collegio sómente em 1846, em virtude de uma pastoral do Sr. Conde da Conceição ao sobredito superior-maior e ás irmãs recolhidas, datada de 3 de Maio do mesmo anno de 1846. Conjuntamente são educadas actualmente desde 1874 tres meninas pobres conforme determina o decreto imperial acima mencionado. O collegio ainda não tem regra directiva por escripto e autorisada. Macahúbas, 5 de Julho de 1879. — *Padre Lana.*



Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

Acta da sessão especial de eleição, em 15 de Fevereiro de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Pinto, Baptista Regueira, 1º secretario, Pedro Celso, Marco Tulio, Alfredo de Carvalho, Guedes Alcoforado, Vitalino Cordeiro, Pereira da Costa, Augusto Cesar e Major Codeceira, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada, bem como a da sessão solemne de 27 de Janeiro.

O Sr. Dr. 1º secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um convite da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, de 22 de Dezembro, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria de 28 daquelle mez. -- Tiveram conhecimento do convite todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Um officio da sociedade Centro Litterario Pesqueirense, de Dezembro, communicando a sua inauguração em 11 de Agosto de 1895, e pedindo donativos para a sua bibliotheca. — Mandou-se remetter a Revista e as publicações que houver.

Um dito do Secretario do Conselho Municipal do Recife offertando um exemplar da lei n. 166 do orçamento municipal do corrente anno. — Mandou-se agradecer.

Um dito do consocio Dr. Ribeiro da Silva de 31 de Janeiro, communicando ter se desempenhado da commissão de representar o Instituto na festa da sociedade Centro Litterario e Recreativo Nazareno, em 27 do mesmo mez. — Inteirado.

Um dito da sociedade Centro Recreativo Nazareno, de 29 de Janeiro apresentando suas desculpas por não ter podido fazer-se representar na festa anniversaria do Instituto. — Inteirado.

Um dito do consocio Dr. Ribeiro da Silva, de 4 do corrente, communicando não ter podido, por motivo justo representar na solemnidade da trasladação dos restos mortaes do Desembargador Joaquim Nunes Machado para o Cemiterio Publico, a sociedade Centro Litterario e Recreativo Nazareno, de que fôra incumbido. — Inteirado.

Um convite da commissão encarregada da distribuição das esmolas ás viuvas e orphãos dos soldados do 14° batalhão de infanteria, mortos em Canudos, que devia realisar-se em 8 do corrente. — Tiveram conhecimento do convite todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

OFFERTAS

Pelo Dr. José Silveira do Pilar Filho, por intermedio do consocio Dr. Manoel Cicero, as seguintes obras que pertenceram a Monsenhor Costa Honorato:

Buletin de la societé de Geographie de Paris, dos annos de 1879 a 1889, 14 volumes.

Compte Rendu de la societé de Geographie de Paris dos annos de 1882 a 1889, 8 volumes.

Madame Julie Delafaye Brehier. Les Portugais d'Amerique. Souvenirs historiques de la guerre du Brésil, 1 volume.

João de Sery. Historia de uma viagem feita á terra do Brasil, traduzida em linguagem vernacula por Tristão de A. Araripe, 1 volume.

Nobrega. Cartas Jesuiticas, 1 volume.

Almeida (C. Mendes) Pinsonia ou a elevação do territorio septentrional da provincia do Grão Pará, com essa denominação, 1 volume.

O Valeroso Lucidenno, 1 volume (estragado).

Moreira de Sá (Antonio S.).

O Zuavo da Liberdade, 1 volume.

Mello Moraes (Dr. Alexandre José de). Memorias Diarias da Guerra do Brasil, por espaço de 9 annos, começando em 1630, 1 volume.

Brito Freire. Nova Luzitania, Historia da Guerra do Brasil, 1 volume (estragado).

Pereira (Felippe Francisco). Roteiro da Costa do Norte do Brazil. desde Maceió até o Pará.

Pelo Dr. João do Rego Barros, por intermedio do mesmo consocio Dr. Manoel Cicero, um panorama do Recife, que pertenceu a D. Pedro II.

Pelo consocio Dr. Manoel Sandaeta Rosales, um exemplar do seu trabalho intitulado —Datas sobre la agricultura em Venezuela— e outro —Tres Proceres de la Causa Liberal.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e remettido á Commissão de Contas para dar parecer o balancete da receita e despeza do Instituto no trimestre de Outubro a Dezembro ultimo.

Foram propostos e approvados para socios correspondentes do Instituto os Srs. Drs. Samuel Bliscen, advogado, jornalista e litterato, e Dr. J. T. Xavier da Veiga, autor das —Ephemerides Mineiras—, Julio Meilli, cidadão suisso autor de varios e importantes trabalhos sobre a numismatica brazileira, de todos os quaes tem offerecido exemplares á bibliotheca do Instituto, e Dr. Elpidio de Figueiredo, deputado ao Congresso Estadual e natural de Pernambuco.

Em seguida e de conformidade com os Estatutos procedeu-se á eleição da Mesa Administrativa do Instituto, para o anno social de 1898 a 1899, cujo resultado foi o seguinte :

Presidente — Desembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha, reeleito.

1º Vice-presidente — Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, reeleito.

2º Vice-presidente — Conselheiro João José Pinto Junior, reeleito.

3º Vice-presidente — Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

1º Secretario — Dr. João Baptista Regueira Costa, reeleito.

2º Secretario — Major José Domingues Codeceirá, reeleito.

Supplentes do 2º Secretario — Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa e Augusto Cesar da Cunha, reeleitos.

Oradores — Dr. José Izidoro Martins Junior e Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcante, reeleitos.

Thezoureiro — Dr. Manoel Gomes de Mattos, reeleito.

Commissão de Contas — Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, Dr. José Lopes Pessôa da Costa, e Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro, reeleitos.

Commissão de Redacção — Dr. João Baptista Regueira Costa, Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa e Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

—

Finda a eleição o Sr. Dr. Alfredo Carvalho, em desempenho da commissão para que fôra nomeado apreséntou e o Instituto mandou publicar o seguinte:

Plano para uma Bibliographia Historica de Pernambuco

SECÇÃO LITTERARIA

I

PRELIMINARES

Classe I — Chorographia de Pernambuco:

§ 1º Geographia do Brasil em geral;

§ 2º Chorographia de Pernambuco;

§ 3º Rios de Pernambuco;

§ 4º Costa e portos de Pernambuco;

§ 5º Roteiros;

§ 6º Viagens;

§ 7º Cartas chorographicas, hydrographicas e topographicas.

Classe II — Estatistica.

Classe III — Publicações periodicas:

§ 1º Annuarios e almanaks;

§ 2º Jornaes e periodicos.

II

HISTORIA DE PERNAMBUCO

Classe IV — Historia Civil:
§ 1° Historias geraes do Brazil;
§ 2° Historias especiaes de Pernambuco;
§ 3° Documentos officiaes.
Classe V — Historia Administrativa:
§ 1° Administração provincial e estadual;
§ 2° Camaras e intendencias municipaes.
Classe VI — Historia Ecclesiastica:
§ 1° Historia da Diocese de Olinda;
§ 2° Historia das Ordens Religiosas.
Classe VII — Historia Constitucional:
§ 1° Assembléas legislativas;
§ 2° Legislação.
Classe VIII — Historia Diplomatica:
§ 1° Questões de limites.
Classe IX — Historia Militar:
§ 1° Luctas com os Hollandezes;
§ 2° Guerra dos Mascates;
§ 3° Revolução de 1817;
§ 4° Confederação do Equador;
§ 5° Guerra dos Cabanos;
§ 6° Revolução de 1848;
§ 7° Cartas Militares.
Classe X — Historia Litteraria e das Artes:
§ 1° Instrucção publica;
§ 2° Associações scientificas e litterarias;
§ 3° Bibliographia;
§ 4° Critica;
§ 5° Historia das Artes.
Classe XI — Historia Economica:
§ 1° Industria e manufactura. Exposições;
§ 2° Commercio e Finanças. Bancos;
§ 3° Associações e Companhias;
§ 4° Estradas e Navegação;
§ 5° Telegraphos e Correios;
§ 6° Colonisação e Civilisação dos Indios;
§ 7° Estabelecimentos de beneficencia e Irmandades;
§ 8° Penitenciarias;
§ 9° Elemento servil.

Classe XII — Biographia:
§ 1° Genealogia e Heraldica;
§ 2° Biographias e documentos biographicos.
Classe XIII — Numismatica:
§ 1° Obras geraes;
§ 2° Moedas;
§ 3° Medalhas.

SECÇÃO ARTISTICA

Classe XIV — Vistas, Paisagens e Marinha:
§ 1° Vistas e Paisagens;
§ 2° Marinha.
Classe XV — Historia:
§ 1° 1500 a 1629;
§ 2° 1630 a 1654;
§ 3° 1655 a 1821;
§ 4° 1822 a 1888;
§ 5° 1889 a 1898.
Classe XVI — Typos. Uzos. Trajes.
Classe XVII — Genealogia Heraldica.
Classe XVIII — Retratos. Bustos. Estatuas.

Sala das Sessões do Instituto, 15 de Fevereiro de 1898.

Alfredo de Carvalho.

—

O Sr. Major Codeceira, obtendo a palavra, communica que a commissão de que fez parte, nomeada para, de accordo com a commissão popular tratar do encerramento dos restos mortaes do distincto patriota Desembargador Joaquim Nunes Machado, no tumulo mandado reconstruir pelo Instituto, acto que a pedido de diversos cavalheiros da nossa sociedade, resolveu o Instituto em sessão extraordinaria de 13 de Agosto do anno passado addiar para o dia 3 do corrente mez, desempenhou-se de sua incumbencia.

Que na manhã do referido dia foi celebrada, na matriz de Santo Antonio, em presença dos restos mortaes do grande cidadão, uma missa solemne, bem como um *Memento* pelo Rvd. Padre Constantino Gomes de Mattos, o qual em seguida foi ao cemiterio e benzeu o tumulo. Aos

actos da matriz compareceram, alem de grande numero de cidadãos de todas as classes, as principaes autoridades, inclusive os Exms. Srs. Conselheiro Governador do Estado, General Commandante do Districto Militar, Dr. Questor e officiaes dos corpos de linha e estaduaes.

A' tarde, em grande prestito, foram conduzidos os referidos restos ao Cemiterio Publico, onde oraram : o Dr. Phaelante da Camara, em nome das differentes classes que tomaram parte na solemnidade, o Dr. Martins Junior, orador official, que disse dever-se á esta associação a realisação daquelles actos, e á não serem lançados na valla commum os restos mortaes do grande patriota, a um homem do povo, chamado Felix José d'Almeida Catanho ; o Dr. Pereira Junior representando a imprensa e por ultimo o nosso consocio Dr. José Mariano Carneiro da Cunha, que em seu discurso salientou os esforços empregados pelo Instituto para encontrar-se aquelle tumulo, perdido havia 49 annos, e fazel-o reconstruir do modo porque alli se achava, esforços para os quaes tinham individualmente concorrido os membros desta associação.

Por ser já tarde deixaram de fallar diversas pessoas que se haviam inscripto, inclusive elle informante, que pretendia render naquella occasião uma ultima homenagem á memoria do amigo e contemporaneo, mas cujo discurso apresenta e pede para ser transcripto na Revista.

Concluindo a sua informação, o Sr. Major Codeceira felicita o instituto por ter em nome da patria, pago por esse modo ao notavel pernambucano os valiosos serviços que lhe prestou, bem como concorrido directamente para satisfazer os desejos da virtuosa viuva, que era encerrar naquelle tumulo os preciosos restos e propoz um voto de louvor á todos os que concorreram para aquella solemnidade e que officialmente se agradecesse aos Exms. Srs. Conselheiro Governador do Estado e General Commandante do Districto Militar os serviços e a boa vontade com que, acquiescendo aos pedidos do Instituto, prestaram-se no sentido de abrilhantal-a.

A proposta foi approvada, bem como a seguinte do consocio Dr. Alcebiades Velloso, apresentada por intermedio do mesmo Major Codeceira :

« E' tradiccional de que, em 1817, por occasião de expedirem-se forças para suffocar a revolução, que nessa epoca fez estremecer a metropole, o Conde dos Arcos,

então governador do Estado da Bahia, fizera embarcar na fragata *Tetis*, então armada em transporte, um regimento de tropas indigenas daquelle Estado, commandado pelo coronel Pantoja e do qual era major e depois coronel Francisco José da Costa Branco, com destino á este Estado e só depois de longa viagem foi dar no porto de Lisbôa, onde desembarcou o referido regimento, sendo aquartellado na Torre de Bethlem e ahi permanecendo, até completo restabelecimento da ordem, voltando então para aquelle Estado no transporte *Simão Grande*, se me não falha a memoria.

« O coronel Francisco José da Costa Branco, á quem ácima me refiro, era meu tio, e teve occasião de por muitas vezes, contar-me episodios desta viagem e da surpreza que tiveram ao chegar á Lisbôa, desculpando se o commandante do navio de ter-se enganado na derrota.

« Parece-me que em vista das ideias politicas do commandante daquelle regimento, que era excessivamente liberal, e inimigo dos portuguezes e falta de confiança no seu corpo lançaram mão desse meio para evitar que tomasse parte na revolta. »

Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão, declarando o Sr. Presidente, ficar o Instituto em ferias até o 1 de Abril, de conformidade com a disposição dos Estatutos.

Adelino Antonio de Luna Feie,
Presidente.

José Domingues Codeceia,
1º Secretario interino.

F. A. Pereira da Costa,
2º Secretario interino.



Acta da sessão de assembléa geral, em 1 de Abril de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presente os Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Baptista Regueira, 1º secretario, Pereira da Costa, Pedro Celso, Alfredo de Carvalho, Marco Tullio, Sebastião Galvão, Guedes Alcoforado e Major Codeceira, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Pedro de Araujo Beltrão, de 24 de Fevereiro accusando a remessa de um caixote com diversas obras, que offerta ao Instituto.

Um dito da consocia D. Ignez Sabino Pinho Maia, de 24 de Fevereiro, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socia do Instituto. — Inteirado.

Um dito do Exm. Sr. General Commandante do Districto Militar, de 4 de Março, agradecendo a fineza do officio que lhe dirigiu em agradecimento pelos serviços prestados por occasião da trasladação dos restos mortaes do Dr. Nunes Machado, para o Cemiterio Publico. — Inteirado.

Um dito do Exm. Sr. Presidente do Senado do Estado de 5 de Março, convidando o Instituto a se fazer representar na abertura do Congresso no dia 6. — Deixou de ser nomeada a commissão por ter sido recebido tarde o convite.

Um dito da Sociedade Perseverança e Auxilio dos Caixeiros de Maceió, remettendo, em 10 de Março, a lista dos seus associados eleitos para comporem o Conselho Administrativo da mesma Sociedade, no corrente anno social. — Mandou-se agradecer.

Um dito do Dr. Secretario da Camara dos Srs. Deputados do Estado, de 31 de Março, offertando um exemplar dos Annaes da Camara dos Deputados, relativos ao anno

findo, e outro da Synopse dos trabalhos da mesma casa. — Mandou-se agradecer.

OFFERTAS

Pela Secretaria do Ministerio da Justiça e Negreiros Interiores, 1 volume —Noticia Historica dos Serviços, Instituições e Estabelecimentos pertencentes a mesma Repartição, elaborada por ordem do respectivo Ministro Dr. Amaro Cavalcante.

Pela Repartição de Deposito Reparto e Conge de Montevidéo, 1 volume do —Annuario Estatistico de la Republica Oriental del Uruguay e 10 ditos —Documentos para los Annales de Venezuela, desde el movimento separatista de la Union Colombiana hasta nuestros dias.

Pela redacção da Revista Archivo do Districto Federal, um numero da mesma Revista.

Pelo Sr. E. Dufossé, livreiro em Paris, um catalogo de livros de sua Livraria.

Pelo autor o Sr. J. H. Ismael Garcia, um exemplar de seu trabalho —Vasco da Gama e o Descobrimento do Caminho Maritimo da India. Noticia Historica.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, um numero de seu Boletim.

Pelo Sr. Luiz J. Lamartine Nogueira, um folheto — Aldeias do Camarão, para a Historia do Ceará.

Pelas respectivas redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lida, discutida e approvada uma proposta para socios, effectivo o Dr. Alfredo Arnobio Marques e correspondente o Dr. João do Rego Barros, independentemente da contribuição das joias respectivas, sendo tambem elevado a socio honorario o socio correspondente Monsenhor Joaquim Arcoverde d'Albuquerque Cavalcante, arcebispo do Rio de Janeiro.

Findo o expediente o Exm. Sr. Presidente declarou cumprir o doloroso dever de trazer ao conhecimento do Instituto que no dia 17 de Fevereiro ultimo falleceu o consocio Dr. Carlos Eugenio Duarche Mavignier, e que esse dever era para elle tanto mais doloroso porque tratava-se de um collega e amigo com quem entretivera as melhores

relações desde que em 1847 se matricularam no primeiro anno da Academia de Olinda, até seus ultimos dias.

Não foi uma existencia fulgurosa pelo saber, pela alta posição social ou pela riqueza; foi, pelo contrario, uma vida modestissima que finou-se quasi desapercebidamente.

Os poucos amigos que lhe restavam tiveram noticia do triste passamento por ter seu nome sido publicado na turba multa do obituario.

Um antigo companheiro de escriptorio, o Dr. Salustiano de Oliveira, prestou-lhe caridosamente os ultimos serviços e um outro, o cidadão Manoel Clementino Ribeiro dotado de generoso coração, tomou a si a piedosa tarefa de fazer pelo descanço eterno de sua alma os suffragios da egreja e do seu humilde enterramento, por não ter sido approveitada a catacumba, preparada para receber os seus restos mortaes, em razão de ter fallecido de molestia contagiosa.

Tão desditoso em sua vida de celibatario, por não ter conhecido os conchegos da familia, como na morte, privado seu cadaver do jazigo que reservara mão amiga.

O Dr. Carlos Eugenio Duarche Mavignier, nasceu em Paris no anno de 1827, quando seu pae, o distincto medico Dr. Simplicio Mavignier, depois de ter estudado, na Universidade de Coimbra, os quatro primeiros annos do curso de mathematicas, seguiu para alli, afim de frequentar a Escola de Medicina, em que formou-se em 1827.

Recebendo em 1851 o grão de bacharel em sciencias juridicas, foi nomeado juiz de um dos termos do sul do antigo imperio, dedicando-se depois á nobre profissão de advogado, na comarca do Cabo, e nesta capital, para o que dispunha dos conhecimentos e pratica necessaria.

Exerceu ultimamente por diversas vezes o logar de curador geral dos orphãos e o de promotor de capellas e residuos, e por algum tempo occupou uma das cadeiras da Camara Municipal desta cidade.

Viveram sempre em lucta violenta, de um lado a pobreza e as privações, e do outro lado a probidade inquebrantavel e a resignação, e ainda mais do que esta, a coragem quasi heroica com que enfrentava as vississitudes de uma vida difficilima, que não foi breve; perdurou 71 annos.

Alem do estudo de direito que lhe era necessario, tinha particular affeição ao da historia e em suas curiosas

palestras entretinha muitas vezes aquelles com quem mantinha relações

Fez, em 5 de Março de 1896, doação ao Instituto de grande numero de moedas nacionaes e estrangeiras, com as quaes augmentou nossa collecção numismatica, depois de examinadas cuidadosamente pelo Dr. Cicero Odon, que tambem lá está na eternidade.

O Instituto conferiu-lhe em sessão de 5 de Março do anno proximo passado o titulo de socio effectivo; não chegou porém a comparecer em nossas sessões.

Foram tão parcos os recursos de que dispoz nos ultimos tempos de sua existencia que vio-se forçado a deixar a capital para abrigar-se no seio de uma familia respeitavel, da qual recebeu sempre o mais generoso acolhimento.

Proponho que se consigne na acta um voto de pezar pela perda que acaba de soffrer o Instituto.

A proposta foi approvada.

Em seguida communicou o mesmo Sr. Presidente que o Exm. Sr. Desembargador Manoel Clementino Carneira da Cunha, por encommodos em sua preciosa saúde, vira-se obrigado a exonerar-se do cargo de presidente effectivo do Instituto, bem como que o consocio thesoureiro, Dr. Manoel Gomes de Mattos, allegando justos motivos mandara um cartão pedindo tambem a sua exoneração.

O Sr. Major Codeceira approveitando a opportunidade e pedindo a palavra diz que egualmente, por motivos de saúde, pois se acha quasi privado da vista, não póde continuar a exercer o cargo de 2° secretario, que ha muitos annos aqui desempenha, e pedindo desculpas das faltas em que por ventura tenha incorrido na pratica do mesmo cargo, pede ao Instituto que lhe designe um substituto.

Em vista de taes declarações o Sr. Presidente propoz que se procedesse a eleição dos cargos vagos, e sendo approvada a proposta, foram eleitos: Presidente, o Exm. Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, que deixando por isso vago o cargo de 1° Vice-presidente, que occupava, foi nelle substituido pelo 2°, o Conselheiro João José Pinto, sendo eleito para o de 2° o Major José Domingues Codeceira.

Para 2° Secretario foi eleito o Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, que por sua vez foi substituido no cargo d e supplente pelo Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

sendo finalmente eleito Thesoureiro o Dr. Gaudino Eudoxio de Britto.

Finda a eleição tomaram posse dos seus respectivos cargos os socios eleitos.

Em seguida determinou o Instituto que fosse nomeada uma commissão para em seu nome, ir levar ao Exm. Sr. Desembargader Manoel Clementino o diploma de socio benemerito, que lhe foi conferido na occasião, e agradecer-lhe os relevantes serviços e a dedicação com que prestou-se ao Instituto, como seu digno Presidente, sendo na occasião inaugurado na galeria do Instituto o seu retrato.

Para desempenho dessa commissão foram nomeados os Srs. Dr. Pedro Celso, Conselheiro Pinto, e Pereira da Costa.

O consocio Dr. Pedro Celso propoz, e o Instituto approvou que se consignasse na acta da sessão um voto de profunda gratidão ao consocio Major Codeceira pelos relevantes serviços e boa vontade com que se houve no desempenho do cargo de 2º Secretario, que ha muitos annos exerceu, bem como que se officiasse ao consocio Dr. Manoel Gomes de Mattos, agradecendo-lhe tambem os seus bons serviços no cargo de Thesoureiro.

O Sr. Major Codeceira fez algumas observações relativas as tres primeiras folhas do n. 51 da Revista, que se acha no prélo, e o Sr. Dr. Pereira da Costa inscreveu-se para ler na primeira sessão um trabalho seu sobre o dominio hollandez no Brasil.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE,

Presidente.

JOÃO B REGUEIRA COSTA,

1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,

2º Secretario.

Acta da sessão ordinaria de 28 de Abril de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Major Codeceira, Drs. Baptista Regueira, 1° secretario, Alfredo Carvalho, Eudoxio de Britto, Pedro Celso, Sebastião Galvão, Pereira da Costa, 2° secretario, e o Sr. Augusto Cesar, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1° Secretario mencionou o seguinte:

EXPEDIENTE

Um officio do consocio o Exm. Sr. Dr. Cupertino Cintra, de 9 do corrente, offertando um exemplar da photographia do edificio escolar «Felippe Camarão», mandado construir na rua da Intendencia, por ordem da prefeitura. —Mandou-se agradecer.

Um dito do Museu Commercial da Associação Commercial Beneficente, de 11 do corrente, solicitando o apoio do Instituto em favor do Museu Commercial creado pela mesma Associação. — Resolveu-se que opportunamente seria tomado na devida consideração o pedido.

Um dito do Director da Secretaria da Justiça, Negocios Interiores e Instrucção Publica do Estado, de 11 do corrente, agradecendo por parte do Exm. Sr. Dr. Governador, a relação dos socios do Instituto, eleitos para comporem a Mesa Administrativa de 1898 a 1899. — Inteirado.

Um dito do consocio Dr. Manoel Gomes de Mattos, de 16 do corrente, accusando a recepção dos officios do Instituto de 2, 9 e 15 do corrente e agradecendo a confiança que lhe foi dispensada durante o tempo que servio como thesoureiro. — Inteirado.

OFFERTAS

Pelo Instituto do Ceará um exemplar de sua Revista trimensal.

Pelo Exm. Sr. Dr. Governador do Estado, Conselheiro Correia de Araujo, um volume da obra intitulada —Mare-

chal Bittencourt (A victima do dever), por Felino Guedes.

Pela Sociedade de Geographia de Lima, um numero de seu Boletim.

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, um volume da obra intitulada — Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia ao grande e famoso orador padre Antonio Vieira.

Pela Repartição de Deposito Reparto y Cange de Montevideu, um Boletim mensal.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e mandado á commissão de contas para dar parecer, o balancete da receita e despesa do Instituto no trimestre de Janeiro a Março ultimo.

O Sr. Major Codeceira apresentou e foi lida uma carta que lhe dirigio o consocio Dr. José Hygino na qual declara ter traduzido duas ou tres cartas pertencentes ao archivo dos documentos hollandezes que se acha em seu poder e publicado-as no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, declarando que provinham de copias mandadas extrahir na Hollanda por este Instituto, e que sendo difficil, pela grande quantia a despender, a publicação de todos os documentos, pedia-lhe que consultasse o Instituto para resolver alguma cousa nesse sentido e que o avisasse do resultado.

O mesmo Sr. Major Codeceira propoz e o Instituto approvou que da subvenção federal se reservasse annualmente um conto de réis para ser empregado na publicação nesta capital, daquelles documentos communicando-se ao Dr. José Hygino esta resolução e pedindo-lhe que remetta o que já estiver tradusido e o que fôr tradusindo.

O Sr. Dr. Pedro Celso, obtendo a palavra, communica que a commissão de que fez parte, incumbida de levar ao Exm. Sr. Desembargador Manoel Clementino o diploma de socio benemerito, que lhe fôra conferido e de agradecer-lhe os bons serviços que prestou ao Instituto como seu presidente, desempenhou-se de sua incumbencia, e que S. Exc. acceitando a prova de consideração que lhe dava o Instituto, encarregara a commissão de agradecer-lhe cordealmente.

O Sr. Dr. Pereira da Costa apresentou o seu trabalho sobre o dominio hollandez no Brasil, justificando o que a

respeito escreveu na Revista n. 51, que ainda se acha no prélo, e pedio fosse nomeada uma commissão para examinar e dar parecer sobre o mesmo trabalho.

O Sr. Presidente nomeou os Srs. Drs. Regueira Costa, Pedro Celso e Sebastião Galvão, para comporem a commissão pedida.

O mesmo Sr. Dr. Pereira da Costa disse que no ladrilho da capella mór do convento do Carmo desta cidade, lado do Evangelho, existe uma lapida de interesse historico, porquanto encerra os restos mortaes do capitão Diogo Cavalcante de Vasconcellos, doador e bemfeitor da mesma capella, como se vê do respectivo epitaphio, resultando desse facto o conhecimento da circumstancia ignorada da existencia de uma capella anterior a fundação do convento. Da mesma lapida consta que os restos mortaes do referido capitão foram trasladados para aquelle lugar em 1703 e que portanto tendo de retirar-se dalli os ditos restos, bem como a mencionada lapida, para se reformar o ladrilho, requeria a nomeação de uma commissão que assista á exhumação dos restos e veja se se póde colher alli qualquer cousa de interesse historico.

Sendo approvado o requerimento foram nomeados o mesmo Dr. Pereira da Costa, Dr. Alfredo Carvalho e o Sr. Augusto Cesar.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE.
Presidente.

JOÃO B. REGUEIRA COSTA,
1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
2º Secretario.

Sessão ordinaria em 26 de Máio de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' meia hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Pinto, Major Codeceira, Desembargador Francisco Luiz, Drs. Baptista Regueira, 1º secretario, Pedro Celso, Eudoxio

de Britto, Vitalino Cordeiro, Alfredo Carvalho, Coronel Manoel Heraclito, e Dr. Pereira da Costa, 2° secretario, abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. Dr. 1° Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio da commissão da Colonia Portugueza, incumbida de promover a sessão solemne commemorativa do 4° centenario da descoberta do caminho maritimo da India convidando o Instituto a se fazer representar na mesma sessão. — Tendo chegado tarde o convite resolveu o Instituto que se officiasse a commissão declarando-lhe que se associa cordialmente a todas as manifestações promovidas, e pede desculpa da falta que involuntariamente commettera não comparecendo.

Uma carta do Sr. Alferes secretario do commando do 14° Batalhão de Infantaria, de 21 do corrente, communicando, em nome do seu respectivo commandante, que pelo Ministerio da Guerra fôra permittida, em 5 deste mez, a entrega a este Instituto da bandeira daquelle batalhão, que figurou em Canudos. — Foi incumbido o consocio Major Codeceira de entender-se com o Exm. Sr. Coronel commandante do batalhão, acerca da transferencia da bandeira para a séde do Instituto, e pedir-lhe que seja ella effectuada no dia 24 de Julho, data commemorativa da proclamação da republica do Equador neste Estado.

Um dito do consocio Dr. Sebastião Galvão, de 25 do corrente, communicando que achando-se encommodado e tendo por isso talvez de retirar-se por algum tempo para fóra da cidade, não podia fazer parte da commissão para a qual fôra nomeado na sessão passada. — Em consequencia foi designado o Dr. Alfredo Carvalho para substituil-o.

OFFERTAS

Pelo director do Archivo do Estado de S. Paulo, 24 volumes de Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo.

Pela Repartição de Deposito Reparto y Cange de Montevidéo, um volume — Annales del Museu de Montevidéo.

Pelo autor o Sr. Alexandre José dos Santos, um volume intitulado —Numismatica.

Pelo Instituto Geographico e Historico de S. Paulo, um exemplar de sua Revista.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Pelo Sr. Baptista Regueira, foram apresentadas as seguintes obras compradas para o Instituto :

Diccionario Portuguez e Brasiliano.

Bamps Expositions d'Antiquités.

Berredo — Annaes Historicos do Maranhão.

D'Avesac. — Notices des Doucouvertes Faites au moyenagem dans l'ocean Atlantique.

O Sr. Major Codeceira communica que no dia 13 do corrente foi o Intituto visitado pelo Sr. Dr. Francisco Pinto de Abreu, director do collegio Spencer, acompanhado de todos os seus discipulos aos quaes mostrando os objectos historicos e archeologico, existentes na bibliotheca e museu, fez, no salão das sessões, minuciosa prelecção de historia patria, desde a restauração de Pernambuco do dominio hollandez até os nossos dias, dando claras explicações sobre cada objecto, bem como sobre cada retrato dos personagens historicos que alli se veem, narrando de modo a ficar ao alcance de todos os discipulos os feitos de cada um delles — depois do que e de agradecer ao representante do Instituto, que aqui se achava, o benevolo acolhimento, retirou-se com o seu collegio na melhor ordem ; e que tambem visitaram o Instituto tres Srs. allemães cujos nomes não sabe e aos quaes, bem como ao Dr. Abreu, agradeceu a visita em nome do Instituto.

O Sr. Dr. Pereira da Costa, communica que a commissão nomeada para assistir ao levantamento da lapida da sepultura do capitão Diogo Cavalcante de Vasconcellos e exhumação de seus restos mortaes, na capella-mór da igreja do convento do Carmo desta cidade, ao lado do Evangelho, entre a parede e o estrado do altar, alli compareceu, assistindo á todo o trabalho e que nada se encontrou de notavel, alem de pequenos fragmentos de ossos consumidos por inhumação de quasi dois seculos.

A inscripção da lapida, que difficilmente se póde traduzir, por se acharem unidas todas as palavras e algumas

escriptas em abreviatura, como ainda pela união de muitas lettras em uma só e diz o seguinte :

« *Deposito dos ossos do capitão Diogo Cavalcaute de Vasconcellos o doador d'esta capella insigne bemfeitor os quaes se trasladaram da matriz de Goyanna e uniam os de sua mãe e avó do convento de S. Fsancisco d'esse Recife. Agosto 28 de 1703.* »

Refere o mesmo Sr. Dr. Pereira da Costa, que procurou com todo o interesse ver se descobria alguns dados com referencia ao capitão Diogo Cavalcante de Vasconcellos, mas que foram improficuos todos os seus empenhos e pesquisas. Entretanto consultando a *Nobiliarchia Pernambucana* de Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, poude colher que aquelle capitão pertencia ao ramo da familia Cavalcante de Goyanna, procedente dos Hollandas Cavalcante e Vasconcellos, oriundo de Arnáo de Hollanda, fidalgo de Utrech, filho do Barão de Rhenoburg e de sua mulher Margarida de Florença e irmã do Papa Adriano VI o qual Arnáo de Hollanda se refugiando em Pernambuco por motivos de compromettimentos politicos em sua patria casara com D. Brites Mendes de Vasconcellos.

O ramo dos seus descendentes que se domiciliaram em Goyanna, foi proprietario do engenho Cacipitanga que ainda hoje existe com a denominação de *Engenho Novo*, e entre elles é muito frequente o nome *Diogo*, com appellidos de *Albuquerque*, *Cavalcante*, *Hollanda e Vasconcellos*, notando-se entre outros com iguaes appellidos os do capitão Diogo Cavalcante de Vasconcellos, o capitão Felippe Cávalcante de Vasconcellos, que serviu com muita distincção na guerra contra os hollandezes (1645—1654), no posto de capitão de infantaria e foi depois sargento-mór de Goyanna.

A circumstancia, portanto, do fallecimento do capitão Diogo Cavalcante de Vasconcellos em Goyanna, onde sem duvida residiu, e o seu nome e appellidos concorrem para que se possa concluir que era pertencente áquella illustre familia, da qual particularmente se occupa o referido autor da *Nobiliarchia Pernambucana*.

Concluindo o Sr. Dr. Pereira da Costa estas considerações declara ao Instituto que o Rvm. Provincial do Carmo Fr. Marianno Górdon, offerecera ao Instituto a lapida, que retirava da capella-mór da igreja, afim de ladrilhar todo o recinto da mesma capella e que por essa fineza e

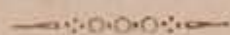
as que cavalheirosa dispensava á commissão lhe dirigisse officialmente os seus agradecimentos, o que foi approvado.

Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão.

ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE,
Presidente.

JOÃO B. REGUEIRA COSTA,
1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
2º Secretario.



Acta da sessão de 30 de Junho de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Major Codeceira, Drs. Regueira Costa, 1º secretario, Eudoxio de Brito, Sebastião Galvão, Vitalino Cordeiro, e Pereira da Costa, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

O Sr. Dr. 1º secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Exm. Sr. Conselheiro Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, remettendo a relação dos socios eleitos para comporem a sua mesa administrativa no corrente anno social. — Mandou-se agradecer.

Um dito do Sr. Alberto F. Rodrigues, de 12 do corrente, pedindo a remessa de uma collecção da Revista do

Instituto, ou por assignatura ou por troca com o seu Almanak Popular Brasileiro. — Mandou-se satisfazer o pedido.

OFFERTAS

Pela commissão Geologica e Geographica do Estado de Minas Geraes, duas cartas geographicas, uma de Ayúroca e outra de Suminarias.

Pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, um volume de sua Revista.

Pelo consocio Dr. Rodolpho Galvão, Inspector Geral de Hygiene do Estado, um exemplar do Relatorio que apresentou ao Exm. Sr. Dr. Governador Joaquim Correia de Araujo — 1898.

Pelo consocio Dr. Martins Junior, por intermedio do Exm. Conselheiro Pinto Junior, um exemplar de sua obra intitulada —Um capitulo de Historia Politica.

Pelo Instituto Geographico Argentino, um numero de seu Boletim.

Pelo consocio Dr. Alfredo Carvalho, as duas seguintes obras :

Sketches of Residence and Travels in Brasil Embracing Historical and Geographital Notices of the Empire and its Several Provinces, by Daniel P. Riddev e Ensaio sobre a Historia e Estatistica da Provincia do Espirito Santo.

Pelas respectivas redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O consocio Thesoureiro pedio e o Instituto concedeu-lhe autorisação para converter as apolices geraes do mesmo Instituto de 4 % nas do typo actual de 5 %.

O Sr. Major Codeceira communica que o Instituto foi ultimamente visitado pelos Srs. Drs. Martim Francisco e Leonidas de Sá.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE.
Presidente.

JOÃO B. REGUEIRA COSTA,
1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
2º Secretario.

Acta da sessão de 28 de Julho de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO PINTO JUNIOR

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Major Codeceira, Desembargador Francisco Luiz, Drs. Regueira Costa, 1º secretario, Coelho Leite, Sebastião Galvão, Marco Tulio, e Pereira da Costa, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

O Sr. Dr. 1º secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Odilon Tucuman, datado de hoje, offertando ao Instituto o retrato a oleo de seu presidente, o Exm. Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire. — Apresentado o retrato, foi inaugurado na galleria, e o Instituto mandou que se officiasse ao Sr. Tucuman agradecendo-lhe a sua preciosa offerta.

Uma circular dos directores da bibliotheca de Ponta Grossa, do Estado do Paraná, de 1 de Maio, pedindo a remessa das publicações feitas pelo Instituto. — Mandou-se attender.

Um convite da sociedade dos Empregados da Estrada de Ferro do Recife á Varzea e Dois Irmãos, de 16 do corrente convidando o Instituto a se fazer representar, na sessão solemne commemorativa de sua installação. —Deu-se conhecimento do convite á todos os Srs. Socios presentes.

Um dito da Loja Maçonica Cavalheiros da Cruz, convidando o Instituto á assistir a sessão magna de inauguração de seu novo templo, que se realisará no dia 30 do corrente. — Tambem deste convite ficaram scientes todos os Srs. Socios presentes.

Um officio do Sr. Dr. Presidente do Conselho Municipal do Recife, de 14 do corrente, pedindo ao Instituto quaesquer documentos ou informações com as quaes possa provar o direito que assiste á Municipalidade sobre o edificio em que funcciona o Forum do Estado. — O Sr. Pre-

sidente declara que tendo recebido o officio em occasião que o Instituto não funccionava, nomeara para desempenhar a commissão o consocio Dr. Pereira da Costa com recommendação de ler o seu trabalho nesta sessão afim de, conformando-se ou não com elle o Instituto, ser remettido ao Dr. Presidente do Conselho Municipal.

OFFERTAS

Pelo autor o Sr. Luiz Gonçalves um folheto intitulado —Quarto Centenario do Descobrimento da India — Telas e Esculptura da cidade de Gôa. Memoria-historica-archeologica.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, dous numeros de seu Boletim.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e mandado á commissão de contas para dar parecer, o balancete da receita e despesa do Instituto no trimestre de Abril a Junho ultimo.

O Sr. Dr. Pereira da Costa, obtendo a palavra, pede permissão para fazer a leitura da —Memoria justificativa do direito de propriedade que assiste á Municipalidade do Recife, sobre o edificio em que funcciona o Forum da capital, trabalho de que desempenhou-se em virtude de o ter para elle designado o Sr. Presidente.

Sendo-lhe concedida a palavra, fez effectivamente a leituro, finda a qual foi o mesmo trabalho posto em discussão.

O Sr. Major Codeceira, pedindo a palavra, declara que quanto a parte historica, com ella se conforma e vota pela sua approvação, mas não quanto á questão de direito por não considerar o Instituto competente para entrar nella, mas sim os advogados da Municipalidade, pelo que votava contra esta parte.

Discutindo-se, fallaram á respeito diversos Srs. Socios presentes, resolvendo áfinal que fosse approvada a parte historica, ficando a questão de direito sob a unica e exclusiva responsabilidade de seu autor, e que disso mesmo, por officio, se desse sciencia ao Sr. Dr. Presidente do Conselho Municipal.

E assim decidido foi levantada a sessão por nada mais haver a tratar-se.

João José Pinto Junior,
Vice-Presidente.

João B. Regueira Costa,
1° Secretario.

F. A. Pereira da Costa,
2° Secretario.

Acta da sessão de 1 de Setembro de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' meia hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Pinto, Major Codeceira, Desembargador Francisco Luiz, Drs. Eudoxio de Britto, Alfredo Carvalho, e Pereira da Costa, substituindo o 1° secretario, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Alfredo Carvalho occupando a cadeira de 2° secretario, leu a acta da antecedente que foi approvada.

O Sr. Dr. 1° Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Alberto F. Rodrigues, de 3 de Agosto accusando a recepção da collecção da Revista do Instituto e remettendo cinco numeros do seu Almanack Popular Brasileiro. — Mandou-se agradecer.

Um convite da commissão dos Empregados Municipaes incumbida de promover a solemnidade do anniversario natalicio do Exm. Prefeito Dr. Bianor de Medeiros,

convidando o Instituto a se fazer representar na mesma solemnidade. — Deu-se conhecimento do convite a todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Um dito da Sociedade Arcadia Dramatica Julio de Sant'Anda, convidando o Instituto para assistir a conferencia artistica, que devia realisar a 28 de Agosto. — Tambem tiveram sciencia deste convite os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

OFFERTAS

Pelo Sr. Cunha e Costa um exemplar de sua obra intitulada — Rumo ao Oriente.

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, um discurso sobre o centenario da India, proferido pelo Dr. Braz do Amaral.

Pelo Engenheiro Dr. Pereira Simões, dous volumes da obra — Um romance de Augusto Comte, traduzido pelo mesmo Dr. Pereira Simões.

Pelo Museu de S. Paulo o segundo volume de sua Revista.

Pelo Exm. consocio Dr. Joaquim Nabuco, por intermedio do Dr. Barros Sobrinho, um quadro representando Mem de Sá recebendo as chaves da nova cidade do Rio de Janeiro, em 1567.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Major Codeceira apresentou a obra —Chronologia geral do Brasil, por Mello Moraes—, em dous volumes, comprada para o Instituto.

O Exm. Sr. Conselheiro Pinto communica que a commissão encarregada pelo Instituto de cumprimentar e felicitar o Exm. Sr. Dr. Campos Salles, pelo seu feliz regresso, desempenhou-se de sua incumbencia, fallando ao mesmo Dr. em nome do Instituto o Exm. Desembargador Francisco Luiz ao qual respondeu o Exm. Dr. Campos Salles agradecendo e fazendo votos pela prosperidade do Instituto.

O consocio thesoureiro Dr. Eudoxio de Britto, declara que enganara-se quando, na sessão passada, pedira ao Instituto permissão para converter as suas apolices geraes nas do typo de 4 %, porque verificou depois que as que o

Instituto possue não estão comprehendidas na lei da conversão. — Inteirado.

Foram propostos e approvados para socios effectivo do Instituto, o Dr. Francisco Phaelante da Camara Lima e correspondentes os Drs. Augusto Alves do Sacramento Black e José Alexandre Teixeira de Mello.

Sob proposta do Sr. Dr. Pereira da Costa, que fez largas considerações á respeito, resolveu o Instituto commemorar o 4° centenario da descoberta de Pernambuco, no dia 5 de Fevereiro de 1900. Esse facto, occorrido no dia 26 de Janeiro de 1500, que corresponde áquella data, em virtude da reforma porque passou o kalendario no seculo XVI, será celebrado com todo o esplendor possivel, havendo, entre outras cousas, a creação de um monumento no Cabo de Santo Agostinho, onde naquelle dia saltou a marinhagem da expedição hespanhola, commandada por Vicente Yanez Pinzon, cunhagem de uma medalha em numero de 1500 exemplares, allusivo ao anno do descobrimento e uma polyanthéa composta de escriptos nacionaes e estrangeiros sobre o assumpto.

Para encarregar-se do desempenho dessa solemnidade, resolveu o Instituto nomear commissões, que serão compostas de socios e de pessoas estranhas, o que opportunamente se fará.

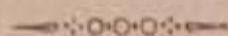
O Exm. Sr. Presidente communica o fallecimento do consocio o Exm. Conselheiro Luiz Felippe de Souza Leão e o Instituto resolveu que se lançasse na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento.

Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão.

ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE,
Presidente.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
1° Secretario interino.

ALFREDO CARVALHO.
2° Secretario interino.



Acta da sessão ordinaria de 22 de Setembro de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Major Codeceira, Drs. Conselheiro Pinto, Sebastião Galvão, occupando a cadeira do 2º secretario, Marco Tulio e Pereira da Costa, substituindo o 1º secretario, que não compareceu, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1º Secretario mencionou as seguintes

OFFERTAS

Pelo consocio presidente Desembargador Luna Freire as obras de João F. Lisbôa, em 4 volumes.

Pela Socieda de Geographia do Rio de Janeiro um numero de seu Boletim.

Pelo Dr. José Avelino, um folheto de seu trabalho intitulado —Razões finaes na acção entre partes, o Estado do Amazonas, autor, o Estado de Matto Grosso, réo. (Questões de limites).

Pelo Museu de Montevidéo, um numero de seu Boletim.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram lidos, discutidos e approvados, os pareceres da Commissão de Contas sobre os balancetes da receita e despeza do Instituto nos dous trimestres de Janeiro a Junho ultimo.

Foi proposto e approvado para socio correspondente do Instituto o Dr. Alfredo Moreira Pinto, autor do Diccionario Geographico do Brazil.

O Sr. Dr. Pereira da Costa, obtendo a palavra, communica que a resolução tomada pelo Instituto de commemorar de modo condigno o 4º centenario da descoberta de Pernambuco, em 5 de Fevereiro de 1900, tem despertado geral interesse e particularmente por alguns orgãos de publicidade da capital do Estado, que se tem occupado já do assumpto.

Communica mais que o Rvd. Provincial do Carmo Fr. Marianno do Monte Carmello Gordon, associando-se á essa deliberação do Instituto, prometteu e tem já prestado o seu valiosoconcurso, especialmente no que fôr concernente a obtenção de dados, que sómente na Hespanha se podem colher, quer em geral sobre o facto, quer particularmente sobre Vicente Yanez Pinzon, cujos descendentes constituem importante familia naquelle paiz, e ainda offerecendo a egreja do seu convento e o concurso da communidade para a celebração de um *Te-Deum* solemne em acção de graças por tão memoravel acontecimento.

Communica ainda que proseguindo na colheita de dados para a polyanthéa tem já reunido a menção de cerca de quarenta escriptores, nacionaes e estrangeiros, antigos e modernos que se occupam da descoberta de Pernambuco por Vicente Yanez Pinzon, sem distincção de juizos sobre o modo de encarar a questão.

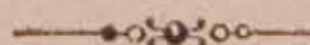
Ponderou emfim que tratando se de um facto geralmente pouco conhecido, muito converia vulgarisal-o por meio de escriptos e documentos especiaes, escolhidos dentre aquelles que tem de compôr a polyanthéa commemorativa do centenario, que o Instituto resolveu publicar. Foi approvado este alvitre precedendo a sua vulgarisação pela imprensa periodica da capital para ainda mais accentuar-se a propaganda que se tem em vista.

Quanto ao mais ficou o Instituto inteirado e foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE.
Presidente.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
1º Secretario interino.

SEBASTIÃO DE V. GALVÃO.
2º Secretario interino.



Acta da sessão ordinaria de 13 de Outubro de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR
LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presente os Srs. Major Codeceira, Drs. Regueira Costa, 1º secretario, Conselheiro Pinto, Desembargador F. Luiz, Marco Tulio, Sebastião Galvão, Pereira da Costa, 2º secretario, e o Sr. Augusto Cesar, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Exm. e Rvm. Monsenhor D. Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, de 12 de Setembro, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio honorario.— Inteirado.

Um dito do Dr. Vicente Ferrer, de 3 do corrente, offertando as primeiras noticias impressas sobre a proclamação da Republica, bem como o primeiro retrato do general Deodoro, lythographado nesta cidade depois do dia 15 de Novembro. —Mandou-se agradecer.

O Sr. Major Codeceira apresentou uma carta que recebeu do Sr. Dr. Moreira de Azevedo, offertando ao Instituto, por seu intermedio, um manuscripto que escreveu com o titulo —A Revolução de 1848 em Pernambuco— e pedindo que designe pessôa que o possa receber no Rio de Janeiro e envial-o ao Instituto. —Ficou incumbido o mesmo Sr. Major Codeceira de designar o portador e de agradecer a offerta.

OFFERTAS

Pela Repartição de Deposito Reparto y Cange de Montevideu, um folheto — Direccion General del Registro Civil.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e remettido á Commissão de Contas para dar parecer o balancete da receita e despeza do Instituto no trimestre de Julho a Setembro ultimo.

Foi proposto e approvado para socio honorario o Exm. Sr. Barão Homem de Mello, autor de varios trabalhos litterarios; para socio correspondente o Sr. João Capistrano de Abreu, lente do Instituto Nacional e autor de varias obras, e elevado a socio honorario o effectivo D. Francisco do Rego Maia, bispo do Rio de Janeiro.

Foram lidas e approvadas as seguintes propostas:

« 1ª Proponho que o Instituto solicite do director da Bibliotheca Nacional, Dr. Teixeira de Mello, precedendo autorisação do governo, copia dos seguintes trabalhos, pagando o Instituto as despezas delles:

« Mappa geographico de todas as mattas da capitania de Pernambuco, da parte do sul até o rio S. Francisco, com todos os rios, lagôas e portos, serras, villas e povoações, que se encontram em toda a extensão das mesmas mattas, debaixo de seus respectivos rumos e longitudes, tanto da costa do mar, como para o interior dos sertões (n. 2245).

« Mappa dos limittes das comarcas e freguezias de Pernambuco (n. 2249).

« Mappa das mattas de Jacuype e Agua Preta, feito segundo as infomações de pessoas praticas do lugar (n. 2254).

« Mappa das mattas de Jacuype e da comarca do Bonito (n. 2255).

« Mappa das mattas de Jacuype e de Agua Preta (n. 2256).

« Planta da villa de Agua Preta, levantada pelo capitão de estado maior do exercito Manoel Rodrigues Barros Fonceca de Brito. —*Sebastião de Vasconcellos Galvão.* »

« 2ª Proponho que esta associação se dirija ao Instituto Historico Brazileiro pedindo, uma copia da obra manuscripta que possue, — Historia da Igreja Pernambucana, pelo vigario José Joaquim Saldanha Marinho, segundo informa o livro —Estatistica de Pernambuco, do Desembargador Figueira de Mello. —*Sebastião de Vasconcellos Galvão.* »

O Exm. Sr. Desembargador Presidente communica que o Instituto Litterario, por seu intermedio, convida este para assistir a festa que pretende realisar em commemoração do dia 10 de Novembro, e para representar este

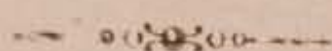
Instituto naquella solemnidade nomeia uma commissão composta dos Srs. Drs. Phaelante da Camara, Guedes Alcoforado e Major Codeceira.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE,
Presidente.

JOÃO B. REGUEIRA COSTA,
1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
2º Secretario.



Acta da sessão de 17 de Novembro de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Conselheiro Pinto, Desembargador F. Luiz, Major Codeceira, Drs. Regueira Costa 1º secretario, Pedro Celso, Marco Tulio, Guedes Alcoforado, Sebastião Galvão, e Pereira da Costa, 2º secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. Dr. 1º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Director Geral da Secretaria dos Negocios do Estado de Sergipe, de 10 de Setembro, pedindo ao Instituto a remessa de suas publicações para a Bibliotheca Publica daquelle Estado. — Mandou-se attender.

Um dito da sociedade Monte Pio Popular Pernam-

bucano, de 22 de Outubro, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria, no dia 13 do corrente. — Tiveram conhecimento do convite todos os Srs. Socios que compareceram na séde do Instituto.

Um dito do Sr. Director da Secretaria dos Negocios da Industria do Estado, de 26 de Outubro, remettendo ao Instituto uma carta da parte oriental do Estado de Pernambuco, levantada pelo Engenheiro Dr. Luiz Lombard, que lhe fôra pedida por officio de 18 do corrente. — Mandou-se agradecer.

Um dito do Exm. e Rvm. Sr. D. Francisco do Rego Maia, bispo do Rio de Janeiro, de 4 do corrente, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio honorario. — Inteirado.

Um dito da sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes, de 12 do corrente, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria no dia 27. — Para corresponder a este convite foi nomeada uma commissão composta dos Srs. Conselheiro Pinto, Desembargador F. Luiz e Dr. Sebastião Galvão.

Um dito dos Srs. Presidente e Secretarios do Conselho Municipal do Recife, de 16 do corrente, communicando a posse do mesmo Conselho, no dia 10. — Mandou se agradecer a communicação.

Um dito do Dr. Luiz Cavalcante de Lacerda Almeida, de 16 do corrente, communicando ter, na qualidade de Sub-prefeito, assumido o exercio do cargo de Prefeito, na ausencia do nomeado Dr. Esmeraldino Bandeira. — Mandou-se agradecer a communicação.

OFFERTAS

Pelo Dr. Director do Observatorio do Rio de Janeiro uma collecção do Annuario do mesmo Observatorio.

Pelo Exm. Sr. Barão Homem de Mello, dous exemplares do seu trabalho intitulado —Integração da Nacionalidade Brasileira pela Metropole. Estudos historicos.

Pelo Rvm. Vigario da freguezia de Serinhãem, por intermedio do Sr. Dr. João Coimbra, uma certidão de baptismo do finado Marquez de Olinda.

Pelo consocio Dr. Regueira Costa, um fragmento de uma peça encontrada no local em que esteve situado o reducto do Rio Formoso, na praia dos Carneiros.

Pelas respectivas Redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram propostos e approvados para socios honorarios do Instituto os Exms. Srs. Conselheiro Jayme Constantino de Freitas Muniz, secretario da Real Academia de Sciencias de Lisbôa e ex-deputado ás côrtes portuguezas e autor de diversas obras scientificas e litterarias, e o Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, autor de diversas obras historicas sobre o Brasil.

Resolveu o Instituto celebrar a sua festa anniversaria no dia 27 de Janeiro proximo vindouro.

O Sr. Dr. Guedes Alcoforado communica que a commissão, de que fez parte, incumbida de assistir a festa promovida pelo Instituto Litterario Olindense, do dia 10 do corrente, desempenhou-se de sua incumbencia, e que tendo aquelle Instituto resolvido a erecção de um monumento em Olinda á memoria de Bernardo Vieira de Mello, nomeara uma commissão afim de tratar de angariar os meios para tal fim, e o encarregara de pedir a este Instituto que o auxiliasse, nomeando uma commissão sua para, unida áquella, trabalharem de commum accordo.

Accecendo o Instituto ao pedido, o Exm. Sr. Presidente nomeou para comporem a commissão os Srs. Major Codeceira, Desembargador F. Luiz, Drs. Pereira da Costa, Regueira Costa e Sebastião Galvão.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão.

Em tempo: Foi tambem proposto e approvado para socio honorario do Instituto o Sr. D. Izidoro de Maria, director do Archivo Nacional de Buenos Ayres, e o convite feito pelo Dr. Guedes Alcoforados foi por parte da commissão popular e não do Instituto Litterario Olindense.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE.
Presidente.

JOÃO B. REGUEIRA COSTA,
1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
2º Secretario.

Acta da sessão de 29 de Dezembro de 1898

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Conselheiro Pinto, Desembargador F. Luiz, Regueira Costa 1° secretario, Marco Tulio, Luiz Lombard, Eudoxio de Brito, Sebastião Galvão, Alfredo Carvalho, Pereira da Costa 2° secretario, Rvm. Padre Raphael Galante, Coronel Manoel Heraclito e Augusto César, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1° Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, de 2 do corrente, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio honorario. — Inteirado.

Um convite da associação dos Empregados do Commercio, para o Instituto se fazer representar na sua festa anniversaria em 8 de Janeiro proximo vindouro. — Ficaram scientes do convite todos os Srs. Socios presentes.

Um dito do Exm. Sr. Barão Homem de Mello, de 20 de Novembro, accusando a receqção e agradecendo o seu diploma de socio honorario. — Inteirado.

OFFERTAS

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, um numero de seu Boletim.

Pelo Sr. Antonio Leite Alves Feitosa, por intermedio do consocio Dr. Vitalino Cordeiro, uma moeda de cobre de 40 centesimos da Republica do Uruguay.

Pelas respectivas Redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Presidente apresenta ao Instituto o Rvm. consocio padre Raphael Galante e congratula-se pela presença do mesmo, cujo nome figura de modo brilhante no mundo das lettras e muito honra a esta associação.

O Sr. Padre Galante, pedindo a palavra, agradece ao Sr. Presidente a referencia lisongeira que lhe acaba de fazer, bem como a sua inclusão no numero dos socios do

Instituto e depois de largas considerações sobre a historia patria e gloriosos feitos dos pernambucanos conclue pedindo que, na falta de outro meio, se consigne na acta da sessão o seu profundo reconhecimento pelo bom acolhimento que nesta capital tem recebido por parte da sociedade pernambucana.

Em seguida resolveu o Instituto, sob proposta do Exm. Conselheiro Pinto, nomear na Capital Federal uma commissão composta de seus socios Drs. Democrito Cavalcante, José Hygino, João Barbalho, Soares Brandão e Joaquim Portella, para felicitar em seu nome, ao Exm. Sr. Dr. Campos Salles, por ter assumido as funcções do seu alto cargo.

Foram propostos e approvados para socios effectivos os Rvms. Monsenhor Thuribio Fiuza, natural da Bahia e distincto orador sagrado, e Conego Casimiro Teixeira Dias, secretario do bispado e autor de varios trabalhos sobre a historia ecclesiastica de Pernambuco.

O Sr. Presidente consulta o Instituto se com effeito deve celebrar sua festa anniversaria no dia 27 de Janeira, porquanto não sendo presentemente prospero o estado de suas finanças, terão os encarregados de lutar provavelmente com difficuldades para leval-a a effeito.

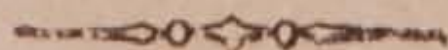
Discutindo-se, ficou assentado, sob proposta do consocio Coronel Manoel Heraclito, que ficasse a mesa incumbida de resolver definitivamente sobre isso nos primeiros dias do mez de Janeiro, annunciando pelos jornaes a ultima decisão a respeito.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE
Presidente.

JOÃO B. REGUEIRA COSTA,
1º Secretario.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
2º Secretario.



INDICE

Das materias publicadas nos numeros 51 e 52

